



**Heliópolis**  
Práticas Educativas na Paisagem

**CLÁUDIA CRUZ SOARES**  
São Paulo, 2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.





# Heliópolis

## Práticas Educativas na Paisagem

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.  
Área de Concentração: Paisagem e Ambiente

Orientador: Euler Sandeville Jr.



AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E DE PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

S676h Soares, Cláudia Cruz  
Heliópolis práticas educativas na paisagem / Cláudia  
Cruz Soares. --São Paulo, 2010.  
237p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Paisagem e  
Ambiente) - FAUUSP.

Orientador: Euler Sandeville Júnior  
1.Paisagem Heliópolis (SP) 2.Educação 3.Movimentos  
Sociais I.Título

CDU 712(816.11)H475

*Dedico essa pesquisa aos moradores de Heliópolis, especialmente a Solanje, Cleide, Genésia, Mércia, Maria Antonia, João, Geraldo, Rosi, Lisandra e tantas outras pessoas, que com paciência e intenção de colaborar me mostraram suas histórias, abriram as portas de suas casas, mostraram suas vidas, a vontade de transformar e me ensinaram outros olhares sobre a paisagem.*



# • AGRADECIMENTOS

---

Agradeço especialmente

Primeiramente a Deus por conceder a vida, por me dar a oportunidade de conhecer pessoas boas, interessantes e amigas.

À minha família, ao meu pai Cláudio e à minha mãe Maria do Socorro, que no esforço de suas vidas, nos ensinaram com dignidade e respeito, a amar e a acreditar nas pessoas. À minha irmã Carla, pelas conversas, pelos desabafos, pela contribuição e pela constante torcida. À família Cruz e à família Soares pelo apoio e torcida. Amo vocês.

Nenhuma linha seria escrita se não houvesse pessoas que acreditassem em meu projeto e contribuíssem para que ele fosse concretizado.

Minha eterna gratidão:

À amiga Marta Ângela Marcondes, à Cecília Machado Angilleli, à Roberta Carteiro e à Rosemeire Caperutto por sugestões e carinhos nos momentos de incertezas. À Martinha pelas conversas, reflexões a respeito das experiências dos seres humanos e seus mundos, e, sobretudo, pela paciência na leitura dos originais e momentos de descontração. À Ciça pela amizade e companheirismos no trajeto profissional e acadêmico, por fazer o elo entre eu e o professor Euler, acreditando no meu trabalho. À Ro pelos momentos de compreensão e ajuda e a Meire por me contribuir na construção das histórias de Heliópolis.

Ao amigo e professor Julio Xavier Galharte, pela leitura atenciosa e pelas correções no meu trabalho.

Ao meu orientador e amigo professor Euler Sandeville Jr., pela dedicação, partilha e valiosa contribuição no caminhar da pesquisa com paciência, pulso e paixão pelo que faz.



Aos professores Fábio Muriz e Nídia Nascib Pontuschka pela valiosa e atenciosa orientação de qualificação, que me levou a várias reflexões.

Ao grupo de estudo formado pelas alunas de pós-graduação com o qual foi importante a troca de experiências.

Aos amigos e às amigas, que por e-mail, telefone e sinal de fumaça se faziam presentes, mandando energias boas. Fabiana, Rosi e Cris, entre outros. Obrigada.

Às minhas alunas de pedagogia que por meio das aulas, do convívio, aprendemos e ensinamos umas com as outras sobre educação, vida e amor.

# • RESUMO

---

Essa dissertação estuda - por meio dos processos colaborativos - as práticas educativas que transformam a paisagem do bairro de Heliópolis, no município de São Paulo – SP. No presente trabalho a paisagem é estudada por meio de um conjunto de práticas sociais que agregam pessoas e grupos, a fim de melhorar a qualidade de vida do lugar. Na metodologia de construção da pesquisa para estudar a Paisagem de Heliópolis, a vivência foi o alicerce inicial, pois buscamos conhecer o lugar, por meio da memória dos moradores e pela nossa participação nas atividades comunitárias. O respeito, a valorização das histórias vividas, as formas de participação, a construção coletiva com seus atores, os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos, foram conclusivos para apreensão dos modos de agir, os valores, as percepções e práticas que os moradores trazem consigo mediante a sua experiência. No trabalho de campo, a interpretação da paisagem procurou embasamento na educação – que passa a ser cada vez mais reconhecida como uma necessidade para a construção de uma paisagem diferenciada pelas lideranças locais. As organizações comunitárias em Heliópolis são muito presentes e atuam de forma relevante na construção de um bairro que educa. Foi possível compreender que as práticas educativas têm uma relação direta com paisagem e que não devem ser somente utilizadas para socialização de conhecimentos, mas sim uma forma colaborativa para a construção dos mesmos.

Palavras-Chave: Paisagem, Educação, Heliópolis, Práticas Educativas, Apropriação do Espaço



# • ABSTRACT

---

This dissertation studies, using collaborative processes, the educational practices that transform the landscape of Heliópolis – SP. In this study, the landscape is understood by a group of social practices that aggregate people and groups, in order to improve the life's quality of the place. The methodological proceedings, in the buildings of the research, to study the landscape of Heliópolis, the experience was the initial base, because we tried to know the place, using the memory of the neighbors and our participation in the communitarian activities. The respect, the estimation of lives' stories, the forms of participation, the collective construction with the actors, the theoretical references and the methodological proceedings were conclusive to notice the ways of acting, the manners of conceptions, perceptions and practices that the neighbors bring with their experience. We search, in the non formal education, contributions to base the interpretation of the landscape in the fieldwork, because the communitarian organizations in Heliópolis are present and act effectively in the construction of a district that educates. The education becomes recognized by the leaders as necessity to construct a differentiated landscape.

We understood that the educational practices have a direct relation with the landscape and they cannot be only used to the socialization of the knowledge, but as a collaborative manner to the construction of it.

Key-words: Landscape, Education, Heliópolis, Educational practices, Appropriation of the space

## LISTA DE SIGLAS

ABRINQ	Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos
AES-ELETRIPAULO	Eletropaulo Metropolitana – Eletricidade de São Paulo S.A, Concessionária e distribuidora de energia elétrica
AICE	Associação Internacional de Cidades Educadoras
ABC Paulista	Três cidades, sendo: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul(C)
AUP-0665	Arte e Projeto da Paisagem: Paisagens Vivenciadas
ACHE	Associação dos Comerciantes de Heliópolis
BNH	Banco Nacional de Habitação
CCCA	Centro da Criança e Centro do Adolescente
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEIS	Centro de Educação Infantil
COHAB	Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo
Condephaat	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo
EHESS	École des Hautes Études en Sciences Sociales
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ETEC	Escola Técnica Estadual
FAU	Faculdade de Urbanismo e Arquitetura
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FIES	Programa de Financiamento Estudantil
Habi	Habitação Popular
IAPAS	Administração Financeira da Previdência e Assistência Social
IAPI	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IESDE	Inteligência Educacional e Sistemas de Ensino
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
IPPUR / UFRJ	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro
IRIB	Instituto de Registros Imobiliários do Brasil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MOVA	Movimento de Alfabetização

MDF	MDF
NSE	Núcleo Sócio Educativo
ONGs	Organizações não governamentais
OSEM	Projeto de Orientação Sócio-Educativa ao Menor
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAM	Posto de Assistência Médica
Petrobrás	Petróleo Brasileiro S/A
Pólis	Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais
PROPAR/UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PROVER	Programa de Urbanização e Verticalização das Favelas do Município de São Paulo
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SABESP	Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo
SAS	Secretaria de Atenção à Saúde
SESC	Serviço Social do Comércio
SEHAB	Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano
SMADS	Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social do município de São Paulo
UBS	Unidade Básica de Saúde
UDN	União Democrática Social
UNAS	União de Núcleos, Associações e Moradores de Heliópolis
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UMM	União dos Movimentos de Moradia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICID	Universidade Cidade de São Paulo
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
USP	Universidade de São Paulo
ZOOP	Originário do alemão (Ziel Orientierte Projekt Planung), significa "planejamento de projetos orientado por objetivos".



- SUMÁRIO

---



## **CAPÍTULO 1**

APRESENTAÇÃO E ORIGEM DA PESQUISA

03

## **CAPÍTULO 2**

HELIÓPOLIS

37

## **CAPÍTULO 3**

PARTICIPAÇÃO E EDUCAÇÃO EM HELIÓPOLIS

77

## **CAPÍTULO 4**

PRÁTICAS EDUCATIVAS NA PAISAGEM

118

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

157

## **ANEXOS**

165

## **BIBLIOGRAFIA**

231





# APRESENTAÇÃO E ORIGEM DA PESQUISA

Esta pesquisa é resultado de estudos realizados em Heliópolis, adotando como premissa o conceito de paisagem como experiência partilhada e produto de uma ação social (Sandeville Jr. 2004,2005, 2006, 2007).

Desde 2005, o grupo de pesquisa<sup>1</sup> denominado como Paisagem, Educação e Processos Colaborativos, da FAU/USP, busca referências teóricas e práticas que possam dar conta da complexidade que é a paisagem. Buscamos por meio da vivência e da experiência construir entendimentos sobre a mesma, a partir do estudo de casos específicos, servindo-nos da transversalidade dos temas. Cada pesquisador trouxe suas experiências pessoais e profissionais no campo, de modo que cada trabalho tem um grande significado para o pesquisador e para a comunidade pesquisada.

São pesquisas que contribuem com aspectos diferentes e complementares sobre a compreensão da *“paisagem como experiência partilhada”* (SANDEVILLE, 2005). É, pois, o resultado de ações humanas que acontecem em áreas e comunidades diversificadas, cheias de significados, valores e crenças, que proporcionam a nós pesquisadores novos entendimentos na medida em que aprofundamos o conhecimento com relação aos mesmos.

---

<sup>1</sup> “O grupo de Pesquisa adota a noção de paisagem como experiência partilhada socialmente construída (Sandeville Jr. 1986,1999; 2004; 2004; 2004, 2005, 2006), reconhecendo suas tensões e contradições, evidenciando o drama humano que abrigam em sua dimensão histórica, ecológica e cultural. Reconhecer a legitimidade das especificidades culturais e dos arranjos ou apropriações espaciais referentes a determinadas comunidades ou grupos sociais, sobretudo em condições de exclusão, alteridade e preconceito. Discutem-se suas aplicações em processos de planejamento, gestão e projeto. A problemática da gestão se coloca então como ação participativa que deve redefinir os saberes convencionais partilhados pelos arquitetos como construtores de objetos artísticos, cuja lógica se define interna a essa prática. Em consequência, a proposição de ensino como simulação da realidade deve ser redefinida a partir da experimentação ativa e da interferência na realidade a que se refere. <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00676044YZ0VGY>

Entre espaços rurais e urbanos, áreas de preservação e percursos de rios, entre modos de vida e memória, dentro dos sertões do litoral norte de Ubatuba, entre zonas da mata mineira, com os cegos em São Paulo, quilombolas no Vale do Ribeira-SP e com moradores de três favelas paulistas, as pesquisadoras e os pesquisadores vivenciaram e compartilharam várias paisagens. O grupo de pesquisa, dentro de sua diversidade, multidisciplinaridade e experiência anterior, buscou lugares onde a paisagem mostrava-se com um forte potencial de percepções, compreensões e aprendizagens para quem a vivenciava. Paisagens que refletiam a identidade e a força do lugar por meio das pessoas que relatavam suas histórias.

Estudamos neste trabalho a relação entre Paisagem e a Educação e de como pode ser delineada em processos participativos e colaborativos na educação não-formal. A ênfase é dada nas ações educativas que priorizam a participação, a autonomia e o pertencimento com destaque para os trabalhos coletivos e a inserção crítica no ambiente.

Buscamos pesquisar, refletir e vivenciar a paisagem com os atores sociais que expressam suas experiências de vida de forma individual e coletiva, em práticas distintas, mas que estão dentro de uma coletividade. Foi no despertar do campo que esta pesquisa procurou refletir sobre as potencialidades da paisagem como um lugar que transforma, que inspira modificações no indivíduo, nos grupos, nos coletivos, nas redes, nos novos movimentos sociais, ou seja, uma paisagem que proporciona aprendizado ao mesmo tempo em que é transformada.

O meu primeiro contato com a comunidade do Heliópolis foi em 2004 por intermédio da União de Núcleos, Associações e Moradores de Heliópolis, a UNAS, que no momento precisava de uma supervisora pedagógica para atuar no projeto da ActionAid<sup>2</sup> com os 17 equipamentos e projetos sociais (creches, núcleos sócio-educativos, liberdade assistida, Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos e Programas para Adolescentes), do qual a entidade é gestora.

A partir de 2004, foi possível acompanhar as transformações que estavam ocorrendo nessa comunidade, tanto em sua organização social, suas articulações junto ao poder público, as empresas e aos próprios moradores, quanto nas estruturas físicas. Foram dois anos conhecendo as lideranças, as crianças e adolescentes, os espaços de educação não-formal e formal, realizando atividades de formação pedagógica com os educadores e oficinas participativas com as famílias das crianças.

---

<sup>2</sup> A Actionaid é uma ONG que trabalha em mais de 40 Países para vencer a pobreza há 35 anos. O trabalho é desenvolvido em parceria com grupos e organizações locais de comunidades pobres para construir alternativas de superação das dificuldades e garantir o acesso destas populações aos direitos básicos saúde como alimentação, moradia, educação, igualdade entre homens e mulheres, raças e etnias. Eles atuam no Heliópolis desde 1994. <http://www.actionaid.org.br>

Em 2007, com o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP na área de Paisagem e Ambiente, fui construindo uma nova relação com o lugar e com as pessoas, ou seja, como pesquisadora. Com a perspectiva de reconhecer a paisagem local por intermédio dos moradores, foi necessário aumentar a minha sensibilidade aos acontecimentos da história e do cotidiano dessa comunidade. A intenção era observar os sujeitos que constroem a força do lugar dentro de uma paisagem que é ativa, dinâmica e temporal, entendendo que na relação e na dimensão com o vivido as pessoas constroem suas percepções referentes à vida social que levam. Uma comunidade que se apropria dos espaços públicos livres, em especial as ruas, por meio das caminhadas, reuniões ou assembléias, que reanima os equipamentos sociais como os Centros da Criança e do Adolescente, implantando atividades alternativas ao Programa da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), ou interfere de forma propositiva nos caminhos da escola pública local.

Diante da idéia de paisagem como experiência e vivência, a escolha da abordagem metodológica foi ocorrendo conforme o campo se revelava a mim como pesquisadora, por meio da participação em atividades propostas pela comunidade, dentro das assembléias de moradia que aconteciam nas ruas, nos centros comunitários, nas quadras, nas reuniões e formações de educadores populares, nas creches, escolas, fóruns de adolescente, biblioteca ou simplesmente andando pelas ruas de Heliópolis, onde partilhava minha percepção de pesquisadora com aqueles que vivenciam a paisagem cotidianamente. As experiências de vida comunitária indicavam uma análise sob caráter qualitativo, utilizando-se de instrumentos como entrevistas abertas, semi – estruturadas, procedimentos de História Oral com especial atenção às narrativas de vida dos moradores e moradoras. Como ferramenta didático-pedagógica utilizamos o Estudo do Meio como uma Oficina de Percepção Ambiental nos grupos focais propostos por nós. Os diálogos por meio das rodas de conversa ou informais com moradoras e moradores, educadores, estudantes de pedagogia da comunidade e lideranças comunitárias possibilitaram uma compreensão maior da realidade.

Neste contexto, a região de Heliópolis é apresentada na perspectiva da história local e da caracterização de sua paisagem construída no contexto de lutas sociais. É uma paisagem que tem de um lado uma grande parte da população excluída socioeconomicamente, mas que por outro, mostra em sua história processos de participação que acabam por produzir espaços com potencial solidário, coletivo e emancipatório.

Segundo o conceito de paisagem adotado, e diante de uma abordagem humanística para essa compreensão, utilizamos para estruturar nossos pensamentos com relação à paisagem: Sandeville Jr. (2004, 2005, 2006 e 2007), Ulpiano Bezerra de Meneses (2002), Yu-Fu Tuan

(1980), Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado (1998), Augustin Bergue (2004). Para dialogar com a questão da paisagem e a educação, adotamos Paulo Freire (1974, 1983, 1991, 1994, 1997), Moacir Gadotti (2004, 2006, 2009), Carlos Rodrigues Brandão (1981, 2005, 2008), Maria da Glória Gohn (1992, 1999, 2005, 2008), Marcos Sorrentino (1995, 2001), Eda Tassara (1995, 2008), Michele Sato (2001), Nídia Nacib Pontuschka (1992, 1994, 2002, 2003, 2007) e Lev Vygotsky (1991, 1993). Contribuem também para fazer uma reflexão sobre o espaço produzido Henry Lefebvre (1981), Maria Ruth de Amaral Sampaio (1991, 2002), Nabil Bonduki (2004) e Raquel Rolnik (2002). O caminho escolhido para a compreensão da paisagem foi levar as minhas experiências à comunidade e buscar na realidade cotidiana dos atores sociais pontos de conexão para a produção do conhecimento, a partir das histórias de vida, das ações vividas e dos processos de aprendizagem.

Analisamos trabalhos acadêmicos sobre Heliópolis na área de mestrado e doutorado de 1990 a 2009, Sampaio (1991), Torres (1992), Malaquias (1994), Lima (1994), Negrelos (1998), Branquinho (2001), Ferreira (2002), Detoni (2004), Pedro (2005), Piza (2005), Santos (2007), Afonso (2007), Hiram (2008) e Alessi (2009). Estes estudos serviram de base para uma análise de temas e discussões já desenvolvidas na comunidade.

Há muitos pontos em Heliópolis que são lugares para encontros, conversas, trocas e aprendizagem, pois há vários grupos ou coletivos<sup>3</sup> de arte, meio ambiente, saúde, educação, todos com intenção de contribuir para a melhoria do lugar. A paisagem que estudamos é o lugar em que as relações emocionais, sociais e econômicas acontecem. Nela as pessoas contribuem com seus respectivos saberes para a construção de seus espaços de vida. São paisagens que se modificam por meio das ações e que ensinam por intermédio das suas mudanças.

Enquanto pedagoga, pesquisadora e antes de tudo como ser humano, tive a oportunidade de conhecer as pessoas, suas vidas, seus sonhos, a comunidade e seus projetos. O constante movimento das pessoas nas ruas de Heliópolis, a dinâmica dos relacionamentos inter-pessoais, a luta diária na construção de uma vida digna, o relacionamento das pessoas com a própria comunidade, os tipos de moradia, o som do lugar, a utilização dos espaços públicos livres e dos espaços privados, as associações de moradores, tudo isso altera significativamente a paisagem.

Observo também que a comunidade sempre pautou ao poder público seu desejo, e durante esses anos alguns foram atendidos, outros não. Por outro lado, percebemos que o poder público também trazia suas demandas, e implantava, como se fosse um desejo da comunidade, como a reforma de uma UBS em 2007 quando na verdade a comunidade solicitava uma nova Unidade Básica de Saúde (UBS) em outro lugar da comunidade.

---

<sup>3</sup> Será realizado um estudo mais aprofundado sobre os processos coletivos em Heliópolis nos próximos capítulos.

Durante esses 30 anos a comunidade de Heliópolis sempre de forma muito criativa e articulada foi encontrando métodos para sua permanência no lugar, pois constantemente esses moradores sofriam ameaças de ordens de despejo ou remoção pelo poder público ou por grileiros.

A indagação nas pesquisas do orientador sobre modos alternativos de formação do arquiteto na cidade e de contribuições que seus saberes podem dar, ao serem transformados pelo contato com outros saberes, convergia com minha formação como pedagoga, que buscava compreender como os processos de aprendizagem dentro dos grupos de educação-não formal transformavam as pessoas. Ambas as reflexões definiam um potencial que contribuiria aos projetos do Grupo de Pesquisa, pois como o foco do grupo caminhava para a questão da Educação, me foi proposto essa temática em 2008. O final de 2007 era um momento necessário para uma inflexão na pesquisa em função dos campos realizados e da convergência com a Educação que era o tema prioritário do movimento social em Heliópolis desde 2006.

A pesquisa, então, procura analisar a ação educativa como um vetor político importante de transformação da paisagem. Durante esse processo podemos pensar em uma paisagem que “produz” ações educativas. Assim, discutimos nesse trabalho a respeito de uma paisagem que educa<sup>4</sup>, na qual se constroem lugares de participação. Lugares em que as pessoas refletem sobre sua condição social, educacional, cultural e política e, ao se relacionarem, aprendem em cooperação com as outras, valorizam sentimentos, criam identidade e constroem seu sentido de pertencimento.

São paisagens que ao serem modificadas pelas pessoas proporcionam a mobilização social que podem acarretar transformações pessoais, refletindo diretamente em suas relações familiares, de amigos e profissionais. Essa paisagem que pode ser compartilhada e experienciada tem seu potencial na educação não – formal<sup>5</sup> (ou para alguns autores, educação popular). Essa educação acontece em lugares alternativos, como nos espaços livres públicos, nas associações de moradores, quadras ou equipamentos sociais. Os atores sociais dessas paisagens durante a sua trajetória de vida são formados e muitos, ao mesmo tempo, são formadores ou facilitadores de processos mobilizadores, que com o passar dos anos agregam e desagregam pessoas. São lugares que por meio da experiência contribuem para a autonomia e emancipação desses atores sociais que coletivamente realizam transformações locais e essas ações, articuladas com outros atores, contribuem com proposições de políticas públicas nas áreas da habitação, educação, cultura, saúde, geração de emprego, entre outras áreas.

---

<sup>4</sup> Paisagem que educa – lugares que possibilitam o diálogo, reflexão e a participação. Estando em um lugar que a/o cidadã/o faz parte ele aprende e conseqüentemente ensina devido a sua experiência e/ou vivência anterior e é nessa troca que podemos observar as ações educativas.

<sup>5</sup> Discutiremos sobre Educação não-formal no capítulo III.



As pessoas de Heliópolis iniciaram sua trajetória de luta com a bandeira da Moradia. Hoje, a bandeira da Educação ganha espaço e contribui para elaborar respostas à necessidade de se reconhecerem como cidadãos. A própria comunidade deseja e move-se para fazer um bairro que educa, um Heliópolis que educa ou um “bairro-educador”<sup>6</sup>. Apropriação de uma “cidade que educa” tem sua origem em uma discussão que se reporta a 1990, quando aconteceu o primeiro Congresso Internacional de Cidades Educadoras em Barcelona, na Espanha. De lá para cá, muitos países aderiram a esse movimento de construir um Plano Educativo de Cidade, que realmente trazia as cidadãs e os cidadãos a uma reflexão sobre o lugar, mostrando que a utilização do espaço urbano poderia ser um instrumento de ensino sem exclusão de faixa etária ou classe social. Interessante lembrar que a Espanha tem uma forte herança do movimento anarquista, em especial a experiência realizada por Ferrer i Guardiã com a Escola Moderna em Barcelona, que vinha com proposições pioneiras sobre a relação da educação libertária com o ambiente. Algumas cidades do Brasil aderiram a esse movimento tendo a cidade de São Paulo entrado nesse processo em 2004, gestão de Marta Suplicy, mostrando a apropriação e disseminação do programa.

Paulo Freire em sua gestão como Secretário de Educação escreveu um livro sobre Cidade Educadora<sup>7</sup> relatando sua experiência na prefeitura paulistana como Secretário Municipal de Educação entre 1989 e 1992, na gestão da prefeitura Luíza Erundina. Os professores Nídia Pontuschka e Moacir Gadotti, ambos conhecedores e amigos de Paulo Freire, escreveram artigos e livros sobre a cidade que pode ter potencial educativo, sobre práticas colaborativas para o conhecimento e reconhecimento da cidade. Para a professora Nídia a cidade pode ter referências significativas para conhecimento e aprendizagem do cidadão. Segundo Gadotti, a cidade pode se constituir em um espaço cultural de aprendizagem e também um espaço intencionalmente formador de cidadania.

A prefeitura de São Paulo, desde 2007, também designou como Bairro Educador o projeto do Centro Educacional e Cultural de Heliópolis (CECH), que consiste em juntar em um mesmo espaço os mais diferentes níveis escolares, da educação infantil ao ensino médio, uma Escola Técnica Estadual (ETEC), uma escola de música<sup>8</sup> e um Centro Cultural, voltada às demandas locais. Mas o conceito de Bairro Educador já vinha sendo utilizado pelas lideranças comunitárias da UNAS, entre elas Genésia Ferreira da Silva, Antonia Cleide Alves e João Miranda, juntamente com o Diretor Braz Nogueira desde 2006, quando ambos decidiram que a bandeira de luta da

---

<sup>6</sup> O sentido de bairro educador, entretanto, exige considerações e cuidados, pois desde 2005 as lideranças por meio de seus ideais e projetos que Heliópolis será um “Bairro que educa”. Já a prefeitura mediante a sua inserção na comunidade na construção de obras, aderiu a nomenclatura e escreve em seu site que o bairro educador começa em Heliópolis a partir da construção do Pólo Educacional.

<sup>7</sup> FREIRE, P. A educação na cidade. 2ª Edição. São Paulo. Cortez, 2006.

<sup>8</sup> Sociedade de Concertos de São Paulo - Instituto Bacarelli

UNAS juntamente com a EMEF Presidente Campos Salles e outras instituições seria então construir um Bairro Educador.

Nesta pesquisa não estamos adotando o conceito de Bairro Educador utilizado pela Prefeitura de São Paulo, pois a mesma se refere ao Complexo Educacional Heliópolis como o bairro educador. Refletimos aqui, juntamente com as lideranças comunitárias sobre um Heliópolis que Educa, uma paisagem que tem um potencial transformador que emerge das reflexões e ações de uma comunidade de forma mais abrangente e humanizadora, como descreve Pontuscka, Freire e Gadotti, dos quais adotamos referências teóricas e metodológicas sobre Participação, Estudo do Meio<sup>9</sup>, Oficina de Futuro<sup>10</sup> e a Carta da Terra<sup>11</sup>.

Algumas idéias começaram a fazer sentido para nós dentro da pesquisa, pois a educação é fazer com que o “educando”<sup>12</sup> compreenda o mundo, se veja nele e aja sobre ele de forma humanitária, solidária, construtiva, coletiva, participativa e cidadã entre tantas outras coisas. Freire dizia que o primeiro livro que o ser humano tem que ter conhecimento é o *mundo*.

Nesse contexto, as lideranças de Heliópolis se propõem a obter um maior conhecimento sobre o seu próprio mundo e, assim, instrumentalizar os moradores da comunidade para esse conhecimento. Percebendo a paisagem de Heliópolis como esse mundo, nós iremos investigar como esses processos de luta juntamente se tornam ações educativas que contribuem com um Heliópolis que Educa.

A abordagem de paisagem adotada é aquela vivenciada e partilhada pela pesquisadora com a comunidade, formada conjuntamente pelos fatos do passado, do presente, constituindo ações para o futuro. Heliópolis contém uma sobreposição de tempos e vivências que formam o bairro que vemos hoje. Ante a essa dinâmica que é intensa não podemos considerar a paisagem um objeto, pois assim teríamos uma visão e um conhecimento restrito de sua potencialidade, conforme Sandeville(2004) e Meneses (2002), que nos traz uma afirmação de Augustin Berque:

*A paisagem não é um objeto. Para compreendê-la, não basta saber como se agenciam morfologicamente os componentes do ambiente, nem como funciona a fisiologia da percepção – dito de outra forma, aquilo que deriva do objeto, incluindo o corpo humano como tal considerado é preciso também conhecer as determinações*

---

<sup>9</sup> Método ou caminho para uma construção da educação formadora, distanciando-se da chamada racionalidade técnica, distanciando - se do mecânico e da alienação (PONTUSCHKA, 2003)

<sup>10</sup> Oficina de Futuro/ levantamento de problemas e aspirações sobre o território compartilhado, com o objetivo de refletir e construir projetos coletivos. (SORRENTINO, TASSARA e TRAJBER, 2000 e ECOAR, 2001.)

<sup>11</sup> Em 1992 a Cúpula da Terra no Rio de Janeiro, formado por lideranças comunitárias de várias áreas e entidades, encaminha a criação do Conselho da Terra coordenado pela liderança Maurice Strong que inicia a construção coletiva do documento cujo qual, torna-se uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século 21, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação.

<sup>12</sup> Termo usado por Paulo Freire - Educador e Educando.

*culturais, sociais e históricas da percepção – isto é, aquilo que constrói a subjetividade humana. ( BERQUE apud MENESES, 2002, p.32)*

O grupo de pesquisa Paisagem, Cultura e Sociedade - Processos Colaborativos da FAU/USP compreende que a paisagem é um espaço de experiências, significações, intersubjetividade e contradições, sendo o lugar ideal para os processos de aprendizagens e reflexões. “*A interação de diversos saberes e práticas, acadêmicos ou não-acadêmicos, aproximam-se em um processo de descoberta comum e horizontal*”. (SANDEVILLE, 2009)

A forma como os moradores de Heliópolis sentem, percebem e vivem a sua comunidade nos interessa, pois o modo como apreendem a paisagem pode ser uma das maneiras de construir projetos mais integrados com a comunidade. Essa maneira de perceber a paisagem está intimamente ligada aos seus sentidos, conforme Del Rio<sup>13</sup> (1996), que descreve que essa percepção se apresenta “*como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos*” (DEL RIO, 1996, p.3). Ele afirma que recebemos a informação do meio de forma ativa, ou seja, trabalhamos com a informação que chega até nós. Em Heliópolis os moradores recebem as informações de várias maneiras. Renato Libâneo é um morador que ao chegar a Heliópolis percebeu o intenso movimento comunitário; resolveu, então, deixar o emprego que tinha como office-boy fora de Heliópolis e quis atuar na sua própria comunidade. Hoje, ele é educador popular, bolsista no curso de pedagogia de uma universidade particular da região e atua na UNAS.

Na realização da pesquisa, encontramos vários estudos desenvolvidos na área da percepção ambiental que trazem um aporte teórico à compreensão da paisagem. As pesquisas de Luchiari<sup>14</sup> (1997), Machado<sup>15</sup> (1993), (1998) e Ferrara<sup>16</sup> (1999), Del Rio (1999) e Castello<sup>17</sup> (1999) nos mostram, como os sujeitos estudados percebem a realidade na qual estão inseridos, como paisagens complexas ou na identificação da percepção em espaços específicos.

---

<sup>13</sup> Vicente Del Rio é arquiteto e urbanista, mestre em Desenho Urbano (Oxford) e doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP). Atualmente é professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Área de atuação é em projetos de Arquitetura e Urbanismo e seus temas são Desenho Urbano, Percepção Ambiental e Revitalização.

<sup>14</sup> Maria Tereza Duarte Paes Luchiari, geógrafa Mestre e Doutora em Sociologia e Ciências Sociais, professora da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>15</sup> Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, doutora em Geografia, professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia Física, atua nos seguintes temas: Paisagens Valorizadas, Percepção Ambiental, Serra do Mar.

<sup>16</sup> Lucrecia D'Alessio Ferrara, doutora em Literatura Brasileira e Livre- docente pela FAU/USP. Com experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, cultura, semiótica, arquitetura e design.

<sup>17</sup> Lineu Castello, Arquitetura e Urbanista desenvolveu o mestrado em Urban Design And Regional Planning - University Of Edinburgh (1974) e doutor em Arquitetura pela Univ. Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo. Atuando principalmente nos seguintes temas: percepção ambiental, "lugares" urbanos, conceito de lugar, ecologia urbana e marketing urbano, que são abordados em seu livro: A Percepção de lugar - Repensando o Conceito de lugar em Arquitetura-Urbanismo. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2007.

Durante a pesquisa, compreendemos que o entendimento da paisagem perpassa pela percepção ambiental que o indivíduo tem da sua comunidade. Que cada pessoa é diferente da outra, mesmo que exerça nessa paisagem papéis semelhantes, como é o caso das educadoras que participaram das Oficinas de Percepção Ambiental<sup>18</sup> realizadas nessa pesquisa. Nelas ficou evidente que a decodificação da paisagem nem sempre é percebida conscientemente e da mesma forma. Cada educadora tem a sua experiência e por isso recebe/sente a informação ou o aprendizado decorrente da sua interpretação, dos estímulos externos e internos do ambiente, somado às experiências já vividas.

Todo esse processo parte da reflexão que conseqüentemente poderá ocasionar uma ação, ou seja, apreende por intermédio do meio físico e social, e aprende por meio da sua vivência compartilhada e isso leva o ator social a ações transformadoras no lugar.

Para Tuan<sup>19</sup> (1980), a percepção ambiental da paisagem está intrínseca aos laços culturais entre o meio ambiente e a visão do ser humano. Sendo que a percepção ambiental é individual, e no processo de interação com o outro há uma variedade de elementos que estão envolvidos na percepção:

*Tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980, p.4).*

Quando Tuan define topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p.5), ele nos leva a refletir e analisar em nossas pesquisas sobre as relações que as pessoas adquirem com a paisagem, e se as pessoas se conhecem e se vêem nela, para assim revelar um sentido de pertencimento.

Quando se pesquisa sobre uma paisagem que é experiência e vivência, é importante perceber que existe complexidade nas relações sociais, pois ocorrem processos que estão inseridos na vida dessa comunidade há muito tempo e isso permite estudos mais focados em determinados aspectos. Nesta pesquisa essa compreensão é importante, já que, o nosso estudo engloba a compreensão e os resultados das ações históricas da comunidade com relação à paisagem e as formas das práticas educativas que interagem com o lugar.

---

<sup>18</sup> Essa e outras Oficinas serão detalhadas no Capítulo 3 - Práticas Educativas na Paisagem

<sup>19</sup> Yi-Fu Tuan, doutor em Geografia Humanista, professor da Universidade de Minnesota e depois se transferiu para Universidade de Wisconsin, em Madison. Em 1987 recebeu a Cullum Medal of the American Geographical Society. Em 1998, nessa mesma universidade, Tuan se aposentou mas hoje continua como professor emérito. Seus temas estão voltados a Geografia Humana.

O pertencer a uma paisagem também significa interação com a mesma. Buscamos em Sturza<sup>20</sup> (2005) a importância da experiência com o lugar, pois ele afirma que os lugares valorizados são aqueles que o indivíduo ou a coletividade tem experiências significativas particulares;

*É na experiência sensível com o lugar que o homem manifesta atitudes, sentimentos e emoções, e este investimento afetivo possibilita o surgimento do sentimento de apego e pertencimento a determinado lugar. (STURZA, 2005, p. 24)*

Tuan (1983, p.171) reflete sobre a descrição de lugar e a questão do tempo para ele o “*lugar que representa um receptáculo de lembranças e permanência carregadas e vivenciadas pelo homem; é um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram para viver o presente*”. Para esse estudioso, é importante o tempo para se conhecer ou afeiçoar-se a um lugar. Em certos casos é necessário um longo tempo para construir raízes em um lugar, mas nada impede, porém de que alguém se apaixone por um lugar num contato rápido ou conhecendo a história do lugar.

Para nós, o importante nessa pesquisa é a qualidade e a intensidade da experiência vivida, olhando por esse prisma, mais do que a duração. Ao mesmo tempo, temos uma situação frágil e rara na sociedade contemporânea, na qual o ser humano se movimenta rapidamente de um lugar a outro, sem tempo para se enraizar em um lugar, tornando suas experiências dependendo da intensidade menos duradoura. Podemos perceber essa situação no processo que acontece com muitas famílias que se mudam para as periferias de São Paulo, elas arrumam as casas, compram móveis, mas aquele lugar passa por transformações urbanísticas, deixando o lugar mais valorizado. Ocorre que algumas famílias não têm condição de pagar um aluguel mais alto e se vêem obrigadas a se mudar e ir para outra periferia, mais distante do centro ou do local de emprego, mas se a vivência foi intensa esse lugar será sempre lembrado e talvez até imitado:

No que se refere aos objetos do lugar, que ‘os conhecemos através do uso; não lhes prestamos atenção. [...] *Eles são quase uma parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos.* (TUAN, apud STURZA, 1983, p. 159).

Segundo Sturza (2005) e Machado<sup>21</sup> (1988), o conceito *lugar* enseja o conhecimento do grau das relações entre o ser humano e o meio ambiente sendo, por isso, também instrumento conceitual para interpretação da realidade e formação de valores e aprendizagem. Para Castello (2007), a conceituação de lugar e a percepção estão definidas pelo pesquisador como “uma forma ambiental criada, impregnada de significado simbólico para seus usuários”.

---

20 Sturza, José Adolfo Iriam. Lugar e não-lugar em Rondonópolis – MT: um estudo de cognição ambiental. Tese de Doutorado, UNESP, 2005

21 Em sua tese de doutorado Machado (1988), nos fala de processos de valorização das paisagens na Serra do mar Paulista.

A percepção, a compreensão, a interpretação, o entendimento e as representações da paisagem promovem a conscientização para um sentido de pertencimento com a mesma, concomitantemente há uma formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida. Nessa busca de entender a paisagem de Heliópolis, pensamos na potencialidade do lugar com relação às relações humanas, aos lugares construídos, e ao sentimento de pertencimento que constituem para nós uma paisagem importantíssima como elemento de aprendizagem.

Com relação aos moradores de Heliópolis podemos dizer que o bairro é singular, diferente, e que a relação com essa paisagem se inicia a partir de suas experiências com o lugar por meio das vielas, ruas e calçadas. Essa relação depende essencialmente da experiência emocional e afetiva, de cada um e dos grupos que ali convivem em festas, visitas, jantares, encontros, comissões, reuniões, entre outros momentos. Sturza (2005) e Tuan(1983) afirmam que “a satisfação com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos – sua amizade e respeitabilidade – do que das características físicas da área residencial.”(STURZA, 2005, p.31). É dentro dessa complexidade que a pesquisa vai buscar a potencialidade de uma paisagem que se reflete em práticas educativas, e que tem um potencial transformador, ligado as pessoas que ali vivem e convivem.

Se tal é nosso entendimento de paisagem, como é nosso entendimento de educação? Como esse entendimento contribui com a construção de processos colaborativos com os grupos nessa abordagem da paisagem?

A educação, como pode ser entendida em nossa sociedade, é um processo de ensino-aprendizagem que está presente em nossas vidas, desde o ventre de nossa mãe até a nossa morte. A educação pode acontecer de forma hereditária e cultural, ocorre em vários locais, como em casa, na rua, nos sindicatos, no clube, na escola, no trabalho, nas redes, na natureza, ou seja, em qualquer lugar. Nesse sentido, a educação em alguns momentos surge dentro das demandas sociais com o caráter de equacionar, ou para dar respostas a algum determinado problema.

Há várias abordagens educacionais e cada uma pertence e atende a coletividade a qual está inserida. Com o tempo, ante a uma série de fatores como as mudanças sociais, tecnológicas e culturais, a educação entra em fase de transição paradigmática, surgindo novos focos de pesquisas, novos métodos de aprendizagem, de troca de saberes que contribuem ao ensino-aprendizagem. Mas precisamos ter certo cuidado, pois devido às modificações que as novas tecnologias causaram, enormes quantidades de informações são rapidamente transmitidas para os cidadãos em qualquer parte do globo e há uma relativização dos saberes. Por isso, precisamos “aprender a aprender”, realizar conforme a proposta de Paulo Freire uma nova

leitura de mundo, que significa propor uma nova (re)produção dos saberes compondo uma nova cultura na comunidade nos momentos que há relações entre as pessoas e o meio<sup>22</sup> em que vivem, com a intenção de haver trocas de experiências.

Na nossa pesquisa, estamos refletindo sobre o sujeito em um processo sócio-histórico, em que a linguagem e a cultura fazem parte de uma paisagem ao inseri-la no processo ensino-aprendizagem. Podemos refletir aqui que as lideranças de Heliópolis aprenderam no contexto em que viviam, trocavam informações para atuar junto a outras pessoas e acompanharam às mudanças que aconteciam nas áreas sociais e econômicas desse país e durante esse percurso estavam se preparando para interagir e transformar a paisagem.

O ser humano é um ser social formado em vários ambientes culturais e históricos definidos. Podemos, pensando por esse viés, refletir sobre uma paisagem que contribui no aprendizado e que vai se modificando conforme a inserção e a atuação das pessoas nesse ambiente, como percebemos nas Oficinas de Estudo do Meio, ou nas Oficinas de Futuro, em que os atores sociais expressavam seus conhecimentos sobre a história de Heliópolis e sobre as mudanças que eles presenciavam.

Pensando no ser histórico que está inserido na paisagem, consideramos pertinentes a essa pesquisa as reflexões de Vygotsky<sup>23</sup> e Freire sobre o processo educacional no meio, pois essa educação sócio-histórica é baseada em um aprendizado humanizador. São esses pesquisadores, com mais ênfase em Paulo Freire, que já fazem parte do discurso e das ações das lideranças de Heliópolis como fundamentos para a construção de um “Heliópolis que Educa. Isso será possível observar por meio das narrativas de vida que estarão nos próximos capítulos.

A compreensão de Vygotsky (1991) atende a nossa pesquisa na questão da relação sócio-histórica dos atores com o meio de forma interacionista, pois a produção simbólica que o indivíduo é capaz de organizar e fazer é também mobilizadora de condutas, e a fala e o pensamento articulam-se e dão significado ao discurso. Isso se dá com frequência em Heliópolis, já que, ao analisar as narrativas das lideranças podemos perceber ênfases na questão das opressões e pressões do poder público nas décadas de 80 e 90, revelando uma historicidade que interfere ativamente nas questões sociais e na consciência de classe.

O ser humano é formado dentro de um ambiente cultural muitas vezes previamente definido ou em transformação. Em seu livro *A Formação Social da Mente*(1991), Vygotsky descreve que as

---

22 Entende-se por meio aqui algo muito amplo, que envolve cultura, sociedade, práticas e interações.

23 Lev S. Vygotsky (1896-1934), professor e pesquisador, foi contemporâneo de Piaget, e nasceu em Orsha, pequena cidade da Rússia. Faleceu em Moscou de tuberculose com apenas 38 anos. Suas obras não são teorias acabadas, mas sim apontamentos de caminhos para as questões de ensino-aprendizagem. Vygotsky chega ao Brasil na década de 90 por intermédio dos livros *A Formação Social da mente* (1991) e *Pensamento e Linguagem* (1993).

características e atitudes individuais dos seres humanos estão impregnadas de trocas com o coletivo, pois o mesmo foi construído a partir de sua relação com o outro. São esses coletivos que ganham força dentro da paisagem de Heliópolis, pois os indivíduos atuam nos lugares conjuntamente e percebem o ambiente em que vivem e, assim, se apropriam do percebido. A prática social para as lideranças foi analisada dentro de uma abordagem crítica-reflexiva que permitiu notar as alterações e significados na paisagem durante todos esses anos, pois os conceitos não são formações isoladas, fossilizadas e imutáveis (VYGOTSKY, 1991).

As leituras em Vygotsky (1991) também contribuíram nessa pesquisa para a reflexão realizada com as crianças e os adolescentes sobre a produção simbólica deles sobre o ambiente nas Oficinas de Estudo do Meio. Proporcionando a nós uma compreensão sobre a paisagem em que eles estão inseridos, por meio do discurso na assimilação das novas informações, no qual eles tiveram que organizar e produzir modos de agir e atuar na comunidade.

Tanto Paulo Freire quanto Lev S. Vygotsky afirmam que a educação pode transformar a pessoa, tornando-a sujeito do seu contexto, com a possibilidade de criar uma postura autônoma e crítica perante as pressões da sociedade em que vivem. Por esse motivo, ambos os pesquisadores são extremamente importantes nesta pesquisa.

Paulo Freire traz para nós reflexões sobre a educação que acontece em espaços não-formais. Considera a educação como uma forma de luta e organização contra a opressão. O objetivo principal aqui é a tomada de consciência do sujeito/liderança da sua condição de oprimido, percebendo o *mundo* que o cerca e atuando de modo que possa transformar a sua realidade. Portanto a educação não-formal tem papel relevante no atual contexto sociocultural e político.

Segundo a reflexão de Freire (1988), tanto os oprimidos quanto os opressores são reduzidos à “desumanização” e conseqüentemente “proibidos de ser”. Os primeiros porque são submetidos a condições subumanas de vida sendo explorados. Os segundos pela forma cruel que usufruem do poder para usurpar dos outros o direito de ter e de ser como gente no mundo.

Para Freire (1977), a práxis<sup>24</sup> almeja libertar o ser humano de sua condição de simples expectador da história, para propor por meio do método dialético<sup>25</sup>, ser o próprio agente das lutas e transformações sociais. Porém, o ser humano em sua contradição está imbuído de incoerência, egoísmo e maldade, ligados às suas próprias ações que, muitas vezes, ele mesmo não se enxerga nesse contexto. O oprimido, para alcançar a *libertação*, deve ter consciência de

---

24 Segundo Freire, “a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (1983, p.40).

25 Produção do conhecimento a partir das contradições, de análises críticas que venham contrapor tese e teorias, proporcionando assim maior campo de interação entre sujeito e meio. Método definido nessa forma pelos filósofos Karl Marx e Hegel, como dialética. Comungando desta teoria, Henri Lefebvre a discute por um novo viés, se para Marx a vida social era mutável e dialeticamente construída, para Lefebvre esta ação é “inerente” ao homem, proporcionando suas referências por contradições incessantes.



sua condição de oprimido, por meio da visão que Freire chama de “tomada de consciência ingênua”, em que o oprimido percebe o que está acontecendo, passando para a “tomada de consciência crítica”, onde ele nota e realiza uma ação, articulada com a práxis.

Esses grupos criam vínculos, traçando relações entre as pessoas e a comunidade, formando a rede social dela e é por intermédio desses elos e fios invisíveis de diálogo que se reúnem pessoas em lugares comuns. São paisagens que com o passar dos anos se tornam lugares que educam, que chamaremos aqui de Lugares de Aprender.

É assim em Heliópolis, onde quase todos os espaços são lugares para encontros, conversas, trocas e aprendizagens significativas. Nesse momento os processos coletivos ganham importância, pois são mecanismos de formação e desenvolvimento: são dinâmicas sociais geradoras de aprendizagens que necessitam de colaboração de outros pares que acontecem na paisagem.

Segundo Gohn (2005), podemos pensar em uma educação com três estruturas: a educação formal é aquela que acontece de forma sistemática, com conteúdos previamente selecionados em currículo, estrutura regimental e em espaços determinados conhecidos como escola. A educação informal acontece de forma assistemática, por processos espontâneos ou naturais, como é o caso da educação familiar, e a educação não-formal acontece de forma livre, mas intencional, em que o processo gera a conscientização dos indivíduos sobre o seu meio social, com caráter coletivo como nas associações de moradores, nos sindicatos, nas redes, coletivos e ONGs. A pessoa pode receber uma informação e assimilá-la por meio de placas ou outdoors, em uma busca pessoal, como é o caso da formação do autodidata, ou em grupos de maneira interessante e complexa em processos contínuos e coletivos.

A relevância dos conhecimentos produzidos no processo ensino-aprendizagem para a construção de solução de problemas práticos na área da educação tem sido bastante discutida por pesquisadores da área nesses últimos 30 anos. Esse pensamento fica mais nítido se percorrermos a produção acadêmica que aumentou no Brasil referente ao tema *educação* depois do crescimento dos cursos de pós-graduação, segundo a análise de alguns pesquisadores como Cruz (2006) e Saviani (2007).

É importante perceber que nas décadas de 60 e 70 o foco das pesquisas no ensino-aprendizagem eram as análises das variáveis em situações laboratoriais. Nos anos 80 e 90 o foco é o processo, o cotidiano, a prática dentro e fora da sala de aula, conjuntamente com a situação real. É nesse aspecto que vamos refletir nessa pesquisa, sobre o modo e como aprendemos, observando e incentivando os processos coletivos de participação da comunidade no bairro e na cidade.

Desde a década de 80, a sociedade cria demandas na área educacional que estão articuladas às conjunturas políticas e outros tipos ou temas na educação ganharam espaço como a Educação Ambiental, sobre o Patrimônio Histórico e Cultural, Para a Cidadania, para a Saúde, Especial, de Minorias Étnicas, Para o Trânsito, Artística, Musical, Sexual, Religiosa, Física, Infantil, Fundamental, Novas Tecnologias entre tantas outras.

Essas várias “educações” são demandas de uma sociedade que vive a complexidade de seu momento. O que pesquisaremos aqui é a força da educação não-formal dentro dos movimentos sociais a partir da década de 80 quando eles se reerguem e ganham entusiasmo novamente, por meio da prática participativa, do envolvimento das lideranças e dos grupos na emancipação que os coletivos vão alcançando. É a partir dessa década que analisaremos as ações das lideranças na constituição da associação de moradores de Heliópolis, desde a conquista da moradia até a construção de um Heliópolis que Educa. As ações aqui são caracterizadas como processos educativos dentro do território, potencializando ainda mais a paisagem que está sendo transformada a todo instante e transformando a todos.

## **PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: DIÁRIO DE CAMPO, ENTREVISTAS, OFICINAS EM HELIÓPOLIS**

Esta pesquisa iniciou-se por estudos a partir do levantamento de dados diretos e indiretos sobre o Heliópolis e concomitante a isso a inserção no campo. A pesquisa de campo consistiu desde o início em ouvir, descrever, transcrever, registrar e interpretar os discursos dos moradores de Heliópolis dentro de suas ações coletivas e também individuais. Todas as informações fornecidas pelos moradores deram subsídios para a primeira interpretação da paisagem e seus significados. O diário de campo mostrou-se como uma ferramenta importante na construção da metodologia, conforme as reflexões e as inquietações com relação à pesquisa aumentavam. Nesse contexto, o trabalho de campo assumiu um papel importante, pois uma pesquisa qualitativa, que tem como objetivo investigar as potencialidades de uma paisagem educadora, não poderia ser pensada sem o mesmo. Segundo Machado (1988), a pesquisa qualitativa é abrangente e multidimensional, permitindo a utilização de vários procedimentos metodológicos que nos levam a processos mais interativos entre o ser humano e a sociedade.

O campo aqui é o lugar que contém em termos empíricos a pesquisa e a abrangência do recorte teórico correspondente à paisagem estudada. Nesse momento, se estabelecem relações de intersubjetividade das quais resultou o confronto da realidade concreta com os pressupostos teóricos da pesquisa. As observações, as conversas informais com os moradores nas ruas, o

cafezinho e o registro fotográfico também fizeram parte dos procedimentos metodológicos. Assim, o contato direto com a realidade da comunidade também se constituiu como um instrumento de investigação por meio da sensibilidade que vai de encontro com o método de pesquisa na paisagem que segundo Sandeville (2005), a vivência é um pressuposto para o estudo na paisagem tornando-se imprescindível na leitura, compreensão e conceituação da mesma.

Desde a elaboração do projeto de pesquisa, o mesmo sempre foi de natureza qualitativa<sup>26</sup>, em que a obtenção dos dados acontece por meio do contato direto com a comunidade pesquisada e o entendimento do que acontece é por intermédio de quem vive a ação, ou seja, comunidade e pesquisadora. A pesquisa qualitativa abrange diferentes técnicas de interpretação e o seu principal objetivo é explicitar os fenômenos do mundo contemporâneo de forma real.

A Observação Participante foi a ferramenta utilizada para o conhecimento da realidade e como a Pesquisa Qualitativa ambas originaram-se na Antropologia e na Sociologia. São muitos os autores que discutem e nos mostram como a Observação Participante é uma técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa, entre eles estão Freire (1977), Lüdke, André (1986), Minayo (1994), Haguette (1995) e Brandão (1999). A observação nessa prática é realizada como forma de captar a realidade. É uma das técnicas mais antigas, mas também uma das mais modernas, mas para que seja realizada com sucesso requer organização e planejamento da pesquisadora com relação ao que vai ser feito em campo, lembrando que muitas vezes o inesperado também acontece e também tem o seu valor.

Segundo Freire (1977), a participação do pesquisador em campo é importante para haver a sensibilização que o estudo propõe, pois é o primeiro passo de abstração para encontrar a realidade, penetrar no real e atingir o conjunto de todas as relações. A nossa vivência na paisagem demonstrou que em Heliópolis não existe uma única paisagem ela é múltipla.

Por meio da Observação Participante devido à nossa inserção enquanto pesquisadores na comunidade, participando ativamente das atividades propostas e realizadas pelas lideranças, notamos as formas de criação e participação nos movimentos sociais urbanos, as assembléias de moradores, a formação de lideranças, ou seja, estávamos vivenciando a realidade, observando os atores e seu mundo.

A transdisciplinaridade nos procedimentos metodológicos se mostrou necessária para haver a compreensão da paisagem segundo autores adotados. Para entender a paisagem de Heliópolis, a pesquisa na comunidade foi organizada em quatro modos de vivência:

---

<sup>26</sup> Pesquisa que surge na Antropologia e na Sociologia e ganha espaço na Psicologia, na Educação e na Administração de Empresas

## **PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA DA PESQUISADORA NOS EVENTOS ORGANIZADOS PELA UNAS – UNIÃO DE NÚCLEOS, ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE HELIÓPOLIS**

A Observação Participante que denominamos aqui como *Participação voluntária*<sup>27</sup> é a participação da pesquisadora em eventos organizados pela própria comunidade. Na *participação voluntária*, o contato diário com as pessoas, os fatos, com a comunidade gerou outra dinâmica de interação social, um novo conhecimento. A observação das atividades cotidianas dos moradores e das lideranças resultou em boa parte das impressões e informações colhidas durante a pesquisa. Essa nova forma de se reaproximar da comunidade aconteceu diferentemente de 2003, 2004 e 2005 quando já havia atuado na comunidade. A primeira vivência desde o início da pesquisa nos mostrou que a dinâmica comunitária seria muito intensa. As lideranças têm uma agenda de compromissos a semana toda, ou seja, de segunda a segunda.

Particpei de encontros político-pedagógicos, seminários sobre educação, habitação, saúde, mulheres, oficinas sobre o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), reuniões dos Movimentos de Moradia, dos Sem Teto, dos Sem Creche e do MOVA, organização da Caminhada da Paz, Parada Político-Pedagógica, celebrações de aniversários, quermesses juninas, festa do dia das crianças, eleição da nova presidente da UNAS e comemorações de final de ano.

Nesta pesquisa, buscamos analisar as formas de participação da comunidade na paisagem por meio das atividades propostas pelas lideranças locais e se havia aprendizagem do lado comunitário e também das lideranças, pois no processo coeso de educação ambos apreendem.

As inquietações ocasionadas pelas análises das ações dos movimentos comunitários mostraram que era necessário e compreensivo apreender as contradições e dinâmicas das práticas educacionais existentes. Devia-se buscar até as singularidades dessa prática na paisagem, considerando-a como momentos de uma totalidade mais ampla. (MINAYO, 1994).

Para observar e estar na paisagem, optamos também por caminhadas livres, por percursos descritos por moradores da comunidade (crianças, adolescentes e adultos). Todos os caminhos e todas as atividades foram registradas por meio do diário de campo, das gravações e fotografias, autorizadas pelos mesmos.

---

<sup>27</sup> Foram quase 2.000 horas de campo. Se contarmos o dia de 8 horas chegamos ao total de 250 dias em campo. São 1890 fotografias.

Esse método como bem descreve May (2004) pode parecer fácil, pois para alguns seria só olhar, escutar, experienciar e escrever tudo, mas a Observação Participante é um dos métodos de pesquisa mais difíceis e exigentes, já que depende da meta e de relacionamentos anteriores.

Durante a pesquisa, nos deparamos com temas com os quais, não estávamos familiarizados e conseqüentemente gastou-se um tempo maior nas reflexões pela pouca afinidade, como o assunto sobre as tipologias. Às vezes, corre-se o risco de perder algo que está diante dos olhos, mesmo tendo a intenção de *anotar tudo* e fazer as análises do campo. Por isso, foi importante estar sensível às experiências do campo, mas de forma organizada. Esse procedimento é um trabalho ininterrupto e intenso, pois quando o trabalho de campo para a pesquisa em si continua. Podemos afirmar juntamente com Brandão(1999) e May (2004) que para os pesquisadores que estão dispostos e se sentem preparados, é um dos métodos mais interessantes e *“recompensadores, que gera compreensões fascinantes sobre os relacionamentos e as vidas sociais das pessoas e, de modo mais geral, ajuda a transpor a lacuna entre o entendimento dos estilos de vida alternativos das pessoas e os preconceitos com que a diferença e a diversidade defrontam-se com tanta freqüência.”* (MAY,2004 p.181).

A Participação Voluntária na comunidade foi intensa perfazendo um total de quase 2.200 horas em campo, com um acervo fotográfico de 1.890 fotografias e mais de 60 horas de gravações.

## **TABELA DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISADORA NAS ATIVIDADES EM HELIÓPOLIS EM**

### **2007**

- 14/04/07 Observadora na reunião sobre Movimento dos Sem Creche
- 28/04/07 Observadora na Reunião do Movimento de Moradia - Entrevistas
- 27/05/07 Parada Político Pedagógica
- 20/06/07 Visita aos CEIS de gestão da UNAS- Paulo Freire, Clímax e Mina
- 21/06/07 Visita aos CEIS de gestão da UNAS- Margarida Maria Alves, Josefa Júlia e Heliópolis I e II
- 15/09/07 1º Seminário “Pólo Educacional e Cultural Heliópolis”
- 06/06/07 Oficina de Educação ambiental com os educadores e educadoras dos equipamentos sociais.
- 13/06/07 Participação no aniversário da Liderança Cleide Alves
- 14/06/07 Participação com os moradores e lideranças na 9ª Caminhada Pela Paz
- 24/06/07 Participação na Quermesse com os moradores na Rua Paraíba
- 28/07/07 Apresentação dos Jovens do Lata na favela no CEU Meninos
- 04/09/07 Participação na organização do Seminário de Meio Ambiente com os adolescentes
- 05/09/07 Seminário de Meio Ambiente – resultado do processo de formação de jovens sobre a temática do ambiente. Um dos módulos do programa Agente Jovem.
- 08/09/07 Observadora da reunião de moradia – Novo Projeto de Urbanização do Heliópolis.
- 11/09/07 Reunião com as professoras e os professores dos equipamentos sobre o ensino universitário. A LDB em 2008 e a situação de cada um. Local Parceiros da Criança.
- 15/09/07 Observadora do 1º Seminário sobre o Pólo de Educação e Cultura do Heliópolis.
- 25/09/07 Reunião sobre Ensino à Distância com as educadoras dos equipamentos sociais prós e contras.
- 29/09/09 Observadora da Assembléia Geral sobre o Projeto de urbanização. Garantia de participação popular.
- 01 e 04/10 Participação no grupo de lideranças para escrever um projeto para o FIES – Itaú Social.
- 10/10/07 Participação com as educadoras na Formação sobre tutoria de ensino a distância – UNAS / UNICID / IESDE
- 23/10/07 Observadora do 1º dia de formação do curso de pedagogia
- 10/11/07 Participação em discussão com as educadoras sobre as mudanças em Heliópolis na construção de um bairro que educa. Qual o papel de cada um?
- 19/11/07 Visita a escola de moda e ao CCCA Lagoa, Parceiros da Criança e ao PAM
- 20/11/07 Conversa com a cooperativa de costureiras e com os coordenadores do projeto.

21/11/07 Visita ao CCCA 120, CCCA Heliópolis e CCCA Imperador

25/11/07 Observadora - Eleição do Conselho Tutelar – Heliópolis participou com dois representantes que foram eleitos.

05/12/07 Participação no Encontro de Mulheres da América Latina em Heliópolis, visita à Lavanderia Comunitária, à Rádio Heliópolis e à Sede da UNAS.

## **2008**

10/02/08 Observação do Convênio de assinatura das bolsas de estudos da Universidade São Marcos/Heliópolis/ UNAS

29/03/08 Organização do evento com as lideranças - Ação Global

20/05/08 Observadora do Lançamento do PAC Favela em Heliópolis – Presença Presidente Lula

12/06/08 Participação com os moradores da 10ª Caminhada pela Paz- Por um Bairro Educador

14/06/08 Aniversário da Liderança Cleide Alves

24/06/08 Participação na quermesse na Rua Paraíba e na Rua Cel. Silva Castro

26/06/08 Participação no Encontro no CCCA Mina sobre o projeto Lego Education

04/07/08 Participação na Parada Político Pedagógica e Confraternização

08/07/08 Visita à campo com o meu orientador

29/07/08 Participação na Formação do projeto Lego com as crianças e os adolescentes.

30/07/08 Participação no Encontro de formação de educação infantil

31/07/08 Observadora do Ensaio do Lata na Favela

30/08/08 Visita à comunidade com o Marcos (coletivo de Artes) para tirar fotografias

31/08/08 Participação com os moradores da III Corrida e I Caminhada de Heliópolis

18/09/08 Observação no Encontro da ActionAid

12/10/08 Participação do Dia das Crianças

05/11/08 Participação do Encontro Actionaid

07/11/08 Visita e entrevista na EMEF Pres. Campos Salles com o diretor Braz Nogueira

11/12/08 Participação no almoço de amigo secreto CCCA Mina crianças e educadores.

12/12/08 Participação na eleição nova diretoria da UNAS

13/12/08 Apresentação às lideranças algumas histórias de vida da comunidade.

## **2009**

16/05/09 Participação no 1º Reencontro de Mulheres de Heliópolis

03/07/09 Observadora na Parada Político Pedagógica

17/07/09 Apresentação do material de qualificação do mestrado para as lideranças comunitárias.

18/07/09 Participação no 2º encontro de Mulheres de Heliópolis

17/08/09 Participação da Oficina – A construção de Heliópolis como Bairro Educador

21/08/09 Participação da Oficina – A construção de Heliópolis como Bairro Educador

02/06/09 Participação no 3º encontro de Mulheres – tarde do fuxico – Entrevistas

04/06/09 Participação com os moradores da 11ª Caminhada pela Paz – Heliópolis Bairro Educador

06/06/09 Apresentação de Heliópolis para o Coletivo da disciplina Arte e Paisagem FAUUSP

16/07/09 Observadora da Oficina de Arte e Paisagem ministrada pelo Prof. Euler às lideranças comunitárias.

21/08/09 Participação com as Lideranças de Heliópolis para a primeira aula na FAUUSP

22/08/09 Participação do 4º Encontro de mulheres sobre Moradia - Entrevistas

04/09/09 Encontro na sede da UNAS do Coletivo FAU/UNAS/Heliópolis após o assassinato da adolescente<sup>28</sup> por policiais da guarda municipal de São Caetano do Sul.

11/09/09 Apresentação de Heliópolis com alunos da FAU/USP

14/09/09 Observadora da Visita a Universidade de São Caetano do Sul pelas crianças,adolescentes e educadores dos CCCAs.

15/09/09 Observadora Encontro Afro-descente com a comunidade de Heliópolis e África

02/10/09 Participação da Oficina de formação com lideranças.

12/10/09 Participação da Festa do Dia das Crianças

16/10/09 Participação na Oficina de Formação com Coordenadoras Pedagógicas e Gestoras

20/10/09 Observadora do Encontro com Coordenadoras e gestoras de todos os equipamentos.

21/10/09 Observadora da visita de parceiros para financiamento de projetos em Heliópolis.u

## **HISTÓRIA DE VIDA E ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS COM LIDERANÇAS E MORADORES PARA CONHECER AS HISTÓRIAS DE VIDA E DE LUTA DA COMUNIDADE.**

Segundo Marconi E Lakatos (2006), em pesquisas de cunho etnográfico um ponto importante e interessante a ser destacado é *“deixar de lado preconceitos e estereótipos e agir como*

---

<sup>28</sup> No dia 31 de agosto de 2009 a adolescente Ana Cristina de 17 anos foi atingida por uma bala perdida quando voltava da escola e sem querer acabou no meio de uma perseguição policial entre guardas municipais de São Caetano e ladrões que haviam furtado um carro. Esse incidente provocou manifestações violentas na comunidade.



*participante. Questionar sobre o que parece comum e observar o tipo de relações que são encontradas no meio ambiente.” (MARCONI e LAKATOS, 2006, p.273)*

As principais fontes primárias dessa pesquisa são as narrativas das lideranças comunitárias de Heliópolis e moradores. Desde o início, isso fez parte do procedimento metodológico, pois muitas pessoas queriam contar suas histórias e em campo percebíamos que essas histórias estavam repletas de significados, tensões e emoções. Nessa pesquisa trabalhamos com a memória oral que segundo Bosi (2003);

*Longe da unilateralidade para a qual tende certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades” (BOSI, 2003, p.15).*

Segundo Haguete (1987), a história de vida pode dar sentido à noção de processo, que está em constante movimento. Para isso, o pesquisador tem que ter uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados seja estudado do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus mundos, suas pressões e constrangimentos, mas sem preconceitos. O método História de Vida congrega experiências subjetivas mescladas aos contextos sociais, fornecendo uma estrutura para o entendimento de acontecimentos no caso individual e compreensão de acontecimentos individuais dentro de fatos históricos coletivos.

Haguete (1995) também descreve que a entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, por meio de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central. Segundo Minayo (1994), a entrevista privilegia a obtenção de informações por intermédio da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, e transmite por um porta-voz, representações de determinados grupos. Esse processo ficou evidente em Heliópolis, pois as lideranças contavam dos seus sucessos e insucessos nas lutas por moradia.

Ao ouvir as entrevistas foi interessante considerar a realidade e a concepção dos indivíduos dentro da paisagem, pois as entrevistas faziam contrapontos com os dados obtidos por meio da observação.

Enquanto pesquisadores procuramos sensibilizar e valorizar por uma construção coletiva, a história de vida de cada pessoa respeitando a individualidade de cada um. Buscamos ultrapassar as fronteiras da realidade mostrada, ampliando e aprofundando o conhecimento. A metodologia de História Oral é entendida como “*um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto, desdobra-se em entrevistas e cuidados com o estabelecimento*

*de textos/documentos que podem ser analisados, arquivados para uso público, mas que tenham um sentido social.” (Meihy, em palestra) <sup>29</sup>*

Pensar correto nesta pesquisa foi saber ouvir cada um, para buscar uma prática metodológica coerente, compondo as diferentes visões. Requereu que nós pesquisadores respeitássemos e considerássemos os saberes construídos a partir da cultura e vivência das lideranças, das crianças, dos adolescentes, das educadoras na paisagem, demonstrando um exercício básico de cidadania. Segundo Thompson<sup>30</sup> *“a habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar. Gostaria de enfatizar que considero a história oral como um campo interdisciplinar. Ela não é simplesmente histórica, mas também sociológica”.* (THOMPSON, 2006,p.20)

## ENTREVISTAS

02/04/07 Regina Malha Mendes Calva  
03/06/07 Antonia Cleide Alves  
13/06/07 Antonia de Lima Rosa  
28/08/07 Maria Lucivânia Alves  
13/12/07 Solange Agda da Cruz  
20/10/07 Idelci Fernandes de Siqueira Silva  
01/05/07 Genésia Miranda  
11/11/07 Quitéria Ferreira da Silva  
29/09/09 Terezinha de Jesus  
27/08/08 Zé Badu e Dona Nice  
27/10/07 Maria do Socorro da Silva  
15/03/08 Entrevista com Semi-estruturada com educadoras populares.  
27/08/08 Entrevistas com os moradores na assembléia de moradia.  
26/06/08 Rosimeire Fátima da Silva  
22/08/09 Lisandra Conceição de Jesus  
11/09/09 Manoel Otaviano  
03/03/09 Márcia Aparecida Marinho  
28/08/08 Andréia Edileuza Da Silva  
13/07/07 Antonia Lima Rosa  
27/08/08 Antonio Holanda de Lemos  
27/08/08 Jose Madeiro Da Silva , o “Zé Badu” E Cleonice, a “Nice  
01/09/08 Dionisia Maria de Jesus  
02/09/ 8 Maria Dantas De Lima  
07/05/07 Maria Hilda Arcino de Souza  
27/11/08 Maria Lúcia S. dos Santos

29 Palestra do Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy - Núcleo de Estudos em História Oral, Necho - USP, no seminário “ Internacional Memória e Cultura - A importância da Memória na formação cultural humana.” Set.2006

30 Paul Thompson é professor de pesquisa em sociologia na Universidade de Essex e Research Fellow na Fundação Young, em Londres. Autor de “A Voz do Passado”, Editorfundador de Oral History e fundador da National Life StoryCollection na BritishLibrary, em Londres.Outros livros publicados: “The Edwardians”; “Living the Fishing”.

30/08/08 Antonio Severo dos Santos  
03/03/09 Márcia Aparecida Marinho  
10/03/09 Entrevistas Semi-estruturada com coordenadores dos CCCAS  
01/09/08 Maria Dantas de Lima  
22/08/09 Lisandra Conceição De Jesus  
22/08/09 Aparecida de Fátima Correia Pereira  
11/09/09 Manoel Otaviano

## **OFICINAS NA PAISAGEM: PERCEPÇÃO AMBIENTAL POR MEIO DO ESTUDO DO MEIO, OFICINA DE FUTURO, RODAS DE CONVERSA E A DISCIPLINA COMO PROCESSO COLABORATIVO**

A escolha das Oficinas de Percepção Ambiental com o Estudo do Meio e Oficina de Futuro caminha ao encontro da proposta metodológica de construir o conhecimento local a partir do diálogo entre as pessoas. Além disso, colabora para o sentimento de participação e reflexão sobre a paisagem, levando em conta a subjetividade dos participantes. Buscamos nesse momento a produção discursiva em forma de entrevistas coletivas, baseando-se na metodologia de grupos focais.

A proposta discutida com o grupo de crianças, adolescentes e educadoras teve como objetivo explicitar a importância do olhar no percurso por intermédio dos mapas e a valorização das entrevistas com os moradores. Reconhecendo os prós e contras da paisagem. As devolutivas e os procedimentos serão explicados no capítulo Práticas Educativas na Paisagem.

Pontuschka (1994) valoriza o Estudo do Meio como uma ferramenta didático-pedagógica que:

*“tem papel significativo, interagindo com as demais ações, ao invés de se ‘chocar’ com a estrutura de uma escola tradicional como ocorreu e vem ocorrendo até o presente momento, na qual a estrutura e a organização da escola não priorizam o encontro entre as pessoas, a troca entre professor e professor; aluno e aluno; alunos e professores e outros envolvidos no processo educativo”. (PONTUSCHKA, 1994, p.188)*

Essa prática de ensino é conhecida e difundida nas escolas brasileiras desde o início do século XX. Algumas pesquisas<sup>31</sup> trazem a informação de que o Estudo do Meio chega com a vinda dos imigrantes italianos, portugueses e espanhóis que trouxeram consigo suas expectativas e experiências de vida.

---

<sup>31</sup> Pontuschka (1994,1999) , Lestinge (2004) , Calsavara (2004) entre outros trazem em seus artigos e suas pesquisas reflexões sobre a Educação Libertária e o Estudo do Meio.

O Estudo do Meio enquanto prática nas Escolas Modernas foi uma ferramenta fundamental, pois proporcionava aos alunos uma observação e uma experiência na paisagem de forma eficaz. Assim, eles poderiam descrever o meio do qual eles eram integrantes e, na proposta pedagógica, eram estimulados a refletir sobre as desigualdades e injustiças, compreender como se dava essa problemática e desse modo propor mudanças na sociedade no sentido de saná-las. Dentro das práticas pedagógicas, os valores que apoiam esse trabalho na Educação Libertária são cooperação, apoio mútuo, solidariedade, liberdade e igualdade correspondendo dessa forma à humanização do grupo e conseqüentemente da sociedade.

Nesta pesquisa, utilizamos o Estudo do Meio para realizar uma leitura da paisagem e o combinamos com outros procedimentos metodológicos. Nesse momento, houve a possibilidade de analisar a paisagem por meio do olhar dos moradores de Heliópolis, mas também pela minha vivência com eles na paisagem.

A Oficina de Futuro foi realizada com 75 adolescentes dos projetos Agente Jovem<sup>32</sup>, nos dias 5 de maio de 2007 e 15 de setembro de 2009. Essa técnica é uma ferramenta de planejamento participativo, criada pelo Instituto Ecoar para a Cidadania, com base em algumas técnicas ZOPP<sup>33</sup>. Seu objetivo principal é desenvolver um plano integrado com ações de educação socioambiental, a partir da prática que considere os seguintes quesitos:

a) Dimensão dos Sonhos; b) Pesquisa da realidade; c) Dimensão Histórica; d) Plano de Ações. Ao longo de uma Oficina de Futuro, os participantes são convidados a discutirem suas responsabilidades e seus papéis, e posteriormente colocar em prática aquilo que foi planejado. Isto é possível, pois ao longo do desenvolvimento da Oficina, vários exercícios sociais e muitas dinâmicas de grupo são utilizados de forma que os participantes criem identidade e sintam-se pertencentes a um grupo.

Como primeiro encaminhamento, os jovens resolveram realizar seminários culturais de meio ambiente com teatro, música, dança e oficinas. Dois jovens se interessaram pela questão socioambiental em Heliópolis e participam hoje do Coletivo Jovem de Meio Ambiente do Ipiranga. A disciplina Arte e Projeto da paisagem tem como premissa uma concepção e organização colaborativa no pensar a educação como prática educativa na cidade. Esse momento envolveu alunos, moradores do Heliópolis e artistas independentes, em busca de uma

---

32 Projeto em Heliópolis/UNAS, financiado pela Caixa Econômica Federal. O Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano é uma ação da assistência social que, pautado na Emenda Constitucional nº 20, buscou definir uma proposta de ocupação destinada a jovens em situação de risco e vulnerabilidade social, que não configure trabalho, mas que possibilite, de fato, experiências práticas que os preparem para futura inserção no mundo do trabalho e permanência no sistema educacional. [www.cef.gov.br](http://www.cef.gov.br)

33 O nome ZOPP, originário do alemão (Ziel Orientierte Projekt Planung), significa "planejamento de projetos orientado por objetivos". As raízes do método vêm de outra metodologia conhecida, o LogFrame (Logical Framework), criado nos EUA; é muito utilizado em projetos de desenvolvimento. A partir do LogFrame, a Agência Alemã de Cooperação Técnica (GTZ - Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit) concebeu o ZOPP acrescentado à metodologia inicial uma análise de problemas e uma análise dos atores envolvidos.

relação aberta entre Universidade, Cidade e Cidadãos. A disciplina integra o Grupo de Pesquisa Paisagem, Educação e Processos Colaborativos (FAUUSP), do qual fazemos parte enquanto pesquisadores.

## **OFICINAS**

05/05/07 Oficina de Futuro com adolescentes do projeto Agente Jovem.

20/03/08 Oficina de Estudo do Meio com as educadoras dos CCCAs.

22/05/08 Roda de conversa para apresentação dos temas da dissertação

23/08/08 Oficinas de Percepção com as crianças do CCCA Mina.

28 e 29/08/08 Oficina de Estudo do Meio com as crianças.

17/08/09 Oficina - A construção de Heliópolis como um Heliópolis que Educa.

01/06/09 Oficina de Estudo do Meio com crianças as crianças.

23/06/09 Roda de conversa com as lideranças comunitárias para dialogar sobre a Disciplina

21/08/09 Disciplina Arte e paisagem. Aula inaugural na FAUUSP com lideranças e alunos

15/09/09 Oficina de Futuro com adolescentes do projeto Agente Jovem

02/10/09 Oficinas de Percepção Ambiental com as educadoras de Heliópolis.

16/12/09 Roda de conversa sobre Comunidade e Pesquisas Acadêmicas

## **NARRADORES PROTAGONISTAS**

Moradores, lideranças, crianças, jovens, mulheres, homens, militantes, todas as pessoas são protagonistas de suas próprias vidas, cada uma tem uma história para narrar. História de luta e esperança, de tristeza ou alegria, em paisagens que marcarão sua vida para sempre. Mas como em uma pesquisa acadêmica não é possível entrevistar todos os moradores, trabalhamos aqui com os seguintes grupos focais<sup>34</sup>.

As lideranças comunitárias são moradores que ativamente participam da transformação da paisagem de Heliópolis nesses últimos 30 anos. Em suas narrativas de vida foi possível observar o protagonismo em suas próprias histórias, que transformaram suas vidas e de outras pessoas.

O motivo que nos levou à escolha das lideranças para a pesquisa foi o fato de eles serem referência na comunidade quando se fala sobre ajudar, moradia, cooperação, saúde, projetos e educação. A apresentação de Heliópolis para nós foi por intermédio do olhar deles. Um grupo que em comunhão e divergências desde o primeiro encontro erguem a bandeira de transformar o Heliópolis em um bairro, e agora um Heliópolis que educa. São pessoas que transmitem seus

---

<sup>34</sup> "Técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico". (NETO, MOREIRA e SUSCENA, 2002) Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

conhecimentos para outras, buscam informações e formas de articulação com o público e hoje com o privado, partindo da premissa da participação.

A partilha sobre a paisagem de Heliópolis no início da pesquisa era com as lideranças, mas com o passar do tempo, a nossa inserção na comunidade permitiu buscar os moradores que não estavam ligados aos movimentos ou aos projetos de alguma entidade, mas que indiretamente, com sua autonomia contribuíam e transformavam a paisagem. A disposição para ser liderança não é um atributo de todos. Mas, com certeza, muitas pessoas não desenvolvem sua capacidade de liderança por falta de oportunidade. Como é o caso de Dona Idelci dos Santos que não se percebe como liderança, mas quando precisa vai de porta em porta e organiza alguma ajuda para um vizinho que necessita.

As educadoras foram escolhidas, pois estão com uma função que vai de encontro com os anseios e desejos de transformar Heliópolis em um bairro que educa. Entendemos que todas as pessoas de um bairro são responsáveis pelo lugar onde moram. A busca pelas educadoras foi intencional, já que ao aplicar uma metodologia, poderia ocorrer a análise da própria prática e do contraste com outras práticas, porque sempre há algo a conhecer, a se revelar, pois a educação é um processo permanente e inconcluso. O educador tem em suas mãos a possibilidade de mostrar algo novo aos alunos, que por mera curiosidade pode ser motivado a uma ação crítica e futuramente tornar-se uma pesquisa, pois para Freire o ensino e a pesquisa caminham juntos, pois um não há sem o outro

*No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta a de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 2002, p.32)*

Por serem também moradoras de Heliópolis a intenção foi refletir junto com elas sobre a paisagem de Heliópolis, pois é preciso saber ver e refletir sobre os fatos reais de sua comunidade, conhecer os moradores e as suas vidas pelo lado da criticidade, pelo lado da pesquisa.

As crianças estão por toda a parte, são curiosas e ávidas por novidades, por isso na pesquisa buscamos conhecer a comunidades por meio do olhar infantil, muitas vezes sofrido, mas que tem esperança. Além disso essas crianças são freqüentadoras das escolas e equipamentos sociais da região. Tanto as crianças, quanto as educadoras estão presentes nesta pesquisa, pois esses atores estão inseridos em projetos na comunidade, em equipamentos que são decorrência

da luta social. A escolha destes na pesquisa foi porque estamos refletindo sobre um processo interfere diretamente na vida dessas futuras gerações.

A prerrogativa nesta pesquisa é a participação, pois esses pequenos atores sociais precisam estar presentes, participando da vida da sua comunidade, desenvolvendo-se em um ser humano adulto, com um olhar crítico e criativo. O nosso desafio foi construir uma análise na paisagem sobre a experiência pessoal da criança e do jovem com base em um processo educativo dentro de uma prática autônoma, que exercesse uma aprendizagem significativa. Percebemos que quando a curiosidade é despertada surgem questionamentos que nos levam a uma reflexão e uma compreensão de como eles concebem a sua realidade. O diálogo exercido foi com as crianças, e os jovens do CCCA Mina, Imperador e Heliópolis.

An aerial photograph of a river valley, showing a winding river and surrounding land with some buildings and vegetation. A horizontal yellow band is overlaid across the middle of the image.

Heliópolis

2  
CAPÍTULO





# • HELIÓPOLIS

Heliópolis e outras favelas na década de 70 tem características estruturais semelhantes, como loteamento irregular<sup>35</sup>, falta de serviços, infra-estrutura e violência. Mas há algo que a diferencia de outras: a sua forma de organização comunitária.



**Figura 1: Vila Sacomã 1915, Clube de Campo, Cerâmica Sacomã e Lagoa. Acervo Cartório de Registro do Ipiranga, 2009**

É nessa época que as favelas crescem notavelmente, em larga escala, pois a política econômica e social existente era complementarmente desfavorável ao assalariado. Fatos como o arrocho salarial<sup>36</sup> decretado em 64, faziam com que os trabalhadores não honrassem seus compromissos

<sup>35</sup> Todo o perímetro de perto de 1 milhão de metros quadrados que está registrado na 6ª Circunscrição Imobiliária está sendo objeto de regularização fundiária. Segundo Sérgio Jacomino (2006) Presidente do Instituto de Registros Imobiliários do Brasil (IRIB), as múltiplas situações encontradas – áreas públicas, áreas tituladas em nome de empresas públicas, autarquias, áreas privadas ocupadas etc. – demandam um estudo acurado, a ser feito por especialistas de várias áreas, de molde a proporcionar um conhecimento exaustivo da situação. Só assim se poderão definir estratégias de regularização que possa levar em conta essas peculiaridades. <http://www.irib.org.br/pdf/BE2583.pdf>.

<sup>36</sup> Segundo Jornada (1989), “essa lei, conhecida como a “lei do arrocho salarial”, estendeu ao setor privado, com caráter de obrigatoriedade, as normas de disciplinamento salarial já adotadas para o setor público....A Lei nº 4.725 é o marco inicial de uma abrangente política de compressão salarial que, por meio de vários decretos e decretos-leis, seguiu de forma contínua até 1974.” (JORNADA, 1989, 66:67)

financeiros, como o pagamento da casa própria. Destacamos também a mudança de estrutura familiar, as mulheres saem de suas casas para procurar emprego e contribuir na renda doméstica.

A pesquisadora e socióloga Licia Valadares<sup>37</sup>, que desde a década de 70 tem como um de seus temas de pesquisa a favela, faz uma crítica a alguns autores que insistem em dizer que a favela é o marco da miséria brasileira. Para ela as favelas fazem parte da cidade, representa um grande conjunto de moradores e suas relações sociais, é um grande mercado consumidor, integrados a economia urbana.

Hoje as favelas<sup>38</sup> compõem a paisagem urbana de várias cidades brasileiras. Com o passar dos anos, o processo de urbanização chegou a muitas comunidades tornando-as bairros, como é o caso do Jardim Colombo, do Jardim. Ângela, do Jardim Iporanga, entre outros no município de São Paulo.

São Paulo ganhe evidência em seu crescimento econômico, na década de 70, estando à frente do processo de industrialização, mas os moradores e trabalhadores desta cidade não vivem igualmente a mesma situação. De um lado encontramos a riqueza nas moradias, o consumo, nos modos de vida e do outro estão os trabalhadores, que foram obrigados a morar nas áreas mais afastadas dos grandes centros, nas casas precárias da periferia e nos cortiços, demonstrando que a inserção de pessoas de menor poder aquisitivo na cidade ocorria de maneira muito precária e quase sempre de forma conflituosa.<sup>39</sup>

## **A FORMAÇÃO DE UM BAIRRO – CIDADE**

A área em que hoje está situada a maior favela de São Paulo pertencia à família do Conde Silvío Álvares Penteadado<sup>40</sup> e outros<sup>41</sup>. Essa área fazia parte do Conjunto Residencial Vila Heliópolis, no

---

<sup>37</sup> Socióloga, Ph.D. da University of Toulouse –França, professora do LUPERJ e da UCAM/Urbandata. Autora do livro *Passa-se uma casa* (1978), entre outros.

<sup>38</sup> Na definição do IBGE as habitações das favelas são “aglomerados subnormais” que “ocupam terrenos de propriedade alheia, dispostos de forma desordenada e densa e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais”, no dicionário Aurélio encontramos que favela é um “conjunto de habitações populares, em geral toscamente construídas e usualmente deficientes de recursos higiênicos”, no dicionário Houaiss são “conjunto de habitações populares que utilizam materiais improvisados em sua construção tosca, e onde residem pessoas de baixa renda”. Pensando no Heliópolis, as pessoas preservam conforme suas condições, as suas casas. Segundo a Secretaria de Habitação do município de São Paulo, Heliópolis possui 97% das vias pavimentadas, rede elétrica domiciliar 94%, abastecimento 85,51 %, com coleta de lixo total.

<sup>39</sup> Destaque para a obra *São Paulo 1975 – Crescimento e Pobreza* que traz várias reflexões escritas por autores como; Paul Singer, Lúcio Kowarick; Vinicius Caldeira Brant, Candido Procópio Ferreira de Camargo, Fernando Henrique Cardoso entre outros.

<sup>40</sup> Filho do fazendeiro de café e industrial de aniagens e tecidos de Iã Antonio Álvares Leite Penteadado (1852-1912) e irmão de Armando Álvares Penteadado(1947). Família que pertencia à aristocracia rural paulistana. Silvío gostava de carros e balões e foi o primeiro homem a voar por São Paulo. Administrou os negócios da família a partir da morte de seu pai. Silvío foi o primeiro presidente da Fundação Armando Álvares Penteadado. Morou no bairro Higienópolis, onde hoje é a pós-graduação da FAUUSP, localizado na Rua Maranhão. Este patrimônio está tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo). O projeto da casa onde está a pós da FAUUSP é do arquiteto sueco Carlos Ekman, que veio ao Brasil a pedido de Silvío Álvares Penteadado. A época da venda do Sítio Heliópolis, no Moinho Velho, na década de 40 coincide com a estagnação financeira vivida pela Fundação Armando Álvares Penteadado.

Sítio Moinho Velho. As casas geminadas da Família Álvares, nesse local, abrigavam primeiramente em 1920/40 os empregados que trabalhavam no sítio da família. Segundo Sampaio (1991), havia 36 residências que foram construídas pela família Álvares Penteados. Essas casas ocupavam lotes com áreas de 141 a 697 metros quadrados e estavam no local onde é hoje o Hospital Heliópolis e o início da Estrada das Lágrimas. A tipologia habitacional existente eram casas térreas, sobrados isolados ou geminados com uma boa construção, todas essas casas tinham dois dormitórios, banheiro e cozinha. Situados na Rua Barão do Rio da Prata, Rua Almirante Mariath, Siqueira Bulcão e na rua Cel. Silva Castro.

Em 23 de abril de 1942, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) adquiriu a área de 2.707.065 m<sup>2</sup> pela quantia de 17.500 mil contos de reis<sup>42</sup>. Durante esse período os administradores do Instituto tinham a intenção de construir na área casas para os associados do IAPI, mas esse projeto não saiu do papel, ficando assim uma imensa área sem uso. O abandono do poder público favoreceu outros usos por grupos e moradores da região. Em várias narrativas encontramos menções sobre as chácaras, a criação de animais como porcos e galinhas, a presença da mata atlântica no entorno da Estrada das Lágrimas. Esse local já era rota de soldados e comerciantes que vinham do centro de São Paulo com destino ao Porto de Santos, ou vice-versa. Havia os campos de futebol, onde aconteciam os torneios nos finais de semana, ou os campeonatos de balões e corridas de carro, ou seja, uma área com muitos usos de lazer.

Em seu estudo, Sampaio (1991) nos mostra como essa grande área foi dividida, constituindo boa parte do que vemos hoje em Heliópolis. Em novembro de 1966, de acordo com o Decreto-Lei nº 72, que agregou os diversos Institutos no antigo<sup>43</sup> Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), a gleba passou para o Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS), que a partir daí vendeu e ocupou o terreno. Segundo Sampaio (1991), em 1967, o IAPAS vende para a Petrobras - Petróleo Brasileiro S/A uma área de 423.731m<sup>2</sup>. Em seguida, 1968 o IAPAS começa a construir o Hospital Heliópolis e o Posto de Assistência Médica (PAM) na Avenida Almirante Delamare e os trabalhadores da construção instalam-se nas casas e sobrados e nos alojamentos. É nessa paisagem de desmembramento que, em 1971, a Prefeitura sob o comando do prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz retira 153 famílias da Vila Prudente, uma das primeiras favelas de São Paulo, e as aloca provisoriamente na área próxima ao Hospital Heliópolis, para a construção de anéis viários sobre o Rio Tamanduateí na região de Vila Prudente.

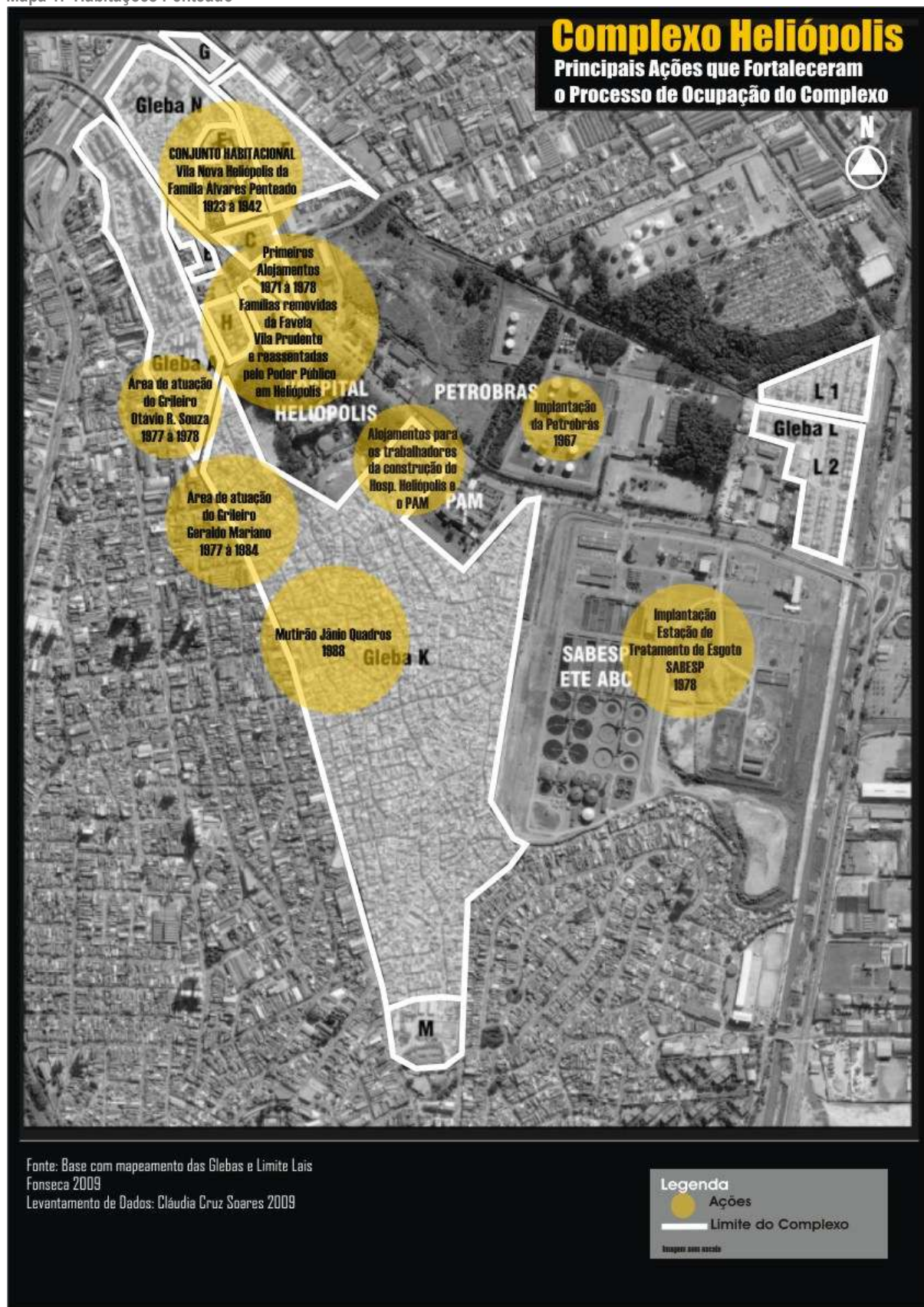
---

41 A área onde está a Igreja Santa Edwirdges pertencia à própria Igreja Católica, no entorno alguns lotes já demarcavam a área, como o do Veterinário Arlindo que já vivia ali desde a década de 50, onde hoje está a Vila Carioca uma parte da área pertencia aos padres Beneditinos de São Caetano do Sul e à empresa Shell.

42 Segundo escrituras que estão transcritas no 6º Cartório de Imóveis da Comarca de São Paulo, conforme pesquisa da Profª Maria Ruth Amaral Sampaio (1991)

43 Hoje INSS - Instituto Nacional de Serviço Social

Mapa 1: Habitações Penteado



Em 1976, a administração do IAPAS transfere a título de permuta a Raul Diederichsen pequenas áreas dentro da gleba. Entre 1977 e 1985 a administração do IAPAS vende as casas e os terrenos para funcionários públicos estaduais e federais, químicos, motoristas, advogados entre outros. Em 1978, foi a vez da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP) que ficou com uma parte da área depois da desapropriação para a construção da Estação de Tratamento de Esgotos do ABC, que só começou a funcionar 20 anos depois. Em 1978, na gestão de Olavo Setúbal, a Prefeitura realiza uma nova remoção, agora com moradores da favela do Vergueiro e aloca mais 60 famílias próximas à área da primeira. Essas instalações que eram "provisórias" no terreno do IAPAS, tornaram-se moradia fixas e permanentes para muitas famílias, pois algumas delas ainda estão nessas áreas até hoje. Segundo Sampaio (1991), *"um imprevisto da prefeitura que resultou em uma favela gigantesca."*<sup>44</sup>



Assim como outras favelas do município de São Paulo, Heliópolis está localizada em um espaço que estava abandonado pelo poder público. Foi essa omissão que contribuiu para a criação dos "guetos de pobreza no município." (Sampaio, 1991).

<sup>44</sup> Sampaio, Maria Ruth. Heliópolis: O percurso de uma invasão. Tese para título de livre-docente. 1991

Ambas as remoções foram para realizar obras públicas nos respectivos locais. Foi no entorno de alguns pontos como os alojamentos “provisórios”, do Hospital Heliópolis, ou das bicas de água, que mais e mais famílias começavam a chegar. Eram parentes e amigos que já estavam no local, confirmando o fluxo migratório de pessoas vindas do Nordeste ou do Sudeste (Minas Gerais), e também do ABC Paulista<sup>45</sup>. Primeiro os moradores construíam seus barracos com piso em terra socada, madeira e lona, e com o passar dos anos, aos poucos substituía o barraco pelas casas de alvenaria.



**Figura 4 – Rua Cel. Silva Castro 1998. Acervo UNAS**



**Figura 5 – Praça D. Pedro (antigo local das quermesses), ao fundo Hospital Heliópolis. Acervo UNAS**

Aqueles que persistem no Heliópolis guardam as lembranças vivas desse passado recente. Por essas lembranças podemos compreender um pouco melhor como se deu esse processo na visão dos moradores e como atribuem valores a essa paisagem.

<sup>45</sup> Durham, Eunice. A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo. 3ªed. São Paulo: Perspectiva,1984

*Aqui antes tinha umas árvores, umas mamoneiras ali em baixo (se referindo ao final da Estrada das Lágrimas), as cocheiras dos cavalos. Um pé de abacate, então era interessante pra gente ver. Minha moradia, eu pagava aluguel e aí o Miguel, João Prefeito e o Geraldo (hoje lideranças), falaram que tinha, que estavam desocupando uns alojamentos lá de frente do hospital Heliópolis (primeiro alojamento 1971), aí eu fui para lá morei dois anos e de lá eu vim pra cá e estou até hoje, Graças a Deus. (Terezinha de Jesus, moradora há 25 anos)*

Dona Terezinha, hoje com 43 anos, chegou jovem ao Heliópolis, veio da Bahia já casada e com dois filhos na intenção de ter uma vida melhor. Quando perguntamos a ela sobre como é viver em Heliópolis, ela relata com um sorriso largo que está muito feliz, pois não paga aluguel, tem quatro filhos e todos estão empregados, sendo que dois trabalham na própria comunidade e os outros dois estudam de manhã na escola estadual e à tarde eles participam de projetos sócio-educativos também na comunidade. Enfatiza ainda que não pretende sair de Heliópolis, porque para ela Heliópolis é diferente:

*Aqui um ajuda o outro, e tem ainda aqueles que ajudam mais (referindo-se as lideranças da UNAS). O que eu puder ajudar eles no meu alcance eu ajudo, porque eu sei que eu ajudo a minha comunidade. E não é só porque eles ajudam os meus, é porque eles ajudam todos da comunidade. (Terezinha de Jesus)*

Como a história de Dona Terezinha, outras histórias de vida estão na paisagem de Heliópolis, são famílias que aos poucos, mas de forma rápida e intensa desbravaram o desconhecido na busca de alcançar seus sonhos, de ter emprego e casa própria, em uma área pública.

Os novos moradores também começaram a se organizar para reivindicar água e luz para defender seus barracos. A história de Heliópolis é marcada por diversas ocorrências, muitas vezes violenta, envolvendo grileiros, invasores, mutirão, informalidade, luta contra a polícia. Mas também é marcada por conquistas, como a instalação de infra-estrutura e a posse da terra. A comunidade, desde 1971, foi buscando alternativas e soluções por intermédio de suas ações individuais e/ou coletivas para permanecer no bairro em formação. É a partir dessa interação com o meio que as pessoas organizaram as primeiras associações de moradores de Heliópolis.

Os relatos desses “pioneiros” descrevem também as primeiras relações de amizade, na igreja, ou com a vizinha que morava no barraco do outro lado do campo de futebol. Todo dia estavam juntas, lavando roupa e pegando água na mina, ou participando das primeiras reuniões comunitárias.





Figura 6 - Chácara na Rua Tamuatá, onde hoje fica a Escola Manuela Lacerda Vergueiro. 1969. Acervo Unas

Uma das primeiras moradoras de Heliópolis é Dona Conceição que descreve com detalhe as construções dos primeiros barracos; diz como eles eram a distância entre um e outro, os sentimentos de medo ou alegria ao desbravar um lugar vazio, desconhecido e cheio de mato<sup>46</sup>:

*Eu sou uma das primeiras, quando eu vim morar aqui , só tinha barracos, era o meu, da comadre Nilza, Dona Maria, mãe do Thiaguinho e finada Dona Júlia. Aqui era um matagal que eu fiquei com medo, pois eu mudei a noite e quando eu vi no outro dia aquele matagal...meu Deus. Mas aí Dona Lourdes falou com o tal do Mariano e esse homem vendeu um pedaço de terra para mim. Dona Lourdes me disse que não era dele não, mas mesmo assim ela financiou todo o meu barraco, de prego a telha, tudo, ficou um barraco tão bonito, 3 cômodos, ela comprou no depósito e pagou tudo à vista. (Dona Conceição, liderança, moradora )*

Dona Conceição, por meio da sua narrativa, mostra o saudosismo com relação à paisagem, às formas de sobrevivência por intermédio da iniciativa de montar um pequeno comércio, mas que por motivo familiar resolveu vender. Ela também fala das primeiras reuniões comunitárias, e como ela e outras mulheres começaram a participar:

*Eu já morava aqui já desde 79 e casei em 86. Eu tinha ainda o comércio pra eu cuidar, vendia pão e leite. Eu também cuidava de umas crianças e as assistentes sociais apareciam aqui, acho que pra ver quantas crianças tinham aqui em casa. Eu, com a ajuda, consegui construir meu barraquinho de madeira. Algumas pessoas falam para mim: 'Você quem começou a invasão aqui nesse canto. Com essa idéia de fazer sua casa lá em cima do morro.' (risos). Mas eu não tô nem aí. Depois eu inventei de colocar um comércio. Pus um comércio e vendia pão, leite, feijão, arroz, era tipo uma merceariuzinha, vendia por quinzena. As pessoas pegavam uma quinzena, vinha me*

<sup>46</sup> Narrativa de Dona Conceição realizada em fevereiro de 2008.

*pagava. Eu ia com aquele dinheiro comprava mercadoria. Me arrependi de ter parado meu comércinho. A gente às vezes faz as coisas porque está com raiva do marido e às vezes a gente perde os nossos trocadinhos (risos), então... (Dona Conceição B. Oliveira, liderança, moradora há 30 anos)*

O caminho cheio de mato, uma casa aqui e outra bem longe, esse era o percurso para chegar ao lugar de lavar roupa, louça e pegar água. A mina se tornou ponto de encontro de mulheres, crianças e alguns homens, conforme os relatos de Dona Conceição no Núcleo Mina e Dona Idelci no Núcleo Copario, que têm histórias parecidas, mas experiências diferentes:

*Agora vou falar das invasões. Então eu construí meu barraco de madeira. Eu saía assim conversando com o pessoal para não fazer barracos de madeira, porque era na frente da avenida e eles construíam nas ruas, ficava muitas coisas que eu não consegui, foi porque eles (ali onde tem umas vielas, Viela das flores, Vielas dos Jardins, que eles entraram em acordo pra abrir a rua larga. Se tivessem feito isso em todo o Heliópolis estaria tudo mais organizado. Porque ali naquela, nessa parte das vielas, ali já tinha os barracos antes da invasão e que aqui era tudo campo de futebol. Água a gente subia até a Estrada das Lágrimas, eu levava, balde e garrafões. (Dona Idelci Fernandes, moradora há 21 anos)*



**Figura 7 - Idelci sentado na frente da sua casa na Rua da Alegria**



**Figura 8 - Rua Da Alegria. Arquivo pessoal Idelci Fernandes**

Conforme o relato dessas três mulheres, frequentemente elas recebiam a visita das assistentes sociais da prefeitura que realizavam cadastro das famílias, orientavam sobre higiene, saúde, lixo, filhos, habitação, discutiam com as moradoras a possibilidade de ficar ou não naquele lugar e incentivava as mulheres a participar da vida comunitária. Naquele momento, era tudo muito incerto, mas a única certeza que as moradoras tinham era a confiança de querer ficar.

O ambiente construído começa a dar outra forma ao lugar, mas o ambiente natural ainda permanecia, pois a área era muito rica em córregos e pequenos riachos, mata atlântica e as minas d'águas. Nos relatos de moradores mais antigos, há a informação de que existiam muitos pontos de mina de água em Heliópolis. Só na Estrada das Lágrimas existiam mais de cinco lugares, e também nas Ruas Almirante Mariath, Rua União perto do córrego independência, ao lado da Igreja Santa Edwirges entre outros. O recurso natural água é o “lugar” que se torna referência para os moradores no início da década de 80, porque agregava mulheres e crianças nos seus afazeres diários ocasionando mais um ponto de encontro em Heliópolis. Hoje não encontramos mais nenhuma mina d'água, já que as mesmas estão debaixo das casas, ou atrás da creche da Mina e o que permanece é a força do lugar sustentada durante esses 30 anos através do nome da rua - Rua da Mina.

A história vivida e narrada mostra a relação dos moradores com a paisagem; uma marca dessa relação com os acontecimentos fica armazenada pela comunidade de diversas formas, por intermédio das fotos como nos mostrou a Dona Idelci, ou na memória de suas histórias familiares, como é o caso de Dona Conceição. Outra forma que representa essa relação com a paisagem são as escolhas dos nomes das ruas, cujos significados têm relação com os acontecimentos vividos pelos próprios moradores.

A história resgatada pela memória oral dos moradores traz referência a fatos, momentos ou pessoas, como podemos observar nos nomes das ruas: Rua da Mina, Rua Paraíba, devido à origem dos primeiros moradores naquela área, ou Rua Heliópolis que é próxima ao Hospital Heliópolis. São ruas que demonstram significados e sentimentos construídos e desconstruídos coletivamente ao longo desses anos. A Rua União é o local onde aconteceram as primeiras reuniões de moradores. Outros nomes indicam desejos da comunidade, como a Rua da Paz, e a Rua da Alegria. Há também, os nomes que homenageiam lideranças como a Rua João Miranda, liderança e ex-presidente da UNAS, a Rua Miguel Borges, liderança do núcleo Portuguesa e Rua Maria Ruth Sampaio, professora da FAUUSP, que deu assessoria a comunidade. As curiosidades ou controvérsias também estão nos nomes dos logradouros, como a Rua do Flamengo, em homenagem ao Flamengo do Moinho Velho, time dos jogadores/moradores, campeão do primeiro Campeonato Varzeano da Cidade de São Paulo (1962), ou a Rua Capitão Joaquim Antonio Mariano que aparece nos relatos dos moradores como um dos parentes do Senhor Geraldo Mariano, que se intitulava dono das terras. Estas ruas delimitam as glebas ou núcleos de Heliópolis e que são referências no lugar, que segundos Santos e Vogel (1985) as ruas *“são limites de um determinado território e unidades de alto significado para quem sabe reconhecê-las.”*

Dona Conceição, particularmente, nos mostra que sabe reconhecer a sua vivência na paisagem, pois ela explica como a Rua da Mina ganhou esse nome, quem eram as pessoas que estavam com ela e qual o seu papel na comunidade:

*Eu lavava roupa na mina, buscava água colocava o balde na minha cabeça e dos meninos tudo isso. Era assim, lá tinha uma tábua e onde saía à água o pessoa colocou um cano e só dava para três pessoas, quem fosse 5 horas da manhã lavava roupa e dava lugar para quem ia chegando. Mas tinha a mina cá em cima que é na Rua da Mina e lá quem deu o nome da rua foi eu, tenho as meninas de prova (referindo-se as assistentes sociais da prefeitura em 1978), o Seu Minenivo, eles estão tudo de prova, foi eu quem que coloquei. Ficaram falando: ‘Conceição temos que colocar um nome aqui pra essa rua.’ Eu disse: Tenho uma idéia, vamos por de Rua da Mina. A assistente social era a Lourdes que nunca mais eu vi, Rosana e Eliane que encontrei em Higienópolis. Tinha muita gente perto quando eu disse Rua da Mina, o Seu Minevino, Compadre Amaro, Comadre Neusa, todos estavam nessa hora. Encontrei com João Miranda na rua e ele disse para mim esses dias: ‘Conceição você que inaugurou isso aqui’ [referindo-se a Rua da Mina]. E eu disse: Foi eu mesma você não se lembra João? (Dona Conceição)*



**Figura 9 – Buscar água na bica da Estrada das Lágrimas, família do Sr. Antonio Holanda, 1960. Acervo UNAS**

Desde o final da década de 70, a paisagem de Heliópolis era desbravada e vivenciada, e ao mesmo tempo desconhecida, mas era apreendida pelas pessoas. As áreas verdes davam lugar aos barracos e aos usos dos novos moradores que chegavam. As tensões estavam ligadas à posse da terra, e à garantia de um barraco. Muitas vezes, os grileiros, se julgavam os “supostos donos do lugar”<sup>47</sup> e suas ações eram violentas, pois cobravam extorsivos aluguéis nos barracos construídos por eles, ou de alguma família que eles haviam despejado na noite anterior, como narrado por Lisandra, educadora popular.

<sup>47</sup> A área onde hoje está localizada a comunidade de Heliópolis pertencia a família Álvares Penteado e depois a COHAB.

*Morria muita gente, aqui era muito violento. E em uma noite invadiram nossa casa e fizeram a gente sair de madrugada mesmo, só com a roupa do corpo, tudo que minha mãe conseguiu ficou lá, fomos para casa da minha tia, eu perdi o ano na escola,”*  
(Lisandra Conceição de Jesus, educadora popular, moradora há 25 anos)

Mesmo assim, o sonho de possuir um terreno e construir a própria casa não cessava, pois esses moradores identificavam-se com outros moradores que tinham os mesmos sonhos e isso agregava força, gerava uma solidariedade e cumplicidade entre eles. Nas narrativas ficaram registradas as primeiras relações de amizade entre os moradores, as contribuições externas de outros grupos que fortaleciam as reuniões comunitárias, o processo, com a Pastoral da Igreja Católica ou com o partido político, mas que às vezes esses grupos atrapalhavam algumas negociações.

Os moradores de Heliópolis, quando questionados, relatam com orgulho suas vitórias, como a autoconstrução da casa, o mutirão para “bater a laje”, a criação da associação de moradores, à escolha de uma nova diretoria da associação, a conquista do terreno para a nova sede da associação, o nascimento do primeiro filho, a primeira creche conveniada, o casamento da filha, o primeiro projeto para adolescentes, ou o primeiro grupo de MOVA<sup>48</sup>. São ações que demonstram relação direta ou indireta com a paisagem.

As lideranças, durante anos, lutaram pela permanência no local, mas para poder seguir na caminhada por moradia digna, muitas mães precisavam deixar seus filhos na casa de outras mães, que eram conhecidas como “mães crecheiras”<sup>49</sup>. Então outra frente precisava ser aberta. Além da moradia era a luta pela creche e depois pela vaga na escola, ou seja, consequentemente pela educação.

Durante a organização do Movimento de Moradia e dos Sem Creche em Heliópolis, as pessoas deixavam suas famílias em casa para ir à reunião que acontecia na casa de algum morador. Eram homens e mulheres que andavam de um núcleo a outro para conversar com as famílias. Homens e mulheres que solteiros ou casados organizavam as reuniões e ficavam discutindo madrugada a dentro soluções para tentar resolver o problema da posse da terra e da grilagem.

Para tanto, o nosso pensar, partiu da compreensão de que essa paisagem é um lugar repleto de movimentos e experiências, como propõe Sandeville (2004);

*Paisagens são experiências de vida. Experiências partilhadas. Ignorar a intensidade, a tensão e a riqueza, a espontaneidade cheia de intencionalidades e contraditória desse*

---

48 □ Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos será descrito no capítulo Educação e Movimentos Sociais na paisagem de Heliópolis.

49 □ Movimento dos Sem Creche será descrito no Cap. Educação e Movimentos Sociais na Paisagem de Heliópolis

*partilhar experiências que constitui uma paisagem, é caminhar por elas de "olhos bem fechados", é atravessá-las como um burocrata, que ao focar os olhos nada tem para ver senão memorandos, hierarquias, ordens e as técnicas para sua catalogação e arquivo. Estudar paisagens, ao contrário, é abrir-se para uma dimensão estética (um ampliar da sensibilidade), uma dimensão poética (um ampliar dos significados), uma dimensão técnica (no sentido de uma técnica concebida sob um juízo social coletivo), uma dimensão crítica que fundamenta a mudança numa perspectiva humana, no que esta palavra convida a uma ação ética e solidária.*

É com esse foco que buscamos refletir sobre Heliópolis e suas pessoas, pois em um período de 30 anos a favela cresceu rapidamente e com isso seus problemas, mas também sua organização comunitária através das reivindicações populares. A organização espacial de Heliópolis deriva de uma dinâmica que não é particularmente própria, ou à parte da cidade ou da população, mas é um espaço que se destaca de outros locais da cidade devido à força que a mobilização social construiu.

## **HELIÓPOLIS HOJE**

Heliópolis está consolidada no município de São Paulo e se destaca das outras favelas justamente pela organização comunitária que ao ser fortalecida foi modificando a paisagem por meio das apropriações e do sentido de pertencimento dado por essas pessoas. Encontramos uma realidade dinâmica, com sujeitos que tem suas vidas e seus laços sociais entrelaçados com o lugar. Esta ligação se apresenta como um fator fundamental por nós pesquisado, pois as formas de organização popular que aconteceram em Heliópolis durante os anos 80 e 90 nos mostram hoje os resultados alcançados através dos equipamentos sociais conquistados e da participação, apontando para caminhos que essa comunidade ainda percorrerá.

A paisagem em Heliópolis durante a pesquisa demonstrou ser um vasto campo de significados, tensões e contradições<sup>50</sup>. As pessoas que lá vivem, conhecem e se expressam dentro de suas histórias e demonstram criar e fortalecer seus laços afetivos com o lugar. A cada dia vão reconstruindo sua vida, oferecendo mais significados a essa paisagem. Através das narrativas de vida das lideranças, fomos conhecendo paisagens que estavam vivas nas memórias das pessoas, mas que ao mesmo tempo nas ações mostravam que estava em transformação e que os modificava também. São histórias de Conceição, Solanges, Genesias, Cleides, Geraldos, João e Marias<sup>51</sup>, e de tantas outras pessoas que hoje constroem um Heliópolis que Educa.

---

50 SANDEVILLE, Euler Jr. 2005:1.

51 Esses nomes são de lideranças comunitárias que começaram a transformar e a construir o bairro de Heliópolis. São migrantes nordestinos e de outros lugares do Brasil que decidiram vir para São Paulo para trabalhar, construir seu lar, mas por ação da prefeitura ou pela procura de um lugar para morar chegaram a Cidade do Sol, como é conhecida por alguns, pois hélios significa Sol e polis cidade.

Essa “*experiência partilhada*” com quem produz diariamente a paisagem de Heliópolis dá a nós pesquisadores a possibilidade do conhecer por meio do saber ouvir e sentir as histórias vividas e contadas pelos moradores. Segundo Angileli (2007, p.18), *assim, é extremamente rico o exercício que constitui o processo de conhecimento da paisagem, de compreender o mundo. É pensar nossas responsabilidades perante os problemas atuais, sejam sociais e/ou ambientais*”, pois são essas pessoas que produzem a paisagem que se deseja cotidianamente, ou a representação mais próxima dela, ou em alguns casos, a paisagem que é possível.

Em Heliópolis encontramos pessoas que dedicam sua vida para transformar a paisagem em um lugar bom para se viver, que não haja violência, que tenha educação, saúde e emprego para todos. Percebemos e ouvimos pessoas que querem sair de Heliópolis, pois não aguentam mais viver em condições precárias, são mulheres e homens que relatam suas dificuldades e tristezas por morar em Heliópolis. São mães e pais que perderam seu filho para o problema das drogas, ou por uma bala perdida de ladrão ou da polícia, ou um marido assassinado por bandidos. São histórias que marcam a existência do sujeito naquele lugar.

A dinâmica estabelecida pelos moradores com a paisagem muitas vezes contribui na relação com o lugar nos aspectos positivos ou negativos, ou seja, percebemos que as pessoas que tem afinidade com o Heliópolis, são pessoas que tem afetividade com o lugar de uma forma mais ativa, cooperativa e até solidária.

As relações que as pessoas estabelecem com o lugar e, conseqüentemente, com suas redes de relações sociais<sup>52</sup>, revelam um sentido de pertencer àquele lugar. Lisandra jovem educadora popular e liderança comunitária, que percorre Heliópolis de ponta a ponta, tem uma rede social intensa, já teve a oportunidade de ir morar e atuar na Brasilândia<sup>53</sup>, zona norte do município de São Paulo, mas comparando as duas periferias diz que, como Heliópolis não existe outro lugar.

*Eu adoro esse lugar, eu adoro isso aqui. Eu moro aqui e vou até o meu trabalho, de uma ponta a outra, eu gosto de ir a pé, porque eu vou pelo caminho que eu já trabalhei. Por exemplo, eu trabalhei na Rua da Alegria (apontando no mapa), na creche, na São Gregório, no Mova. Passo na minha tia, tomo um cafezinho e vou conversando com as pessoas, vendo o movimento, levo horas nesse trajeto e, quando chego, o meu marido ta lá com a cara desse tamanho (risos). Conheço a Brasilândia, já trabalhei lá e é bem diferente daqui. (Lisandra)*

---

52 Entendemos aqui como formas de interação e relacionamento entre pessoas e ou grupos em um determinado contexto social. Podemos ver mais em Lioiela e Moura (1997), ou Costa e Martinho (2003).

53 Em Paisagens Reveladas – No Cotidiano da Periferia/ Distrito de Brasilândia Zona Norte no Município de São Paulo, Angileli realiza sua pesquisa sobre a percepção do morador do Distrito de Brasilândia e as transformações da paisagem, ela investiga como essa percepção está ligada diretamente a sua origem, cultura, tempo de moradia no distrito e principalmente às suas expectativas e sonhos com o lugar e como a vivência na paisagem é essencial para a sua compreensão e para agir sobre ela com parâmetros reais.

Ao dizer que adora *morar em Heliópolis*, Lizandra nos mostra a sua relação com a paisagem, que é decorrente da forma como ela foi se relacionando com a mesma e também o modo como ocorreu a formação da paisagem, como se deu a organização comunitária e de como e quanto o sujeito, como é o caso dela, tem relação com essa história ou com esses movimentos locais.

Mapa 2: Heliópolis e a divisão por núcleos



Fonte: <http://www.favelization.com/>

## VIVER EM HELIÓPOLIS EU MORO EM HELIÓPOLIS

O Heliópolis como outras periferias de São Paulo é constituído de uma alta densidade de casas, as edificações são derivadas da “autoconstrução”, arruamentos irregulares, casas com pouco ou sem nenhum recuo em relação às calçadas e ruas. Os barracos construídos no chão batido nos anos de 70 e 80, hoje dão espaço às casas de alvenaria, que se destacam pela criatividade na infra-estrutura para driblar a precariedade. A maioria das casas são geminadas, estreitas com pouca ventilação e luminosidade, chegando até a impossibilidade de haver janelas em um processo intenso de verticalização. Esse adensamento significa piores condições de vida, já que são mais pessoas vivendo no mesmo espaço.

Sampaio e Pereira(2003) explicam que essa situação de verticalização das favelas, conjuntamente com a ação imobiliária é parecida com processos que acontecem na cidade:



*Encontramos nas favelas maiores e com mais anos de existência, como Heliópolis, que completou trinta anos em 2002, e que hoje é a maior favela de São Paulo, um processo de verticalização que começou há poucos anos e vem se impondo de forma constante: não havendo mais para onde se estender e com os preços imobiliários elevados, tal como no restante da cidade, as favelas crescem para o alto. (SAMPAIO e PEREIRA, 2003, p.174)*

Ou seja, uso do solo é, predominantemente, residencial, alta densidade de construções em lotes pequenos, em uma topografia plana, com baixas declividades, com baixíssimo índice de vegetação e próxima a córregos.

Na área mais próxima a São Caetano e do lado de São João Clímaco encontramos casas maiores, ou seja, casas com garagem e jardins, que reproduzem o padrão burguês de casas isoladas. Essas residências são de moradores mais antigos, demonstrando um marco da ocupação, pois são famílias que se apropriaram de uma maior área, dispunham de um maior recurso financeiro e a cada dia foram melhorando a fisionomia estrutural de sua casa. As famílias que não tiveram as mesmas condições, cada uma do seu jeito, foram arrumando a sua casa, ocuparam as áreas que ainda restavam em Heliópolis como os campos de futebol. Hoje encontramos alguns barracos espalhados por Heliópolis, que proporcionam aos seus moradores uma má qualidade de vida, como na área conhecida como Pilões, onde localizamos nas vielas os barracos ao lado de casas de alvenaria.



**Foto 10 e 11 : Casa no Núcleo Pilões e Casa no Núcleo Mina. Fotos Gildevan Felix e Cláudia Cruz**

É interessante destacar o cuidado que os moradores têm com a casa, a importância do morar se reflete nas melhorias e nas transformações que as famílias vão fazendo no ambiente interno do lar. Foi possível observar, durante as entrevistas, nos almoços ou festas de aniversário, o cuidado que as pessoas possuem com o ambiente interno de suas casas. Os cômodos têm suas paredes rebocadas, alguns pintados com cores mais vivas (verde, azul, laranja, rosa), o piso cerâmico está por toda casa, tudo muito limpo, os móveis da sala apresentam toda uma estética própria e na cozinha, a maioria possui os eletrodomésticos da linha branca como fogão, geladeira, micro-ondas, liquidificador, entre outros utensílios domésticos, as panelas todas bem “ariadas” brilham em cima do fogão ou em cima dos armários. Nesse caso podemos perceber que as famílias que cuidam do ambiente interno de suas casas não têm a intenção de sair daquele lugar.

O mutirão para a construção de casas e equipamentos sociais foi uma das ações dos movimentos populares que se destacou principalmente na década de 80 nas favelas de São Paulo e em Heliópolis, isso não foi diferente. Nos estudos realizados nas pesquisas de Gohn (1999), Rolnik (2002) e Nabil (2005), encontramos a seguinte sequência de acontecimentos nas periferias: no primeiro momento a construção de várias casas e a reivindicação por água e luz, em seguida a busca por equipamentos como posto de saúde e creches. Todas essas fases contêm formas de relação entre os moradores com o lugar gerando uma consciência individual e depois coletiva, ocorrendo uma organização popular.

*Quando teve a invasão no Copario (apontando no mapa), foi em 87, minha mãe pagou 600 cruzeiros, eu acho, e junto vinha 600 blocos. Aqui onde tem o conjunto habitacional hoje. Esses 600 blocos não davam para construir nem um cômodo, então o barraco era bloco com madeira. Morria muita gente, aqui era muito violento. E em uma noite invadiram nossa casa e fizeram a gente sair de madrugada mesmo, só com a roupa do corpo, tudo que minha mãe conseguiu ficou lá. Fomos para casa da minha tia, eu perdi o ano na escola, nessa época meu pai voltou pra casa com um emprego bom e compramos um terreno na Rua Gaspar, do lado do córrego, nem tem aqui no mapa é perto da Rua Natali. Na época, tinha uma demolição lá perto e a minha casa foi construída com restos da demolição, não tinha água e íamos buscar onde hoje é a Rua da Mina e também na Estrada das Lágrimas. Ali perto da Sabesp, tínhamos que pular o rio, era barro, brejo, nossa! Minha mãe caçava rã para a gente comer, hoje que eu descobri que é chique.” (Lisandra)*



Foto12 Mutirão no Copario .  
Acervo UNAS



Foto 13 - Mutirão  
Acervo UNAS

Toda a autoconstrução já tem por característica a laje, pronta a ter outra casa ou outro cômodo em cima e quem vai morar nesse “puxado” é sempre um parente, conterrâneo ou algum amigo familiar e quando fica pronta quase sempre tem uma festa para comemorar esse dia, como se fosse um rito de passagem. Durante as entrevistas, encontramos três famílias morando em uma casa de cinco andares, sendo que o pavimento térreo é a mercearia da família.



Foto 14 - Casa na área das primeiras ocupações



foto 15- Casas ao lado do Hospital Heliópolis



FIGURA 16 - Casas feitas no processo de Mutirão



FIGURA 17 - Verticalização Fotos:Cláudia Cruz

A maior parte dos conjuntos habitacionais em Heliópolis estão localizados nas glebas N, E e A, pois foram as áreas compradas pela COHAB em três momentos diferentes<sup>54</sup>. Por todo o Heliópolis há a marca das gestões públicas. A maior gleba é a K e a prefeitura para os projetos de urbanização a divide em K1 e K2. No entanto, denominação é diferente da divisão compreendida e vivenciada pela comunidade, já que enquanto a prefeitura nomeia as áreas como Glebas, a comunidade denomina como Núcleos. Para a comunidade a gleba K engloba o núcleo Mina, Lagoa, Flamengo e PAM e nesses núcleos não há conjuntos habitacionais. Manoel que é uma liderança muito ativa em Heliópolis relata as transformações ocorridas desde 80 com a construção dos conjuntos habitacionais;

Figura 18- Foto área – Glebas K(roxo) , N(azul) e A(laranja) - Subprefeitura do Ipiranga

<sup>54</sup> Em março de 1984 a área foi então oficialmente transferida para o Banco Nacional de Habitação (BNH), dando condições para que a COHAB desse início para as medidas para a urbanização da área. Sampaio (1991, p. 63)



*Hoje aqui em Heliópolis temos muitos prédios, mas não são suficientes, pois muitas pessoas ainda pagam aluguel. A fase que mais mudou aqui foi à fase do Jânio Quadros(1986-1988), pois ele colocou um escritório aqui dentro e hoje temos aqui a rua das casinhas do Jânio. Outra fase que eu vejo de mudança foi quando o Maluf (1993-1996) resolveu construir o anel viário, ele tirou 600 famílias, construiu o Cingapura na divisa com São Caetano e colocou essas famílias lá. Depois veio a Marta Suplicy(2001-2004) que deu sequência nos Cingapuras, mas não fez muito, sua gestão não marcou como obra, mas o que marcou na sua administração eram as reuniões permanentes para discutir o projeto habitacional de Heliópolis. E quando ela saiu, esse círculos de discussão dos projetos, de discutir as coisas toma outro rumo, que eu acho que é a desgraça para São Paulo, pois essa gestão que está aí [referindo-se a Gestão do prefeito Gilberto Kassab] consegue ser pior que a do Maluf. Essa gestão que está aí não tem lado e quando senta para negociar não cumpre o que foi acordado. Por exemplo o Jânio Quadros deixava claro que queria o desfavelamento. Na época da Luiza Erundina foi época de mutirões por toda a São Paulo, mas aqui em Heliópolis foi um pouco menos, pois os mutirões maiores já tinham sido feitos, mas havia muita participação dos moradores nas reuniões.(Manoel Otaviano, liderança do Movimento dos Sem Teto de Heliópolis, morador há 23 anos)*

É importante destacarmos algumas reflexões realizadas por Valladares (1981) ou Zaluar (1985) sobre as políticas habitacionais. Esses autores explicam que os gestores públicos pensavam a favela como um problema e para solucioná-lo bastaria remover as famílias para conjuntos habitacionais de baixo custo e esses poderiam ser incorporados à “sociedade”. Por outro lado a política de remoção de favelas e a construção de conjuntos habitacionais também alcançaram um sentido político de conseguir apoio popular, mesmo na ditadura. Nesse caso, também muda a forma de habitação, transformando a configuração dos espaços públicos.

Como podemos ver nessas fotos há uma maior concentração de casas e equipamentos sociais nos núcleos Mina, Pam e Portuguesa (gleba K), através do Programa de mutirão de casas e do outro lado verificamos os conjuntos habitacionais no núcleo Heliópolis (gleba A e N) e Imperador

(gleba E) que são dos programas habitacionais da COHAB e do Programa de Urbanização e Verticalização das Favelas do Município de São Paulo (PROVER) e o Programa Bairro Legal/Urbanização de Favelas, formando diferentes tipologias habitacionais, mas o que podemos observar é que a horizontalidade nas periferias passa a ser o padrão tanto para as casas quanto para os conjuntos habitacionais.

Nabil Bonduki, na gestão de Luíza Erundina, foi Superintendente de Habitação Popular (Habi) da Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano (Sehab) - Prefeitura do Município de São Paulo (1989-92). Em um artigo publicado em jornal<sup>55</sup>, ela relata que, na sua gestão, foram construídas casas em mutirão, blocos de apartamento e investimento em urbanização em uma parte da favela de Heliópolis. Ainda segundo ele, a prefeitura também terminou 4 prédios de apartamento de classe média, formando o condomínio Piazza San Carlos iniciados na gestão Jânio Quadros. De acordo com Manoel, a liderança do Movimento de Moradia, nessa gestão havia muita conversa com a população, a prefeitura abria espaço para o diálogo, “*muitas vezes não era aquilo que queríamos, mas sempre aconteciam reuniões conosco.*”



**Figura 19 - Ocupação por moradores do escritório piloto de hab. 1986**  
Acervo UNAS



**Figura 20- Primeiros prédios do Conj. Habitacional**  
Acervo UNAS

<sup>55</sup> Artigo “Do plano ao fogo de Heliópolis”, Folha de São Paulo, 25 de julho de 1996.



Figura 21 e 22 - Imagem área de Heliópolis –  
Subprefeitura do Ipiranga



Figura 23 - Conjunto Habitacional 120 -Gleba N  
Fotos: Cláudia Cruz



Figura 24 - Campo de Futebol - Vila Carioca  
Fotos: Cláudia Cruz

## **O TRANSPORTE PÚBLICO, O COMÉRCIO E OS MORADORES**

Nas calçadas ou pelas ruas dentro de Heliópolis, podemos observar logo cedo, às 6 ou 7 horas da manhã, muita gente circulando, um vai e vem de pessoas continuamente, para trabalhar por lá mesmo, ou para pegar o ônibus e ir para o metrô ou a outras regiões. A Estrada das Lágrimas, a Rua Cônego Xavier ou Av. Almirante Delamare, são as principais vias, pelas quais passam os transportes público, pois, eles não entram na comunidade, já que as ruas são estreitas, os carros muitas vezes ficam estacionados nas calçadas pela falta da garagem e mal passam dois carros lado a lado. A circulação é intensa, as pessoas estão a pé, de bicicleta, de carro, de moto, de ônibus, de lotação, intenso sem parar, nas ruas sem arborização de Heliópolis.

As lideranças, durante esses anos de luta reivindicavam em cada nova gestão pública a entrada de micro-ônibus na comunidade, mas os responsáveis pelo transporte público no município já alegavam diversos motivos impedindo os moradores de terem ônibus na porta de suas casas e isso deixava as lideranças indignadas como relata João Miranda, sobre a falta do transporte público dentro da comunidade:

*Cada prefeito diz uma coisa, já falaram que os ônibus não podem entrar aqui porque não tem segurança, não há micro-ônibus suficiente, ou até mesmo que não há demanda. Como não há demanda se os ônibus aqui na Estrada das Lágrimas saem cheios, com as pessoas penduradas nas portas?”(João Miranda, liderança comunitária, morador há 25 anos).*

Nas principais vias, verificamos um uso misto entre pessoas, residências, serviços e comércio, segundo o morador e presidente da Associação dos Comerciantes de Heliópolis (ACHE) Wanderley Geraldo. Ele nos relata que há muitos bares, são quase mil e alguns deles são musicais que à noite se transformam na opção de lazer de jovens e adultos. Os músicos geralmente são pessoas da comunidade que trazem de suas origens nordestinas o forró e o sertanejo para “matar a saudade” da cidade natal e esquentar as noites em Heliópolis.

Com uma população de aproximadamente 130 mil habitantes (IBGE,2002), há um grande comércio, são 2,6 mil estabelecimentos comerciais, que abrem suas portas logo cedo e que vendem de tudo. São padarias, açougues, salões de beleza, peixarias, mercados, lojas de roupas e artigos diversos, papelarias, copiadoras, postos de gasolina, farmácias, lojas de assistência técnica, oficina mecânica, revendedoras de motos, pet-shop, mini-shopping, lan - houses, casas do norte e agências bancárias. Muitos comércios são extensão do lar dos seus donos, que moram no fundo ou na parte superior destes estabelecimentos. O som alto das lojas com suas promoções ou as músicas dos bares, juntamente com os sons dos motores dos carros, motos e ônibus e muita gente conversando mostram a intensidade da vida em Heliópolis:

*De fato observa-se nas favelas um mercado consumidor cada vez mais exigente que, inclusive, tem animado o processo de especialização e complexificação da oferta de bens e serviços, e de facilitação do crédito ao consumidor, o que supõe uma maior inclusão do comércio na favela no âmbito do mercado financeiro – cheques e cartões de crédito já fazem parte há algum tempo do cotidiano da favela. (FARIAS, 2002, p.135)*

Em 2003, o Instituto Superior de Estudo da Religião (ISER), realizou a pesquisa Favela, “opinião de mercado”, com 37 favelas cariocas e descobriram que, 24% dos moradores de comunidades pobres, enquadram-se na classe B, 96% das famílias tem TV colorida e 57% lavadora de roupa. Conforme citado anteriormente por Farias (2002), essa parcela da população é vista como um



mercado consumidor e atrai para suas comunidades empresas e concessionárias de serviços públicos. Percorrendo Heliópolis podemos ver os postes de energia que têm inúmeras ligações elétricas irregulares, mais conhecidas como “gatos”. Desde 2005, a AES -Eletropaulo<sup>56</sup> está realizando um trabalho de conscientização dos perigos das instalações elétricas irregulares instalando um posto de serviço dentro da comunidade para a regularização do fornecimento de energia nas casas, mas há um longo caminho de sensibilização dos moradores a ser percorrido. Um ponto de encontro em Heliópolis é a lanchonete Mac Favela do Seu Adelmo e sua esposa, a qualquer hora do dia ou da noite o estabelecimento tem gente. Os proprietários há 13 anos, dizem que sentem orgulho do seu estabelecimento e que o Mac Favela é local de referência para quem quer comer algo rápido e gostoso em Heliópolis e sempre que tem alguém visitando a comunidade é para lá que é levado.

*A justiça já tentou tirar o nome de Mac Favela, porque o Mac Donald's entrou com uma ação, mas graças a Deus nós conseguimos. Os meus lanches são diferentes, lá eles não vendem nem suco natural! O que as pessoas mais gostam é a coxinha e o Mac Calabreza. O Suplicy, o Mercandante já comeram aqui. (Seu Adelmo, comerciante, morador há 16 anos)*

Ao lado da lanchonete e em outras ruas de Heliópolis, encontramos o comércio informal, são os vendedores ambulantes espalhados pela comunidade. Eles vendem de tudo, são CDs, DVDs, capinhas para celular, milho cozidos, tênis, sorvetes entre outros objetos. As carrocinhas ou barracas ficam instaladas na frente de algum comércio, ou na saída de alguma viela, casas, escadarias ou esquinas.



Figura 25 – Comércio em baixo e residência em cima. Fotos Cláudia Cruz Soares

*A inoperância das leis é em si um instrumento de reprodução da desigualdade porque só resta aos trabalhadores clandestinos a vulnerabilidade à corrupção ou ao clientelismo. Não é à toa que depois de três séculos de legislação sobre o tema, pouco*

<sup>56</sup> Concessionária e distribuidora de energia elétrica

*avancamos para contrariarmos a lógica perversa da irracionalidade da ocupação dos espaços públicos pelo trabalho informal e tampouco das formas de repressão.*  
(ITIKAWA, 2004,p.345)

A pesquisa de Luciana Itikawa nos revela que temos leis interessantes, sobre a regularização e a organização do comércio informal, mas que as mesmas operam para uma minoria que consegue se encaixar na lógica da regularidade e esse não é o caso de muitos trabalhadores informais de Heliópolis.

O vendedor instala-se na calçada que já é estreita e esse comércio obstrui a passagem das pessoas, dificultando a circulação, atrapalhando a mobilidade e direcionando essas pessoas as ruas, que por sua vez já está cheia de carros e motos. Por outro lado esse é a forma de renda de um trabalhador que provavelmente possui uma família que é sustentada por esse trabalho informal. Encontramos também famílias inteiras que exercem essa atividade que não é regulamentada e nem controlada pelo poder público. Eles ganham pouco e não tem nenhum direito trabalhista. Segundo Abramo (2005, p.25), “os mercados informais nas favelas estão bastante ativos e, em muitas situações, com taxas de atividade bem superiores aos dos bairros formais.”

Em Heliópolis, o comércio ao ar livre é intenso, mas como as ruas não são só caminhos ou vias de passagem, por elas logo cedo andam pessoas que estão indo para o trabalho. São mães levando seus filhos para as creches ou escolas, para os centros da criança e do adolescente, para o instituto de música, para a casa de um amigo ou parente. Muitas crianças com as mochilas nas costas e de mão dadas com o irmão mais novo ou com o amigo também caminham pelas ruas de Heliópolis sozinhas e vão para esses equipamentos sociais, mostrando logo cedo uma autonomia e uma responsabilidade imposta pela necessidade.

Durante todo o dia, encontramos as pessoas nas ruas que batalham pelo seu dia-a-dia, solitárias ou acompanhadas, muitos adolescentes e jovens nas quadras e nos bares, mostrando o quadro do desemprego, autônomos procurando serviço de eletricista, encanador ou pedreiro. Os carroceiros e/ou catadores também fazem parte dessa paisagem: logo cedo, lá estão eles, antes de o lixeiro passar, começando a trabalhar, revirando os lixos amontoados nas portas. Mulheres cuidando de sua casa, de seus filhos e do filho dos outros.

As ruas de Heliópolis, logo após o horário de trabalho ganham intensa movimentação. Os moradores estão na frente de suas casas, os garotos saem com suas motos, crianças e pais voltam da escola. São atores sociais que constroem a paisagem de Heliópolis cotidianamente:

*Aqui, quando dá umas 6 horas, você as meninas subindo a Rua da mina, indo pegar o ônibus na Estrada das Lágrimas, para ir pra faculdade, é muito bonito ver aquele monte de gente tentando ter outra vida. (Solanje Agda, liderança, moradora há 21 anos)*

As entidades religiosas, as associações de moradores e as ONGs também estão por toda a comunidade, realizando projetos individuais ou em parcerias. Algumas entidades atuam com cunho assistencialista<sup>57</sup>, realizando a entrega do leite, cestas básicas ou roupas para as famílias previamente cadastradas pelas associações ou pelo poder público. Outras entidades atuam com políticas de intervenção e promoção humana, com projetos voltados a práticas educacionais formal, não-formal, culturais, artísticas, religiosas, de saúde e esportivas. A maioria das entidades locais atua em uma única vertente, ou seja, elege um legado e constrói a identidade da entidade com base nesse tema, nessa necessidade. Todas procuram cada uma do seu jeito, conforme sua potencialidade, suas estratégias e sua mobilização social, conquistar melhores condições de vida para a comunidade.

As ações da igreja católica, hoje, continuam em Heliópolis como em outras periferias, porém, com menos intensidade do que na década de 70 por meio das Comunidades Eclesiais de Bases<sup>58</sup>. A maior igreja católica de Heliópolis é a igreja de Santa Edwiges que está na região desde 1968. Em seus registros<sup>59</sup>, verificamos a atuação da Pastoral com moradores da Vila Carioca (família de imigrantes italianos, pois a área pertencia à Fazenda São Caetano dos Padres Beneditinos) e às famílias que já moravam nas imediações da Fazenda Heliópolis.

No mês de junho tradicionalmente é realizada a quermesse junina que atrai muitas pessoas da comunidade, mas é em outubro, na semana do dia 16 que a Igreja organiza uma grande festa para a padroeira, com procissão, quermesse e missas atraindo católicos e simpatizantes da santa de todo o Brasil. A igreja católica<sup>60</sup> através da Pastoral acompanhou de perto a história de Heliópolis. Hoje, a Igreja realiza ações comunitárias, com projetos voltados as causas sociais da pobreza, atuando com educação e capacitação profissional de jovens e adultos.

As igrejas evangélicas também desenvolvem trabalhos comunitários, suas ações religiosas, seus cultos, atraindo seus velhos e novos fiéis, pois montam suas redes sociais e os “irmãos” ajudam-se pela fé, conforme narrado por Lucivânia;

*Depois que meu marido faleceu, eu mandei arrumar mais aqui, fui tampando os buracos e não tinha mais passagem pra os ratos entrarem. Agora melhorou um pouco, eles ficam ai fora só tenho que tomar cuidado com a porta, pois se ela estiver aberta ele entram. Hoje eu sou evangélica estou nos caminhos do Senhor, encontrei muita força*

---

57 Entendemos aqui por “assistencialismo” uma política que ofereça bens escassos as pessoas de forma individualizada. Nesse caso não mantém ou estimula uma luta coletiva e organizada no sentido de tornar a participação ativa.

58 A organização popular tendia a crescer na medida em que os problemas não eram resolvidos e tratados com seriedade, aliada as insatisfações populares e uma maior intensificação das ações das Igrejas, principalmente através das CEBs e uma parcela de membros de Igrejas Protestantes. Esta situação levou a organização do I Encontro Nacional Contra a Carestia e direitos humanos, em 1979. Em agosto do mesmo ano têm início as atividades do Movimento das favelas de São Paulo, que reunia 70 favelas da região sul. (SANTOS, 2007 p.80)

59 A consulta aos registros históricos da igreja foi realizada na mesma, não sendo permitindo a saída ou cópia de qualquer documentação.

60 Conforme dados do IBGE (2000) a população residente de São Paulo é de 37.035.456, sendo que 26.039.203 são católicos, 6.311.233 são evangélicos, 1.883.645 tem outras religiões, 2.695.655 não tem religião e 105.720 não declaram.

*com o pastor e eu recebo ajuda deles quando preciso, mas eu também ajudo os meus irmãos.” (Maria Lucivânia, moradora há 15 anos)*

Esta pesquisa teve que perpassar sobre as formas de apropriação dos espaços públicos, na intenção de subsidiar a metodologia aplicada na pesquisa, pois a percepção e a apropriação dos espaços acontecem de forma variada, visto que depende das conjugações feitas pelo morador e o espaço.

Refletindo que a cidade tem um cenário de controvérsias, uma disputa de classes e grupos sociais, a apropriação dos espaços públicos pode ser física ou simbólica, sendo uma luta constante entre os grupos. Muitas vezes as ações que acontecem na cidade, ou no bairro, fazem parte dessa disputa e a apropriação do espaço público em Heliópolis é designada pelos padrões criados pelos próprios moradores e por alterações realizadas pelos projetos de urbanização.

## **DOS CAMPOS DE FUTEBOL ÀS ÁREAS LIVRES**

Como já comentado, antes da década de 70. Heliópolis tinha mais de 20 quadras de futebol. Hoje as áreas livres quase inexistem, pois as poucas quadras e praças estão dentro de espaços privados, dentro dos conjuntos habitacionais, ou em equipamentos públicos, como é o caso da quadra do Posto de Assistência Médica (PAM), e da quadra no Hospital Heliópolis ou da Escola Municipal Presidente Campos Salles. Essas quadras são utilizadas nos finais de semana pelos moradores organizados em times de Futebol como Ratatá Heliópolis.

A liderança Cleide Alves, durante a pesquisa nos mostrou onde estão as áreas livres verdes, e relata que esses espaços estão “aqui em Heliópolis somente nos espaços internos dos prédios, nas glebas G e A, no pátio de Heliópolis e em algumas escolas.”

Além dos moradores jogadores de futebol, os educadores das entidades que não possuem espaços físicos suficientes para determinadas atividades recreativas ou esportivas também utilizam esses espaços. Raramente é feito um pedido de autorização para a administração dos equipamentos de saúde, o que é feito é um aviso prévio da utilização do espaço. Durante a pesquisa foi possível acompanhar nos finais de semana a utilização intensa por times de futebol da comunidade, e na semana por entidades que atuam com crianças e adolescentes. Foi possível perceber que não há equipamentos de lazer suficientes para atender toda a comunidade e a mesma com improviso e criatividade vai alternando seus espaços.

Não encontramos em Heliópolis árvores nas calçadas, evidenciando a ausência de áreas verdes e/ou algum tipo de arborização urbana. A falta de árvores em Heliópolis está relacionada também ao fator calçada, pois elas são estreitas e com a entrada das casas e das garagens fica inviável. Quando uma área livre dá sinal de que possa existir, logo é consumida pela

necessidade de um ou de vários moradores que constroem suas garagens, como podemos observar na foto, a ocupação das áreas. A arquiteta Lizete Maria Rubano fez uma pesquisa sobre os usos dos espaços públicos nos conjuntos habitacionais pelos moradores e ela explica que;

*Tem-se observado ações dos moradores voltadas à alteração dos projetos originais, quer seja por meio da realização de obras nos edifícios construídos, (anexando-se pequenas construções, criando aberturas não existentes originalmente), quer no uso inadequado dos espaços coletivos e públicos. Aqui, há uma tendência de apropriação privada destas áreas, fechando-as e revelando-se uma dificuldade de manutenção e gestão, o que tem colocado ao projeto uma triste perspectiva: a da redução da dimensão do coletivo e público no espaço da habitação social.(RUBANO, 2008)*

Em todas as oficinas de percepção e nas entrevistas semi-estruturadas, quando os atores eram perguntados sobre áreas verdes em Heliópolis, a resposta era quase que imediata, a lembrança era somente do estacionamento do Hospital Heliópolis que possui uma área de estacionamento com eucaliptos e algumas plantas nativas. “Áreas verdes aqui fica muito a desejar. No momento só lembro-me de algumas árvores dentro do hospital Heliópolis”. (Marizete da Silva, educadora, 30 anos)



Figura 27 - Área livre ocupado por garagens



Figura 28 - Área verde considerada pelos atores de Heliópolis. Fotos Cláudia Cruz

O intenso movimento nas ruas de Heliópolis é uma maneira de apropriação que contribui de forma expressiva para uma qualificação da rua nos seus diversos usos. É na rua que há os momentos de convivência, os moradores se encontram, trocam informações, havendo uma mistura social. Podemos olhar a Rua Paraíba como um pequeno centro em Heliópolis, pois por si só, durante o dia ou à noite há uma movimentação constante de pessoas. A rádio Heliópolis está localizada nessa parte da comunidade. O Bar do Geraldo é a sede dos acontecimentos nessa

paisagem, o recinto já recebeu muitos visitantes ilustres<sup>61</sup>, como ele mesmo declara. A rua já foi palco de reuniões políticas, festa do dia das crianças, assembléias de moradia e a tradicional quermesse junina que acontece há 15 anos.

A Rua da Mina é sempre lotada, cheia de gente e carros, contemplando uma variedade de atividades; se fosse só isso, ela seria muito semelhante à Rua da Paraíba, mas há uma diferença entre elas. A Rua da Mina concentra vários equipamentos sociais, a sede da União de Núcleos, Associações e Moradores de Heliópolis (UNAS), uma quadra poliesportiva, o Centro da Criança e Centro do Adolescente Mina (CCCA), o Centro de Educação Infantil Mina (CEI), o Telecentro e a Biblioteca Comunitária Heliópolis. Além dos bares, salões de cabeleireiro, quitanda, loja de cosméticos, açougue, costureiras e muitas famílias que estão lá desde 1978.

As ruas de Heliópolis também já foram cenários de gravações de documentários<sup>62</sup>, assembléias de habitação, campanhas políticas, assinaturas de financiamento de obras públicas, shows, caminhadas e corridas.

## MOVIMENTOS E MOMENTOS NA GLEBA K RUA DA MINA E RUA PARAÍBA



Figura 29 - Quadra Poliesportiva da UNAS.  
Foto: Gildevan Felix



Figura 30 - Ação do dia das crianças. Foto:  
Cláudia Cruz

<sup>61</sup> "Os senadores Eduardo Suplicy, Aloizio Mercadante, o cantor Gilberto Gil, o arq. Rui Ohtake cada um vem aqui e gosta de uma coisa, aqui não tem essa não, todos são atendidos no balcão e já voltaram mais de uma vez." (Geraldo de Souza, 51 anos)

<sup>62</sup> Retratos de Gênésia - TV Cultura (1993), Caminhos e Parcerias - Heliópolis produção Neide Duarte (2005), Reality Show sobre Jovens e Sua Cultura - MTV-Itália (2007)



Figura 31 - REExposição do Proj. Arte em Heliópolis.  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 32- Bar do Geraldo –organização do dia das crianças Foto: Cláudia Cruz.



Figura 34 - CEI Mina Foto: Gildevan Felix



Figura 35 - Dia das crianças -2008  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 36- Corrida de Heliópolis 2009 Cláudia  
Foto: Gildevan Felix



Figura 37- Assembléia de moradia 2007  
Foto: Cláudia Cruz



**Figura 38 - Mutirão sobre a Dengue 2008**  
Foto: Cláudia Cruz

**Figura 39 - Votação do projeto de Urbanização 2007**  
Foto: Cláudia Cruz

## UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS À NOITE

Como já relatado anteriormente, há vida na noite em Heliópolis. Não há tantas pessoas na rua, como durante o dia, mas os espaços privados como os bares estão abertos, proporcionando aos frequentadores música ao vivo, com cantores e/ou bandas de forró.

Mas não é só de forró que as noites são agitadas, encontramos também outras festas como o Bonde da 3, que são movidas a funk<sup>63</sup>, realizadas na gleba N ou Paquistão como aquele núcleo é conhecido. Essas festas ocorrem nas ruas Florestal e 3 de maio, onde um ou mais bares e vários carros colocam o som alto, e os jovens ficam andando de um lado a outro da rua, fazendo grupos, ou rodinhas de dança.

Os moradores não reclamam, porque, são ameaçados pelos traficantes. A festa vai madrugada adentro, com um público muito jovem de adolescentes com idade mínima de 12 anos, os bares vendem bebidas alcoólicas para qualquer adolescente independente da idade, e as drogas são comercializadas ali mesmo na rua. Como em outras periferias, Heliópolis também tem a violência e o tráfico de drogas. Isso acaba por territorializar alguns espaços públicos, limitando o direito da tranquilidade e o ir e vir dos moradores, principalmente durante a noite nesse núcleo.

Em contraponto a essas festas durante a pesquisa nos deparamos com as festas de Hip-Hop, a Balada Black e a Balada da Prevenção realizada pelas lideranças jovens da UNAS, com o objetivo de envolver os adolescentes em outro tipo de festa, mas que tem até um cunho

<sup>63</sup> O funk é uma música originária dos Estados Unidos realizada por grandes nomes da música pop como James Brown, Aretha Franklin, entre outros. Importado para o Brasil na época dos Festivais, os principais artistas brasileiros que faziam o funk eram Jorge Ben Jor, Tim Maia, Tony Tornado, e mais atual é a Sandra de Sá. Ao longo da nacionalização do funk, os bailes - até então, realizados nos clubes dos bairros das periferias da capital e região metropolitana - expandiram-se céu aberto, nas ruas, onde as equipes rivais se enfrentavam disputando quem tinha a aparelhagem mais potente, o grupo mais fiel e o melhor DJ. Neste meio surge DJ Marlboro, um dos vários protagonistas do movimento funk. Com o tempo, o funk ganhou grande apelo entre moradores de comunidade - as músicas tratavam o cotidiano dos frequentadores: abordavam a violência e a pobreza das favelas. Ao final da década de 90, além de todas as variantes acima, surgiram músicas com conotação erótica. Essa temática, caracterizada por músicas de letras sensuais, por vezes vulgares, que começou no final da década, ganhou força e teria seu principal momento ao longo dos anos 2000. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Funk\\_\(Brasil\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Funk_(Brasil)) acesso 12/08/09.



educativo por parte dos organizadores. Promovidas desde 2008, essas festas têm como objetivo alertar os jovens sobre os perigos das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis ou de uma gravidez indesejada. A bebida servida ou vendida é o refrigerante, suco ou água e a cada semestre essa festa vem aumentando o número de participantes. A idéia surgiu dos próprios DJs da comunidade Rogerinho e Thiago que estão envolvidos em projetos sócio-educacionais e são locutores da rádio Heliópolis, junto com eles outras jovens lideranças aprimoram o projeto da Balada Black, como Cláudia Neves, Rogério e lideranças comunitárias que atuam diretamente com adolescentes e jovens de Heliópolis e região, como a Solanje Agda e Genário. O envolvimento da festa é através da música, da dança e do grafite e simultaneamente há um jogo de informações sobre saúde, sobre prevenção.



## APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA BUSCA DE SOCIEDADES MAIS HUMANAS

*Eu estou absolutamente feliz por estar vivo ainda e por ter acompanhado essa marcha e como outras marchas históricas revelam o ímpeto da vontade amorosa de mudar o mundo, essa marcha dos chamados Sem Terra. Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio em seu tempo histórico de marchas. Marchas dos que não tem escola, marchas dos reprovados, marchas dos que querem amar e não podem, marchas dos que se recusam uma obediência servil, marchas dos que se rebelam, marchas dos que querem ser e estão proibidos de ser. Eu acho que afinal de contas as marchas são andarilhagens históricas pelo mundo. (Freire, abril, 1997)<sup>64</sup>*

Empenhados em continuar o legado de Paulo Freire sobre a importância das marchas, as lideranças da UNAS desde o início do movimento de Moradia já realizaram muitas marchas e caminhadas em Heliópolis. Conforme o relato da liderança Solanje Agda,

<sup>64</sup> Última entrevista de Paulo Freire realizada em sua casa pelo grupo da PUC/RJ. 17 de abril de 1997. [www.paulofreire.ufpb.br](http://www.paulofreire.ufpb.br)

*Nós já participamos de várias marchas até o centro de São Paulo, as lideranças femininas participam da Marcha das Margaridas<sup>65</sup> e é muito bom encontrar outras mulheres que estão na luta como nós. O movimento de marchas, de caminhar faz parte do processo histórico da comunidade. (Solanje Agda)*

As lideranças de Heliópolis enquanto movimento social apropriam-se dos espaços públicos por meio das marchas para mostrar à comunidade a importância do envolvimento para combater e mostrar à sociedade as situações de desigualdade social. Segundo Noieto (2004, p.18), a Cultura de Paz para a UNESCO é uma ferramenta que visa a realizar uma transformação na sociedade contemporânea, pois declara que a Cultura de Paz é divulgada como uma construção que requer participação e reconhecimento da diversidade. *“Portanto, não comporta passividade ou camuflagem de conflitos, desigualdades e injustiças sociais”*.

A primeira Caminhada pela Paz foi realizada em 1998. Essa manifestação surge como um gesto da comunidade em aclamar pela paz, pela educação, pela solidariedade e justiça, pelas ruas de Heliópolis, pois a adolescente Leonarda foi assassinada na porta da EMEF Presidente Campos Sales pelo ex-namorado por ciúme. Ciúme que está ligado a uma desestrutura social e emocional da sociedade, mas que reflete diretamente no indivíduo. São Leonardas, Fernandas, e Eloás da nossa sociedade que partem a cada dia. Segundo Braz Nogueira, diretor da EMEF desde 1995, a caminhada *“nasceu da vontade de conhecer as ruas e vielas de Heliópolis, mostrando à comunidade uma situação que não poderia acontecer novamente”*. Para concretizar essa idéia, ele foi conversar com a Liderança João Miranda que na época era presidente da UNAS, e de imediato compreendendo a proposta, aceitou o desafio. Em três meses eles organizaram a primeira caminhada com o tema, *“Queremos Paz! Violência Nunca Mais”*. E, desde então, anualmente, a Caminhada da Paz acontece aumentando a cada ano o número de participantes. A estimativa da Polícia Militar e da CET, é que na última Caminhada ocorrida no dia 12 de junho de 2009, estavam presentes 10.000 pessoas, mas a comunidade diz que o número é de 13.000.

A caminhada ao longo desses 10 anos adquiriu grande adesão da população da região. Essa mobilização contrasta com os fatos apresentados pela mídia, que não noticiam esses acontecimentos e priorizam as notas de violência, de forma pontual e descontextualizada. Não estamos dizendo aqui que não é para noticiar os fatos que acontecem nas comunidades, mas sim o modo como eles são apresentados aos telespectadores. A falta de atenção da imprensa, nos mostra sua predisposição de veicular notícia que chame a atenção da sociedade,

---

<sup>65</sup> Homenagem a Margarida Maria Alves, liderança paraibana que morreu na luta. Nome de um dos CEIS da comunidade.

representando a periferia de forma violenta e estigmatizada. Não há pautas que noticiem experiências exitosas, com atores ativos, com propósitos de mudança.

Segundo o jornalista do Jornal da Tarde, Josmar Jozino (2007,p.79), “a escolha das pautas se baseia na linha editorial dos veículos que , na maioria dos casos, privilegia a cobertura de bairros nobres das cidades onde estão concentrados seus leitores.” E na mídia televisiva ele diz que o processo é o mesmo, pois “pobre não se interessa pela história de outro pobre.”. No caso de Heliópolis talvez não seja bem assim.

Hoje, para a Caminhada acontecer, há uma organização que conta com um planejamento e com a participação das entidades locais, das escolas e do comércio. A organização da próxima caminhada sempre começa quando a caminhada do ano termina. Além da questão da Paz e Educação os participantes da caminhada elegem um tema através das escolas e entidades. O tema se torna transdisciplinar, pois é discutido em todos os lugares de aprender de Heliópolis, ou seja, dentro e fora da escola:

*A caminhada é importante porque ela traz uma integração entre a comunidade, as escolas e os projetos sociais. Ela contribui, pois para ela ser montada ela depende disso, depende da participação de todos, eu acho muito interessante. A questão da violência aqui era grande. Depois que começamos a fazer a caminha da paz, onde os adolescentes e a comunidade começaram a participar você nota que há uma diferença, pois antes só participavam os equipamentos (escolas e projetos sociais) e agora ela foi evoluindo. Nesse sentido ela contribui hoje todos querem participar da caminhada, as famílias, as escolas outros projetos. As escolas que nunca participaram ligam para saber qual o tema do ano, qual o tipo de trabalho que há para se fazer, como podem participar. Acredito como educadora que os adolescentes conhecem muitas pessoas e vão dizendo e chamando uns aos outros , dizendo que a caminhada é legal, que vai ter a caminhada da paz, um vai puxando o outro . Temos muitos jovens aqui que vieram por indicação de outros , pois eles vem participar dos projetos por causa das ações que são realizadas aqui na comunidade. (Flávia Gomes, 28 anos, cantora, liderança, coordenadora do projeto Agente Jovem, junho 08) <sup>66</sup>*

A caminhada tem seu início e o final em frente à EMEF Pres. Campos Salles, tomando o seguinte trajeto: Rua Cavalheiro Ernesto Frontine , Estrada das Lágrimas, Rua da Mina , Rua Paraíba, Rua da Alegria, mais conhecida como Copario, Rua Silva, Travessa Padre II, Travessa Itamarati, Avenida Almirante Delamare, Rua Cel. Silva Castro, Rua Santa Edwiges, Estrada das Lágrimas e segue novamente até a Rua Cavalheiro Ernesto Frontine , num percurso de 4,5 km com duração de 3 horas e meia.

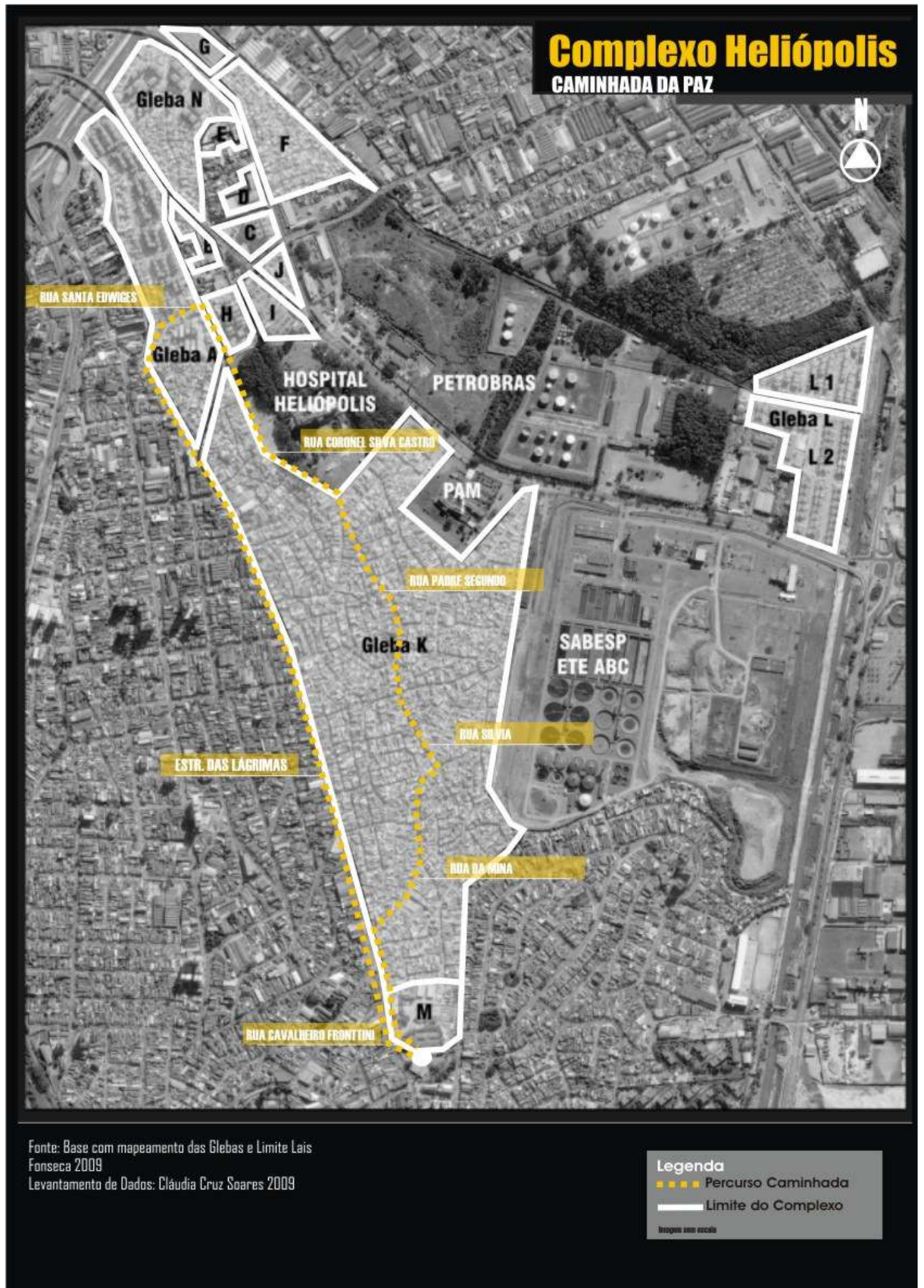
---

<sup>66</sup> Entrevista realizada em junho de 2008.

Entrando em Heliópolis por ruas estreitas, caminham moradores, lideranças comunitárias, padres, pastores, crianças e adolescentes, diretores e coordenadores de creches e escolas, professores, parceiros, políticos, convidados, moradores de outros bairros como Ipiranga, Pinheiros e Vila Mariana e de outras cidades como São Caetano, Diadema e Carapicuíba. A caminhada passa por carros e motos estacionados nas calçadas, por famílias que acompanham a caminhada de suas casas, observando todo o movimento, outras pessoas esperam para começar a andar junto, roupas secando nas janelas dividem espaço com cartazes com frases e enfeites pedindo paz. As pessoas conjuntamente compartilham a paisagem de Heliópolis.



Mapa 3: Mapa do percurso da caminhada



Assim, a caminhada adentra o coração de Heliópolis com carros de som, que levam músicas, poesias e falas das lideranças aos ouvidos e corações das pessoas. As lideranças chamam a comunidade para participar da caminhada, explicando qual a importância desse momento, dão voz aos moradores da comunidade para dizer quais são os seus desejos para Heliópolis se tornar um bairro que educa. As lideranças ao microfone convidam as pessoas a participar dos encontros de Moradia, dos Movimentos da Educação, do Movimento dos Sem Creche, ou MOVA.

*A caminhada é importante porque Paz é tudo e se você não tem emprego, educação você vai ter paz? É essa luta que temos na nossa comunidade e é essa questão do direito a educação, a moradia. Como teremos paz se você não tiver essas coisas básicas? (Antonia Cleide, liderança comunitária, moradora há 25 anos e hoje está como presidente da UNAS)<sup>67</sup>*

O tema da Caminhada nesses últimos dois anos (2008 e 2009) foi sobre Heliópolis Educador e para contemplar a participação dos jovens nesse movimento, esse ano os grupos poderiam desenvolver uma música com o tema e essa tornar-se-ia o manifesto. O grupo O Avante Coletivo<sup>68</sup> que atua em algumas escolas e equipamentos sociais de Heliópolis levou a idéia aos seus espaços de trabalho e conjuntamente com outras crianças e adolescentes montaram a letra da música. Durante a pesquisa tivemos a oportunidade de conhecer as atividades dos meninos na comunidade. A história dos meninos, nos foi contada por eles mesmos, na elaboração da disciplina colaborativa Arte e Paisagem. São jovens que estavam largados nas ruas de Heliópolis e São Paulo, são cuidados, única e exclusivamente por mães e avós, sem a ajuda da família. São jovens que lutam a cada dia para fazer a diferença na sua comunidade e no mundo. E por meio desse esforço, nesse ano, eles conseguiram, conhecer a Europa, escreveram um projeto e foram selecionados a participar das comemorações do Festival de Cem Anos Brasil - França que aconteceu em Paris- França e no Brasil.

*Segunda -feira é segunda-feira em qualquer lugar, mesmo aqui, do outro lado do Atlântico. Por isso, para não contrariar as estatísticas, acordamos cedo, tomamos o café no próprio alojamento e as 9h30 já estávamos no Pólo Cultural Evasion, da onde seguimos para uma apresentação na escola de educação infantil La Victorie, no centro de Âmbares. Fomos recebidos por uma turma com cerca de 30 crianças, de 7 a 11 anos. O DJ Régis fez algumas demonstrações nas pick-ups, e o Luiz na percussão. Apresentamos as fotos de Heliópolis, do acervo da mostra "Cicatrizes", e respondemos perguntas sobre a cidade de São Paulo e o Brasil. Todas as atividade foram muito bem*

---

<sup>67</sup> Entrevistas realizadas em junho de 2007 e 2008.

<sup>68</sup> Grupo formado por jovens da comunidade, suas formas de expressão são o Hip - Hop, a discotecagem e o grafite.

assimilada pelas crianças que, no final, nos pediam autógrafos [risos] e folhas com desenhos que remetem ao graffiti pro Chinês.



Figura 44 - Escola em Lagrave



Figura 45 - Escola de música de Ambarès

Como foi possível verificar as ruas de Heliópolis passam por várias formas de apropriação e cada uma mediante a prática executada pelo grupo. Santos e Vogel fazem uma análise bem interessante sobre o contexto ruas;

*Os significados da rua são todos os seus próprios lugares e usos contextuais. Os recortes e as apropriações dos espaços, além de múltiplos, são não exclusivos, o que quer dizer que muitas atividades podem coexistir no mesmo espaço, redefinindo-o.*  
(SANTOS e VOGEL, 1985, p.129)

Percebemos que, por meio da articulação das lideranças grande parte dos moradores está presente e participam das ações propostas pela UNAS. Podemos refletir sobre uma apropriação do espaço público pela comunidade através da entidade, pois é onde as lideranças, conjuntamente com os moradores, discutem, planejam e organizam esses espaços, contemplando práticas de diferentes grupos sociais, (como mães, negros, jovens, desempregados, entre outros) pensadas a partir da realidade e das necessidades da comunidade, refletindo em uma construção social de formato participativo na paisagem.

Durante a pesquisa nas Oficinas de Percepção Ambiental, constatamos que os educadores que participam ativamente das ações propostas pela UNAS sobre um bairro que educa, relataram que ao observar e compreender o bairro, por meio dos processos de formação, eles estabeleceram vínculos mais cooperativos com a comunidade, no processo eles conheceram famílias, ruas e vielas sobre as quais, não tinham conhecimento anterior. Esse novo saber adquirido quando transformado e conscientizado pode gerar sentimento de pertencimento e mais adiante na elaboração de projetos, essa forma de pensar pode conduzir a novas práticas educativas na paisagem de Heliópolis. Esse tema será tratado no capítulo Práticas Educativas na Paisagem.



Figura 46 - Caminhada 2009 - Concentração EMEF Pres. Campos Salles  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 47 - Concentração - Grupo de Mulheres  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 48 Caminha pela Cel. Silva Castro



Figura 49 Rua da Alegria

Fotos: Cláudia Cruz





## Participação e Educação em Heliópolis

3  
CAPÍTULO

UNAS  
SEM TETO  
HELIÓPOLIS

VAGAUSS



# • PARTICIPAÇÃO E EDUCAÇÃO EM HELIÓPOLIS

---

## **LUGARES DE APRENDER I - EDUCAÇÃO FORMAL**

Neste capítulo, buscamos compreender as formas de participação e os processos coletivos que ocorreram em Heliópolis, onde os projetos sociais, culturais, educacionais e programas de urbanização melhoraram a qualidade de vida dos moradores, criando novas possibilidades de organização e vivência dessa paisagem.

Investigamos esses processos coletivos como uma dimensão do que acontece no social. No decorrer desses anos, a comunidade passou por processos de organização, mobilização e participação, em graus e formatos diferentes, ora latentes, ora intensos, contribuindo para a instalação de equipamentos públicos e também para o envolvimento das pessoas.

Durante a pesquisa encontramos lideranças que nos relataram suas histórias de lutas, relembrando as formas de participação na década de 80. Naquele tempo, as reuniões de moradores duravam horas ou até dias, não havia diálogo com o poder público, e os embates com os grileiros, ou até mesmo a polícia eram constantes. Alguns atores expressaram o cansaço, e as diferenças nas formas de envolvimento dos moradores:

*Organizávamos muitas reuniões, as pessoas queriam ter informação, queriam saber como participar. Eu sinto que hoje o movimento aqui em Heliópolis ainda é forte, mas antes as pessoas se envolviam bem mais. Parece que está tudo pronto, que está tudo bem, não precisa de mais envolvimento. (Solanje Agda, liderança)*

Podemos dizer que na comunidade há um desânimo em algumas lideranças mais antigas, o que segundo o sociólogo Gabriel Feltran<sup>69</sup>, é um fenômeno que está ocorrendo nos movimentos, podendo isso ser objeto de novas pesquisas. Uma de suas hipóteses é que esse fato se alia “à constatação de que os indivíduos jovens dos locais em que os movimentos atuam já cresceram sob o desânimo e a racionalidade instrumental típica do período neoliberal, e não se envolvem tanto quanto antes”. (FELTRAN, 2005, p.264). O desânimo é decorrente também da falta de resultados diante a proposições entre poder público e comunidade, mas nem por isso há uma desistência das lideranças, porque uma estimula a outra à participação.

Durante as experiências partilhadas em Heliópolis, percebemos que o fio condutor para a pesquisa estava principalmente nos processos coletivos de participação comunitária. Então ficou mais interessante pesquisar e conceituar as formas de participação. Processo muito ligado às formações dos educadores dentro de uma prática pedagógica, política e social, em que a importância da participação está no contexto de formação das lideranças, como relatou a liderança Cleide Alves, em uma oficina sobre participação e militância:

*“A militância e a participação são entendidas para muitas pessoas como uma coisa que passam para gente, e que eu tenho que parar de fazer a rotina e participar da militância agora. Precisamos sistematizar tudo isso e analisar. Agora cada um aqui deve estar olhando para sua prática. Foi o objetivo de hoje, olhar o seu projeto e em volta dele. Estamos olhando a militância como um fardo e não é isso que estamos falando aqui, não é essa a idéia. Quando trouxe Paulo Freire e um trecho sobre educação, foi para provocar sobre como participamos. E estamos vendo compartilhado, e de novo a gente está fazendo compartilhado, e ainda justificamos a falta de participação pela falta de tempo”. (Cleide Alves, liderança)*

Além da moradia, da saúde e da educação, conforme os relatos das lideranças é oportuno dizer que a participação em Heliópolis é também uma necessidade. Ninguém nasce sabendo participar, mas com o tempo por meio da observação, da experiência os atores adquirem habilidades e também se aperfeiçoam. Por isso, para Jair Militão<sup>70</sup>, é importante que o pesquisador tenha conhecimento sobre o nível e o grau de participação dos atores sociais, pois na pesquisa essa percepção resultou em uma melhor forma de planejar o trabalho de campo:

*Em relação a um acontecimento ou a uma realidade qualquer, podemos ser afetados por ela sem que tenhamos interesse na mesma, e esse será o grau mínimo de*

---

<sup>69</sup> Sociólogo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) e do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com doutorado-“sanduiche” na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Seus temas hoje são as transformações nas dinâmicas sociais e políticas das periferias urbanas, com foco nas ações coletivas e no “mundo do crime” em São Paulo.

<sup>70</sup> Pedagogo, doutor e livre-docente em Educação pela USP, mestre em Filosofia da Educação pela PUC-SP e especialista em Administração e Educação Comunitária.

*participação; podemos ser informados, o que significa um grau um pouco maior de participação; podemos ser consultado, sendo nossa opinião utilizada como mais um formação para quem toma as decisões; é possível ainda que façamos parte da tomada de decisão, sendo nossa posição um componente a ser levado em conta. A participação envolve muitas vezes a questão do poder. (MILITÃO, 2003, p.12),*

Na pesquisa, conhecemos pessoas que não tiveram e não têm conhecimento do processo histórico ocorrido e vivido na comunidade<sup>71</sup>, mas que de alguma forma foram influenciadas por tomadas de decisão de um coletivo. Nele o cotidiano na favela é modificado constantemente por processos ocorridos e impulsionados pelas entidades locais, e/ou pelo poder público.

Por intermédio das leituras e da vivência, percebemos que o processo de construção de uma comunidade participativa começa na aprendizagem do cotidiano, na família, na escola, na comunidade, pois em cada contexto e na busca do próprio espaço de participação, os atores agem na tentativa de defender interesses individuais ou coletivos mais imediatos.



**Figura 50 - As escolas da região, 1960. Largo São João Clímaco, ao fundo a Igreja de São João Clímaco. Acervo UNAS. Nesse local hoje está a Igreja de São João Clímaco e o Pólo Educacional**

Em Heliópolis, a educação formal tem esse caráter e essa importância no pensamento e no comportamento das lideranças que estão à frente do Movimento de um Heliópolis que Educa. As escolas são espaços dentro da comunidade, que tradicionalmente têm o objetivo de ensinar, com currículos pré-estabelecidos por diretrizes nacionais de educação. Mas, em Heliópolis alguns equipamentos de cunho educacional estão ligados à luta por serem introduzidos na comunidade por intermédio da reivindicação popular. Ter escola significa educação para as crianças de mães e pais que desejam que os filhos e filhas tenham um futuro melhor, muitas vezes diferente do seu.

<sup>71</sup> Há uma comunidade jovem em Heliópolis, segundo o IBGE (2002) 52% da população tem de 0 a 25 anos.

Para Paulo Freire (1991), a participação acontece por meio do diálogo entre os atores e a realidade. Para ele, as pessoas deveriam discutir as questões sociais, e esse processo poderia ocorrer desde cedo na própria escola, por meio do seu papel educativo, conscientizador com o objetivo de criar uma participação democrática.

Na região do Heliópolis, em 1960 foi construído o primeiro colégio municipal, ao lado da Igreja São João Clímaco, onde hoje há a EMEF Pres. Campos Salles. A primeira creche conquistada pela comunidade do Heliópolis foi a Parque Heliópolis, hoje EMEI Batista Cepelos, próxima aos alojamentos “provisórios”, inaugurada no dia 21 de junho de 1979, mas como uma única creche não conseguia atender a demanda, as mães continuavam a se reunir e reivindicar por mais equipamentos sociais no local. As mães “crecheiras” viviam momentos de superlotação em suas casas e o movimento dos Sem Creche foi crescendo conforme a necessidade que se colocava à frente. Segundo Gohn, o Movimento de Luta por Creches se inicia também no final da década de 70, coincidentemente na mesma época da primeira EMEI de Heliópolis:

*O Movimento cuja origem destacou-se a organização das mulheres nas CEB, a influência do movimento feminista e do movimento pela anistia. A luta por creches levou na época, a prefeitura paulistana a expandir a rede de creches públicas, então com quatro unidades apenas, lançando um plano para a criação de quinhentas unidades. Mas, logo no início dos anos 1980, deixou-se de priorizar as creches sob administração direta, devido a seus altos custos, e retomou-se a política de convênios com entidades, como as filantrópicas e religiosas. E disso resultou outro movimento social, o das creches conveniadas. (GOHN, 1985, p.132)*

Tivemos a oportunidade de conhecer algumas creches de Heliópolis e percebemos que elas não são só o lugar em que a criança fica o dia inteiro, mas para as lideranças, torna-se um espaço agregador, o ponto de partida e de encontro para as transformações sociais e educacionais, pois são os futuros cidadãos dessa comunidade que estão sendo atendidos nesse bairro que se pretende educar.

O incentivo e a busca por projetos para a formação das educadoras populares também é outro caminho percorrido pelas lideranças, ganhando cada vez mais espaço nas discussões sobre políticas públicas. O processo de formação não está voltado somente para a prática pedagógica das salas de aula, mas sim para uma formação integral, em que elas possam perceber que o espaço infantil não está desconectado da comunidade, e que é preciso criar uma simbiose nesse

processo. Por esse motivo um dos critérios para a seleção de educadoras na comunidade é preferencialmente ser moradora de Heliópolis.<sup>72</sup>

As lideranças comunitárias por meio da luta por equipamentos sociais e pelo processo de formação das educadoras na comunidade alteram a paisagem, pois há uma modificação na forma como as pessoas agem nela. Os encontros promovidos pela UNAS, por outras entidades ou ONGs locais em Heliópolis reivindicam uma efetiva e formal participação da população. São inúmeras atividades que contam com a participação dos moradores, como assembléia nas ruas para discutir a implantação de uma nova creche, consulta pública dos moradores de uma determinada rua para a escolha do nome da mesma fundamentado na história local, discussão com gestores públicos para a implantação de um novo conjunto habitacional, criação de ruas de lazer, festas comunitárias e conselhos setoriais (educação, saúde, segurança) ou de escola. São diversas as formas de participação e manifestação que a cada ano, novas pessoas vão aderindo ao “movimento”<sup>73</sup>, mesmo assim existem pessoas que não querem participar e outras que não tomaram conhecimento da informação para participar.

As reuniões, as assembléias, as audiências públicas ou os conselhos têm como objetivo, definir junto à comunidade as prioridades para a melhoria de qualidade de vida, sendo também uma alternativa para a inovação institucional na esfera da gestão social, e essas participações, se bem valorizadas, podem se constituir como processos coletivos de aprendizagem.

Entendemos aqui a participação como questão fundamental para possibilitar uma formação dos envolvidos para a ampliação da base democrática, para a conquista de um efetivo controle social sobre as ações do Estado e também para construção dos projetos educacionais, habitacionais, urbanísticos e artísticos coletivamente, pois aprendemos na prática. Mas para que isso aconteça é necessário compreender e aprender como funciona o Estado, quem são os atores sociais envolvidos e como eles se relacionam, ou seja, nesse mosaico todos somos peças fundamentais e cada um possui sua função e habilidades que devem ser respeitadas e priorizadas.

Em Heliópolis, durante anos, a comunidade compreende o funcionamento do Estado por meio da experiência com o mesmo, pelas lutas e dificuldades, nas articulações para a sua permanência na área e para sua própria organização mediante a cidade. O Movimento de Luta pela Moradia, desenvolvido pelos moradores é um exemplo disso, o que se traduz na luta diária, pois essas

---

<sup>72</sup> A escolha das educadoras dos CEIs é realizada pela UNAS, que abre um edital para o processo seletivo (prova escrita e entrevista). Depois que as futuras educadoras são escolhidas e contratadas, há processos de formação sobre: a história da educação, história do lugar, cuidados e atenções nas creches, a importância da participação de mães e pais, e sobre a análise de conjuntura política e social do Brasil. Um dos critérios para a escolha das educadoras é ser moradora da comunidade e ter vontade ou perfil de liderança. Durante a pesquisa em visita as creches, verificamos que todas as educadoras são mulheres, muitas fizeram o magistério no nordeste, outras aqui em São Paulo. Todas têm mais de 21 anos, 60% das educadoras estão fazendo pedagogia devido o programa de bolsa da Universidade São Marcos, 25% já fizeram e 15% ainda não têm o curso superior e poderão não atuar em 2010 por causa do artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, que estabelece o seguinte: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”.

<sup>73</sup> Como a própria comunidade de Heliópolis denomina essas ações.

lideranças atuam mediante a própria demanda local que ainda existe. São pessoas que pagam aluguel, famílias que moram com outras famílias, pessoas que ainda não são donos de sua casa própria.

Na história política do Brasil, a presença dos atores sociais é uma constante nos movimentos de resistência ou de rearticulação diante das mudanças políticas, econômicas e sociais que o país vive. Destacamos nessa investigação a importância que esses movimentos populares têm no campo de força sócio-político e o reconhecimento de que suas ações impulsionam mudanças sociais diversas. Por esse motivo, para reconhecer Heliópolis como uma paisagem que proporciona transformações foi extremamente importante reconhecer e experienciar os movimentos existentes conhecendo a sua história e sua atuação presente.

O líder comunitário Manoel Otaviano<sup>74</sup> relata que, na década de 80, a atuação dos movimentos sociais era mais forte, pois as pessoas se libertaram da ditadura e os movimentos de luta pela moradia ganham aliados, como as instituições religiosas, como a Igreja Católica por intermédio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), do grupo da “Teologia da Libertação”, dos movimentos estudantis, principalmente alunos de Direito, dando assessoria e mediação aos grupos populares. Esses grupos juntamente com as lideranças elaboravam as propostas que eram discutidas em reuniões comunitárias com a COHAB e/ou a Secretaria de Habitação do município. Essa ação permitia um aprendizado, e as lideranças ganhavam experiência para argumentar em outras situações parecidas. A compreensão por meio desses apoiadores permitiu aos atores interferirem e produzirem formas e ações na paisagem.

O local dos encontros no núcleo Heliópolis na década de 80 era um barraco/uma moradia de uma liderança, um dos primeiros daquela área. Um espaço de múltiplos usos que a noite era usada para reuniões, e de dia funcionava como creche. O barraco era a referência dos moradores, pois havia atendimento para quem queria informação, ou fazer queixas contra os grileiros e/ou a prefeitura que queriam expulsá-los da área. Esse barraco como podemos observar na foto se tornou a sede da Sociedade dos Amigos, Moradores da Favela Heliópolis onde hoje funciona o C.C.C. A Heliópolis na Rua Cel. Silva Castro.

---

<sup>74</sup> Manoel Otaviano da Silva nasceu no Piauí na cidade de Alegrete. Logo que chegou a São Paulo, em 1986, foi morar na em Heliópolis, envolvendo-se na luta pela moradia e assim, começou sua militância partidária na área da habitação e saúde. Participa da Central de Movimentos Populares (CMP) e na União dos Movimentos de Moradia (UMM). Hoje Manoel é um dos diretores da UNAS e acredita na missão da entidade. Para a sua atuação, Manoel fez cursos de formação de lideranças nas centrais de movimentos populares, no Instituto Polis (2002), participou de congressos em outros estados e quando retorna diz que o grupo está no caminho certo.





Figura 51: Sociedade dos Amigos e Moradores da favela de Heliópolis, 1981 – Acervo UNAS

Hoje o Movimento da Luta pela Moradia realiza encontros mensais para debater sobre o tema, cria comissões, leva à comunidade informações sobre o movimento que acontece em outros lugares da cidade, procura áreas desocupadas em Heliópolis ou nas mediações, traz especialistas para debater sobre o assunto, organiza comissões para conversar com o poder público, leva suas reivindicações e contribuições na intenção de interferir nas políticas públicas da cidade.

Nos encontros de moradia, foi possível notar a presença de muitas crianças que estão com seus pais e mães, pois os mesmos não têm com quem deixar os filhos. A maioria dos participantes tem mais de 25 anos e são migrantes do nordeste (Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Bahia), e do sudeste (Minas Gerais e outros do interior de São Paulo). Entre eles estão trabalhadores, desempregados, autônomos, que pagam aluguel ou moram, com seus familiares. No encontro do dia 27 de maio de 2008, as lideranças mostraram um mapa que localizava a existência de três áreas livres na região, uma no Sacomã (até o momento desconheciam o dono), outra em São João Clímaco (área pertencente à prefeitura) e a outra na Vila Arapuí (área particular).

As reuniões de moradia são dinâmicas e têm como objetivo formar os moradores para que eles entendam como funciona a cidade. Na reunião que acompanhamos, a pauta era sobre o conselho de habitação e o objetivo da reunião era esclarecer aos moradores dúvidas que surgiram na reunião anterior com a presença da prefeitura: o que é um Conselho de Habitação? Qual a sua importância e atuação? Quem são os representantes da região? Como e quando votar?

Para Manoel Otaviano, o trabalho de mobilização não para, é um processo contínuo e sempre há pessoas novas participando, e ele relata que dessa maneira, sempre se recomeçam os trabalhos de formação comunitária:

*“...temos exemplos de pessoas que vinham acompanhando as reuniões durante 4 anos, mas quando foram sorteadas para ir morar no conjunto habitacional, no outro mês não vieram mais a reunião. Talvez isso signifique que a pessoa só está aqui conosco porque quer morar nos apartamentos. Mas sempre aparece gente nova, e aí começamos tudo de novo”. (Manoel Otaviano )*

Essa análise da liderança Manoel nos leva a uma reflexão sobre a prática participativa e a mudança de atitude dos participantes na área da moradia, pois quando a pessoa recebe a chave do apartamento e não comparece mais a reunião pode significar que ela estava ali por um único e pessoal interesse que é o da casa própria. Os movimentos sociais também são formados por interesses individuais, que se inserem no rol dos direitos humanos fundamentais como é o caso da moradia.

Hoje os movimentos remetem-nos às práticas sociais vivenciadas pela comunidade no contexto histórico de Heliópolis. Cada casa, obra, creche, mutirão e marcha, comprovam as ações vividas, bem como socialmente criadas e difundidas pelo movimento social urbano. O sociólogo Boaventura de Souza Santos<sup>75</sup> questiona se esses movimentos, em algum momento não são maximalistas e globalizantes, optando por interesses coletivos universais para o bem de toda a humanidade, deixando o Estado mais distante de suas obrigações e usando da democracia representativa para fingir participação. Ele afirma que esses movimentos sociais vinculam-se ao:

*[...] identificar novas formas de opressão que extravasam das relações de produção e nem sequer são específicas delas, como sejam a guerra, a poluição, o machismo, o racismo ou o produtivismo, e ao advogar um novo paradigma social menos assente na riqueza no bem-estar material do que na cultura e na qualidade de vida, os Novos Movimentos Sociais denunciam com uma radicalidade sem precedente, os excessos de regulação da modernidade. Tais excessos atingem, não só o modo como se trabalha e produz, mas também o modo como se descansa e vive; a pobreza e as assimetrias das relações sociais são a outra face da alienação e do desequilíbrio interior dos indivíduos; e, finalmente, essas formas de opressão não atingem especificamente uma classe social e sim grupos sociais transclassistas ou mesmo a sociedade no seu todo. (SANTOS, 1997, p.258)*

Ainda segundo Boaventura é necessário haver a politização do social, do cultural e do pessoal, pois só desta forma poderá existir a idéia de uma obrigação política horizontal, com participação

---

<sup>75</sup> Boaventura de Sousa Santos é professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Diretor do [Centro de Documentação 25 de Abril](#) da mesma Universidade e Coordenador Científico do [Observatório Permanente da Justiça Portuguesa](#).

e solidariedade coerente, com uma nova cultura política, seguindo em última instância para uma melhor qualidade de vida.

Dentro desse contexto, durante esses 30 anos de luta, os movimentos sociais urbanos para serem atendidos em suas reivindicações usaram mais a coerção política do que necessariamente a força física contra o poder público. Pressões e manifestações constantes deram às lideranças comunitárias resultados as suas exigências.

As lideranças tentam envolver os moradores na luta, pois na própria experiência eles podem compreender, reconhecer e legitimar tanto as próprias lideranças, quanto o poder público. É importante que o trabalho dos atores sejam reconhecidos, para que não se invertam os papéis, pois a prestação de serviço deveria ser do Estado e não da entidade que realiza a ações, conforme as suas possibilidades institucionais. Quanto mais pessoas participam das manifestações e atividades, haverá maior compreensão do papel do poder público, das lideranças e da própria comunidade.

Podemos refletir que um dos grandes desafios para interpretar uma paisagem no questionamento dos movimentos sociais urbanos é fazer uma leitura digna e fiel da pluralidade de atores sociais que vivem nas comunidades e sua capacidade de pressão. Em Heliópolis, algumas pessoas e grupos que se reúnem por afinidade estão empenhados em transformar o Heliópolis em um bairro que educa, assumindo o papel de educadores populares, estimulando a transformação do lugar, por intermédio da organização de movimentos, com atividades que chamem a comunidade para a participação.

Nessa pesquisa, destacamos em Heliópolis, os movimentos, como os Sem Teto que luta pela Moradia, a principal bandeira de muitas organizações sociais no Brasil e na América Latina na década de 80<sup>76</sup>. A comunidade foi crescendo, verticalizando suas casas, pois a família estava aumentando e a comunidade de Heliópolis foi produzindo novas paisagens.



<sup>76</sup> Segundo autores como Sampaio (1991), Freire (1977), Bohn(1999), Santos, B (2005), entre outros e para a própria comunidade de Heliópolis, a moradia foi o que impulsionou a organização da comunidade e a criação de outros movimentos, e como consequência são responsáveis por muitas transformações que vemos na cidade hoje.



Figura 52 – Ato de moradia

Toda a produção social do espaço contribui para a transformação do indivíduo e da coletividade, sua participação torna-se, então, aprendizado. Outros movimentos também compõem esse cenário, como: o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, o Movimento de Mulheres, o Movimento dos Sem Creche e o novo, mas antigo o Movimento de Educação para a construção de um Heliópolis que educa.

O Movimento de Alfabetização de Adultos (MOVA), que é composto pelos alunos que são senhoras, senhores e jovens que não freqüentavam a escola há muito tempo, ou que estão ali pela primeira vez. São educandos que de alguma forma foram afastados da escola e que buscam nela uma relação mais próxima do conhecimento com suas práticas sociais, assim como com o mundo do trabalho. O MOVA<sup>77</sup> em Heliópolis inicia-se em 1989, na gestão de Paulo Freire para reforçar e ampliar o trabalho dos grupos que já atuavam com alfabetização de adultos. A idéia principal do MOVA é reunir poder públicos e sociedade organizada para combater o analfabetismo no país. Em São Paulo a população de analfabetos é composta por migrantes nordestinos e também da zona rural mineira e do interior de São Paulo. Freire em seus estudos, e as lideranças de Heliópolis tem claro que não era só a ação de alfabetizar que libertava o indivíduo, mas sim a participação do indivíduo em processos de lutas coletivas, onde a aprendizagem da escrita é mais um instrumento para pensar e agir no mundo:

*O Analfabeto principalmente o que vive nas cidades, sabe, mais do que ninguém, qual a importância de saber ler e escrever, para a sua vida como um todo. No entanto, não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia, comida e mesmo de trabalho. Essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudanças estruturais da sociedade. (FREIRE, 2006, p.70,)*

<sup>77</sup> Por intermédio de temas geradores, os alunos debatem, refletem e planejam ações para executar em sua própria comunidade. A formação dos educadores que atuam nos equipamentos sociais e principalmente no MOVA é baseada em Paulo Freire, trazendo de volta a Educação Popular enquanto eixo determinante para a transformação de uma comunidade. Por esse motivo, não começam com um conteúdo pronto, elas são construídas em cima do diálogo, entre educador e educando sendo que um dos pressupostos é de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação precisa ser um coletivo, de troca entre as pessoas. Os alunos dentro desse processo são encorajados a refletir sobre sua realidade, quem eles são, qual sua história e quais suas contribuições para a sua realidade. E quando há encontros ou movimentos na comunidade, eles fazem questão de participar como foi no dia da Caminhada dos Sem Teto, em que, cada aluno trouxe por intermédio de uma expressão artística o significado dessa caminhada. A maioria dos alunos já tem a sua casa, mas eles tomaram a iniciativa de fortalecer o movimento pensando naqueles que não têm.

Hoje são pais e mães, que vieram morar em São Paulo, que só trabalharam para sustentar a família e construir a casa própria e possibilitar uma moradia e uma educação digna aos filhos, mas a consequência disso foi nunca mais voltar a estudar e hoje de alguma forma tentam recuperar o tempo perdido. São jovens que não se adaptaram à professora, à escola, ou aos colegas e reprovaram nos anos escolares. Quem está no MOVA vê na educação um modo de transformar a sua própria vida. É pelo estímulo e pela vontade, que o MOVA em Heliópolis está sendo construído com característica de militância conforme a proposta original do educador Paulo Freire.<sup>78</sup>



O Movimento de Mulheres está atrelado à história da formação de Heliópolis, constituído por aquelas que carregavam seus filhos no colo e os levavam para as reuniões, ou os deixavam na casa de amigas dispostas solidariamente a cuidar dessas crianças. Tal grupo feminino iniciou sua organização a partir do momento que é alocado em Heliópolis pelo poder público em 1971 e 1975, criando o Clube de Mães em um barracão. No início, o Movimento dos Sem Creche e Mulheres caminharam praticamente juntos, mas na década de 80 há uma separação, pois a mulher conquista o seu espaço e, ao desejar ser reconhecida pela sua atuação, começa a organizar encontros próprios.

Podemos destacar que Heliópolis é constituídos de Genésias, Solanges, Cleides, Marias, Simones, Cidas e tantas outras mulheres que fizeram e fazem a diferença nesse lugar. O próprio movimento participou em várias frentes, mas especificamente tinham seus próprios encontros para discutir temas que até hoje tiram o sono de muitas mulheres, como a violência doméstica e a desigualdade de gêneros. Tatiane, liderança e coordenadora da escola de moda, afirma: “as mulheres são muitas aqui em Heliópolis, elas precisam se encontrar, elas precisam formar uma aliança, e lutar contra as injustiças que acontece na sua própria casa.”

Hoje o movimento de moradia e o de mulheres luta pela regularização fundiária, para que as mulheres possam receber a titularidade dos imóveis produzidos, pois são elas que muitas vezes

<sup>78</sup> Brandão faz uma explanação muito clara sobre o objetivo da alfabetização de jovens e adultos no livro, O que é o método Paulo Freire.

são abandonadas por seus maridos e ficam sendo a fortaleza de toda a família. Segundo Gohn (2008), nos movimentos de hoje no Brasil, de acordo com o Instituto FASE, existe uma grande participação feminina nos movimentos sociais, mas isso não é suficiente para garantir alguns direitos das mulheres, pois o debate não gira em torno de situações específicas da mulher, e temas como violência doméstica, assédio sexual, ou filhos ficam diluídos nas questões de moradia, saúde e/ou educação. Por esse motivo o movimento luta para que a mulher tenha os seus próprios espaços para falar e se expressar. A idéia é reconstruir um processo em que a mulher reapareça e exerça sua cidadania.

Na oficina de percepção com as mulheres<sup>79</sup>, registramos as compreensões sobre a paisagem e o destaque foi a moradia e as relações sociais que se estabeleceram em Heliópolis. A moradora Lucivânia relatou sua trajetória de luta para criar os filhos que estão na escola, mas não frequentam nenhum projeto sócio-educativo na comunidade, pois não consegue vaga. Ela descreve a vida sofrida, revelando o desejo de mudar de casa, mas não de sair de Heliópolis devido à infra-estrutura do bairro que ela considera boa, ou a percepção de Antonia Cleide que destaca a importância da coletividade feminina na construção da paisagem de Heliópolis, desde quando chegou em 1975.



**Figura 54: Movimento do Grupo de mulheres, Oficina de Percepção – Tema Moradia. Foto: Cláudia Cruz**

<sup>79</sup> Esta oficina estará descrita no capítulo Práticas Educativas na Paisagem



Movimento de Mulheres  
Foto: Cláudia Cruz

O Movimento dos Sem Creche começa em 1975, lutando por equipamentos sociais, bem como por uma educação com qualidade. Não existiam creches na região, até então, e a mais próxima localizava-se na região do Ipiranga, perto do Museu.

Por viver essa realidade de falta de trabalho, algumas mulheres se organizavam em seus próprios barracos para cuidar dos filhos de outras mães que precisavam trabalhar. Essa experiência ganhou o nome de “mães crecheiras” e, só depois de quase vinte anos, na gestão do governador Orestes Quércia (1987-1990), depois de muita reivindicação popular, é que surgiram as primeiras creches públicas em Heliópolis. Hoje são chamados de Centro de Educação Infantil (CEI). A UNAS desde 1999 realiza convênios com a prefeitura para alcançar a gestão comunitária desses equipamentos sociais.<sup>80</sup> Por exemplo, o Centro de Educação Infantil (CEI) Mina era uma creche estadual e com a municipalização tornou-se responsabilidade da prefeitura, que realizou convênio<sup>81</sup> com a entidade local.

Em Heliópolis, o Movimento dos Sem Creche conseguiu dezoito CEIs conveniadas em menos de vinte anos, sendo que sete estão sob gestão da UNAS. As lideranças na experiência do seu dia-a-dia sabem que há uma demanda grande de crianças fora da escola<sup>82</sup>, pois elas estão pelas calçadas, ou presas nas suas casas, sendo cuidadas muitas vezes por um parente, um vizinho ou por uma irmã mais velha.

<sup>80</sup> Existem autores como Gohn, Duriguetto e Santos que questionam a demanda de associações conveniadas com o Estado.

<sup>81</sup> Os convênios nem sempre ofertam o papel democrático, pois os movimentos encontram situações, práticas e regras que mudam conforme a gestão.

<sup>82</sup> Segundo dados do IBGE (2000) e de informações vinculadas pelo rádio, TV e pela própria prefeitura, sabe-se que a fila de espera por uma vaga nas creches de São Paulo ganhou 17.188 novos nomes em apenas três meses, segundo balanço divulgado em julho de 2009 pela Secretaria Municipal da Educação. No último levantamento, em março, havia 67.619 pessoas na fila de espera. Hoje, segundo a prefeitura, são 84.807 crianças fora das creches. No Brasil, apenas 17,1% (IBGE/Pnad, 2000) das crianças entre zero e três anos, de uma população de 13,8 milhões nesta faixa etária frequentam creches.

Diferentemente do movimento de moradia, as mães que conseguem vagas continuam participando do movimento e acabam incorporando o grupo de mulheres. Diante desse quadro e da própria demanda local, as lideranças e a mulheres que participam do Movimento dos Sem Creche procuram por casas que tenham mais de 3 ou 4 salas, que possua quintal, banheiros e uma cozinha compatível com o desejado em Heliópolis ou no entorno para montar uma nova creche. O aluguel é negociado geralmente com o próprio dono da casa, que por muitas vezes se recusa a alugar para esse fim, ou quando querem e sabem que é um convênio da prefeitura aumentam o valor do imóvel. E dentro de uma área densamente habitada, há uma escassez de casas grandes.



Nessa pesquisa, portanto, consideramos movimento social os grupos com atuação que admitem a existência de um tipo muito específico de ação coletiva, pelo qual um grupo particular articula, questiona e luta contra uma forma de dominação social querendo provar sua legitimidade. Mesmo assim, corre-se o risco de haver a condução, ou a manipulação de grupos que são induzidos por grupos dominantes e que estão contra a camada popular. Isso ocorre porque a classe dominante acredita que o movimento popular é um obstáculo às “coerências sociais” ou ao desenvolvimento econômico. Em ambos os casos, porém, o movimento é muito mais do que um grupo de interesses ou um instrumento somente de pressão política, as lideranças que participam questionam o modo de utilização dos recursos do Estado e de modelos culturais estabelecidos pela classe dominante. Gohn destaca o entendimento do que são os movimentos sociais:

*Um movimento social é sempre expressão de uma ação coletiva e decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases; lideranças e assessorias – que se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilização, práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos*



*modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações.* (GOHN, 2008, p.14)

As duas últimas décadas trouxeram mudanças significativas no contexto, político, ambiental, social, educacional e econômico. O pesquisador Brandão (2006) descreve que a educação popular adquire força entre as décadas de 60 e 80, por intermédio dos pensadores e ativistas da América latina que trouxeram para o Rio Grande do Sul suas experiências por intermédio das teorias e metodologias de ações fundadoras dos movimentos populares, da educação popular, da teologia da libertação e da tradição latino-americana de pesquisa participante. Movimentos esses que influenciaram prontamente os grupos populares aqui no Brasil.

Orlando Fals Borda<sup>83</sup> e Paulo Freire, reconheciam-se como agentes diretos dessa educação entre os educadores e cientistas sociais de movimentos populares, devido as suas atuações, por meio da prática da pesquisa-ação e pela teologia da libertação, disseminada entre os anos 60 e 70 por toda América Latina, que mais tarde se tornou Educação Popular. O compromisso deles era com a educação das camadas mais pobres, com a investigação sobre as formas de exclusão e a discriminação existente em nossa sociedade.

A prática das lideranças de Heliópolis, por serem agentes diretos de transformação, foi adquirida por intermédio da experiência, mas no meio desse caminho ocorreu a formação em Institutos que davam assessorias às entidades, aos movimentos populares, como é o caso do Instituto Polis<sup>84</sup>, que tem como meta formular políticas públicas conjuntamente com as lideranças. Esses grupos promoviam encontros, reuniões e formações, em que muitos pesquisadores como Frei Beto, Marilena Chauí e Pedro Pontual estavam presentes.

Durante as entrevistas, ouvimos e percebemos o grau de intimidade e conhecimento que algumas lideranças adquiriram sobre alguns autores. Eles identificam a sua prática com os estudos que esses pesquisadores realizaram, tornando-os assim mentores para as suas ações. Tanto as lideranças quanto esses autores e outros já citados nesta pesquisa apontam a importância dos processos participativos.

---

<sup>83</sup> Orlando Fals Borda (1925-2008), sociólogo e pesquisador presbiteriano. Defensor da Investigação Ação Participativa. Obteve o título de mestre pela Universidade de Minnesota, em 1953, e Ph. D. em Sociologia pela Universidade da Flórida, em 1955. Ao regressar a Colômbia considerou inevitável o estudo e aplicação das ciências sociais, especialmente da Sociologia. Em 1959, junto com Camilo Torres Restrepo, fundou a primeira Faculdade de Sociologia da América Latina na Universidade Nacional da Colômbia. Fals converteu-se no primeiro decano da faculdade, papel desempenhado até 1966.

<sup>84</sup> O Polis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais é uma Organização - Não-Governamental de atuação nacional, constituída em 1987 como associação civil sem fins lucrativos, apartidária, pluralista e reconhecida como entidade de utilidade pública nos âmbitos municipal, estadual e federal. <http://www.polis.org.br>

Nesta pesquisa, as nossas reflexões sobre participação, cidadania, processos colaborativos estão baseadas em Brandão, Freire, Gohn, Benevides e Toro. Segundo Bernardo Toro<sup>85</sup>, os atores sociais são aqueles que atuam em parceria, que criam organizações ou participam delas. Para ele as pessoas se modificam por intermédio da participação nas organizações.

Partimos do princípio de que o que faz um sujeito cidadão participativo não é ter uma carteira de identidade ou o título de eleitor, mas a sua capacidade de interagir e transformar o seu lugar, modificar a ordem social<sup>86</sup> e criar a sua liberdade. Gerar tal liberdade não é algo espontâneo, muitas vezes necessitada ser apreendido ou reaprendido.

Existem vários níveis de participação e que implicam em diferentes níveis de responsabilidade, em detrimento dessa situação pode haver maior ou menor participação. Nesse sentido a participação envolve a questão do poder, ou seja, coloca-se o problema/questão como forma de decisão para definir sobre este ou aquele caminho. Toro (2005, p.22) faz uma reflexão sobre como garantir a questão dos direitos, para ele *“saber organizar-se e associar-se é a ciência-mestra de uma sociedade porque assim se produz auto-regulação e assegura-se a proteção aos direitos.”*

Segundo Gohn<sup>87</sup> (1992), os movimentos sociais têm caráter educativo, pois são processos que acontecem fora das institucionalizações escolares e que essa consciência de aprendizagem é adquirida a partir da participação. Para Gohn (2005), a criação e a ampliação de canais participativos e deliberativos como os conselhos e os fóruns são destaques na participação da sociedade na gestão de políticas públicas. Para a autora o processo de participação nos movimentos sociais tem duas vertentes que podem ser definidas como participação social e participação cidadã.

Para Gohn (1992), a participação social acontece dentro de organização autônoma, geradora de relações igualitárias, em um formato colaborativo, horizontal e já na participação cidadã o centro e a sociedade, e o eixo é a universalização dos direitos sociais e a compreensão do papel do Estado. Para Gohn (2003), a participação cidadã é vista como uma intervenção planejada, por meio do debate público convergindo a uma institucionalização onde haverá a criação de novas estruturas de representação, compostas por pessoas escolhidas ou eleitas pela sociedade organizada e também por representantes do poder público. Para Gohn (2004), a cidadania está

---

<sup>85</sup> José Bernardo Toro, educador e filósofo colombiano, sua experiência e preocupação hoje é na formação do indivíduo dentro de um contexto de constantes mudanças, preservando sua identidade. Sua reflexão está voltada para os conceitos de cidadania, democracia, participação e solidariedade, fundamentais para o fortalecimento da prática social na América Latina. Defende a educação como transformação social e hoje assessor estratégico da Fundação AVINA.

<sup>86</sup> Segundo Toro (2005) a ordem social (leis, costumes, instituições, tradições) não é natural foi criada por homens e algumas mulheres de uma mesma sociedade.

<sup>87</sup> Maria da Glória Marcondes Gohn, socióloga, Dr<sup>a</sup> em Ciências Políticas. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: movimentos sociais, participação social, educação não-formal, associativismo e cidadania.

vinculada a idéia de direitos, por isso ela destaca que a participação social aqui no Brasil teve ênfase, mas de forma ingênua na década de 80 devido à retomada dos direitos civis, de imprensa, de organização e expressão que foram proibidos no regime militar. Além disso, as reivindicações voltadas à cidade e a cidadania eram evidentes, como a luta por salários melhores, saúde, educação, cultura e lazer íntegro para todos.

*A dimensão e o significado desta mudança são enormes porque não se trata apenas de “inserir o povo” em práticas de gestão pública, como ingenuamente preconizavam as propostas da democracia com participação comunitária nos anos 80, quando a idéia da participação vinculava-se à apropriação simples de espaços físicos. Trata-se agora de mudar a ótica do olhar, do pensar e do fazer; alterar os valores e os referenciais que balizam o planejamento e o exercício das práticas democráticas. Partir das necessidades sociais significa adotar posturas que têm como meta práticas de inclusão social [...]. Partir das demandas reais implica adotar um outro ponto de partida: o da necessidade de inclusão social dos que estão fora do acesso dos direitos fundamentais e do mercado de bens, produtos e serviços necessários à sobrevivência condigna, e não de favorecimento aos que já participam, ou dominam, esse mercado. (Gohn, 2004, p. 61 )*

A socióloga Maria Victória Benevides<sup>88</sup> (2003), mostra que a Cidadania Ativa é construída pelo cidadão que busca criar novos espaços de participação política para o bem comum e não um interesse particular, ela cita como exemplo os sindicatos, associações de bairro e movimentos populares. Em seus estudos ela também confirma que em alguns momentos da história a cidadania passa a ser uma concessão de uma classe para outra, suprimindo a conquista do direito e renegando a conquista e tornando um favor. Durante a pesquisa nos deparamos com situações similares na luta popular, onde o poder público oferece um equipamento social e usa da máquina pública para conceder favores.

Freire, Toro, Gohn e Benevides nos mostram que a prática de participação não é um instrumento fácil para a mobilização, pois depende dos interesses pessoais, coletivos e dos gestores públicos que deveriam ter consciência que a máquina pública deve ser usada para propiciar o bem da coletividade, e não interesses partidários ou particulares. Por outro lado os pesquisadores mostram que de fato a participação real pode acontecer e modificar a realidade, no nosso caso a paisagem, como aconteceu na década de 80 e 90. Heliópolis fez parte desse movimento da cidade, quando buscava a apropriação de espaços físicos e territoriais. Hoje algumas lideranças apresentam um novo olhar, pautado na inclusão do fato social, mas ainda é

---

<sup>88</sup>Maria Victoria Benevides é socióloga, cientista política brasileira. Empreendeu sistemático estudo da nossa vida política no período entre 1945 e 1964, que resultou em três obras originais: O governo Kubitschek. A UDN e o Udenismo e o PTB e o trabalhismo. Professora da Faculdade de Educação da USP, Maria Victoria apresentou como tese de livre-docência uma importante reflexão teórica sobre os limites da democracia representativa, A cidadania ativa.

um percurso muito difícil e trabalhoso, pois algumas lideranças rejeitam o pensar e o agir diferente.

A liderança de Heliópolis Solanje comenta sobre a importância da participação e diz que:

*“...hoje é muito difícil as pessoas participarem como antes... havia o envolvimento das pessoas nas marchas, nas lutas, nos projetos, íamos diretamente à prefeitura. E não era uma pessoa só, era morador, conselheiro tutelar. Parecia que todo mundo dava importância. Lutamos muito para conseguir cada equipamento que tem aqui. Hoje eu acho que as pessoas não dão mais tanta importância, mas mesmo assim eu continuo na luta e não estou sozinha!”.*(Solanje Agda)

Os espaços físicos construídos, por intermédio da luta em Heliópolis já foram motivos de orgulho das lideranças, que hoje refletem sobre a possibilidade desses equipamentos propiciarem aprendizagens individuais e coletivas a toda comunidade, e que podem ser potencializados, por meio das regras de utilização. Os acordos de convivência entre os moradores podem contribuir para melhorar e diminuir o atrito entre as pessoas qualificando o ambiente. Como é o caso da utilização das quadras, que são utilizadas para atividades educacionais dos projetos, ou para encontros dos movimentos sociais, ou para jogos de times de futebol da comunidade.

Os Centros da Criança e Centros do Adolescente (CCCA) são identificados pelos atores como um referencial na comunidade, pois são equipamentos derivados de luta e hoje contemplam múltiplos usos na paisagem do lugar. Durante as entrevistas e na escolha do lugar para as oficinas, os atores nos mostraram que os CCCAs são espaços interessantes e estratégicos que convergiam com as transformações ocorridas na paisagem. A história de como cada equipamento foi se constituindo dentro dos núcleos comunitários para facilitar a comunicação e a articulação das lideranças em uma área com um pouco mais de um milhão de metros quadrados, mostra a potencialidade que esses espaços têm na paisagem e que está aumentando com a conquista de parcerias.

Por esse motivo resolvemos nos apropriar melhor do histórico dos CCCAs, e compreender o que eles são hoje enquanto potencial para transformar o Heliópolis em um bairro que educa. Em ordem cronológica explicaremos a formação dos CCCAs em Heliópolis que estão sob a gestão da UNAS, por intermédio do olhar dos atores, mas antes é interessante compreender como esse programa foi inserido dentro das comunidades pela ação da prefeitura.

Para isso, realizamos uma análise documental da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) do município de São Paulo e entrevistamos alguns atores sociais nas oficinas. Com esse material foi possível descrever a produção de uma parte da paisagem de Heliópolis, com relação à apropriação dos equipamentos sociais pelas lideranças,

dentro do movimento de mulheres e de moradia mediante a política social existente em São Paulo a partir da década de 70.<sup>89</sup>

A partir de uma pesquisa sobre o início dos espaços educativos de educação não-formal no Brasil, encontramos questões para nossas reflexões. A forma do processo de trabalho de uma sociedade influencia diretamente a forma como os atores sociais se apropriam e se emancipam socialmente. E nesse caso a produção capitalista encontrou na criação das creches e nos centros para crianças e adolescentes uma das formas para resolver algumas tensões sociais, e ao mesmo tempo garantir o acúmulo do capital. Segundo alguns pesquisadores como Monarcha<sup>90</sup> (2001) e Foroni<sup>91</sup> (2006), a institucionalização dos espaços se faz presente, pois conforme as pessoas das famílias estão trabalhando mais longe de casa, vão se tornando cada vez menos aptos a cuidar um dos outros, os vínculos afetivos vão se tornando cada vez mais frágeis e a relação de um com o outro automaticamente torna-se mais institucionalizada.<sup>92</sup>

Em 1975, a Prefeitura de São Paulo criou um programa para os bairros periféricos que deveria conter mais atividades educacionais e que ficasse localizado próximo às moradias das crianças. Criou-se o Projeto de Orientação Sócio-Educativa ao Menor (OSEM), com atendimento feito por meio de convênios com as entidades locais.

Na época, o grupo de mulheres de Heliópolis já se organizava em reuniões comunitárias em um barraco que elas denominavam de “Clube de Mães” para discutir e lutar pela resolução dos problemas vividos como a falta de creche, a precariedade de água, luz e a questão da moradia. Essas mulheres já recebiam a visita das assistentes sociais da prefeitura que as incentivaram a montar um núcleo desse programa que segundo Dona Conceição, *“era um barraco que aconteciam as reuniões de mães e servia como sede da UNAS, primeiro movimento que nós fizemos, para depois ter o OSEM. Que era pequenininho e eu logo fui trabalhar no OSEM”*<sup>93</sup>

O equipamento social mudou de lugar algumas vezes, mas sempre permaneceu na Rua da Mina. Hoje, encontramos um sobrado, com três salões, um refeitório, não tem quadra e nem

---

<sup>89</sup> Devido ao movimento da sociedade os espaços para adolescentes subsidiados pela prefeitura ocorreram em São Paulo desde o início dos anos 70. E que com o passar dos anos esses centros se tornaram uma prática do poder público, mas para não dar crédito ao gestor anterior mudava-se o nome do programa, incluía ou retirava alguns objetivos do projeto inicial. Foroni (2006) descreve que esses centros aparecem no formato de Programas que objetivam diminuir a exclusão social ou programas sócio-educativos, de educação complementar, de educação integral ou programas de desenvolvimento social.

<sup>90</sup> Carlos Monarcha, professor da [Faculdade de Ciências e Letras da UNESP](#), em Araraquara (SP), realizou um ensaio sobre a proposta: Brasil arcaico, Escola Nova – ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930. Sua justificativa para um novo estudo: há uma grande quantidade de documentos e fontes primárias que podem ser usadas para entender melhor esse movimento – tão criticado pela ingenuidade quanto celebrado pela inovação – do início do século passado.

<sup>91</sup> Yvone Mello D'Alessio Foroni Professora de Metodologia e Prática de Ensino do Departamento de Tecnologia da Educação da Faculdade de Educação da PUC/SP. Doutoranda em Educação - Currículo e Ciências Sociais pela PUC/SP

<sup>92</sup> Segundo Elza, assistente social da prefeitura em entrevista no CCCA, o primeiro programa de Educação Complementar desenvolvido pelo município paulistano foi o Projeto Experimental de Atendimento ao Menor Trabalhador de Rua, em 1973, esse programa foi instituído com a proposta de oferecer atividades educativas para crianças e adolescentes não frequentadores de escola e que passavam o dia nas zonas de comércio ligado ao subemprego, pois eles ajudavam no sustento familiar.

<sup>93</sup> Entrevista com Dona Conceição realizada em sua casa. 03/ 2008.

garagem, as atividades que necessitam de mais espaço, são realizadas na quadra poliesportiva que fica em frente. O terreno onde está o CCCA é vizinho a casa da liderança e gestora desse projeto, Genésia Miranda.

*“ A nossa história do CCCA começa em 1975, com uma comissão de moradores lutando pela moradia, pelo direito de morar nessa área. O terreno onde estão as duas casas, a minha e a do CCCA fazem parte da história de ocupação na Rua da mina. Éramos um grupo de moradores que queríamos ficar ali, sabíamos que a área não era do Geraldo Mariano, mas ele era muito ousado, estávamos fazendo uma reunião noturna quando ele veio aqui e disse que se nós não saíssemos ele iria expulsar e matar todo mundo. Essa ameaça só fortaleceu a gente, pois no outro dia estávamos lá de novo, só que dessa vez com muito mais gente. As mulheres tinham força, estavam em peso, ele não se atreveu a mexer com a gente. O núcleo de mulheres aqui iniciou através da moradia. Foram várias pessoas que contribuíram para sermos a entidade. Hoje temos várias parcerias tais como o Estado, Prefeitura, com iniciativa privada, com trabalhos na área de educação com criança e adolescentes, voltados ao aprendizado deles na escola e no mundo. No final de semana a comunidade pede o espaço para reuniões, para atividades com os evangélicos que usam o espaço com formação para adolescentes. Aqui está sempre ocupado de final de semana, no período da semana tem alfabetização de adultos no período da noite”. (Genésia Ferreira da Silva Miranda)*



**Figura 56 – Genésia na laje do CCCA mina–Acervo pessoal Genésia Miranda**

De OSEM em 1975 para o Centro da Criança e Centro do Adolescente (CCCA) em 2006<sup>94</sup>, o público atendido continua sendo crianças e adolescentes de 6 a 14 anos em condições de vulnerabilidade social<sup>95</sup>. O atendimento é diário, podendo, conforme a necessidade da região, ser

<sup>94</sup> Anexo tabela com mudanças de objetivo, nomenclatura e gestão dos equipamentos sociais.

<sup>95</sup> Segundo o relatório de Capacitação Solidária a Vulnerabilidade Social “sintetiza a idéia de uma maior exposição e sensibilidade de um indivíduo ou de um grupo aos problemas enfrentados na sociedade e reflete uma nova maneira de olhar e de entender os comportamentos de pessoas e grupos específicos e sua relação e dificuldades de acesso a serviços sociais como saúde, escola e justiça.” (ADORNO, 2001, p.11)

estendido aos finais de semana, com atividades diferenciadas, devendo a família ser incluída na programação.<sup>96</sup>

O intuito desses espaços<sup>97</sup> então passa a ser o de receber crianças e adolescentes em um lugar acolhedor, propiciando um desenvolvimento social, seguro, visando melhorar o desempenho educacional por intermédio de atividades de apoio à escolaridade e por outro lado também suprir a carência de alimentação e saúde.

Os CCCAs possuem gestão comunitária, e conveniados com o município pela SMADS. Percorrendo os equipamentos em Heliópolis foi possível perceber que havia um diferencial no funcionamento de alguns deles. Existem CCCAs que estão sob a gestão de Igrejas Católicas e/ou Evangélicas, ou na gestão de associações de moradores. Muitos desses espaços possuem somente o convênio, já os equipamentos que estão sob a gestão da UNAS funcionam também como espaços para reuniões comunitárias e também são utilizados nos finais de semana pela comunidade, com festas de aniversário, casamento, batizados ou outro tipo de festejo. Outro diferencial é que algumas lideranças têm habilidade para escrever projetos e disputam editais de fundo público ou privado, ou por articulações políticas, buscam parcerias ou financiamentos e conseguem realizar projetos alternativos dentro dos CCCAs<sup>98</sup> ampliando assim a potencialidade do espaço.

Todos os CCCAs conveniados com a UNAS possuem a parceria com o projeto Mesa SESC<sup>99</sup>. À noite quem usufrui do espaço são os adultos e adolescentes que participam do MOVA. São pessoas que desejam ler o mundo de outra maneira, trabalham com temas geradores, ou seja, aprendem o significado do mundo por intermédio dos temas que fazem parte do seu dia-a-dia, ou por algum assunto que está acontecendo naquele momento na comunidade conforme foi descrito nos Movimentos Sociais de Heliópolis. Geralmente os alunos do MOVA são pais e mães das crianças e adolescentes que estão no CCCA durante o dia. O nome de cada equipamento sócio-educativo foi dado conforme o núcleo em que está inserido.

---

<sup>96</sup> Objetivo dos Núcleos Sócio-educativos. Prefeitura de São Paulo. 2007.

<sup>97</sup> Estima-se que somente na cidade de São Paulo, as entidades que atuam no desenvolvimento de programas para crianças e adolescentes através de convênios com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado e a Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar Social, atenderam no ano de 2000, cerca de 138.000 usuários, através de equipamentos como programas de educação complementar, educação supletiva, abrigos, recreação, cursos profissionalizantes e outros. Porém esse atendimento não tem correspondido nem a um terço da demanda, mesmo este número tendo aumentado nos últimos anos significativamente, especialmente na cidade de São Paulo. Atualmente, a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) atende cerca de 60 mil crianças e adolescentes diariamente em 391 Centros da Criança e Centro do Adolescente (C.C.C.A.) espalhados por São Paulo. A rede de proteção da secretaria municipal é composta ainda de 13 Centros de Referência da Criança e do Adolescente, 46 abrigos e 4 Casas de Acolhida. Hoje existem em Heliópolis 16 CCCAs, sendo que 08 estão sob a gestão da UNAS.

<sup>98</sup> Projetos a mais nos CCCAs de gestão da UNAS : Lego Education, SESI - Ler e Escrever, Clube do Xadrez, Instituto Esporte e Educação, entre outros.

<sup>99</sup> Mesa SESC Brasil projeto que tem por objetivo minimização do desperdício e do encaminhamento de alimentos aos necessitados. Site: <http://www.sescsp.org.br>

O CCCA Heliópolis surge em 1981, como o lugar de reuniões comunitárias, hoje ainda é a sede da Associação de Moradores de Heliópolis, e possui dois projetos para atendimentos de crianças e adolescentes:

*“As reuniões de moradia nesse núcleo dão impulso a mobilização social nessa área de Heliópolis. Logo no início firmamos um convênio com a SMADS, que habilitou o local para atividades do CCCA Heliópolis. Em 2005 firmamos uma parceria com Instituto Esporte Educação, que desenvolve o Programa Vôlei, com parceria das empresas Unilever, Rexona e a UNAS, com o apoio da ex-jogadora de vôlei Ana Moser, o instituto é dela. Foi construída uma quadra poliesportiva coberta para a prática do esporte. A capacidade de atendimento do projeto Vôlei é de 420 crianças com aulas de esporte duas vezes por semana com duração de uma hora cada. A sede da Sociedade Amigos e Moradores de Heliópolis é um espaço de lazer para as crianças e moradores, mas é também um espaços de formação comunitária, pois possui em sua área uma quadra de vôlei, um salão, uma biblioteca, um centro de informática com vinte computadores. Um dos salões deste espaço é utilizado para reuniões entre os moradores sobre moradia, saúde, educação, como debates sobre sexualidade e violência entre outros temas de interesse comunitário. Há também um plantão semanal de assistência social, no qual são passadas informações sobre os projetos de habitação da região. Esse projeto entrou em reforma em 2005 e hoje temos um amplo refeitório e mais três salas para atividades de formação”;* (Maria Antonia, liderança comunitária)



O CCCA PAM começou como um espaço de reuniões noturnas e depois durante o dia as lideranças começaram a fazer a entrega de leite<sup>100</sup>. Localizado no centro de Heliópolis, a área

<sup>100</sup> O programa Leve Leite foi criado por intermédio do Decreto nº 35.458 de 31/08/95 e tem como objetivos, segundo publicado no site da Prefeitura Municipal de São Paulo, “combater a desnutrição da população infantil da Rede Municipal de Ensino e diminuir o índice de evasão escolar, fixando o aluno na escola”.



era muito cobiçada pelos grileiros, pois ficava na parte alta. Uma das lideranças que tinha uma grande influência nesse núcleo foi a Dona Cida, que faleceu em 2004, mas seus filhos que cresceram na militância continuam na mesma trajetória. O filho Fábio é gestor do CCCA e a filha Kátia é educadora popular.

*“ A história do CCCA PAM funde-se com a própria história de Heliópolis, tendo como frente à batalha da posse da terra e contando somente com o apoio da comunidade ele era o antigo OSEM que surgiu na década de 80 com uma organização de mães do núcleo, que tinham a necessidade de ter um lugar onde seus filhos pudessem ficar enquanto elas trabalhavam durante muito tempo o projeto foi mantido por doações dos próprios moradores da comunidade. O espaço era um terreno, já demarcado, onde construímos um barraco, eu era bem pequeno, mas lembro do mutirão,foi construído juntamente com o apoio da associação de moradores”. (Fábio, gestor, liderança comunitária )*



**Figura 58: CCCA PAM  
Acervo UNAS**

No espaço do CCCA Lagoa funciona uma Escola de Moda e um Infocentro (escola de informática), e a noite o MOVA. Carolina Pinto, hoje gestora do CCCA, é uma jovem que nasceu em Heliópolis, sendo filha de José Geraldo Pinto e Simone. Ela relata que nasceu no meio da militância e que por isso não teria para onde ir se não fosse trabalhar e morar em Heliópolis. Hoje faz Psicologia no programa de bolsas em uma Universidade particular e sonha com o Bairro Educador:

*“O núcleo Lagoa foi fundado em meados dos anos 80, mais precisamente em 82, conhecido anteriormente como escritório piloto da prefeitura, era sede dos encontros dos representantes de moradores, onde era realizada as assembléias, comissões de moradores e as tomadas de decisões do movimento, foi o marco histórico da militância*

e da fundação da Unas aqui no Lagoa. Em 1997 era uma padaria comunitária que teve fechamento por falta de lucro. Após o fechamento da Padaria o núcleo ficou abandonado, montaram um bar, não havia atividades, dando oportunidade para posse indevida de alguns indivíduos. A Unas na retomada pelo espaço precisou comprar parte do terreno que foi Invadido. Depois entre conversas e encontros, os moradores decidiram por uma creche, mais a estrutura era pequena. Em 2002 em parceria com Prefeitura do Município de São Paulo através da SAS, que hoje é SMADS, firmou o convênio. Daí foi o projeto Lição de Casa e em 2004 tornou-se Núcleo Sócio Educativo-NSE, hoje CCCA. As lideranças locais, com apoio dos representantes da UNAS se mobilizaram em busca de desenvolvimento e melhoria local para o atendimento das crianças e adolescentes da comunidade”. (Carolina Pinto, gestora, liderança)



A maioria das casas onde estão instalados os CCCAs possui de 4 a 6 cômodos, tendo a possibilidade do crescimento vertical. A família interessada em realizar algum evento procura o gestor e na maioria das vezes aluga o espaço, pagando um preço simbólico que é convertido em um incremento na alimentação das crianças, na compra de materiais pedagógicos, ou na formação dos educadores.

O CCCA 120 foi montado dentro do Conjunto Habitacional 120. A liderança comunitária Gercina Maria da Silva é liderança, moradora no Conjunto Habitacional, considerando-se como mãe e pai de dois jovens. Ao relatar a história do lugar Gercina disse que os lugares da comunidade precisam ser valorizados, pois tem significado de luta dos movimentos. Ela sente orgulho de ter participado do movimento de saúde e moradia naquele núcleo, mas hoje está um pouco desapontada:

*“Esse espaço surgiu a partir da nossa luta, das mulheres da comunidade que por conta da falta de espaço e lazer para suas crianças e apoio para que as mães fossem trabalhar sem ter que deixar as crianças na rua ou pagar alguém para cuidar.*

*Resolvemos ocupar o espaço, na ocasião era utilizado pelos moradores do prédio para guardar sucatas, tipo materiais de construção, móveis velhos, etc. Havia até um senhor que mostrava resistência em colaborar, tomando o espaço como seu, mas na verdade o espaço fazia parte do Condomínio 120, pela qual trouxe inspiração para o nome do CCCA 120. A UNAS, na ocasião, representada pela diretoria executiva a Cleide, e mais Sonia Maria, Sebastiana e Gorete vieram para apoiar as voluntárias. E as mesmas trouxeram as crianças para dentro do espaço e aqui fazíamos arrecadações de comida para servir às crianças na época que não tinha até então convênio com a prefeitura. Já fiz parte, mas hoje não tenho mais vontade e nem tempo. Fiz participei muito tempo do movimento de saúde e um pouco menos da moradia. Hoje tenho que dar uma atenção especial ao meu filho que dá um pouco de trabalho, deixando seu neto para eu cuidar”.*  
(Gercina Maria da Silva, liderança)



Figura 60: CCCA 120 Gildevan Felix

O CCCA Parceiros da Criança foi uma idealização da UNAS, General Motors e a Universidade São Marcos, inaugurado em 1998. Atendendo 120 crianças e adolescentes, conta hoje com uma equipe de 16 funcionários e 8 voluntários. Fica na Estrada das Lágrimas. Para o Gestor Gero o CCCA contribui para o Bairro educador quando “*estimular para que todos do Heliópolis estejam participando, estudando, crianças, jovens e adultos, ou seja, que o conhecimento das pessoas seja além da alfabetização, ou seja, que a pessoa aprenda a ler escrever e interpretar tudo o que lhe for passado.*”(Gero, Liderança, gestor)

*“O projeto Parceiros da Criança nasceu em 1998 e foi desenvolvido pela UNAS (Unidade de Núcleos, Associações e Sociedades) em parceria com a General Motors GM (contrato de dez anos), ajudando financeiramente na alimentação, nos passeios, nos materiais pedagógicos, na contratação de bons profissionais e oficinairos. A UNAS e a GM contrataram a universidade São Marcos para o acompanhamento pedagógico das crianças e dos adolescentes. O projeto durou*

dez anos, o contrato com a GM terminou em 2008, assim deu-se início ao CCCA Parceiros da Criança com o auxílio da Secretaria de Assistência Social (SAS). Quando o projeto começou com a GM atendia 240 crianças e com fim do contrato com a GM as verbas foram reduzidas e passamos a atender somente 120 crianças, pois temos agora somente a ajuda da SAS. O que motivou o surgimento da instituição foi ver que as crianças e os adolescentes ficam nas ruas expostos a marginalidade, as drogas, etc., quando não estavam em horário escolar, na maioria das vezes até sem sua alimentação diária”. (Gero, liderança, gestor)



Figura 61: Crianças do CCCA Parceiro da criança

Nos CCCAs, as lideranças buscam em sua gestão atuar de forma participativa. Os líderes exercem um papel ativo possibilitando o diálogo e a discussão dentro do grupo de educadores, responsáveis pelas crianças, comunidade e outros parceiros locais. O CCCA Imperador nasce da parceria da Pastoral da Criança com a UNAS no final da década de 90. Lisandra, Cláudia e Rosi são educadores do equipamento social. Ambas contam como é a luta diária do Imperador que fica localizada na área mais precária de Heliópolis, onde a influência do tráfico de drogas é forte, bem próximo da área conhecida como núcleo Pilões e Paquistão. Nessa área ainda encontramos esgoto a céu aberto, alguns barracos de madeira entre as casas de alvenaria. O núcleo faz divisa com a Vila Carioca, a Escola de Samba Imperador do Ipiranga e a Associação Unidos de Vila Carioca:

*“O projeto Cidade do Sol – Imperador surgiu por volta de 1999, quando o movimento de mulheres e mais os moradores locais reivindicavam um espaço para poder deixar as crianças para ir trabalhar. E um morador que participava desse movimento doou seu terreno, onde existia uma criação de bode, galinhas, porcos entre outros animais. Mas para construir era necessário buscar as entidades locais e aí a Pastoral da Igreja Católica e a UNAS colaboraram na construção do barracão. Esse barracão foi mais um*

lugar para as reuniões do movimento de moradia. Ainda sem convênio o projeto se chama Espaço Gente Jovem Parceiros do Amanhã/ Imperador, mas esse nome não ficou permanecendo até hoje Imperador. Em 2000 a ABRINQ patrocinou a manutenção do equipamento sendo ai o pontapé inicial. Em 2003 a UNAS assina o convênio com a SAS por meio da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) e o nome fica Centro de Juventude Cidade do Sol Imperador. Em 2003 a ABRINQ sai e entra a ActionAid com os vínculos solidários, há uma forte movimentação comunitária para pleitear melhoria naquela área de Heliópolis. E em 2006 acontecem algumas mudanças com relação a concepção dos Centros pela Prefeitura e isso atinge diretamente a nós, viramos CCCA. Mas ainda há pontos que precisavam avançar, pois mesmo já se passando quase 10 anos o dialogo entre a UNAS e a Pastoral precisa melhorar, pois a Igreja sabe que é um espaço que tem criança todo dia e algumas coisas por uso podem se quebrar, desgastar. O espaço do CCCA também é um espaço pequeno e precisamos envolver mais as famílias das crianças”. (Lisandra e Rosi, coordenara e educadora)



Figura 62: CCA Imperador – Roda de Conversa

Tabela1: Centro da Criança e Centro do Adolescente (CCCA) Gestão UNAS

Centro da criança e Cento do Adolescente (CCCA)	Ano aproximados de Inauguração	Nº de Crianças atendidas de 06 a 14 anos	Nº de educadores
Mina	1975	120	10
Heliópolis	1981	140	13
PAM	1986	120	10
Lagoa	1988	120	12
120	1999	60	7
Imperador	1999	66	7

Parceiros da Criança	1998	120	16
----------------------	------	-----	----

Na releitura sobre o histórico dos equipamentos e a sua relação com a paisagem, percebemos que todos os lugares já eram identificados pela comunidade como espaços que acontecia alguma ação, alguma mobilização como entrega de leite, reuniões sobre moradia, ou encontros para discutir sobre as creches para as crianças. O reconhecimento de luta das lideranças está muito ligado aos equipamentos sociais conquistados nas reivindicações. E esses equipamentos tornaram-se também uma referência para a comunidade. Como na Oficina de Futuro, os adolescentes quando questionados sobre os lugares que eles gostavam de freqüentar em Heliópolis, muitos responderam que passaram pelos CCCAs, se referiam a esse espaço como um lugar interessante, “legal”, e justificaram que nesses locais eles faziam muitas atividades, como passeios, jogos e teatro.

Mediante a atuação e a proposta político-pedagógica dos CCCAs, outro aspecto vivido que foi debatido nas oficinas e a recriação de espaços formativos, pois a educação nesses espaços deve ser para a inclusão nos processos de ensino–aprendizagem da população mais pobre, que não tem acesso, tendo como direcionamento a organização do cidadão para a participação ativa nas decisões com relação ao uso dos recursos da comunidade, como também para a gestão democrática.

Para analisar o movimento social do ponto de vista da paisagem, precisaríamos compreender uma série de situações organizacionais. Por esse motivo é importante lembrar ao leitor que optamos por analisar as práticas educativas, por meio das formas de ação, da organização da comunidade, levando em conta seus métodos de formação de lideranças, suas formas de participação nas tomadas de decisão e seus modos de comunicação. Esses grupos sejam eles de mulheres, lideranças, educadores, selecionam os conteúdos, organizam seus encontros, convidam a comunidade, conduzem os espaços de educação não-formal por meio dos debates, incentivando o diálogo e produzindo os resultados em ações.

A abordagem de educação não-formal tratada aqui é a mesma adotada por Freire (1996), Gohn (1999) e Brandão (2005). Ela está ligada a quatro dimensões importantes de reflexão que são: a aprendizagem política que está pautada nos direitos das pessoas enquanto cidadã do mundo, compreendendo assim o meio social e a consciência de seus interesses; a segunda é a capacitação para o trabalho desenvolvido pela habilidade e potencialidade do indivíduo por intermédio da aprendizagem; a terceira é a prática da organização social com objetivos comunitários, entendendo e pensando na solução de problemas coletivos em projetos de práticas participativas, e a quarta é a aprendizagem dos conhecimentos escolares em espaços

alternativos, onde a ação de ensinar é baseada na troca de experiência, buscando compreender a finalidade a que se destina essa prática.<sup>101</sup>

A educação não-formal tem a possibilidade de acontecer em espaços múltiplos, onde não há um currículo definido e o tempo para a realização das propostas é mais flexível, pois depende da realidade temporal do aprendizado de cada um ou do grupo. Acontece em lugares alternativos, às vezes oferecendo certificado, às vezes não. O grande elo que une as pessoas ou grupos é a vontade de participar. A educação não-formal é a conscientização política da comunidade, do povo, pois o fato de participar leva a um entendimento de quem somos dentro da cidade e da sociedade promovendo assim uma elevação do nível cultural, como explica Gadotti:

*Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. (GADOTTI, 2005, p.2)*

A educação não-formal nos movimentos sociais de Heliópolis apresenta-se a partir do aprendizado construído no processo das relações cotidianas ocorrida na paisagem, reconfigurando os espaços como os CCCAs, e as políticas sociais às quais os atores sociais estão relacionados. Segundo Gohn a aprendizagem adquirida são questões democráticas, solidárias e coletivas que permitem aos atores uma compreensão político-social e uma convivência mais harmoniosa com os grupos.

A mobilização dos moradores e a organização das temáticas para discussão pelas lideranças constroem uma dinâmica social. Caso as lideranças encontrem um ambiente político favorável e a vontade dos moradores em participar, isso culmina em formas de participação, no processo de educação não-formal, dentro dos movimentos sociais já citados.

Podemos dizer que os movimentos sociais na paisagem contraem uma dimensão pedagógica, alicerçada nas vivências participativas dos atores, na busca da autonomia, possibilitando um reconhecimento e uma compreensão do bairro vivido. A experiência do dia-a-dia pode levar a tomada de decisões com reflexos na cidade.

Como pesquisadores, estamos olhando o movimento como um processo educacional, em que há aprendizagem por intermédio da participação, no discurso das lideranças. Percebemos que a educação está ganhando força e há cada vez mais espaço nas discussões de políticas públicas, não só com relação à obtenção de escolas para o bairro, pois há uma demanda, mas também no

---

<sup>101</sup> GOHN, M.G. Movimentos Sociais e Educação. São Paulo: Cortez, 1992.

que diz respeito à formação de cidadãos que pleiteiam e tenham atitudes para transformar a sua comunidade, mas que também questionem a seus governantes mudanças estruturais. Foi nessa busca que encontramos junto às lideranças a nova bandeira do movimento que é a Educação de forma integral, na formação cidadã.

A partir desse novo Movimento buscamos alguns preceitos, algumas interlocuções sobre cidades que educam e sobre movimentos de educação no século XXI.

## **CIDADE EDUCADORA: PONTO DE PARTIDA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM HELIÓPOLIS QUE EDUCA**

Paulo Freire em uma de suas últimas entrevistas em 1997 diz que tudo que acontece no mundo se relaciona bastante com ele, pois entende que a sua presença no mundo não é invisível e sofre influência das forças sociais. Enquanto educador ele não se vê fora da tensão “*entre o que ele herda e o que herdou da sociedade, da cultura e da história, tudo tem muito a ver com ele mesmo.*”

O educador nessa frase e em outras obras ressalta a importância da compreensão que devemos ter da nossa existência no mundo, da importância que tem de entendermos, de lermos o mundo não só de uma forma mais humana, mas também mais crítica com relação aos acontecimentos sociais que estão acontecendo na sociedade. Não estamos isolados e somos um pouco de tudo aquilo que vivemos e o que fazemos: precisamos do outro para vivermos bem e para a resolução dos problemas. Como contamos com o outro, vários movimentos em prol de uma educação popular vão se constituindo na busca de soluções por meio da participação popular.

Como fonte para a pesquisa registramos momentos na nossa educação brasileira que elucidam desejos de transformação na área educacional pensando no coletivo, com qualidade. São os casos do Movimento da Escola Nova nas décadas de 20 e 30, dos movimentos de Educação Popular nas décadas de 50 e 60, e da retomada dos Escolanovistas, dos Movimentos Sociais da América Latina contra a ditadura. O relatório Edgar Faure (1972) elaborado pela UNESCO sob o título *Aprender a Ser* contempla a temática sobre Cidade Educativa. Nesse relatório construído na década de 70, a cidade aparece como uma sociedade e a ênfase é dada nos processos de formação e aprendizagem além dos muros escolares. Paulo Freire (2006), enquanto gestor na prefeitura juntamente com Mario Sérgio Cortella<sup>102</sup>, no início da década de 90 começaram a organizar o movimento da Escola Pública Popular por meio de uma reformulação curricular de

---

<sup>102</sup> Mario Sergio Cortella é filósofo, mestre e doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também é professor-titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da pós-graduação em Educação (Currículo), além de professor-convidado da Fundação Dom Cabral e do GVpec da FGV-SP. Foi secretário municipal de Educação de São Paulo (1991-1992) e é autor, entre outros livros, de *A Escola e o Conhecimento*, *Nos Labirintos da Moral*, com Yves de La Taille, *Não Espere Pelo Epitáfio*: Provocações Filosóficas e Não Nascermos Prontos!.



forma participativa e inovadora aqui em São Paulo, como ele demonstra no livro *A Educação na Cidade*:

*Devemos iniciar neste mês de março, nas áreas populares, comícios ou assembléias pedagógicas, em que, de um lado, mostraremos o estado deplorável em que encontramos cerca de cinquenta escolas, de outro, discutiremos os passos que estamos dando com relação a mudança da “cara” da escola. Neste mês, ainda, faremos um primeiro encontro com 40 a 50 alunos da 5ª série para ouvir deles o que pensam da escola e falar um pouco a eles de como pensamos.” (FREIRE, 2006.p. 47)*

Concomitantemente na Europa havia gestores públicos e membros de movimentos sociais na cidade de Barcelona na Espanha, refletindo sobre todas as mudanças sociais globalizadas existentes e por já terem experiências exitosas na área da educação e do urbanismo pensaram em construir um Plano Educativo de cidade que realmente trouxesse aos seus cidadãos e cidadãs uma reflexão sobre a cidade. Para montar esse processo de forma colaborativa essa comissão espanhola (gestores e lideranças) convidou mais de 400 profissionais entre eles, educadores, urbanistas, médicos, sociólogos, biólogos, arte-educadores e a população a participar de processos participativos espalhados pela cidade, por meio de debates, reuniões, entrevistas, questionários. Vários instrumentos foram usados para a construção coletiva de uma cidade educadora.

O primeiro resultado desse processo foram 30 documentos estruturantes para o Projeto Educativo da Cidade. A gestão aconteceu por intermédio de um conselho deliberativo e um conselho assessor representado pelo poder público em todas as suas instâncias, entidades privadas, ONGs, universidades, meios de comunicação, movimentos de mulheres, mães e pais, juventude, meio ambiente entre movimentos locais.

Esse conselho organizou em 1990 o 1º Congresso Internacional de Cidades Educadoras<sup>103</sup>, que teve como objetivo mostrar aos outros países como é possível construir uma Cidade que Educa e que para obter resultados é importante a participação de todos como numa grande teia. De lá pra cá já aconteceram 10 Congressos sediados em vários países da Europa, da América do Norte e América Latina. As organizações para os próximos encontros já estão acontecendo. A seguir uma tabela mostra quais países já sediaram e quais serão os próximos que sediarão essa Conferência.

---

<sup>103</sup> Vários países assinaram a carta de intenções com as sugestões de como trabalhar com programas e projetos que melhorem a qualidade de vida de seus habitantes. Entre esses compromissos está o acesso de todas e todos aos meios de formação e desenvolvimento pessoal, educação para a diversidade e a utilização do espaço urbano como instrumento de ensino sem exclusão de faixa etária ou classe social. Desse encontro culminou a criação da Associação Internacional de Cidades Educadoras – AICE em 1993. No Brasil em abril de 2004 São Paulo, a capital paulista foi a 28ª cidade a assinar o termo e assumiu o compromisso da associação, a chamada Carta de Barcelona<sup>103</sup>. Além de São Paulo, já são 15 os municípios brasileiros que podem trocar experiências com esse enfoque: Alvorada (RS), Belo Horizonte (MG), Campo Novo do Parecis(MT), Caxias do Sul(RS), Cuiabá(MS), Pilar(PB),Piracicaba(SP) e Porto Alegre(RS), Dourados(MS),Gravatá(RS), Jequié(BA), Santo André(SP), São Carlos(SP), São Bernardo do Campo(SP), Sorocaba(SP), Montes Claros (MG) e Santos(SP).

Tabela 1- Países que já sediaram o encontro de Cidade Educadora

I – 1990 - Barcelona (Espanha) A cidade educadora para crianças e adolescentes.
II – 1992 - Gotenorg (Suécia) A educação permanente.
III – 1994 - Bolonha (Itália) O multiculturalismo: reconhecer-se para uma nova geografia das identidades.
IV – 1996 - Chicago (EUA) As artes e as humanidades como agentes de mudança social.
V – 1999 - Jerusalém (Israel) Aproximar o legado e a história ao futuro.
VI – 2000 - Lisboa (Portugal) A cidade, espaço educativo no novo milênio.
VII – 2002 - Tampere (Finlândia) O futuro da educação. O papel da cidade no mundo globalizado.
VIII – 2004 - Gênova (Itália) Outra cidade é possível. O futuro da cidade como projeto coletivo.
IX – 2006 - Lyon (França) O lugar do ser humano na cidade.
X – 2008 - São Paulo (Brasil) Construção da Cidadania em Cidades Multiculturais.
XI – 2010 – Guadalajara (México) "O desporto, cidadania e política pública. Desafios da Educação da Cidade"
XII – 2012 - Congresso Internacional já em fase de inscrição de cidades para sediar o evento.

FONTE: <http://www.edcities.bcn.es/edcities/aice>

A cidade nessa proposta de Cidade Educadora não será utilizada somente como recurso pedagógico de visitas a museus, parques ou passeios públicos, ela passa a ter agentes de educação, ou seja, os museus, os meios de comunicação, os postos de saúde, as escolas, as associações de bairro, as ONGs, as famílias, os planejadores, os urbanistas, as secretarias, cada um assume o seu papel, refletindo sobre a sua responsabilidade educativa dentro da rede. E assim a cidade que educa também é educada numa relação mútua de aprendizagem.

Diante das experiências que estão sendo realizadas aqui no Brasil<sup>104</sup> e também em outros países da Europa, nota-se que há um movimento universal sobre a possibilidade dos lugares

<sup>104</sup> Outras experiências interessantes que estão acontecendo no Brasil é o Programa Município Educador Sustentável lançado em 2005 pelo Ministério do Meio Ambiente na gestão da Ministra do meio Ambiente Marina Silva que tem por objetivo formar educadores ambientais em todas as instâncias, apoiar espaços coletivos como espaços educadores para a construção de sociedades sustentáveis estimulando e apoiando cada município a organizar as suas esferas e instituições locais para a construção de projetos educativos que caminhem para a sustentabilidade criando indicadores que permitam o monitoramento pelo próprio município. Outra experiência mais recente é a rede articulada em torno dos princípios da Educação Cidadã<sup>104</sup> com as prefeituras, chamado Município que Educa. As pessoas que participam colaboram com a gestão pública elaborando e participando da gestão educacional de forma intersetorial. Segundo Padilha (2009) a rede considera o município em sua ampla dimensão territorial e cada cidadã e cidadão podem redescobrir os vários espaços e tempos do território onde vive, admirando o que há de belo e questionando quando houver necessidade de superar desafios. Bernet (1997) e Gadotti (2004, p.40) nos inspiram em perceber o dinamismo que pode haver nas cidades.

propiciarem aos indivíduos e aos grupos aprendizagem. Uma aprendizagem que pode ter início no olhar e depois com mais interação pode gerar processos participativos, pois a aprendizagem aqui não fica reduzida meramente aos equipamentos, processos e tempos escolares com os quais, estamos acostumados. Ampliam-se as paisagens em que pode acontecer aprendizagem: novos caminhos são construídos para isso, novas formas de participação ganham força, como os conselhos, os fóruns, os comitês, as assembléias populares, nos quais a educação não-formal está presente.

Devido às características de uma cidade educadora e às formas das práticas sociais temos a educação não-formal como um meio para esse processo, para a percepção da cidade. No caso, o Heliópolis que Educa poderá seguir algumas premissas da Cidade Educadora e do Município que Educa, mas precisará acontecer de forma coletiva e com articulações com a cidade.

## **A CONSTRUÇÃO DE UM HELIÓPOLIS QUE EDUCA PELO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO**

A história da Unas está intimamente conectada à história de Heliópolis, pois eram moradores que resolveram lutar para permanecer no lugar. Já a proposta de um bairro que educa está ligada a UNAS, por meio das lideranças comunitárias para e com os moradores de Heliópolis. Uma formação que está conectada às pessoas, aos lugares, ou seja, à paisagem que existe. São lideranças que resolveram se dedicar a construção de um bairro com melhor qualidade de vida e dentro desse objetivo priorizam a educação integral<sup>105</sup>, construindo lugares, realizando ações.

Para pesquisar sobre o Heliópolis que Educa, ou Bairro Educador precisávamos buscar referências teóricas sobre o que é *bairro*, e encontramos em alguns autores menções significativas para a construção teórica de um bairro que educa<sup>106</sup>.

Barros (2004) e Sturza (2005) trazem significados que definem uma estrutura ao nosso pensamento nessa pesquisa. Para Sturza podemos considerar que o bairro desempenha as suas funções estruturais tradicionais que é ter uma colocação social (residencial), alguns geram economia, tem função política e são prestadores de serviço tudo isso motivado pelo poder

---

pois podemos aprender na cidade, aprender da cidade e aprender a cidade<sup>104</sup>, como ponto inicial para uma construção de uma pedagogia urbana que nos leve a refletir sobre a relação entre cidade e educação, pensando na questão política e didática.

<sup>105</sup> Educação Integral segundo Paulo Freire é popular e transformadora. Ela busca descobrir e reconhecer todas as potencialidades das comunidades, integrando atividades sociais, culturais, econômicas, políticas e educativas. Segundo Gadotti (2009) é uma educação com qualidade sócio-cultural. A integração da cultura, da saúde, do transporte, da assistência social etc. Não se trata apenas de estar na escola em horário integral, mas de ter a possibilidade de desenvolver todas as possibilidades humanas, que envolvem o corpo a mente, a sociabilidade, a arte, a cultura, a dança, a música, o esporte e o lazer etc.

<sup>106</sup> Enquanto pesquisadora desde 2007 fui convidada a participar das discussões sobre o que seria um bairro que educa, juntamente com as lideranças de Heliópolis, educadores e parceiros locais (diretores e coordenadores pedagógicos das escolas estaduais e municipais).

público e pela sociedade que o compõe. Para Barros, o bairro é o lugar, que é mediado pelas ruas e pela cidade, numa escala intermediária, mas com características próprias e é um espaço territorial, com suas divisões administrativas.

Podemos considerar que a rua, o bairro e a cidade instituem o primeiro espaço de formação da criança depois da família. O bairro também estabelece uma sensação de pertencimento maior que a cidade. Segundo Barros (2004):

*O bairro revela, antes de tudo, uma forma física, um pedaço urbano que cresce segundo tais eixos ou tais direções, e um determinado tamanho, seu traçado segue uma lógica espaço-social. Ou seja, o bairro é uma unidade morfológica espacial e morfológica social ao mesmo tempo...O bairro corresponde à dimensão de território ideal para a reivindicação coletiva. Esta especificidade do bairro torna-o uma unidade politicamente importante.*

Na identificação dos perímetros ou limites de um bairro, na maioria das vezes usam-se as vias públicas (arruamentos). Mas conforme a situação esses limites podem ser claros ou difusos, ou seja, formais, oficiais, informais ou subjetivos:

*Quase nunca as divisões oficiais coincidem com as subjetivas. As áreas têm que distinguir-se umas das outras, as fronteiras devem ter significado, com uma vida característica em comum. As divisões políticas e as divisões planificadoras são demasiado grandes. As delimitações mais claras de áreas subjetivas têm lugar quando barreiras físicas bem definidas coincidem com os esquemas cognitivos. (SOUZA, 1989, p. 140)*

Podemos também considerar as produções simbólicas como os grafites, o acabamento das fachadas, as decorações dos ônibus, o estilo dos mercadinhos, bares e lojas populares que expressam a arte popular urbana não só nas periferias, mas também nas áreas centrais das cidades, “*pois o bairro pode ser o lugar de reconhecimento, que põe à mostra a produção simbólica dos setores populares da cidade, não só na religiosidade festiva, mas também na expressividade estética*”. (BARBERO, 1989)

Além disso, o bairro como a cidade pode oferecer uma formação para e pela cidadania e isso só é possível por intermédio da promoção e do desenvolvimento integral de todas e todos, estamos falando aqui das crianças, jovens, adultos e idosos e o grau das relações que eles estabelecem com o meio. Essa relação para nós pode ser um instrumento conceitual para a interpretação da realidade e para a formação de valores e de aprendizagem na paisagem.

Em 1992, um projeto de lei pautado pelo vereador José Índio do Nascimento (na época PMDB) pedia a mudança do nome Heliópolis para “Cidade Nova Heliópolis”, pois a favela começava a entrar nos projetos de urbanização da cidade.<sup>107</sup>

*A gente não correu atrás. Mais importante do que a questão de mudar o nome, é a organização comunitária. A questão fundiária, a canalização, a regularização das escrituras definitivas. Isso é prioridade. O nome pouco importa. (Manoel Otaviano da Silva)*

Buscamos entender a paisagem de Heliópolis, pensando na potencialidade do local com relação às relações humanas, aos lugares construídos e ao sentimento de pertencimento das pessoas com o lugar, constituindo assim uma paisagem importantíssima como elemento de aprendizagem nas práticas educativas. Por isso, como método de pesquisa, propusemos as lideranças refletir sobre as experiências, vivências e aprendizados que aconteceram ao longo desses anos, pois cada ação, cada lugar pode conduzir e contribuir a uma ação, ao fortalecimento de um movimento diferenciado.

Buscamos a todo instante valorizar as experiências de vida dos moradores, pois elas estão carregadas de sentimentos e emoções com relação à paisagem. Essa valorização é importante, pois os moradores podem adquirir uma nova consciência de quem eles são e qual o seu papel com relação ao bairro e a cidade. Como diz Freire “*tudo que acontece no mundo tem muito a ver comigo*”. Por esse motivo as oficinas complementaram as narrativas de vida das lideranças sendo fundamentais para a estruturação dessa pesquisa.

As ações que compreendem esse novo movimento de um Heliópolis que Educa estão sendo gradualmente incorporadas nos projetos e programas da UNAS, de outras entidades, nas EMEFs Presidente Campos Salles e Luiz Gonzaga Júnior, e em alguns comércios locais nesses últimos quatro anos.

Durante as oficinas e entrevistas, percebemos que na década de 70 com a luta das mulheres e dos homens pela moradia, conseqüentemente outras estruturas precisavam ser integradas, por exemplo, as mães que lutavam por creches para os seus filhos nos locais de moradia. As lideranças do movimento de moradia precisam articular com o movimento de educação, o diálogo precisa ser construído.

A vivência na paisagem dentro dos processos da pesquisa ocorreu dentro e fora dos equipamentos sociais, a rua foi um lugar muito vivenciado por nós pesquisadores. A principal e

---

<sup>107</sup> E o nome ficaria com a intenção de impulsionar o desenvolvimento da região. O projeto foi aprovado e se tornou lei em 3 de dezembro de 93, a lei 11.450. Mas a escolha do novo nome teve pouco interesse da comunidade, que até desconhecia a criação da lei, e a comunidade ignorou a nova nomenclatura. Em 2007, novamente a prefeitura oficializa e define Heliópolis como bairro devido às obras de infra-estrutura urbana.

maior associação local, a UNAS é responsável por boa parte dos acontecimentos na comunidade. Optamos por chamar os equipamentos sociais de gestão dessa entidade por “Lugares de aprender”, pois acreditamos que toda a paisagem tem um forte potencial agregador, mas isso vai depender de quem a vivencia e como agem com ela.

Para um bairro ser considerado educador, ele precisa promover e desenvolver o protagonismo de todos e de todas, da criança ao idoso, na busca de um novo direito à cidade educadora. Exercer esse direito está ligado à forma como nos posicionamos com relação às políticas públicas. As ações organizativas ocorridas na comunidade dão força a esses movimentos e elas podem ser destacadas em um bairro que educa como manifestações de grande força. Hoje esse espaço é ocupado pelos movimentos sociais urbanos, como destacamos anteriormente. Hoje temos o indivíduo que é excluído, mas, como levá-lo a uma participação nessa paisagem se ela às vezes o exclui?

Na proposta desenhada pelas lideranças em tornar Heliópolis um bairro que educa o principal ponto é a participação e o resgate da história. As lideranças nas entrevistas demonstraram o desejo de que a comunidade participe ativamente dos movimentos que acontecem nos núcleos e nos projetos. A educadora Ana Hélia afirma que *“gostaria que a comunidade participasse mais. A comunidade precisa acreditar nesse sonho para se tornar um bairro que educa. As pessoas não podem ter vergonha de estar aqui.”*

Como dito anteriormente a participação aqui é a ampliação da base democrática, com o objetivo de termos um efetivo controle social sobre as ações do Estado, pois essas ações estão imbricadas no conhecimento de como funciona o poder público, quem são os agentes envolvidos e como eles atuam, ou seja, todos somos peças fundamentais, por isso participar é tomar parte em algo ou fazer parte de algo. Esse aprendizado para nós possibilitou o entendimento sobre os processos participativos na paisagem de Heliópolis.

Durante a pesquisa foram discutidas com as lideranças as seguintes questões: como uma paisagem é transformada? Qual o papel da universidade na construção de um Heliópolis que Educa? Quais são os processos e as ações que contribuem para esse resultado? Quem são os atores e qual o seu papel para que não haja manipulação de uma massa? Várias respostas são encontradas em parte nesta pesquisa.

Para Bernardo Toro, os atores sociais são aqueles que atuam em parceria, que criam organizações ou pertencem a uma e as pessoas se modificam por intermédio das organizações. Um bom exemplo é como Toro (2005) define a questão da violência que para ele não pode ser considerada como um problema que não tem solução, pois para ele a violência *“é a consequência de não haver sido construída uma ordem ética de convivência, fundamentada nos*

*Direitos Humanos. Se amanhã se calam os fuzis, ainda não terá sido resolvido o problema da violência. É necessário estabelecer a convivência para se ter um futuro.”* (TORO, 2005, p.19)

Por meio dessa busca de convivência em Heliópolis foi possível presenciar e experienciar inúmeras atividades que contaram com a participação das pessoas como, reuniões e assembléias nas ruas, inauguração de nova CEI, consulta pública com os moradores sobre um determinado assunto, reunião de moradia na área do novo conjunto habitacional, marchas e caminhadas entre outras atividades.

São bem diversificadas as formas de participação e manifestação. A cada ano, mais pessoas vão aderindo aos “movimentos”<sup>108</sup>. Podemos tomar como exemplo a “Caminhada pela Paz” em Heliópolis, em que a participação da comunidade se dá de forma integrada percorrendo ruas e calçadas desse bairro que almeja ser educador, dentro dos seus processos participativos buscando contribuir para a transformação social da paisagem.

A aprendizagem para nós pesquisadores aconteceu por intermédio do aprendizado que foi adquirido durante a construção da pesquisa, na vivência com a comunidade, na participação e na construção das práticas educativas. Nosso aprendizado é aquilo que foi apreendido na paisagem, podendo tornar-se cada vez mais significativo. Participar na paisagem é tomar parte em algo ou fazer parte de algo.

---

<sup>108</sup> Como a própria comunidade de Heliópolis denomina essas ações.



## Práticas Educativas na Paisagem

4  
CAPÍTULO





# • PRÁTICAS EDUCATIVAS NA PAISAGEM

---

Neste capítulo, abordaremos em maior detalhe as práticas realizadas durante 2009, por entender que elas permitem uma aproximação maior dos atores e sua relação com o meio, na sua construção sócio-histórica, descrevendo as possibilidades de aprendizagem. Durante a pesquisa, entre 2007 e 2009, já havíamos realizado as vivências por meio da participação voluntária, acompanhando os movimentos de moradia, saúde e educação. Houve entrevistas, registros das narrativas de vida e oficinas de percepção ambiental, que se deram por intermédio do Estudo do Meio<sup>109</sup>.

Com esse conjunto de procedimentos nós já tínhamos uma compreensão e uma valoração da paisagem para a análise. Mesmo assim, optamos por mais uma série de atividades que nos permitisse averiguar e avaliar alguns procedimentos já realizados. Desenvolvemos, então, mais uma Oficina de Futuro com jovens (setembro de 2009), uma oficina de Estudo do Meio com as educadoras (outubro de 2009), e outra com as crianças (junho de 2009), participei como colaboradora e pesquisadora na disciplina AUP-0665 Arte e Projeto da Paisagem (junho a dezembro de 2009) e a última Roda de Conversa sobre a pesquisa com as lideranças (dezembro de 2009).

Compreendemos como prática educativa a forma de facilitação de um determinado assunto, ou tema, e todo o processo de elaboração e sistematização da atividade. É preciso ter clareza com relação ao objetivo, às pessoas envolvidas, à forma de participação, à autonomia e aos

---

<sup>109</sup> Já havíamos realizado até o momento: Oficina de Futuro com adolescentes do projeto Agente Jovem (maio de 2007), e educadores dos CCCAs (março de 2008), Roda de conversa para apresentação dos temas da dissertação (maio de 2008), Oficina de Percepção por meio do Estudo do Meio com as crianças do CCA Mina. (agosto de 2008), Oficina sobre o Heliópolis que Educa (agosto de 2008), Oficina – A construção de Heliópolis como um Bairro que Educa (agosto de 2009)

resultados que desejamos alcançar. Todas as atividades possibilitaram estabelecer processos de trabalho com a paisagem, umas com mais intensidade outras com menos, mas todas demonstraram ter congruência com a perspectiva educativa e participativa, permitindo verificar a partir da construção das mesmas o argumento desenvolvido nessa dissertação.

As oficinas de Estudo do Meio e da disciplina foram realizadas utilizando o ambiente comunitário dos CCCAs como ponto de partida. Isso não era previsto inicialmente em nenhuma dessas atividades, mas veio à tona, devido à força que esses equipamentos adquiriram na comunidade, como já antecipamos no capítulo anterior. Destacamos que o programa dos CCCAs não trabalha especificamente com paisagem, mas, conforme o processo caminhava, os atores o apontavam organicamente como o lugar ideal para realização das oficinas, como uma referência que está inserida na percepção dos moradores e lideranças. Eles entendem e compreendem esses equipamentos por meio da memória, da significação desses espaços, da interação dos mesmos com a paisagem. Os CCCAs diferem da escola justamente por possuírem essa articulação, flexibilidade e inserção na comunidade.

Dispor-se a uma compreensão da paisagem, da história do lugar, por intermédio das narrativas de vida, implicou em atribuir sentido às falas dos atores sobre o cotidiano. Durante a pesquisa, foi possível notar que as lideranças lêem na educação aspectos importantes para a transformação social da comunidade, de acordo com suas perspectivas, como parte dos avanços decorrentes de suas lutas sociais. A educação no Heliópolis ocupa um lugar central na construção coletiva da cidadania, ou seja, na prática social em curso.

Durante a pesquisa, destacamos a apropriação da paisagem como uma prática social, que permeia o cotidiano da comunidade. Não só os espaços são apropriados pelas pessoas, como elas se deixam levar por essa apropriação. Segundo a assistente social Marlova Noletto da UNESCO, *“a possibilidade de participar, de construir coletivamente gera o sentimento de pertencimento, de fortalecimento da auto-estima e de busca do bem estar comum, que são requisitos para o efetivo exercício da cidadania no cotidiano”*. (NOLETO, 2008, p.53).

Repensamos a prática educativa comunitária de forma cooperativa e solidária em uma paisagem dinâmica. O objetivo das práticas era fazer com que os atores percebessem e transformassem a paisagem em que vivem. Foi necessário um grande empenho na investigação para que não houvesse uma supervalorização dos grupos e de suas práticas sem uma discussão amparada em autores e temas para evitar o risco de análise pautado no senso comum. Para tanto, analisar a paisagem como experiência partilhada mostrou-se tão importante, pois, inseridos na mesma, verificamos os conflitos e transformações para construirmos um pré-entendimento da realidade

por intermédio de uma investigação crítica com base na observação participante que nos possibilitou propor práticas educativas formadoras dentro de um “Heliópolis que Educa”.

## **OFICINA DE FUTURO – ADAPTADA DA TÉCNICA ZOPP**

Realizamos duas Oficinas de Futuro, uma logo no início do mestrado em 5 de maio de 2007, com 60 jovens e 4 educadores, e a segunda em 15 de setembro de 2009 com 16 jovens e 1 educador. O objetivo da oficina é levantar os problemas e as potencialidades de um grupo. Os jovens que participaram tanto da primeira quanto da segunda oficina são do Programa Agente Jovem de Heliópolis.

A dinâmica estabelecida na oficina é debater os problemas, os sonhos e as ações conjuntas. A Oficina de Futuro é uma ferramenta de planejamento participativo, adaptada aqui no Brasil pelo Instituto Ecoar para a Cidadania<sup>110</sup>, desde 1996, pelos pesquisadores Marcos Sorrentino, Rachel Trajber e Eda Tassara<sup>111</sup>, que se basearam na técnica ZOPP<sup>112</sup>, para trabalhar com comunidades. O objetivo da oficina é sensibilizar e envolver populações em processos participativos, fomentando a resolução de problemas e a tomada de decisão. Para iniciarmos os trabalhos, apresentamos o objetivo da pesquisa e da proposta de trabalho.

No nosso caso, o objetivo foi desenvolver um plano de ação integrado levando em conta a realidade socioambiental, construindo com os jovens as seguintes dimensões:

a) Pesquisa da realidade - Muro das lamentações: Essa etapa questiona com os jovens a situação atual e o que os impede de alcançar os seus sonhos. Nesse primeiro momento, o diálogo foi aberto com a seguinte pergunta: quais são as dificuldades que os adolescentes enfrentam no seu dia-a-dia?

Em um muro, que eles mesmos desenharam, as respostas eram colocadas especificamente nos tijolos (cartelas), e depois explicadas por eles. Após essa etapa, realizamos os agrupamentos com as idéias parecidas. As respostas eram muito intensas, pois a situação vivida no cotidiano por esses jovens demonstram as dificuldades enfrentadas na paisagem urbana da cidade. Os

---

<sup>110</sup> Organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), sem fins lucrativos, que atua com educação ambiental para sustentabilidade, mudanças climáticas, programas e projetos de florestas, recursos hídricos, cidadania e desenvolvimento local sustentável. Sua missão é contribuir para a construção de sociedades sustentáveis. Fundada por um grupo de ambientalistas e pesquisadores após a ECO-92 e o Fórum Global, o Ecoar atua em todo o território nacional, sendo responsável pela implantação de mais de 70 projetos socioambientais e pela promoção de centenas de cursos e oficinas. [www.ecoar.org.br](http://www.ecoar.org.br).

<sup>111</sup> Eles entrem outros pesquisadores foram fundadores do ECOAR em 1992.

<sup>112</sup> O nome ZOPP, originário do alemão (Ziel Orientierte Projekt Planung), significa "planejamento de projetos orientado por objetivos". As raízes do método vêm de outra metodologia conhecida, o LogFRAME (Logical framework), criado nos EUA, e que é muito utilizado em projetos de desenvolvimento. A partir dessa metodologia a agência alemã de Cooperação Técnica (GTZ - Gesellschaft Für Technische Zusammenarbeit) concebeu o ZOPP acrescentado à metodologia inicial uma análise de problemas e dos atores envolvidos voltado para o desenvolvimento e projetos técnicos de cooperação.

problemas aqui aparecem por ordem de frequência da ocorrência, que entendemos aproximar-se, para esse grupo, de uma ordem de relevância.

- Falta de áreas de lazer;
- Falta de espaços culturais;
- Falta de oportunidades e emprego;
- O fácil acesso às drogas;
- Falta de espaço em casa;
- A violência policial;
- Falta de escolas perto de casa;
- Falta de um shopping.<sup>113</sup>

Nesse primeiro momento, obtivemos por meio dessa atividade as informações e até a forma de resistência dos jovens com relação ao vivido. A relação com as drogas é nítida e está presente, sendo mais um motivo de luta, “conquista” e tristeza, pois a morte também está presente, a perda de amigos apareceu em quase todas as falas. Nesse momento, eles explicavam as situações e experiências.

*“Nós não temos espaços de lazer aqui na favela, aqui existem vários grupos. O que acontece é que nós nos reunimos onde dá prá ouvir uma música, dançar um break”.  
(Marcelo, 16 anos)*

*“As empresas enxergam muitas vezes o jovem como mão de obra barata”. (Wadja, 17 anos)*

Os jovens demonstram criatividade e flexibilidade Sendo possível para nós pesquisadores entendermos as situações que foram explicitadas, pois os jovens enquanto grupos se relacionam com seus pares, expressando seus pensamentos e sentimentos com liberdade, desenvolvendo parte significativa de sua percepção de mundo.

b) Dimensão dos Sonhos - Árvore dos sonhos: em grupo pensamos sobre o que é sonhar numa realidade que é imediatista e muitas vezes perversa, em que os jovens entre 15 e 24 anos identificam com clareza que estão à porta do mercado de trabalho, no entanto não conseguem emprego. Jovens que querem se divertir, mas na sua comunidade não há tantos espaços de lazer e cultura.

---

<sup>113</sup> Houve somente uma menção ao shopping.

Após as discussões, os adolescentes colocaram nas folhas (cartelas), seus sonhos relativos à sua condição de vida. Aos poucos a copa da árvore foi sendo preenchida com os desejos. Após um processo de debate com o grupo, são priorizados os sonhos coletivos ou os sonhos mais parecidos. Os sonhos do grupo podem ser vistos como os objetivos de um projeto a ser desenhado:

- Locais de lazer e centros de cultura;
- Criação de empregos;
- Construção de escolas aqui na favela;
- Mais um hospital;
- Conscientização dos jovens que estão nas drogas;
- Limpeza nas ruas e calçadas;
- Paz no nosso bairro educador.

Mesmo numa realidade difícil, os jovens que participaram se mostram com ânimo. Alguns jovens disseram que acreditam que podem transformar a sua realidade. O problema é: será que a sociedade em que vivemos acredita nesse jovem? A falta de reconhecimento da sociedade, do governo, da própria comunidade é percebida por todos nós.



c) Histórico do lugar: nesta etapa construímos coletivamente a história do lugar, por intermédio de pesquisas em livros, entrevistas com pessoas mais velhas, com o objetivo de compreender os processos de transformação pelos quais aquela região passou e a importância desse contexto

para o jovem. Toda ação social e a causa a qual ela se remete encontram-se dentro de um processo histórico.

Nesse momento, discutimos com eles a sua própria história de vida, os projetos já realizados, a participação deles na comunidade, as dificuldades e os resultados alcançados. A memória viva é trazida à tona para que se possa (re)construir um plano de ação que aprende com as lições do passado.

*“Conversei com pessoas bem antigas aqui, antes não tinha nada aqui, só campo de futebol”. Alexandre (16 anos)*

*“Minha mãe contou que a policial ficava aqui direto, que morria muitos jovens e quem matava era a própria policial. Hoje eu acho que isso mudou, pois o próprio jovem se mata através da drogas”. (Daniela , 17 anos)*

Como esses jovens fazem parte de um programa, a oficina propiciou além de um diagnóstico rápido da realidade, a elaboração de um plano de ação participativo. Emergiu a idéia de reconstruir um seminário, pois nos anos anteriores já havia acontecido outros seminários, mas só com palestras. Nesse ano o intuito era entrelaçar cultura e meio ambiente, com o objetivo de encontrar mais jovens e chamá-los para a participação. Como os jovens são naturalmente abertos às curiosidades, eles foram receptivos à oficina que proporcionou uma confiança coletiva, na construção de valores pessoais que interagem com o mundo.

O III Seminário de Meio Ambiente decorrente dessa oficina aconteceu em dezembro de 2009 e foi muito interessante, pois os jovens organizaram rodas de conversa, peça de teatro, música, dança e oficinas de hip-hop, recebendo a visita de todas as crianças e adolescentes dos CCCAs e da EMEF Presidente Campos Salles e Luiz Gonzaga do Nascimento<sup>114</sup>.

d) Discussão dos resultados: os jovens em Heliópolis mostram-se dispostos a participar, mas o trabalho precisa ser bem atrativo, porque a desistência também acontece rapidamente. Existe um ânimo, uma vontade de querer transformar a realidade, mas a estrutura social e econômica impede os acontecimentos. Percebemos que o jovem contemporâneo sofre com as mudanças que estão acontecendo no mercado de trabalho, ficando claro que o presente para eles é muito adverso, e planejar o futuro acaba sendo uma dificuldade.

Não só as estatísticas mostram, mas durante as oficinas os jovens falaram da sua realidade, destacando o conflito entre facções que disputam o comércio de drogas, as ações da polícia com

---

<sup>114</sup> Essas duas EMEFs estabeleceram parcerias com a comunidade por meio das lideranças comunitárias.

arma de fogo e o medo de serem atingidos por bala perdida<sup>115</sup>, o ir e vir na comunidade acaba por ser um desafio. A falta de mecanismos eficazes para combater a violência, a falta de lazer e de espaços culturais, e os desafios para inserção do jovem no mercado de trabalho influem diretamente na qualidade de vida. Constatamos que o desafio de ser jovem está presente na paisagem urbana.

Mas, com todos esses desafios, o jovem determina o uso de alguns espaços públicos em Heliópolis, como retratamos anteriormente, criando uma identidade social com o lugar. Optam por espaços onde encontram aberturas e comportamentos semelhantes aos seus. A “gleba K”, conhecida pela própria comunidade como o núcleo que tem tudo (escolas, equipamentos sociais, creches, posto de saúde, quadras) acaba, por atrair os jovens das outras glebas ou núcleos, mostrando a nós que há um deslocamento para participar de processos geralmente coletivos, vide os batizados de capoeira, as baladas Blacks, os jogos nas quadras poliesportivas e nas EMEFs, lan-houses e os telecentros. São usos que permitem a aproximação com jovens de outros núcleos.

Ao longo da análise de todo o material coletado nas práticas, percebemos que os atores conhecem e reconhecem todas as áreas de Heliópolis e fazem opções de estar em uma ou outra área. Podemos dizer que o uso dos espaços públicos pelos jovens está diretamente ligado à questão social e às decorrências que estas implicações provocam na paisagem, ou seja, a forma como esses atores constroem reconhecimentos e significados dos espaços a partir da sua apropriação.



**Figura 64: Peça de teatro encenada pelos jovens em praça pública para falar sobre a questão ambiental. Foto: Cláudio Borges**

---

<sup>115</sup> No dia 31 de agosto de 2009, a adolescente Ana Cristina de 17 anos foi atingida por uma bala perdida quando voltava da escola e sem querer acabou no meio de uma perseguição policial entre guardas municipais de São Caetano e ladrões que haviam furtado um carro. Esse incidente provocou manifestações violentas na comunidade.





Figura 65: Oficina de Futuro  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 66: Oficina realizada pelos jovens , 2009  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 67: Oficina realizada pelos jovens, 2009  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 68: I Seminário de Meio Ambiente 2007  
Foto Gildevan Felix



Figura 69: III Seminário de Meio Ambiente 2009  
Oficina de Percepção por meio do Estudo do Meio

## OFICINAS DE PERCEÇÃO AMBIENTAL POR MEIO DO ESTUDO DO MEIO

O Estudo do Meio é uma prática de ensino difundida nas escolas brasileiras desde o início do século XX. Algumas pesquisas<sup>116</sup> nos mostram que o Estudo do Meio chega ao Brasil com a vinda dos imigrantes italianos e espanhóis, com forte influência do movimento anarquista.

Como já foi afirmado anteriormente há dois educadores cujas experiências são referências sobre Estudo do Meio: Ferrer y Guardia<sup>117</sup> (1859-1909) da Escola Moderna de Barcelona<sup>118</sup> e Celestin Freinet<sup>119</sup> (1896-1966). Ambos destacam a importância das práticas educativas realizadas no entorno das escolas, fora do ambiente escolar, pois o trabalho de campo pode contribuir para a compreensão da paisagem do qual os atores fazem parte. A pesquisadora Nídia Pontuschka (2004) relata que encontramos experiência de Estudo do Meio no movimento da Escola Nova, na década de 60, nas Escolas Vocacionais Colégio de Aplicação, ligado à antiga Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, da Universidade de São Paulo.

*O Estudo do Meio tem papel significativo, interagindo com as demais ações, ao invés de se 'chocar' com a estrutura de uma escola tradicional como ocorreu e vem ocorrendo até o presente momento, na qual a estrutura e a organização da escola não priorizam o Encontro entre as pessoas, a troca entre professor e professor; aluno e aluno; alunos e professores e outros envolvidos no processo educativo. (PONTUSCHKA, 1994, p.188)*

116 Pontuschka, Lestinge, Calsavara entre outros trazem em seus artigos e ou pesquisas reflexões sobre a Educação Libertária e o Estudo do Meio.

117 Francesco Ferrer y Guardia (1859-1909) Fundador da Escola Moderna, o pedagogo mais significativo para a educação libertária, grande crítico da escola tradicional. Sua obra foi o principal referencial teórico dos anarquistas que dirigiram e fundaram escolas em São Paulo, no início do século XX. William Godwin, ainda em fins do século XVIII, alertava que o ensino público perpetuava os preconceitos e ensinava a submissão. Suas críticas tiveram grande repercussão no anarquismo moderno e foram retomadas por filósofos como Proudhon e Bakunin. Com o fechamento da "Escola Moderna" em 1908, mais a sua morte em 1909 por fuzilamento pelo Estado espanhol aumentou o crescimento das escolas modernas e originou o "Movimento Pró Escola Moderna".

118 Barcelona também é palco da Construção da filosofia de Cidade Educadora na década de 90. No capítulo Bairro Educador analisaremos melhor.

119 Celestin Freinet (1896-1966) Educador Francês, professor primário que desenvolveu atividades hoje comuns, como as aulas-passeio e o jornal de classe, criou um projeto de escola popular, moderna e democrática. Pertencia a corrente da Escola Nova, somou ao ideário dos escolanovistas uma visão marxista e popular.

Os atores de Heliópolis cotidianamente exercem sua prática na paisagem, e a oficina de Percepção Ambiental por meio do Estudo do Meio teve como objetivo reaprender a ver na realidade imediata e posteriormente estender o olhar, à percepção de horizontes mais distantes na paisagem de Heliópolis.

Como instrumento de pesquisa, escolhemos o Estudo do Meio Sistemático que interage com o espaço por meio de um planejamento prévio realizado coletivamente, em que são levantados os objetivos/caminhos e o processo para que ao final possamos compreender o todo. A proposta foi fomentar nas 15 educadoras uma atitude de curiosidade, observação e crítica da paisagem de Heliópolis na proposta de um Bairro que Educa. Por intermédio da prática do diálogo, ou dialógica, como ressalta Freire, da ação interdisciplinar e a formação de um coletivo, a prática exigiu planejamento, organização e método. Realizamos a oficina conforme referências de autores como Feltran (1991), Nascimento (1999), Pontuschka (1994, 2003, 2004), e pela nossa experiência com a prática.

Segundo Cavalli<sup>120</sup>, o exercício das práticas educativas com os educadores conduz a uma produção, mobilização e ressignificação com relação aos saberes, voltando-se para sua própria formação e, conseqüentemente para a do outro. Portanto é importante valorizarmos os processos de formação que incentivem uma imersão na paisagem.

A opção pelo grupo de educadoras foi porque elas estão buscando reconstruir a sua prática e a sua realidade, e o Estudo do Meio é um método de investigação que, se bem construído, poderá ter um potencial transformador. Desde fevereiro de 2008, 270 educadoras conseguiram conquistar uma bolsa de estudo em um curso de pedagogia e esse passo foi dado justamente porque essas mulheres queriam mudar a sua vida. Ouvindo essas educadoras discutirem sobre a compreensão do seu mundo em um método dialógico, foi possível compreender a percepção da realidade vivida por elas. A participação desse grupo nessa prática também teve como objetivo instrumentalizá-las para que futuramente elas possam utilizar essa oficina conforme, seu entendimento na sua prática pedagógica.

*“Pelo Estudo do Meio poderíamos abordar com nossos futuros educandos desta maneira sim, cada um poderia contar sobre sua história, colocar no mapa o seu caminho, observando tudo que dá pra ver e também aquilo que não se vê. Esse trabalho tem que ser em grupo, por que desta forma um interage com o outro e poderia enxergar que seus problemas não são somente seus; e para nós educadores está é*

---

<sup>120</sup> O texto de Cavalli encontra-se no periódico Olhar de professor. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Ponta Grossa, Pr., v.1, n.1, jan./jul. (1998-), permuta 2006. A autora é Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. suzzannacavalli@ibest.com.br

*uma forma de estar mais próximos destas crianças”. ( Helda Maria, Educadora Popular no Heliópolis)*

Para o desenvolvimento da oficina contei com a colaboração da educadora e liderança Mércia Ribeiro, que objetivava se apropriar do processo para a construção do seu conhecimento. Dividimos a Oficina em três partes que denominamos de Estações.

## **PRIMEIRA ESTAÇÃO - INTRODUÇÃO E PREPARAÇÃO PARA O ESTUDO**

Nesse momento, foi realizada uma conversa com o grupo explicando o que é o Estudo do Meio e o seu objetivo. Organizamos o grupo (pesquisadora/facilitadora e educadores) e construímos o Acordo de Convivência<sup>121</sup>. Em seguida reconstituímos para os educadores a história de Heliópolis, mostrando fotos antigas e um vídeo. As falas sobre a paisagem foram carregadas de emoção, pois as fotos demonstraram experiências vividas. Os comentários foram:

*“Eu já conhecia esse vídeo, mas nunca tinha visto essas fotos.”*

*“Eu me lembro muito bem dos mutirões, eu sei o peso de cada tijolo.”*

*“Eu estudei no Manoela e hoje sou aluna universitária.”*

*“Foi aqui mesmo que eu conheci meu primeiro namorado no meio do mutirão, hoje ele é meu marido.”*

*“Já carreguei muito tijolo para construir esse lugar aqui.”*

## **SEGUNDA ESTAÇÃO – O CAMPO E O MEU OBJETIVO**

Todas as educadoras receberam uma prancheta, um bloco de anotações, o mapa de Heliópolis, lápis, borracha e tínhamos duas máquinas fotográficas e dois gravadores. Um dia antes de sair com as educadoras, realizamos alguns percursos com a educadora Mércia. Observando e levantando pontos que poderiam ser explorados juntamente com educadoras. Pontos levantados: comércio, lixo na rua, muitas pessoas, vendedores ambulantes, comércio, poucas crianças brincando na rua e casas construindo. A intenção foi reconhecer tudo que existe no percurso do CCCA até a sua própria casa ou até o local de trabalho por intermédio da observação e das histórias de vida das pessoas que estivessem no meio desse percurso. A análise de alguns testemunhos também deu suporte a essa oficina. O segundo objetivo foi olhar para esse contexto (Heliópolis) e criar outras ferramentas para aprendizagem sobre o lugar.

Nós éramos um único grupo, mas, como andaríamos pela comunidade fizemos duplas e trios. Logo na saída as educadoras marcaram no mapa tudo que estavam vendo. O percurso de 10

---

<sup>121</sup> Resultado do acordo de convivência: Desligar o celular na hora da entrevista/ Não ter presa/ Contribuir com a amiga na hora da sistematização das informações, pois algumas educadoras têm dificuldades em lidar com as novas tecnológicas, ou não tem acesso.

minutos teve a duração de 01h 30min, pois as educadoras conversaram com as pessoas que estavam pela rua e anotavam todas as informações no mapa e no caderno.

*“Na Delamare eu observo as arvores ali na Petrobras, no estacionamento do Hospital Heliópolis. Na casa em frente ao CCCA Imperador tem uma casa bem antiga que pertence à pastoral, que mantém as árvores. Ela pode ser a referência para contarmos a história daqui. Os moradores antigos podem contar a história do lugar. Primeiro para contar a história do lugar, precisamos contar com as pessoas antigas”. (Mércia Ribeiro, educadora popular, ex- Conselheira Tutelar)*

### **TERCEIRA ESTAÇÃO - O QUE FOI PERCEBIDO (RESULTADOS PRELIMINARES):**

Essa estação teve como base a estrutura de trabalho do estudo do meio descritos pela professora Nídia Pontuschka (2007).

*“Olhei as ruas por onde passo de outra forma. Através dessa Oficina em campo resgatamos a memória do local, como surgiu, qual a importância do lugar para cada morador, qual realmente é a história de vida de cada um. Chegamos a uma conclusão de que os moradores entrevistados gostam de morar aqui em Heliópolis”. (Tereza, Educadora Popular)*

1. Narrativas de tempos e espaços diferentes: transformações e permanências em Heliópolis. Os moradores entrevistados contaram sobre o tempo vivido em Heliópolis. As transformações que ocorreram no lugar desde a década de 70.

2. Coleta de dados e informações sobre a paisagem; foram 11 pessoas entrevistadas durante a saída. Com idade entre 26 a 54 anos. A escolaridade: com ensino fundamental II completo (7) e (4) com ensino médio a concluir. Três pessoas entrevistadas trabalham na região central de São Paulo e nos finais de semana vão para casas de parentes ou amigos fora de Heliópolis. Das outras 8 pessoas, desempregadas (4) e moram e trabalham em Heliópolis (4). Os espaços utilizados são Unidade Básica de Saúde (7), Igreja Santa Edwiges (3), Igreja Evangélica (6), Quadra da Mina (3), Festa no CCCA Mina (5), Telecentro (2), Casa de amigos ou parentes(6). Por meio da pesquisa, pode-se averiguar que as pessoas utilizam os espaços comunitários, mas gostariam que houvesse mais atividades de lazer e cultura. Ninguém utiliza a biblioteca, mas todos sabem da sua existência. Dez pessoas disseram que gostam de morar em Heliópolis e só uma disse que não, pois queria voltar e morar no lugar onde nasceu (Bahia). As pessoas identificam-se com as amizades e com a comunidade.

3. Produção de fontes documentais, por intermédio de diferentes registros: anotações escritas, desenhos, fotografias, filmes e gravações. Foi produzido um kit para cada entrevistado contendo

a entrevista, duas fotos e uma conclusão feita pelo grupo. O material foi organizado e sistematizado ficando para o CCCA Mina uma cópia. Houve uma satisfação grande por parte dos moradores entrevistados que receberam o material de sua entrevista, pois eles reclamaram que participam constantemente de pesquisas na comunidade e é raro haver uma devolutiva como essa.

4. Visões diferenciadas dos sujeitos sociais envolvidos na oficina. Foram diferentes olhares e noções presentes no processo, mas o grupo sentiu que a oficina contribuiu com o sentimento de participação e foi possível pensar em contribuições como propostas para a resolução dos problemas na comunidade.

5. Criação de recursos didáticos, baseados nos registros a partir da oficina. O grupo de educadoras resolveu criar um manual sobre Estudo do Meio para ser usado no Projeto dos CCCAs de Meio Ambiente para 2010, atualmente em fase final de elaboração.

6. Observação dos fenômenos socioambientais e seleção dos que mais interferem na vida dos moradores; da interação de problemas da sociedade e da natureza. Os educadores descreveram que as mudanças de gestão no município e no próprio Estado interferiram no adensamento populacional de Heliópolis trazendo novas características urbanísticas como os conjuntos habitacionais diferenciados. O lixo está em toda parte transformando as características das áreas.

7. Elaboração de instrumentos de avaliação em um trabalho participativo; os educadores disseram que a atividade foi muito interessante, que houve uma troca na hora das entrevistas. Afirmaram também que foram surpreendidos pelas respostas e que o olhar com relação à comunidade mudou, pois entraram em vielas e ruas pelas quais nunca tinham entrado anteriormente.

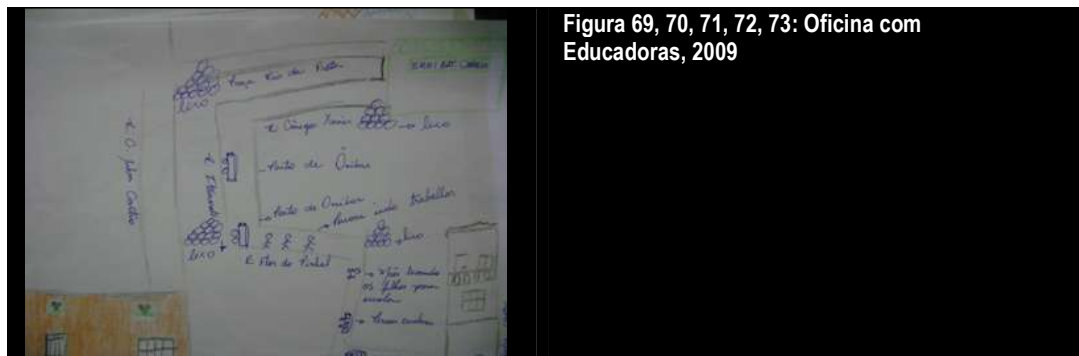
*“Quando comecei a fazer o trabalho achei que já conhecia toda a comunidade, pois trabalhei na aqui na UNAS muitos anos. Gente, quando eu comecei a conversar com as pessoas e elas contaram suas histórias de vida na comunidade fiquei emocionada. Sim, porque esse tipo de atividade é muito rica. O Estudo do Meio me fez olhar a minha comunidade de outra forma e analisando o contexto histórico geral da sociedade, essa é uma atividade a qual traz muitas informações e conhecimentos para nós. Durante a pesquisa acontece uma troca de informações (o que é inevitável) e a interação entre os dois grupos (entrevistado e entrevistador) é fundamental para o desenvolvimento social e cultural de ambos. É a partir do conhecimento da história do outro que nasce o respeito às diferenças existentes entre os seres humanos, portanto, é uma atividade que só trará bons frutos. A realização dessa pesquisa foi muito gratificante, pois nos*

*deu a oportunidade de ter contato com pessoas que nos confiou à história de suas vidas.” (Maria Isabel, ou Belinha, educadora Popular)*

O objetivo foi colocar o grupo em contato direto e vivo com a comunidade, só que de outra maneira. O Estudo do Meio resultou na percepção, na compreensão, na interpretação e no entendimento da paisagem de forma diferenciada e essas representações promovem a conscientização para uma formação cidadã. O grupo de educadoras vive no imediatismo do dia-a-dia, não parando para perceber os processos que acontecem a sua volta. A descoberta de olhar a comunidade de outra forma despertou novos interesses nas questões socioambientais de Heliópolis. Para esse grupo em função de seus projetos educacionais, a temática de resíduo sólido e de educação emergiram como prioritárias.

*“O que eu senti, é engraçado, quando a gente ta indo no trajeto a gente ta indo fisicamente. E aqui na oficina é como se a gente não tivesse no local, é como se a gente não tivesse na cena. Eu me vi fazendo o trajeto, eu não observei as casas, eu sei que existe várias casas, eu observei mais a movimentação das pessoas, o corre-corre, a pressa de chegar, as ruas mesmo. Será que todo esse lixo que está por ai é do morador, sei que tem as sacolinhas que saem voltando. Mas teve uma época que ali era uma montanha de lixo, da noite pro dia. Uma coisa que eu questiono é, será que esse lixo é só do morador? Que projeto que podemos montar que trabalhe com toda a comunidade, que de resultados?” (Mércia Ribeiro, educadora popular)*

Consideramos que as práticas educativas são constituídas de inter-relações pessoais, como descreveram algumas educadoras que no seu percurso encontraram pessoas amigas, lugares em que já haviam trabalhado anteriormente, ou uma rua na qual já morou. Nesse sentido, a contribuição para a formação dos envolvidos nas práticas está imbuída de aspectos afetivos, mas não podemos deixar de considerar que os elementos culturais, políticos, econômicos também fazem parte.





## **O ESTUDO DO MEIO COM AS CRIANÇAS**

As oficinas ocorreram nos dias 28/08/08 e 10/11/2009. Nas oficinas com as crianças (7 a 12 anos), o nosso ponto de partida foi decodificar a paisagem que até é vista, mas não é percebida, numa proposta de leitura de mundo como nos sugere Paulo Freire. Com as crianças, foi necessário realizar a atividade em dois dias e iniciar a partir do imediato, do que compõe sua vivência cotidiana, iniciando-as na prática de um comportamento precioso que é o de estar atento à realidade que as rodeia e o de dialogar opiniões, partindo da sua realidade.



As crianças descreveram suas experiências de viver em Heliópolis, explicavam os lugares que elas mais gostavam de freqüentar e os lugares que elas não gostam. No primeiro momento pedimos então que elas desenhassem o seu percurso, ou seja, o caminho de casa até o CCCA, colocando aquilo que gosta e o que não gosta. Distribuímos para as crianças folhas de sulfite, lápis e borracha, pedimos que eles lembrassem os pontos que estavam no seu trajeto. Em seguida cada criança apresentou o seu mapa mostrando as casas dos amigos, o bar e o mercado, o lixo em todas as ruas, os carros nas calçadas e os lugares que eles brincam. A rua ganhou destaque. Pedimos a elas para observarem o caminho do CCCA até a casa. O próximo passo foi fazer o trajeto na comunidade com elas. Um dia depois organizamos o grupo, explicamos o objetivo da atividade, comentamos a importância do olhar, do conversar com as pessoas, elaboramos um roteiro de perguntas<sup>122</sup> e realizamos a saída. As crianças anotavam e entrevistavam a todos, parávamos nos lugares que eles queriam mostrar.

Já no CCCA mostramos o mapa e na leitura cartográfica observamos certa dificuldade pela não familiarização com a cartografia do Heliópolis<sup>123</sup>. Eles estavam olhando o lugar que moram pela primeira vez por outra perspectiva. Em seguida ambientados com o mapa, já descreviam percursos e símbolos que chamavam a sua atenção. Ao desenhar no mapa elas fazem escolhas sobre o que colocar tornando a sua observação mais rigorosa. Pedimos a eles que marcassem no mapa coletivo as informações que eles haviam colocado no seu mapa individual. Nos desenhos e na cartografia foi possível refletir sobre a representação sócio-espacial da relação das crianças com o bairro e até com a cidade.

A paisagem percebida pelas crianças e adolescentes convergiu nos seguintes aspectos: a rua como o lugar do encontro, os equipamentos sociais como o lugar de aprender, as casas como lugar da relação familiar e dos vínculos afetivos, problemas socioambientais como o esgoto a céu aberto e o lixo nas ruas como problemas, uma idéia de multi-relações dentro das semelhanças existentes e dos significados, influenciada por fatores sociais e culturais.

As crianças vivem em lugares que apresentam problemas como o lixo, esgoto a céu aberto, podemos enquanto pesquisadores/ educadores trabalhar com elas a partir da representação e leitura, a partir da curiosidade de cada uma, para que possamos gradativamente junto com elas compreender como elas interpretam o bairro onde moram.

Mas os diversos modos de interpretar a paisagem estão pautados como o modo que cada pessoa percebe o mundo. Portanto a percepção ambiental de uma criança é diferente de um adolescente e também do adulto. A criança da periferia ainda brinca na rua, anda de bicicleta

---

<sup>122</sup> O que, segundo as crianças é importante saber das pessoas: nome, idade, endereço, profissão e quanto tempo mora aqui.

<sup>123</sup> Todas as crianças responderam que nunca viram o mapa de Heliópolis.

quando tem, empresta para o amigo, corre riscos. As ruas são os espaços livres que ela possui e usufrui, são seu universo de convivência e socialização, ou seja, é o seu lugar da vivência. A psicanalista Marly Rondon Pinto afirma que “a criança nesse espaço, tem a possibilidade de exercitar quase todas as competências exigidas para viver em sociedade.” Por isso quando perguntamos sobre os espaços em que eles brincam a rua sempre era mencionada. Outros espaços mencionados foram, o quintal de casa, a quadra da Mina e do CCCA Heliópolis Instituto de Educação Esporte/Rexona, e os campos do Hospital Heliópolis, do Posto de Atendimento Médico PAM e da quadra da Vila Carioca. Nesse sentido de pensarmos sobre Heliópolis que Educa, Santos e Vogel (1985) fazem uma reflexão interessante dizendo que:

*A riqueza das experiências possíveis numa rua não pode ser mimetizada por nenhuma instituição pedagógica, inclusive pela forma de apreensão não-analítica, através da qual a diversidade social pode ser vista, percebida e compreendida. A rua é, mesmo, um microcosmo real. (SANTOS E VOGEL, 1985, p.98)*

As crianças declararam que na escola elas não brincam e nem jogam. Isso mostra que algumas escolas deixam de fora os aspectos lúdicos, optando pelo cumprimento do currículo. Após o Estudo do Meio as crianças elencaram as brincadeiras que eles mais gostam e resolveram criar um livro com as seguintes brincadeiras: sete pedras, futebol, navio afundado, anjo e monstro, pega-pega, cala-ferro, queimada maluca, amarelinha, ovo na colher e o detetive e a dengue.

Segundo Vygotsky, o brincar, o jogar, é “um fator muito importante do desenvolvimento” (Vygotsky, 1988, p. 115). O aprender fazendo também apareceu na construção com as crianças, pois as brincadeiras precisam ser reconstruídas e organizadas a todo o momento. O brincar é importante para a construção lúdica do desenvolvimento e da aprendizagem do atores, pois para jogar é necessário seguir as regras e compartilhar o objetivo que é brincar.

Na escolha dos espaços para brincar, segundo Vygotsky (1988, p. 109), a criança cria uma nova relação entre “o campo do significado e o campo da percepção visual – ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. O desenho materializa o simbólico.

Em qualquer época, cultura ou classe social, as brincadeiras, os jogos, os brinquedos estão presentes na vida das crianças. É nessa fase que a criança vai adquirindo habilidades de convivência em grupo, como dividir os brinquedos, escolher os grupos, formula regras. Podemos dizer que as brincadeiras, promovem o encontro da criança com o social, o que para Vygotsky (1984) é a fase da zona proximal, que é o encontro da criança com o social, ou seja, o viver socialmente com outras crianças sendo o resultado dessa fase.

Para a pesquisa essa prática contribuiu em proporcionar um olhar diferenciado. As crianças se mostram ávidas a apreender dentro de processos criativos e colaborativos, elas querem dar

idéias, mostrar a todo instante o que conhecem. Mesmo em condições precárias as crianças relatam afetividade pelo lugar e pelos amigos. Futuramente podemos propor uma maior exploração desses sentidos.

Essas crianças vão realizar escolhas e traçar caminhos em suas vidas, mas podemos prever que muitas estarão ou voltarão a sua comunidade, como já acontece hoje com alguns jovens que se tornaram educadores, ou agentes comunitários, profissionais na área social (saúde, urbanismo, esporte, cultura, etc.), Poderão ser profissionais que envolvidos com o bairro, nesse caso terão um papel de liderança na medida em que se comprometam com as temáticas sociais e/ou eventualmente em atuações políticas, com ações mais sensíveis, solidárias e cooperativas.



**Figura 74: Angélica entrevista o morador e trabalhador José na obra do PAC. Foto: Cláudia Cruz**



**Figura 75: Crianças entrevistando os moradores e anotando tudo que visualizam no percurso vai para o papel. Foto: Cláudia Cruz**

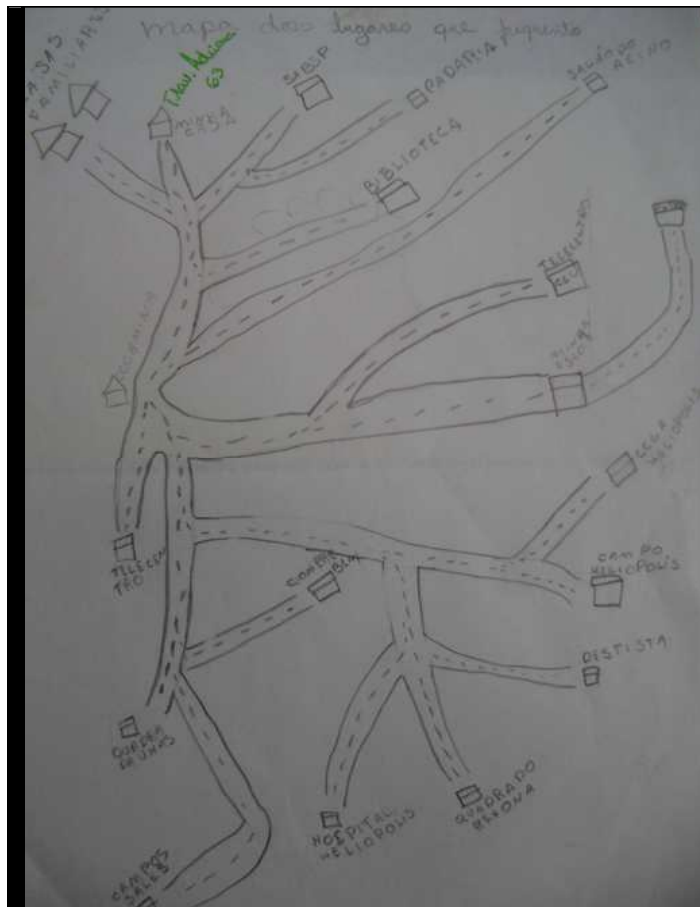


Figura 78: Nosso caminho  
CCCA mina  
Foto: Cláudia Cruz





Figura 76: A Educadora Mércia Ribeiro e as crianças do CCCA mina durante percurso no Estudo do Meio. Parada para tomar água na casa do Michel.  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 77: Hora de representar tudo que foi visto e sentido.CCCA mina.  
Foto: Cláudia Cruz



Figura 79: CCCA mina



Figura 80: Isabelli na frente da sua casa



Figura 81: Depois ela fez o seu próprio auto-retrato – CCCA Imperador



Figura 82: Crianças no mapa - Ode eu moro? CCCA Imperador



Figura 83: Resultado dos nossos percurso e brincadeiras, crianças do CCCA Imperador

## DISCIPLINA ARTE E PROJETO NA PAISAGEM

A disciplina AUP-0665 Arte e Projeto da Paisagem, que foi denominada como Projeto Arte no Heliópolis, realizada no segundo semestre de 2009, sob responsabilidade do Prof. Euler Sandeville, em processo colaborativo envolvendo as lideranças de Heliópolis, coletivos de artes, e alunos de graduação e pós-graduação. Minha participação foi como pesquisadora e colaboradora do processo<sup>124</sup>. A complexidade dessa atividade esteve em analisar a construção coletiva de uma disciplina que envolvia atores de diferentes áreas, de diferentes modos de vida, que estabelecia um espaço não hierárquico de trocas de saberes em torno da temática de vivências na paisagem. Todo o processo está registrado no blog<sup>125</sup> <http://paisagemvivenciada.wordpress.com/>.

Destacamos três aspectos interessantes na construção do processo colaborativo. Primeiro, a multiculturalidade dos atores, já que o encontro era formado por docentes universitários, artistas, arte-educadores, lideranças comunitárias, alunos brasileiros e alunos estrangeiros intercâmbistas de várias nacionalidades. O segundo aspecto foi a construção de uma proposta a partir da vivência e na interação com o local. Isso já declara um pressuposto de um processo participativo. O terceiro aspecto foi a construção de um núcleo colegiado que seria o responsável direto na disciplina, estabelecendo um círculo de decisão horizontal entre todos os participantes. Segundo Sandeville (2009) a disciplina *“construiu-se em um percurso participativo de vivência e pensamento, em busca de uma relação aberta entre Universidade, Cidade e Cidadãos, transformadora de parte a parte.”*

---

<sup>124</sup> A proposta foi criar um e as pesquisas que vinha descobrindo no Heliópolis foram decisivas para a escolha desses trabalhos e a construção de redes de relações sociais

<sup>125</sup> Nesse blog e no site [www.espiral.org.br](http://www.espiral.org.br) é possível encontrar as primeiras reuniões com as lideranças, uma discussão sobre a morte de uma adolescente bem no início das aulas, onde nós enquanto pesquisadores e educadores não podíamos ser indiferentes a um fato como esse e por esse motivo decidimos fazer uma discussão em Heliópolis, o passo a passo das oficinas, e os produtos. <http://paisagemheliopolis.wordpress.com/>.

Esse percurso começou a ser concebido em abril de 2009, por meio da realização de atividades e encontros reunindo alunos e artistas que responderam a uma convocatória inicial para estabelecer um coletivo para pensar a disciplina. Foram realizados percursos cidade envolvendo moradores no Morro do Querosene, Parque D. Pedro e imediações e Heliópolis. Esse grupo buscava espaços na cidade que, no diálogo com moradores, propiciassem aprendizagens coletivas em um movimento de partilha, tendo como objetivo a construção de práticas educativas. A partir dessas vivências o grupo optou por Heliópolis (junho de 2009).

Escolhido o local, através da intermediação desta pesquisadora e de Gildevan Félix, morador do Heliópolis que acompanhou o grupo na primeira incursão no bairro, agendou-se uma serei de reuniões com as lideranças para explicar a proposta da disciplina e verificar se haveria aceitação da comunidade em participar de um processo nesse formato. As lideranças envolveram-se com a proposta e aconteceram mais 7 encontros em Heliópolis para conceber a disciplina coletivamente. Como a disciplina foi reconstruída no processo, durante esses encontros de organização as lideranças optaram por realizar um curso intermediário, antes de começar efetivamente a disciplina em agosto, que veio a denominar-se Arte, Sensibilidade e Paisagem no século XX<sup>126</sup>. Essa oficina ocorreu nos dias 14,16 e 20 de julho de 2009 e contou com a participação de 11 lideranças e 06 alunos da USP e artistas, além do docente. Essa oficina incluiu a apresentação pelas lideranças do Heliópolis ao Coletivo, sua história de luta, o enfrentamento contra a polícia e os grileiros na fase inicial de construção do bairro, seus projetos e seus sonhos.

No início da Oficina fizemos a seguinte pergunta às lideranças: o que vocês esperam dessa oficina? E obtivemos respostas como estas:

*“Aqui em Heliópolis precisamos enxergar a beleza que existe.” (Genario Belladona)*

*“Trabalhei no Imperador com a arte e percebi nas crianças que isso traz a tona a forma da criança se expressar”. (Mércia Ribeiro)*

*“Interesso-me por esse resgate, pois tudo faz parte de tudo que eu necessito. Dá um subsídio bacana. Acho que esses artistas da [vanguarda dos séculos XIX e XX] boemia traziam denúncias sobre o que estava acontecendo naquela época. Traziam os desenhos das populações. Denuncia retrata, mas não intencional”. (Genésia Miranda)*

*“Não tinha aqui nenhum programa com força na educação. Os governos sempre eram radicais. Por exemplo, os CCCAs, sempre houve o enfrentamento. Há muita movimentação para que tudo chegue a todos. Não estamos pensando só no Heliópolis, através das idéias, dos projetos e sim nas políticas públicas. Para mim está sendo*

---

<sup>126</sup> A descrição da proposta da oficina pode ser vista no blog e sites já citados.



*fundamental essa história, traz um complemento para preencher algo que está no vazio. É preciso preencher os vazios. É importante termos noção do mundo que vivemos”.*  
(Solanje Agda)

A disciplina começou em setembro e o primeiro módulo teve como objetivo a integração do grupo e a apresentação de um referencial teórico. As lideranças puderam conhecer a FAU juntamente com os alunos na Cidade Universitária e depois foi a vez dos alunos conhecerem o Heliópolis por intermédio das lideranças. Essas atividades incluíram dinâmicas iniciais na USP pelo docente e pelas lideranças apresentando a proposta aos alunos e uma série de atividades no Heliópolis que incluíram percursos, oficina de Hip Hop e grafite e outras. Nessa fase inicial, houve ainda uma aula em um dos Institutos da USP, o Instituto de Estudos Brasileiros - USP (IEB)<sup>127</sup>, na qual foi apresentada a proposta da Espiral ([HTTP://espiral.org.br](http://espiral.org.br)) e convidando o grupo a uma reflexão sobre a realidade social urbana e as perspectivas de transformação, a partir do que se realizou uma oficina de observação e exercícios de criação no espaço expositivo. Foi realizada também uma oficina de integração entre os 7 CCCAs, na qual os alunos realizaram um rápido projeto com educadores e as crianças desses Centros e que veio depois a influenciar a opção da continuidade da disciplina nesses locais, constituindo a segunda fase dos trabalhos.

A construção coletiva nos mostrou que os CCCAs eram espaços que estavam abertos a essa experiência. O grupo dividiu-se entre os 7 equipamentos. A partir de então, era um novo coletivo que se formava entre os alunos da FAU e os educadores e coordenadores dos CCCAs, que ao terminar as atividades nos equipamentos todos se reencontravam para uma reunião de compreensão do processo.

Na avaliação realizada, a chegada aos CCCAs foi benéfica, interessante e criativa, pois estava de encontro com o planejamento político-pedagógico realizado pelos educadores desses equipamentos que trabalharam a Arte desde o início do ano como eixo e tema gerador<sup>128</sup> do projeto pedagógico. Por outro lado, apenas no final do processo da disciplina que pudemos entender algumas quebras de sincronia, seja devido a expectativas não verbalizadas pelos educadores, seja pela não familiaridade da maior parte dos participantes com propostas de criação e gestão coletiva. Esse processo final incluiu reuniões e um roteiro de auto-avaliação, a

---

<sup>127</sup> As atividades se deram em torno da exposição Paisagens Colecionadas. “A exposição mostra uma seleção de pinturas, desenhos, objetos populares, imagens religiosas e mapas que retratam as paisagens observadas pelo escritor Mario de Andrade durante suas viagens. Cerca de 60 peças mostram olhar artístico da paisagem nacional. Curadoria: Euler Sandeville Jr., Hugo Segawa, Ana Paula Megiani. <http://paisagemvivenciada.wordpress.com/2009/12/23/82/>. Acessado em 20 de fevereiro de 2010.

<sup>128</sup> Um PPP como é conhecido é peça chave de um planejamento educacional e elemento indispensável para uma gestão democrática. O projeto político-pedagógico mostra a visão macro do que uma instituição seja ela escola e/ou organizações pretende ou idealiza fazer, dentro de seus objetivos, metas e estratégias permanentes, tanto no que se refere às suas atividades pedagógicas, como nas funções administrativas. É uma proposta pedagógica fundamentada na teoria dialética de Paulo Freire, onde o tema escolhido depois de compreendido pode provocar ações e desdobramentos em outros temas

partir da discussão no coletivo de como deveria se dar a avaliação da disciplina. Mais que um conceito ou nota final, esse mecanismo tinha a intenção de que cada aluno olhasse para seu próprio processo de aprendizagem individual e em grupo. Para todos nós seria uma ferramenta para avaliar o alcance da proposta de integração universidade/ comunidade.

*“Acredito também que a demonstração de carinho era o principal ponto para nos sentirmos “bem vindos” e com vontade de desempenharmos uma proposta interessante e que despertasse a curiosidade e vontade também das crianças e educadores. Foi interessante trabalhar no CCCA Imperador não só por esse fato, mas também por ser uma área diferente de Heliópolis das que tínhamos visitado, sendo esta mais carente, o que fez com que nos pudéssemos ter maior contato com diferentes situações e ver de que forma a população, e principalmente as crianças, lidam com isso. O trabalho com a turma ocorreu de forma boa, apesar de alguns momentos elas precisarem de uma chamada de atenção por parte da Rosi, e elas aceitarem de forma muito tranqüila as atividades, acredito que gostando em especial do dia em que fomos caminhar pela rua em direção a quadra da Associação Beneficente da Vila Carioca, onde nos divertimos muito com brincadeiras, além de no caminho elas irem nos mostrando seu olhar de Heliópolis”. (Carolina Gomes, aluna FAUUSP)*

Na auto-avaliação (disponível nos sites já citados) a maioria dos alunos declarou que não conhecia uma favela, e nunca haviam passado por uma experiência colaborativa de círculos de decisão horizontal e processos abertos e participativos de trabalho. Todos avaliaram o processo interessante, por ser externo a FAU, já que a disciplina ocorreu totalmente em campo, com exceção das aulas iniciais e da avaliação final. Apontaram, entretanto, algumas lacunas como à falta de conhecimento prévio do lugar e que nem todas as pessoas da comunidade estavam informadas do processo.

Essa disciplina, dentro do Grupo de Pesquisa Paisagem e Educação em Processos Colaborativos mostrou alguns caminhos para a construção de práticas educativas na paisagem, que estão guiando novos encaminhamentos a partir de 2010. O impacto da disciplina foi positivo no aspecto de coesão de idéias e atividade em grupo, como um momento de “fazer junto”, um momento de reconhecimento e amadurecimento de todos os atores.

*“Eu que nunca fui uma pessoa que se dedicasse a crianças, senti, como nunca antes, um carinho especial pelas do CCCA Imperador. Ainda não sei se é pena pela situação delas ou se a situação delas é que torna possível um contato mais sincero e enriquecedor. Por mais que eu quisesse contribuir mais com as crianças, parece que eu ganhei muito mais do que desejava ou merecia. Quanto mais eu queria dar elas, mais era eu quem recebia. Como Claudia, achei também a falta de tempo para que as crianças puderam colaborar na mesma elaboração da atividade e não realizar com tudo*

*pronto. Mas no resultado final deu positivo, acho que conseguimos despertar a curiosidade das crianças. Lembro do comentário de Rose, a educadora, que nos falou que alguns Paes ficaram sabendo da atividade porque as mesmas crianças perguntaram para eles sobre as ruas onde moravam. (Alba Calvo Balcells, intercambiante Universitat Politècnica de Catalunya (UPC), Espanha, na expressão em português da aluna intercâmbista)*

Cada passo dado pelo grupo considerávamos como um momento do resultado de um mosaico, pois a cada ida à comunidade ou a FAU estávamos vivenciando um processo em construção continuada. Como produto final do grupo (considerando todos os envolvidos), realizamos uma exposição na quadra poliesportiva da mina com a presença de todos os participantes, visitantes e comunidade.

Foram vários os desafios na análise da paisagem, pensando a educação contemporânea, tendo em vista as novas dinâmicas de relações políticas e culturais, as transformações sociais, as novas tecnologias que tiveram um papel agregador e colaborativo desde a convocatória através de redes sociais em abril e durante todo o processo, criando canais de comunicação (*mailing*), registro e expressão (blog). Tudo isso abre para nós novas responsabilidades na reflexão e na intervenção social. Nessa disciplina foi possível fazer uma breve avaliação sobre a construção das práticas educativas que formam o morador, o educador e o educando no seu exercício cotidiano, que ultrapassa fronteiras convencionais de idade, escolaridade e inserção social.

Nesse contexto podemos pensar sobre novas práticas educativas na paisagem que objetivem a participação e a intervenção conscientes dos moradores de Heliópolis tendo como fio condutor a humanização. As práticas educativas na paisagem podem ser ferramentas democratizadoras, pois são ações culturais que libertam aqueles que por algum motivo não tiveram acesso a bens educacionais e socioculturais como relata João Miranda, uma das primeiras lideranças de Heliópolis:

*“A minha pequena contribuição nessa avaliação é no sentido de dizer que a gente está no rumo e no caminho da construção de um bairro educador, ou seja, Heliópolis. Para gente bairro educador nunca termina, né? Até porque a gente vive esse momento das tecnologias e tudo, e que é muito importante, temos que saber lidar com ela e não ela com a gente. Ela é importante para trazer o conhecimento. [...] E para os alunos eu quero dizer que eu acho que o aprendizado foi muito bom. Eu passei alguns momentos, não estava em todos, mas eu passava de um canto para o outro e passava no Mac Favela e estavam todos ali comungando, conversando fazendo o lanchinho nos barzinhos aqui em volta, e eu senti que os alunos também estavam querendo conhecer, participar, se misturar sabe. Eu to falando assim, eu sou nordestino, e essa mistura,*

*essa salada, esse tempero, é isso que leva a vida de conhecimento. As nossas crianças, o trabalho que vocês fizeram no CCCA, do ponto de vista eu acho que devemos dar continuidade não podemos parar é pecado. O que eu entendo que os pecados da minha vida são quando o filho da gente nasce, que a gente paga uma universidade que nossos filhos não podem participar dela, por exemplo, a USP. Eu to falando nisso dessas crianças que vocês estiveram com ela. Vocês estão na USP, fazendo os cursos, se preparando, trazendo um pouco, socializando, olha que coisa linda, um pouco do saber com essas crianças, porque eles também serão o futuro, eu sei que tem alunos aqui do Heliópolis na USP, mas são pouquinhos, porque a educação pública, não tem contribuído, a qualidade do ensino fundamental caiu muito, a gente precisa melhorar crescer, não é um problema de ver culpados, sabemos que dinheiro não é problema, mas a gente sabe que precisa de mais vontade política, mas a vontade política primeira precisa partir da comunidade, ou das comunidades, ou da sociedade civil e vocês fazem parte da sociedade civil, então se organizando e trazendo um pouco do saber de vocês para essas crianças, e aprendendo né, porque essas crianças são lindas, são muito boas. Eu quero falar para todo grupo que eu sinto que vocês fazem parte da gente. [...] eu participei, eu estudei em Heliópolis no MOVA, e graças a Deus fui presidente da UNAS, contribuí com o bairro educador, não tenho o segundo grau, mas eu sou um João que acredita no sonho e esse sonho é importante. Cada um de vocês que estando formado pego um pouco desse sonho, agarra, abraça e acredita que nosso país pode ser melhor. Ou o país de cada um de vocês, pois eu sei que nem todos são do Brasil e isso é legal. “Acreditar que nosso país um dia pode ser melhor, ser uma nação, parabéns e espero que para o ano estejamos juntos”. ( João Miranda Neto)*

As oficinas e a disciplina não tiveram como foco conduzir a um processo emancipatório, mas sim a construção da prática no planejamento, na organização e na execução de forma coletiva e participativa. Podemos perceber que essas práticas educativas, quando construídas dessa forma, possibilitam um aumento de repertório e compreensão do lugar vivido. Na avaliação realizada pelos alunos e pelos educadores identificamos pontos de inflexão das mudanças institucionais e sociais, mas que exigem maturação, pois supõem o enfrentamento de desafios e possibilidades de construção colaborativas com atores diversificados.

Portanto, partindo do princípio de que em toda prática educativa há uma intencionalidade, e que é uma ação política, parece-nos muito relevante o percurso participativo e colaborativo de construção. São processos formados coletivamente pela reflexão e adesão dos atores sociais no momento e no lugar propício, e a paisagem não está dissociada dessa experiência. Pelo contrário, com maior ou menor intencionalidade a paisagem pode ser constitutiva relevante nesses processos de tomada de consciência e aprendizagem.



**Figura 84: Disciplina arte e projeto na paisagem**  
Primeiro encontro em Heliópolis para a escolha da comunidade que estará na disciplina. O fotógrafo Gil, explica sobre a comunidade. Cláudia Cruz



**Figura 85: Primeiro encontro com as lideranças para explicar sobre a disciplina e a sua composição. jul.09.**  
Cláudia Cruz



**Figura 86: Curso de Introdução a História da Arte. jul.09**



Figura 87: Primeira aula na FAUUSP (lideranças e eu). ago.09



Figura 88: Em sala de aula, roda para apresentação. Quem somos nós? ago. 09. Cláudia Cruz



Figura 89: Encontro após o assassinato da estudante de Heliópolis, Ana Cristina.



Figura 90: Professor, aluno, coletivo, conhecendo os equipamentos apresentado pelas lideranças. Escola de Moda. set.09



Figura 91: Marcelo Liderança (esquerda), explica sobre os jovens e os projetos de Heliópolis.set.09 Cláudia Cruz



Figura 92: Alunos caminham junto com as lideranças para conhecer a comunidade. set.09



Figura 93: Régis DJ e liderança, explica aos alunos o serviço que a rádio Heliópolis presta com e para a comunidade.



Figura 94: Depois o coletivo todo conversa sobre suas impressões juntamente com a liderança João Miranda (em pé de camiseta branca)

## RODAS DE CONVERSA A PESQUISA E A COMUNIDADE. REFLEXÕES

Desde o início do mestrado, realizamos encontros com as lideranças e educadores para a apresentação parcial da pesquisa. Em todos os encontros utilizamos a Roda de Conversa como ferramenta que propicia a interação e o diálogo, e o retorno por meio das intervenções na investigação foi muito valioso. A cada encontro apresentávamos os registros que fazíamos de suas histórias de luta, as transformações mediante a ação popular, o histórico de programas como “Cidade Educadora” e as transformações ocorridas na paisagem. Esse momento e essa valorização foram importantes, já que os atores puderam verificar como eu estava apreendendo o processo e interagiam na construção de conhecimento da pesquisa. Dessa maneira eu obtinha um retorno contínuo, nessas diversas atividades relatadas como parte dos procedimentos. O último encontro foi no dia 16 de dezembro de 2009.

Procuramos entender a paisagem de Heliópolis, pensando na potencialidade do local com relação às vivências humanas, aos lugares construídos, ao sentimento de pertencimento das pessoas com o lugar, à cultura local, constituindo assim uma paisagem importantíssima como elemento de aprendizagem. Por isso, como procedimento de pesquisa a roda de conversa possibilitou um espaço comum entre pesquisador e lideranças para refletir sobre a pesquisa, suas experiências, vivências e aprendizados ocorridos ao longo desses anos, pois cada ato, cada lugar conduziu e contribuiu a uma ação, a um movimento diferenciado.

A partir dos procedimentos realizados em 2009, a última Roda de Conversa possibilitou ouvir e dialogar com as lideranças sobre a função das pesquisas acadêmicas como forma de troca e também trouxe elementos para a conclusão deste trabalho:

*“...Cláudia nós não lemos nossa história. Quem escreve nossa história são os outros. Quem aqui já leu o livro feito pela secretaria municipal de educação? Eu vi na escola particular. Eles estavam contando a história de Heliópolis, com a foto da Genésia. Os outros estudam nossa história, era no Arquidiocesano. E a gente não estuda. Contando a história de Heliópolis, precisamos aprender a escrever a nossa história, precisamos escrever a história de vida de cada um aqui. Onde nós estamos, por isso é um bairro educador. O objeto de estudo é o Heliópolis e essas pessoas usam uma lente. Buscamos gente de fora para falar sobre a Educação. O cara vem de lá e conta a nossa história. As pessoas que contam a nossa história, às vezes contam nossa história real sim. O que acontece é que nós não nos apropriamos disso. Tudo tem um valor e tem muito material para a gente trabalhar. Se ele (educadores) não se sentir parte ele não vai atuar, ele não vai por exemplo fazer caminhada” (Solanje Agda)*



Solanje enfatiza em sua narrativa que as pessoas (lideranças, educadoras) de Heliópolis não conhecem e não lêem a própria história do lugar e que essa história muitas vezes é escrita pelo outro e não por eles próprios. Alerta que eles deviam se apropriar de todo esse instrumental que é produzido pela academia.

*“...cada um de nós tem uma história. A pessoa começou a fazer história só quando entrou na UNAS, só quando chegou a Heliópolis? O que dá para relacionar com o meu cotidiano, como eu faço essa ligação, precisamos começar a questionar? As pessoas se colocaram, como cada um chegou até aqui? A história de vida é importante, precisamos pensar na formação com uma linguagem que conseguimos relacionar com o meu cotidiano, como a professora de psicologia, como colocamos assunto no meu cotidiano. A importância de entendermos as próprias experiências. Sobre autonomia, discutimos em grupo e cada um foi falando e isso é super importante e interessante”.*(Solanje Agda)

Durante as discussões com as lideranças sobre a nossa pesquisa e outras que já aconteceram na comunidade, apareceram também questionamentos sobre o papel da pesquisa para a própria comunidade. As lideranças Solanje, Genésia e Cleide falaram sobre a compreensão das pesquisas, e como isso pode ser mais bem trabalhado por todos nós. As três falaram também sobre a importância desse conhecimento para “eles mesmos” enquanto moradores de Heliópolis. Genésia em sua reflexão afirma que nunca se viu como objeto de pesquisa<sup>129</sup>, e sim como parte de uma história que precisa ser contada. Ela acredita que a pesquisa na comunidade é uma valorização da força comunitária que existe, e que muitas vezes é ignorada pelas próprias pessoas que moram em Heliópolis. Ela observa que é importante a construção de processos de formação para que essa laguna diminua.

*“...eu não acho justo nos vermos como objeto e sim as nossas contradições. Eu não vejo a nossa história como objeto e sim como uma valorização de quem está fora e uma desvalorização de quem está dentro. Isso é característica de como eu vejo. Não há interesse dessa valorização pelas pessoas que estão aqui. Eu falo num sentido de que todos os funcionários que são contratados, às vezes acham que quem trabalha na UNAS são um bando de irresponsáveis. Na verdade é isso que parece. O trabalho de resgate da história da comunidade de Heliópolis é feito com o grupo de novos educadores/ funcionários que é contrato, já fizemos várias vezes. Isso não é real. É resgatado sim! Agora o trabalho de continuidade da formação de formação em cada local é o que não estamos conseguindo trabalhar para que esse grupo esteja se*

---

<sup>129</sup> A conceituação adotada da paisagem como experiência partilhada, entre outros aspectos necessários ao entendimento das paisagens, possibilita ultrapassar essa distinção entre sujeito que conhece um objeto, para propor a construção do conhecimento na colaboração entre pesquisador e os protagonistas, como o grupo de pesquisa vem designando e nesta Dissertação referidos como atores sociais.

*apropriando dessa caminhada. São coisas diferentes. A história quando nasce lá atrás, ela só se torna viva, se os que estão chegando se apropriar dela e construir junto senão não existe história. A história não é de uma pessoa ou de duas, a história é algo que começa, que vamos construir, vamos dar as mãos e vão se apropriando e melhorando tudo isso. É algo muito sólido que todos precisam se apropriar. Então eu fiz questão de falar e eu não vejo que quando vem alguns alunos fazer o seu mestrado, aqui vêm muitos, se eu continuar atendo aqui não tem nenhum problema, pois eu vejo que é de responsabilidade da minha parte de apropriar essas pessoas da história de Heliópolis, na minha cabeça, na minha visão e trabalhar com o preconceito que a sociedade tem de Heliópolis. Quando a pessoa faz seu doutorado, sobre toda a história de Heliópolis e eu faço parte dessa contribuição, dessa escrita dele para que ele resuma o trabalho. E ele leva lá pra mídia, lá pra cima, que o Heliópolis não é um bairro de bandidos, nem de vagabundos, As pessoas de lá são cidadão que estão preocupadas com o desenvolvimento de todos e é nesse sentido, por isso que o trabalho da UNAS é até reconhecido internacionalmente. Então eu não vejo o estudo como coisa fechada”.*  
(Genésia)

Após esse encontro acalorado as lideranças destacaram a importância de se ter toda a história registrada, sobre a possibilidade de adquirir o material produzido pelas universidades e saber quais foram os resultados dos trabalhos. Nessa crença de que as pesquisas são extremamente importantes para as lideranças tomarem conhecimento das discussões acadêmicas e das conclusões sobre as práticas vividas, surgiu como idéia para fomentar o bairro educador, realizar uma exposição e um seminário sobre as dissertações e teses pesquisadas em Heliópolis.

*“...começamos pela história, pois não contamos nossa história, esquecemos de contar nossa história, vivemos a história e imagina que todo mundo sabe da história e aí pensamos que um planejamento que aprendemos na faculdade vai dar conta do que nós estamos construindo aqui. E aí só lembrando vocês, nós contamos no começo de hoje dessa construção dessas pessoas, desse espiral, que passaram outras pessoas, que estão vindo outras pessoas que são vocês. Mas eu acho que muitas coisas vamos conversando no decorrer dos encontros. Como que eu faço um planejamento de um lugar se eu não conheço a história, como se montou a paisagem da cidade?”* (Cleide Alves)

Em Heliópolis, há uma grande variedade e diversidade de experiências ou práticas educativas criadas com a intenção de provocar a participação. Mas sabemos que as pessoas possuem o seu momento, cada uma tendo o seu processo pessoal de compreensão e construção de sua identidade, por isso propusemos ao longo da pesquisa práticas educativas/métodos de pesquisa que dialogassem e interagissem com os grupos.

Alguns pontos são essenciais para o bom desempenho dessas práticas: precisamos compreender que nos educamos ao longo de toda a vida, e isso significa que a educação não está só na área formal, no institucional como é vista por muitos ainda. As práticas educativas precisam ser pautadas na intencionalidade, na construção de estudos bem elaborados coletivamente, buscando informações na própria comunidade e em outras fontes como as universidades.

São práticas que precisam expressar a realidade da paisagem, os saberes produzidos, a cultura, a luta dos atores em um contexto de troca de experiências, num processo colaborativo, de mobilização que é compartilhado por aqueles que desejam transformar cada vez mais a sua realidade.

Diante disso a própria pesquisa é um processo na busca de conhecimento, em que o pesquisador é visto como um sujeito ativo, numa relação de troca de conhecimentos. Talvez o pesquisador que procuramos constituir seja aquele que valoriza o diálogo, reconhece a existência de um saber popular, considera a diversidade no entendimento de que existe diversos saberes, e que o outro, é parte integrante e ativa do conhecimento, que é resultado de uma ação coletiva humana sobre e na paisagem.









## Considerações Finais





# • CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Neste capítulo final meu objetivo é chamar a atenção para alguns pontos referidos anteriormente, que nos parecem relevantes para o estudo dessa dissertação, que teve como foco compreender, tomando a história do lugar, as práticas educativas que derivam de processos colaborativos. Durante a pesquisa experienciamos e refletimos sobre a força das ações e do lugar. Viver em uma grande cidade requer do cidadão e da cidadã flexibilidade e conhecimento para compreender situações que muitas vezes não são entendidas no cotidiano ou no seu uso comum, pois a paisagem, no caso Heliópolis, apresentou a simultaneidade das divergências e dos conflitos valorativos resultantes da complexidade das situações e das relações das sociedades.

Percebemos valores que os atores atribuíram a cada passo dado, na luta dentro do movimento de moradia, nos mutirões, na construção de creches e agora mais intenso na educação. Compreender as práticas educativas que acontecem e transformam a paisagem foi a forma que nos auxiliou para a reflexão em planejar outras práticas com a comunidade, tomando como referência o conceito de experiência partilhada.

Vejamos o caso do movimento para um bairro que educa. Se considerarmos que os atores têm como objetivo um lugar que inspira educação, todos os grupos, planejadores, gestores, educadores, que chegarem naquele lugar terão que perceber qual é o objetivo e o eixo condutor das atividades dessa comunidade, pois ficará nítido que esses atores externos precisam repensar a sua prática.



A pesquisa não teve como objetivo analisar uma entidade específica em Heliópolis, mas a relevância que a UNAS adquiriu durante esses anos de luta, caracterizando-a como uma entidade de grande importância na paisagem local, fornecendo a nós acesso a uma rede de relações por meio das quais foi possível a inserção na comunidade.

Nesta conclusão destacamos os seguintes pontos: a apropriação do espaço em Heliópolis, o sentido das práticas educativas, como a oficina foi percebida pelos atores e a potencialidade da paisagem e as práticas educativa (práticas e lutas)

## **APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO EM HELIÓPOLIS**

A questão dos movimentos sociais urbanos tornou-se um eixo recorrente no percurso desta pesquisa. Esses grupos lutaram e lutam mediante os problemas urbanos, como a apropriação e distribuição da terra urbana, reivindicam por equipamentos sociais (movimento educacional e saúde) e pelo uso do solo (movimento de moradia). Os movimentos sociais lutam contra uma determinada situação. Esse duelo acontece por meio de ações concretas, com o objetivo de mudar o status quo.

O grupo se forma porque enxerga na paisagem possibilidades de organização do movimento ou da própria ação. Segundo Kowarick (2000) a espoliação urbana e a opressão política são fontes para as reivindicações populares, mas ao alcançar o almejado, há um enfraquecimento e um esvaziamento do movimento. Foi possível verificar essa condição nos relatos das lideranças Manoel Otaviano e Solanje Agda.

Percebemos também que alguns movimentos podem ser cooptados pelo poder público que atua de forma demagógica. Por exemplo, alguns grupos podem ser utilizados pelos gestores públicos que estão à frente de conselhos e outros espaços institucionais, que são criados para o repasse de verbas, ou para cumprir formalidades legais nos municípios. Nesse caso, o esvaziamento da participação popular e a burocracia, justificam o desgaste e a perda da credibilidade desses espaços, na opinião da comunidade.

Deparamo-nos em Heliópolis com instituições identificadas com o modelo filantrópico assistencial, mas encontramos organizações e/ou associações que conseguem exercer uma pressão política, com relação às questões sociais, propondo ações, estabelecendo parcerias e modificando consideravelmente a paisagem. De qualquer modo, esses movimentos populares urbanos, na história de Heliópolis, contribuíram para a conquista de espaços efetivos de participação popular no interior da sociedade e para a alteração da lógica de apropriação e uso do espaço urbano, por meio da proposição e alteração das políticas públicas, de uso e ocupação do solo, ou para a conquista das tarifas diferenciadas pelos serviços públicos.

Participar da vida cotidiana da comunidade permitiu perceber como os atores se apropriaram de espaços de uso comum, por intermédio das festas juninas, do dia das crianças, encontros e assembléias de moradores, corridas e caminhadas nas ruas de Heliópolis - ruas Paraíba, União, Mina. Nesses locais os atores reescreveram suas histórias. Nos lugares que antigamente eram de luta, pontos de encontro de reunião, onde começava a organização popular, hoje mostram em suas práticas atividades esportivas, culturais e de lazer que são fundamentais para a socialização e para aprendizado coletivo. Segundo Santos e Vogel (1985), a rua tem uma pedagogia, um methodos, que cria condições para a cidadania e a civilidade. A cidadania impõe um exercício com relação ao que é comum. Vivenciar o cotidiano dessa comunidade tornou-se também momentos de partilha, de aprendizado. Para nós, pesquisadores, esses momentos são extremamente importantes quando se diz respeito a pensar, criar projetos, ou apenas refletir sobre a paisagem urbana.

## **SENTIDO DAS PRATICAS EDUCATIVAS**

Partimos do princípio de que toda prática educativa implica em ter uma intencionalidade ao acontecer, num pressuposto de envolver de forma coletiva e ser uma ação. Todas as práticas realizadas por nós, ou nas quais colaboramos, tiveram como objetivo criar um ambiente colaborativo, por meio da elaboração das idéias, da troca de experiência e na construção de conceitos. O conhecimento de cada participante foi valorizado por intermédio da experiência e da investigação ou questionamento. Era estabelecida então a troca de saberes por meio da valorização do outro.

Durante a pesquisa foi possível perceber que os atores valorizam cada passo dado na sua luta. Compreender os processos desenvolvidos pelas lideranças, por meio das histórias, foi perceber a forma como eles envolveram os moradores e como a paisagem foi sendo transformada, recriada. A priorização nas oficinas era fomentar o conhecimento que surgia do convívio, das pessoas, dos instrumentos e do lugar.

Vejamos o caso do movimento para um “bairro que educa”, considerando que os atores locais têm como objetivo um lugar que inspira aprendizagem, em que todos os processos sejam educativos. Todos os grupos, ou parceiros que planejem construir projetos em Heliópolis, deverão conhecer qual é o objetivo e o eixo condutor das atividades da comunidade, as formas de atuação, o histórico de suas lutas. Ou seja, o primeiro passo é conhecer o contexto em que estão inseridos, para que dessa maneira fiquem estabelecidas as formas de relações que precisam ser revistas constantemente nas comunidades. Isso cabe para pesquisadores, planejadores, gestores, educadores e empresários.

O Estudo do Meio, para nós enquanto prática de percepção ambiental deixou evidente que a apreensão da paisagem é diferenciada para cada sujeito, pois os valores que a sociedade imprime por meio da vivência são conceitos subjetivos. Percebemos que a valoração do sentido de lugar demonstra importância no desenvolvimento da identidade pessoal e também coletiva. A elaboração de processos colaborativos nas práticas educativas propicia respostas com relação à paisagem vivida, como relatou a liderança Mércia sobre os seus caminhos em Heliópolis;

*“...o meu percurso é riquíssimo, pois encontro muitas pessoas da minha casa até o CCCA mina, encontro na rua todas as minhas amigas. Quando eu era conselheira tutelar eu andava tudo isso aqui e o que eu via de crianças e adolescentes na rua não era brincadeira. Antes eu percebo que morria muito mais jovens na boca, era um jovem atrás do outro morto nas ruas, as mães vinham me chamar, mas hoje acredito que isso tenha diminuído. As vezes eu me questiono se é porque eu não vejo mais por que não sou mais conselheira, ou porque como mostras as estáticas a criminalidade aqui em Heliópolis caiu consideravelmente”.*

A percepção da Mércia nos mostra que a sua relação com o lugar está conectada a sua história enquanto conselheira tutelar, e à forma como ela atua na comunidade. O seu olhar está voltado para as crianças e os jovens da comunidade, e durante o seu percurso ela observa e compara os fatos passados com a realidade presente.

Nas oficinas foi possível ver e compreender a paisagem que estava sendo relatada. Essa atividade consistiu em contribuir com as crianças e as educadoras a descobrir a vida de si e do próximo, por intermédio de um método de análise da realidade. Foi proposto aprender a ver e analisar a paisagem, num contexto de observação e crítica.

Durante a Oficina de Futuro e a disciplina percebemos que os adolescentes participantes de projetos na UNAS, conquistam ideais e espaços diferenciados de outros jovens na comunidade, participando de processos seletivos em editais para cursos ou até mesmo emprego. Existem vários motivos que levam os jovens a não participar de projetos em sua comunidade. Encontramos o desinteresse que nasce das limitações que os mesmos têm naturalmente, às vezes devido à idade, à precariedade da moradia. Questionamo-nos até que ponto é um desinteresse cultural, porque nossa sociedade marginaliza os jovens do diálogo e das informações. Enquanto pesquisadores devemos reconhecer, mas não podemos entrar na questão cíclica, de que a falta de conhecimento gera a falta de interesse, assim como a falta de informação pode causar despolitização. Hoje a participação dos jovens na tomada de decisão e na construção de políticas públicas ainda é bem reduzida.

A vivência enquanto pesquisadora, colaboradora, aluna, nos fez refletir sobre a questão da linguagem da academia. O uso da linguagem é explicitado em nossa pesquisa através das lideranças que se apropriam das informações do poder público e das universidades e levam para a comunidade, construindo uma interlocução das lideranças com os moradores, com as escolas. Tornando-se interpretes e porta-vozes de sonhos e desejos.

## **COMO A OFICINA FOI PERCEBIDA PELOS DISTINTOS AUTORES**

Durante as atividades percebemos que havia uma identificação com a prática, justamente por buscar compreender a realidade vivida. Por exemplo, quando apareceu nas oficinas a questão dos resíduos sólidos, nos deparamos com fatos correlacionados à degradação no espaço que é vivido, caracterizando valores éticos e morais concomitantemente com a história de vida, individual ou coletiva. Assim, podemos refletir que os processos de valoração das paisagens exprimem ações humanas fundamentadas nas sensações e sentimentos que marcam a história da ordenação territorial de um lugar, determinado pela interação de fatores naturais e humanos. Observamos que os diferentes grupos mostram experiências semelhantes entre eles, pela localidade e pelas observações que trazem, pois não são sujeitos isolados. Por outro lado, constroem relações identitárias próprias nesse espaço, devido à questão cultural, idade, gênero, revelando a nós pesquisadores diferentes formas de vivenciar a paisagem.

Participar enquanto pesquisadora da formação de educadores foi interessante para reconhecer o campo teórico explorado pelas lideranças, e os usos dos espaços públicos livres e privados existentes na comunidade como lugar da prática, e também para fortalecimento de vínculos sociais. É o caso dos CCCAs, que é um lugar compartilhado por determinados grupos, como crianças, adolescentes, educadoras e comunidade. São lugares de identidade comunitária que permitem aos atores um sentido de vizinhança, de pertencimento. Esses equipamentos sociais, fruto da luta, podem ser potencializados por meio das parcerias que os atores articulam, e serem lugares que nitidamente fortalecem o propósito das lideranças que é ser um bairro que educa.

O que nos moveu na pesquisa, são as visões, as possibilidades e o poder de criação e superação promovidas pelas lideranças a cada dia. Consideramos, a partir dessas práticas, construir ambientes cooperativos que considerem a importância social dos temas elencados como moradia, educação, saúde, cultura, entre outros, para a vida comunitária. A paisagem é construída socialmente pelos atores, há uma busca entre as lideranças para não haver uma centralidade na tomada de decisão, mas em algumas situações isso não é possível. Mesmo assim, a procura é por uma relação interativa e não hierárquica, em que ocorram trocas das percepções individuais, dos significados e da relevância social dos integrantes de cada grupo.

## POTENCIALIDADE DA PAISAGEM E PRÁTICAS EDUCATIVA (PRATICAS E LUTAS)

Nesta pesquisa apresentamos reflexões sobre práticas educativas e tipos de ambientes de aprendizagem constituídos pelas lideranças. Observamos que nas experiências relatadas, e caracterizadas como formais ou não-formais, quase todas colaboraram para uma transição entre os múltiplos ambientes comunitários, algumas vezes distintos, como as escolas, mas em constante interação. O planejamento, o grupo, as formas de participação e a forma como os espaços são utilizados caracterizam o ambiente colaborativo para as práticas.

Os atores locais foram relevantes na construção da pesquisa, com relação à compreensão dos desenhos de suas ações, no formato da organização social, nas práticas de formação das lideranças, na procura por novos atores, na busca de parcerias, na tomada de decisão e na apropriação dos espaços públicos. Outro ponto marcante foi explicitar os conflitos, tensões e questionamentos, entre as diferentes formas de atuação das lideranças. São esses atores que vivenciam e que narram às transformações ocorridas na paisagem mediante as suas lutas. Não podemos deixar de dizer que por meio da investigação de campo na comunidade, verificamos que existe mais de 100 equipamentos<sup>130</sup> em Heliópolis, dos mais diferentes ramos de atividade, indo da religião ao esporte, da educação à música, e alguns núcleos acabam agregando mais equipamentos do que outros, como é o caso da gleba K, onde está o núcleo Mina, que é chamado por alguns moradores como a área rica de Heliópolis, ou o núcleo Imperador que é conhecido como núcleo “miserável”.

Precisamos buscar em nosso trabalho alternativas, como a construção dialógica entre esses jovens e o mundo. Segundo Freire *“quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.”* (FREIRE, 1987, p. 30)

A opção de estarmos muito próximos dos atores foi considerada como um objetivo metodológico, pois sermos aceitos em uma comunidade significa ter acesso às práticas culturais vividas. Essa interação nos enriqueceu enquanto pesquisadores sendo ponto fundamental para a prática de estudo na paisagem.

Outra prática que trouxe contribuição na pesquisa foi a apresentação para os atores. Esse momento foi importante no desenvolvimento da investigação, pois houve a possibilidade de introduzir novos atores para as entrevistas e novas informações ao contexto, construindo novas possibilidades de compreensão da paisagem, e redirecionamento na pesquisa.

---

<sup>130</sup> No anexo está a relação das entidades existentes em Heliópolis.

Percebemos que na comunidade de Heliópolis a educação não – formal inclui a cidadania e a cidade em suas discussões, e esse apontamento serve como um diagnóstico educativo aos pesquisadores sobre a cidade. Trabalhar um grupo que já discute a metrópole, suas interferências, pode facilitar o diálogo e a aproximação para construção de projetos.

Com relação às práticas educativas na paisagem, a partir das experiências vividas por nós, num segundo momento, será interessante complementar e voltar a analisá-las, ampliando o referencial teórico, incluindo estudos no âmbito institucional de modo sistemático, e construindo em campo outras práticas educativas como desdobramento para essa pesquisa.

Os procedimentos metodológicos adotados somaram um conjunto de materiais que organizados nos mostraram as diversas compreensões na paisagem de Heliópolis. Procuramos mostrar apoiados em Freire, Gohn e outros autores, que a comunidade “esta viva”, e que no seu dinamismo compartilha e ensina novos atores.

Refletir sobre paisagem e educação não foi uma tarefa fácil, em um momento que o campo das diversidades de ações, pensamentos, paradigmas está repleto de questionamentos. Estamos em uma época que as abordagens sociais e as leituras de mundo não são convergentes. Por isso cabe a nós pesquisadores, juntamente com as comunidades, refletir sobre esses saberes que construíram tantas ações.

Outra reflexão que cabe a nós pesquisadores é que não podemos ter pensamentos restritos e imutáveis sobre as concepções de percepção, interpretação e valoração da paisagem. Temos que estar aberto a outras visões, pois dessa forma podemos acompanhar as transformações, o movimento de evolução e consonância dos grupos sociais nas suas experiências no lugar, direta ou indiretamente.

Durante a pesquisa e os redirecionamentos que o Grupo de Pesquisa vem adotando tem havido uma identificação crescente com os escritos de Paulo Freire, o que nos leva enquanto pesquisadores procurar entender melhor esse referencial e a sua aplicabilidade para os estudos de paisagem, enquanto processo contínuo de aprendizagem. Nessa pesquisa não optamos aqui por oficina A ou oficina B, estamos propondo aqui práticas que façam a opção pelo humanismo dialógico, que veja no outro um ser em construção e que se veja como um outro ser *inacabado*, que ambos estão ávidos por apreender.

Deixamos como proposta, após análise da potencialidade dos processos na paisagem que os trabalhos desenvolvidos por projetos transdisciplinares proporcionam a criação de vários ambientes de aprendizagem. Exemplo que já acontece com as lideranças e os moradores, que

em certa medida, planejam , organizam e avaliam os processos em que estão inseridos no cotidiano, ou seja, esse contexto participativo precisa acontecer em mais lugares.

Diferentemente da minha atuação anterior em Heliópolis como pedagoga, agora como pesquisadora foi e está sendo um aprendizado a forma de perceber e interpretar a paisagem vivida, suas pessoas e seus mundos. Foram experiências, sentimentos e sensações que desestruturaram concepções anteriores, e a todo momento novos significados se faziam presentes de forma enriquecedora da partilha com a comunidade.

O que buscamos nesta pesquisa foi encontrar não só algo que estivesse presente, como o diálogo e que possibilitasse ser aproveitado por outros pesquisadores, mas antes de tudo algo que também fosse utilizado e assimilado pelos atores dessa comunidade, que nos acolheu com um amor intenso, pois *“não se pode falar de educação sem amor.”*, como diria Freire, como também não podemos falar de paisagem sem paixão.

- ANEXOS

---



## **História de vida**

Aqui se encontram as narrativas de vida, de pessoas que gentilmente contaram suas histórias de alegria, luta e tristeza. Entre águas, cafezinhos e trabalho foi possível conhecer pessoas que a cada dia transformam a paisagem.

Nas entrevistas do Sr. Antonio, Zé Badu e Cleonice contei com a colaboração de Tereza Cristina Ramos e Cleonice Souza Silva, moradoras de Heliópolis e alunas do curso de pedagogia que se interessaram pela pesquisa e queriam se apropriar dessa ferramenta para a construção de seus trabalhos escolares.

Conhecia a dona Conceição pela sua história, como uma das primeiras moradoras de Heliópolis, mas fui apresentada oficialmente a ela pela sua irmã Isabel Batista que também me apresentou Dona Dionízia, que me apresentou Lucivânia.

A entrevista com a Márcia Aparecida foi realizada em conjunto com David, adolescente do CCCA Mina e com a educadora Mércia.

As histórias de vida surgem como fontes vivas e possibilidades de diálogo entre o passado e o presente, numa perspectiva de conexão com o futuro.

## **ANDREIA EDILEUZA DA SILVA**

*Fazem 43 anos que meus pais vieram de Pernambuco pra cá, ganharam este terreno do meu tio e conseguiram construir esta casa. Eu e meus 5 irmãos fomos criados aqui, juntos na mesma casa. Hoje moramos nesta casa eu, mais meus 5 irmãos, meus 3 filhos e 2 sobrinhos, minha mãe faleceu a 4 meses e meu pai mora com outra mulher aqui mesmo na região do Heliópolis. Minha infância foi boa aqui, passamos algumas dificuldades, mas enfrentamos todas e hoje estamos vivendo com mais tranquilidade.*

*Eu fui uma adolescente rebelde, em tudo, na escola aprontava muito só vim aprender agora que eu tive os meus filhos. Já terminei meus estudos, agora eu sou mais mãe cuido mais dos meus filhos, hoje posso assim dizer que tenho mais juízo, agora não sou mais rebelde. Tenho 3 filhos o Gustavo de 9 anos, a Thaynara de 3 anos e a Rayane de 3 meses. Não cheguei a morar com nenhum dos pais dos meus filhos, eles não me ajudam em nada. No momento estou desempregada e quem me ajuda é o meu pai.*

*Quando eu cheguei aqui pelo que eu me lembro, não tinha ruas asfaltadas era só mato, já existia este córrego (moram em frente), a luz era gambiarra, os terrenos eram invadidos. Agora eles querem canalizar este córrego e a gente vai ter que sair daqui. Meu filho de 9 anos esta na escola e a pequena de 3 anos esta na creche(CEI).Eu pretendo dar continuidade nos meus estudos, quando eu tiver empregada eu quero fazer enfermagem. Eu até me escrevi no projeto na UNAS com a São Marcos, mas foi na época que minha mãe faleceu ai eu nem fiz a prova.*

*Não gostaria de mudar daqui, mas agora não temos escolha, somos obrigadas, pela canalização que vão fazer aqui no córrego.Tem um lado bom em tudo isto, pois cada um de nós (IRMÃOS) teremos um apartamento. Durante o dia apenas levo e busco meus filhos na escola e cuido da mais nova. Tenho um sonho...*

*“...sonho com uma vida melhor para os meus filhos, para mim eu não ligo tanto”.*

## **ANTONIA DE LIMA ROSA**

*Nasci em Piauí, na cidade de Oeiras, lá era uma cidadezinha parada, mas tinha tudo até escola, mas nada acontece muito monótono e para trabalhar era muito ruim, então com 22 anos vim para São Paulo. Lá estudei até a 3ª série, pois era muito longe tinha a cidade do interior, a gente tinha que ir do interior para a cidade. O ônibus passava nas casas pegando as crianças era um transporte público. E foi ai que surgiu a idéia de vir para São Paulo, mas foi com muita calma, porque na verdade era um sonho. Já estava casada e também já tinha quatro filhos. Hoje meus filhos já são grandes e estudados tenho a Francisca de 24 anos, Francinete de 23 anos, Francielma de 22 anos e o marcos de 20 anos. E todos nasceram lá, e a mais velha veio para cá com 7 anos. Todos começaram estudaram aqui.*

*Mais primeiro eu fui para Belém do Pará e passei seis meses, foi uma passagem rápida para tentar uma vida melhor, pois meu marido já trabalhava lá, trabalhava e vinha, ai eu fui. Acabei não gostando de lá em vim para São Paulo e acabei gostando daqui. Tenho hoje 41 anos e vim para cá com 22 anos, então já fazem 19 anos que estou aqui em Heliópolis. Quando cheguei fui morar na Rua Social no Bairro do*

*Heliópolis. E depois fui para Rua São Simão, onde moro hoje. E trabalho na Rua Mina e estou lá até hoje também. A hoje sou uma “empresária” da Rua Mina, pois estava aqui a 6 meses e comecei, pois nunca trabalhei pra ninguém, pois não estudei e coloquei a cara e a coragem e aprendi, montei minha “empresa” que faço um pouco de cada coisa: uniforme, faço peças, conserto e faço roupa para vender. E esse é o lugar que trabalho, e por enquanto tenho que ficar aqui, pois é alugada. E no começo só fazia uniformes era muito bom tinha muitas escolas. E com isso meus filhos foram crescendo e estudando e hoje todos estão formandos (uma Advogada, uma pra Logística e outra pra Contabilidade) só o mais novo que esta terminando o ensino médio e tem vontade de fazer faculdade também e estão todos trabalhando. E Graças à Deus elas me falam hoje Mãe a Senhora vai se aposentar, a gente tem que se formar em algo, o que vai produzir para a Senhora.*

*Olha, minha história de vida aqui, foi muito boa, só não foi melhor, pela falta de respeito que aqueles que comandam tem aqui com a gente. E , o povo que vem trabalharam aqui dentro, e eles vem...*

### **DIONÍSIA MARIA DE JESUS**

*Vou levando a vida como sempre.*

*Olha gente a minha vida é o seguinte: eu sou uma pessoa, eu nunca fui casada na minha vida. Eu me juntei um senhor e a gente não soube viver, eu sempre lutei pra criar meus dois filhos que eu tenho. Eu tenho dois filhos, inclusive eu vim pra cá e sofri muito, passei fome aqui dentro de São Paulo, através de não ter conhecimento. Aí cheguei aqui, nessa altura que eu vim morar no Heliópolis dentro do mato, entrei aqui no matagal do Heliópolis vendo muitas coisas (não boas) vi coisas aqui horrorosas enfrentei a vida e sofri aqui dentro de São Paulo.*

*Eu vim de Conquista... Vim de Conquista e vim parar aqui com dois filhos pequenos. O filho mais novo tinha dois anos, o filho mais velho tinha três Anos. Trabalhei, paguei escola, trabalhei em casa de família. Quando eu conheci alguém aqui dentro de São Paulo que me informou, mas eu sofri muito aqui dentro de São Paulo, nesse pedacinho de chão aqui que vocês estão vendo eu aqui, eu sofri muito aqui dentro para criar os meus dois filhos. Criei trabalhei juntamente com eles, até hoje eles trabalham e se eu estou embaixo desse teto aqui foi eu que fiz. Não foi homem nenhum que me ajudou. Só um Deus que nós temos que me ajudou, eu aqui tive um sofrimento muito grande dentro de Heliópolis. Brigamos dentro de Heliópolis para ajudar os moradores. Fui até a prefeitura fazendo ocorrência mais a turma aqui, pedindo: esgoto, moradia, uma luz, pedindo um apoio pra nós e pra todo mundo aqui dentro de Heliópolis. Hoje em dia eu estou aqui, morando aqui e espero em Deus que eu continue morando aqui dentro. Mas, que eu já sofri aqui dentro, eu já sofri aqui dentro. Muita gente já me ajudou, porque dizer que não. Porque muita gente já me ajudou e muito aqui dentro, eu não posso dizer isso que não. Eu já ganhei muita ajuda de gente e Deus e dos amigos também. Mas, eu já sofri já, eu já fui internada dentro do hospital Ipiranga através de passar fome, fiquei uns três dias internada no hospital Ipiranga e não era doença, era passando fome assim que eu cheguei aqui. Aí, depois eu conheci gente, eu comecei a trabalhar em casa de família depois eu achei...*

*Eu tenho vinte e oito anos que eu moro aqui dentro de Heliópolis.*

*Sim aí eu comecei achar, o, trabalhar trabalhei em firma... Trabalhei em firma mesmo. Aposentei e hoje em dia eu estou em casa. Não aposentei com aquele dinheirão não, aposentei com dois salários só. Mas, dá pra ir levando a minha vida devagarzinho, né?*

*Eu estou com sessenta e quatro anos. Sessenta e quatro anos eu estou agora, vou fazer ainda nesse ano que vai vim. Que eu tenho esse documento meu aqui, que esse documento meu aqui não foi tirado certo não, mas o que eu que dizer é que tem que ir pelos documentos porque é meus pais que tiraram errado. Esses documentos meus que tem aí, eu já corri atrás pra arrumar esse documento. Inclusive é... Não pude arrumar porque meu pai é morto e as pessoas também morreram, também. Eu fiquei com o documento do meu irmão, Mas a minha data certa de nascimento é essa que eu te dei aqui agora. Eu já sofri muito aqui gente, eu já sofri, já sofri demais aqui dentro de Heliópolis aqui. Mas também já trabalhei... Que eu já fiz isso ó (passa os dedos sobre a testa, usando o gesto como se limpasse o suor) também. Hoje em dia eu moro aqui, vocês estão vendo essa casa aí, não está terminada, mas aqui é uma mulher que faz. É uma mulher, eu... Ou seja, eu quem faço, porque eu não tenho marido não, e nem nunca quis. Porque pegar um marido, um só pra... Como se diz, aproveitar de mim e largar de lado, não. Eu luto sozinha com Deus.*

*No meu olho é o seguinte. Eu desde o mês de maio, eu senti um problema nesse olho aqui, olha... Uma tremura nesse olho assim... Fazia assim (mostrando o olho que está com problema) tremia por uns quinze dias. Depois esse olho... Atacou um problema no meu olho como coisa que tem uma bola de fumaça nesse olho aqui e nesse daqui. Aí cobriu a frente dos olhos, cobriu a frente dos meus olhos assim, eu não posso olhar que eu vejo umas bolas de fumaça na frente dos meus olhos. Passei pelo médico... Aí eu passei no médico de vista, aí ele olhou. "Acho que vai ter uma pequena cirurgia" foi o que o médico falou comigo, né? Ele disse que tem um negócio feito catarata nesse cantinho de olho aqui e outro nesse cantinho aqui. Aí, dia dez eu tô indo pra lá ficar o dia inteiro lá pra ver mesmo se vai operar, ou não vai. Se não for operar eles tem de passar uns óculos pra mim. Foi no mês de maio agora que começou esse negócio assim. Então ele colocou um remédio e mandou eu não forçar muito a vista não, porque eu não posso fazer... Abaixar as vistas viu. Eu vou ao banco, eu ponho o dedo lá pra pegar um dinheiro, eu ponho o dedo lá porque eu não posso fazer assim (ela abaixa a cabeça) né? No banco. Eu tenho que andar assim ó (erguendo a cabeça) eu tenho um remédio que coloca na minha vista, né? Até dia dez, dia dez eu tô lá o dia inteiro, passando pelo médico, fazendo um par de exames, pra ver o quê que foi que aconteceu.*

*É eu fui dormir e acordei com isso tremendo aqui nesse canto desse olho. Tremia assim que eu não agüentava isso, passei ruim, eu fiquei ruim. Eu fiquei mês de maio, mês de junho; mês de julho. Ruim, ruim com isso, muito ruim mesmo. Aí marquei cirurgião lá, de vista. Fui ao médico, o médico falou que eu...*

*Pouco, eu não estudei muito não. O tempo não deu, logo que passou o quê? Um ano, arrumei logo filho, arrumei logo uma casa... Arrumei logo uma casa pra tomar de conta. Não deu tempo de estudar não. Estudei muito pouco, estudei muito pouco.*

*Dois, tenho dois filhos e a Mônica que eu crio (uma neta que eu criei desde que nasceu com dois dias), mas não é minha filha assim que ganhei, é que eu criei a tenho de filha. E filho homem tenho dois, filhos homens só. Que é o pai do Peterson e o pai da Mônica. Só tenho dois filhos só. Mas pra criar meus dois filhos eu lutei.*

*É o pai da Poliana é meu filho. Paguei escola pra botar meus filhos na escola. Hoje em dia eu tenho uma filha que... Ela estudou bastante, ta sendo uma pessoa... Mas, eu cima. Paguei pra ajudar ela, hoje ela faz sua faculdade de engenharia . Já, já, já vai trabalhar. É, é minha bebê.*

*Não. A engenharia dela eu não sei, é não gravei, não gravei o que ela está fazendo, né? Isso aí é só com ela quando ela chegar, porque ela está viajando, ela não tá aqui. Mas ela tá fazendo faculdade e já vai trabalhar já se Deus quiser. Já arrumou serviço pra ela já.*

*Ah, ainda não tá, mas, o serviço dela que ela vai fazer se Deus quiser, não atrapalha ela estudar não, não atrapalha não. É, é isso mesmo, eu sei que é assim mulher, é assim que aconteceu comigo, e eu tô levando a vida como Deus quiser do jeito que for possível e que Deus quiser né? Tem vinte e oito anos que moro aqui dentro.*

*Ah, isso aí, felicidade a gente às vezes tem um pouco de felicidade numa parte e às vezes tem tristeza de outra, né? Primeiro lugar eu fiquei sozinha, já é uma tristeza, né? Segundo lugar eu perdi o pai, já é outra tristeza. Terceiro lugar perdeu o vô, outra tristeza. E a parte de alegria e felicidade tem que às vezes a gente sai, às vezes tem uma diversão, às vezes tem um amigo que conversa com você. Aí a gente fica mais alegre, alegre o peito. Tudo isso tem, né? Tudo isso a gente tem. Assim... E tristeza você sabe, de um lado a gente tem, de outro tem uma tristeza, num canto uma alegria de outro e é sempre assim, né? E do mais tudo bem... (neste instante o telefone toca)*

### **LISANDRA CONCEIÇÃO DE JESUS**

*Eu ouvindo ela contar (oficina com mulheres), eu lembrei da minha história que não foi fácil. A história da minha casa é bem complicada, minha mãe pagava aluguel, ela veio para São Paulo em 73 e perdeu o emprego porque ficou grávida e ela teve que procurar outra casa e ai fomos para a Rua Jabaratuba em São João Clímaco, aqui onde não aparece no mapa, foi o lugar onde eu cresci, mas quando o dono faleceu os filhos queriam a casa. E foi nessa época que ela separou do meu pai, pois eu peguei ele com a amiga e vizinha de nós no banheiro. Eu e minha mãe andávamos em Heliópolis e ela queria comprar uma casa e ela fez isso com minha tia, justamente na Rua Adriana e lá moramos por um bom tempo, os terrenos eram grandes. E o barraco ficava no final da Rua Paraiba e como era uma descida os bêbados caíam na ladeira e caíam lá em casa. E ai quando teve a invasão no Copario (apontando no mapa), foi em 87, ela pagou 600 cruzeiros eu acho e junto vinha 600 blocos. Aqui onde tem o conjunto habitacional. Esses 600 blocos não dava para construir nem um cômodo, então o barraco era bloco com madeira.*

Morria muita gente, e eu adorava ver os mortos pelados, criança né. Era uma época muito violenta. E em uma noite invadiram nossa casa e fizeram a gente sair de madrugada mesmo, só com a roupa do corpo, tudo que minha mãe conseguiu ficou lá, fomos para casa da minha tia, eu perdi o ano na escola, nessa época meu pai voltou pra casa com um emprego bom e compramos um terreno na Rua Gaspar, do lado do córrego, nem tem aqui no mapa é perto da Rua Natali. Na época tinha uma demolição e a minha casa foi construída com restos da demolição, não tinha água e íamos buscar na Rua da Mina, ai perto da Sabesp, tínhamos que pular o rio, era barro, brejo, nossa!!!! Minha mãe caçava rã para a gente comer, hoje que eu descobri que é chique. O cheiro ficava nas paredes, moramos um ano sem água e sem luz, um vizinho longe do outro. Ficávamos só ouvindo e vendo os tiros, só as faíscas. E nós no meio de polícia. Minha tia mora no mesmo lugar até hoje, muita coisa mudou, ela vendeu só uma parte do terreno. E hoje eu penso, que casa eu tenho, pois eu moro no puxadinho, já constitui família. E eu fico com esse pensamento de pertencer ou não a esse lugar. Até a casa da minha mãe é duvidosa, ouvimos uma conversinha aqui ali, que vão tirar de seis a 10 metros e se tirar 10 metros minha casa sai. E fica essa coisa, pertença ao Heliópolis ou não pertencemos ao Heliópolis e sim ao Jardim Independência, mas eu não me identifico com o Jd. Independência e sim com o Heliópolis, lá é um bairro melhor, mas não é minha casa. É sempre moradia hoje é bem duvidoso, mas ao mesmo tempo é minha casa, pois eu tenho para onde ir depois do trabalho, é onde eu moro. Eu vejo situações de pessoas que tem o lugar, o lar, mas estão tão precários que não é um lar é apenas um endereço.

Eu adoro esse lugar, eu adoro isso aqui. Eu moro aqui e vou até o meu trabalho, de uma ponta a outra, eu gosto de ir a pé, porque eu vou pelo caminho que eu já trabalhei, por exemplo eu trabalhei na Rua da Alegria na creche, na São Gregório, no Mova, passo na minha tia, tomo um cafezinho e vou conversando com as pessoas, vendo o movimento, levo horas nesse trajeto e quando chego o meu marido tá lá com a cara desse tamanho. As vezes eu penso que eu to tão pressa aqui. Eu já até trabalhei em outro lugar, fui trabalhar na Brasilândia. Tem coisas parecidas, mas não tem o aconchego que tem aqui, eram 3 horas de viagem. Lá não tem esse movimento, de comunidade, de casas. As casas são até bonitinhas, mas ai são cortiços, cada um no seu buraco. Cada um no seu espaço. Lá é coisa de outro mundo. Cada moro lá tem sua história e lá morrem muitos jovens.

Lá na Brasilândia tem casas de qualidade, as pessoas iam almoçar nos restaurantes. As pessoas moram lá em baixo da linha de transmissão, tudo barranco, Jd. Paraná, Peri-Peri, Jd. Carombé, Jd. Imperial. As pessoas são muito passivas. Eu olhava e pensava, nossa ninguém reclama e eu num projeto que tinha dinheiro. Tinha lá cursos para adolescentes, seis cursos e cada curso tinha 5 alunos e quando ia prestar conta, prestava pra 50. Isso me doía ao coração, na alma. Eu ia então buscar as crianças na porta, eu gosto de lá, volto lá as vezes. E essa questão é muito diferente aqui.

Eu gosto desse movimento de andar pelas ruas e falar com todo mundo e isso tem haver com minha casa, que está sempre aberta, se você for lá tem gente fazendo lanchinho. As crianças vão em casa para eu ensinar, como um reforço. Minhas cunhadas tem mania de limpeza e as crianças estão sempre lá, já

viu NE ? Casa é isso NE, tem que acolher , eu gosto de gente conversando. Casa é para receber, ambiente feliz, agradável, com som. Bem nordestino mesmo, meus pais são de Ilhéus – Bahia.

#### **APARECIDA DE FATIMA CORREIA PEREIRA**

*Quando eu namorava morava com meu pai e a madrasta. Estamos falando aqui sobre moradia, sobre família. Comecei a trabalhar e namorar com 22 anos e com 27 anos resolvemos casas. E meu marido disse que íamos morar na favela. As pessoas me recriminavam, meu marido me largou, fui morar com meu irmão e meu filho. Depois fui morar em Parelheiros com uma amiga, durante 6 meses, mas eu lembro que ela colocava o relógio para despertar às 5 horas da manhã, meu filho não podia fazer nada. Meus pais moravam aqui e eles falaram para eu construir aqui também. Comprei as madeiras e construí meu barraco. Tinha cavalo e porcos aqui, meu filho era doente, tinha bronquite. Mas ai meu pai ficava levando gente em casa para me conhecer e ver minha casa. Ai resolvi procurar outro barraco. Vendi o meu barraco. Aqui era campo, tinha mina e uma pequena cachoeira. Aqui em 87 matava muita gente. Coloquei umas tábuas e uma janelinha. Eram uns homens encapuzados, meu chão era só barro, não tinha piso, não tinha nada. Ai lutei , lutei , lutei e coloquei meu filho na creche. Eu vim morar aqui para dar um futuro melhor para o meu filho, para não ficar vivendo na casa dos outros. Eu pedia para meu pai ir buscá-lo na creche. Ai meu pai comprou um terreno na esquina da casa dele e disse para eu construir lá. Eu não tinha dinheiro, mas a vizinha disse que eu poderia comprar e paga-lá depois. Assim construí minha casa, eles moram lá até hoje e sempre agradeci a eles. A Dona Maria disse para eu não por telha e sim construir uma laje e mais uma vez o vizinho me ajudou. Mas aqui as pessoas falam muito dos outros. E a vizinha da frente ficava falando que eu não era sozinha e que provavelmente eu deveria ter alguém. E eu lá pagando a laje, mas o importante é que eu tinha e tenho Deus, nunca perdi a fé. Ainda não terminei de construir minha casa, mas é minha né. Você acredita que meu pai convidou um monte de gente para morar lá, mas as pessoas não queriam porque era favela. Quando davam sextas básicas aqui na UNAS eu vinha buscar todo Natal e eu dizia: Vamos passar com esse franguinho, aqueles galetinhos? Eu fazia a ceia de Natal. Construí minha casa , arrumei um rapaz mas não deu certo. Ai quando desmancharam meu barraquinho eu chorei, ele tinha aquele piso vermelho. Ai arrumei outro rapaz, mas esse usava drogas e eu mandei ele embora, ele me batia. Meu pai bateu nele, dei parte na polícia.*

*Deixei meu filho internado e quando ele teve alta, esse rapaz quis voltar e eu não quis. Ai os homens começaram a dar em cima de mim. Eu passava por aqui (apontando no mapa) dentro da viela, perto da rua Adriana para ir lavar louça e roupa na mina, eu levava meu filho. Os homens queriam trocar saco de cimento para ficar comigo. Eu não aceitava e fui construindo minha casa, mas quando construí tudo minha casa foi derrubada e eu voltei para um quartinho e todo dia eu ia atrás de cimento. Comecei a namorar com outro rapaz, foram 15 anos, eu fazia miojo para ele, ia buscar ele no bar, ele também usava drogas. Não foi fácil. Ele chagava a meia noite e queria que eu fosse para o forró com ele e eu ia, ficava lá morrendo de sono. A mãe dele um dia chegou em mim e disse que o filho dela precisa de carinho. Só que eu peguei esse meu namorado com outra. E ai eu engravidei do irmão Otero, esse gostava de mim de verdade, mas eu não queria nada com ele, foi vingança, mas eu não vivi com o pai do meu filho. O pai do*

*meu filho deixou uma carta,ele morreu afogada em 1993 na praia. E meu filho disse para mim que esse era o pai dele. Quando eu levei ele para avó , ela achou ele lindo. E quando minha sobrinha tinha 03 anos ela foi desfilar no Centro Cultural Vergueiro e você acredita que o meu ex-marido , aquele drogado está na rua pedindo pipoca para as crianças, ela era um mendigo e eu disse pro meu filho esse é o seu outro pai e a partir desse dia meu filho não largou mais de mim. Quando eu era mais nova meu pai de tanto me bater quase me matou. Hoje eu moro com esse rapaz a 15 anos , ele é evangélico, eu não tenho mais nada com ele a oito anos, quando eu peguei ele com outra no carro. Meu filho hoje tem 22 anos. Eu não saio e não traio. Meu filho ganhou uma bolsa de administração de ta fazendo o curso de oficial de Justiça. Eu não tenho muita amizade aqui e ele não conversa com quase ninguém daqui. Quando está em casa fica no computador. Ele saiu para a casa da namorada que é na Cidade Tiradentes. Ele já me disse que transou com a namorada. Eu já disse para ele não fazer como o pai dele fez comigo. Eu não estou mais na São Marcos, fui para outra faculdade, pois quero me formar melhor. Eu quero reagir no meu mundo e eu estou realizando um sonho que eu quero. Eu moro na Rua Adriana (apontado no mapa)bem na viela.*

### **MARIA HILDA ARCINO DE SOUZA**

*Nasci em Pernambuco, Oricuri e vim para São Paulo para trabalhar, pois lá em Pernambuco trabalhava na roça. Cheguei aqui em São Paulo há 22 anos. Vim morar primeiro em Pirituba, depois de um tempo lá vim para a Heliópolis, e aqui morei em três lugares diferentes. Na Rua São Paulo dez anos atrás, morei também na Rua Cerati e depois aqui onde estou na Rua 16 de Dezembro. Tenho dois filhos a Vanessa de 14 anos e o Daniel de 5 anos, sou comerciante e minha rotina e só ir ao Brás toda semana para comprar algumas coisas para repor mercadoria. Todas as manhãs levo o Daniel para a escola e depois as 11h45min hs vou buscá-lo, e coloco o almoço, pois sou mãe e pai, é uma luta, até comentei em escrever um livro de minha história de vida; tenho que ter muita fé em Deus e muita coragem.*

*Minha filha chega ao mesmo horário então faz a lição depois almoça e me ajuda nas tarefas da casa e ajuda cuidar do Daniel . Depois do almoço desço para trabalhar e lá ficou até as 19h00min/20h00min, e no meu trabalho faço conserto de roupas também (dia inteiro). E com a Graças de Deus consigo pagar minhas contas, cuidar dos meus filhos, e também gosto muito desse lugar, pois acostumamos e cada um tem seu padrão de vida. O legal e que todo mundo cuida da sua própria vida. E muito tranqüilo aqui sou muito conhecida, deixo meu comércio sozinho e tudo aberto e não tem problema, pois todos têm muito respeito. Até mesmo o segurança do presidente Lula já ficou aqui na minha casa. Deixo uma mensagem para a comunidade: sou mãe, sou professora dos meus filhos e tem muitas mães que põe as crianças no mundo e não cuida. Já tive experiência de crianças chorando de madrugada com fome e descí com bolacha e Danone para lhe dar, pois quando era criança tive muita fome a minha mãe não era presente, então faço isso de coração, quando eu posso dar uma roupa eu dou, pois quando vejo uma criança maltratada me sinto muito triste e doloroso.*

*Lá em Oricui tinha escola mais tinha que trabalhar na roça, e tinha que ir caminhando e morava em uma cidade pequena, a escola lá tinha até o Ginásio. E só consegui fazer até a 7ª série. E com isso tenho*



*muita vontade de voltar a estudar. Minha filha estuda em uma escola muito boa e de qualidade, e meu sonho é ver eles se formando em uma faculdade, minha filha fala que quer ser advogada.*

### **MARIA LUCIVANIA ALVES**

*Quando eu cheguei da Paraíba, vim morar com minha irmã, eu estava grávida então ela falou para eu ficar com ela. Morando com minha irmã passei por uns bons bocados criei meu filho sozinho. Da Paraíba eu vim morar no Parque Bristol, nas casas das minhas primas, mas aí não deu certo não. Muita humilhação, pensar que só por que é parente trata a gente bem, é mais fácil um de fora (estranho). Foi aí que fui morar com minha irmã e tive meu filho, lutei bem dizer sozinha pra ter ele.*

*Quando meu filho tinha uns 6 meses de vida eu conheci o meu marido e fui morar com ele, tínhamos uma casa aí na frente. Ele ajudou a criar e educar meu filho deu um tudo, ele o adotou, aí a gente foi vivendo, vivendo.*

*Mas aí um dia nós tivemos uma discussão por causa do filho dele, quando eu o conheci ele já tinha um filho que foi do outro relacionamento, e depois desta discussão eu vim morar aqui. Este lugar era de madeira, era cheio de rato. Eu acordava com os ratos andando em cima de mim, passei noites e noites acordadas vigiando meus filhos com medo dos ratos morderem eles. De vez em quando eu acordava e tinha um andando em mim, então eu sacudia o pé e eles pulavam? E caíam no chão e nisso eu fui vivendo, vivendo.*

*O tempo foi passando, e nós fomos pra Santos até meu marido arrumar aqui (construir com tijolo). Aí foi ficando melhor, os ratos começaram a passar menos, pois ainda havia algumas brechas nas paredes que eles sempre entravam.*

*Aí pronto eu tive que ficar noites acordadas, ficava muito assustada porque eles faziam muito barulho era rato mexendo nas panelas em cima do fogão, com estes barulhos eu não conseguia dormir. Eu chorava o tempo todo, este tempo eu ainda não era evangélica, então eu xingava pra caramba, falava que ia se matar que iria tocar fogo em tudo dentro de casa porque já não agüentava mais esta vida.*

*Depois que meu marido faleceu, eu mandei arrumar mais aqui, fui tampando os buracos e não tinha mais passagem pra os ratos entrarem. Agora melhorou um pouco, eles ficam aí fora só tenho que tomar cuidado com a porta, pois se ela estiver aberta eles entram. Hoje eu sou evangélica estou nos caminhos do Senhor, encontrei muita força com o pastor e eu recebo ajuda deles quando preciso, mas eu também ajudo os meus irmãos.*

*Agora que eu consegui tampar todos os buracos para os ratos não entrarem a Prefeitura vem com essa de tirar a gente daqui. Numa parte é até melhor, porque nós vamos para um lugar melhor.*

*Eu moro em um cômodo só, tenho seis filhos pequenos que comigo somos sete, aqui é muito apertado. Pra crianças dormirem é horrível, pois é um beliche pra quatro, as crianças acordam reclamando com dores no corpo. Eu saindo daqui tem um lado bom, vamos ter um lugar maior, apesar de que estes dias*

*estava conversando com a mulher da prefeitura e ele disse que lá também vai ser apertado porque os cômodos são pequenos e são apenas 2 quartos.*

*Eu não estou trabalhando, só estou em casa. Sobrevivemos com a aposentadoria que meu marido deixou que não é muita mas esta dando pra levar.*

*Meus filhos estão todos na escola, atualmente eles não participam de nenhum projeto daqui da comunidade. Como eles são em muitos, pra mim sozinha, eu levo e trago apenas os pequenos para escola e os maiorzinhos vão sozinhos, pois a escola é mais perto de casa.*

*Eu tenho seis filhos: Jamille de 6 anos, Jackson de 7, Joyce de 9, Jéssica de 11, Jeniffer de 13 e Jonathan de 14 anos. Eles são todos de menor por isso não trabalham.*

*De manhã quando eu levanto é aquela correria tenho que levar e buscar as crianças na escola, arrumo a casa, faço comida e como é um cômodo só esta sempre bagunçado aí tem que ficar arrumando. E é isso ai um aperreia aqui outro ali, passo muito nervoso porque em um lugar apertado, já sabe né?*

*Sonho pra minhas crianças, que eles tenham um bom estudo e que morem em um lugar melhor do que aqui.*

*Aqui e um beco e sempre tem drogado. As crianças reclamam por causa do mal cheiro. Uns dos meus filhos tem crise de bronquite e ele não pode sentir cheiro forte que já ataca. Quando tem estas coisas por aqui eu sempre reclamo, mas tem gente que obedece e tem gente que não.*

*Eu não gostaria de sair daqui da favela porque aqui é perto da escola e dos médicos dos meus filhos. Gostaria de ir apenas para um lugar melhor, pois é aqui que temos nossas vidas, bem dizer nós construímos nossas vidas.*

### **QUITÉRIA FERREIRA DA SILVA**

*Então, eu vim pra cá no interesse de trabalhar, né? Eu vim em 90. Fui trabalhar no Pacaembu, casa de família. Trabalhei três anos e sete meses, aí no decorrer desse tempo eu conheci o meu futuro esposo, né? Porque hoje eu sou casada há 14 anos. Aí a partir desses três anos, fui pagar aluguel. Paguei dois anos de aluguel de R\$ 250,00 por mês. Ai até ai Deus deu o merecimento que eu comprei dois cômodos. Nesse terreno. Aí a partir daí, eu tive a Jackeline que vai fazer 14 anos em outubro, quando eu a tive eu morava de aluguel ainda. Depois tive a Juliane, que tem 11 anos, fez em julho, e continuo aqui já vai fazer 14 anos, é o tempo que eu conheço aqui dentro. E aí, a partir daí, tem a proposta que vai sair documento da casa própria, não sei né? No entanto estão fazendo umas esperanças boas aí. Derrubaram a pontinha aí atrás, não afetou a minha área, mas, nunca se sabe. Porque nós moramos bem próximos, eu peço a Deus que não aconteça. Hoje não tem nada no projeto de que vai sair, a proposta deles é que vai ser legalizada. Que eles falam. Aí tem (...), fizeram as instalações de luz, que não tinha, era tudo clandestino. A gente agora paga o tanto que gasta, a água também é dependente. Eu não sei, mas até ai está tudo bem. Não tenho nada a falar não. Tive a oportunidade de pôr elas na creche, não coloquei porque meu marido não quis, nunca trabalhei fora, porque sempre dei meus pulos*

em casa. Sempre olhei criança, levo as crianças na escola. Aí surgiu um imprevisto na saúde dela (Jackeline), que eu não cuidei mais de crianças. Mas, tipo assim, eu nunca trabalhei fora, mas, também nunca fiquei parada. Aí graças a Deus fizemos aqui. Não é com documento direitinho, porque você não compramos, é da prefeitura, mas, é nosso, se Deus quiser, tudo correr bem e um dia sair proposta de tirar a gente, também a gente não vai perder.

Teve um tempo determinado que elas (filhas) pegaram, leite do leve. Até os sete anos, Jaqueline saiu, e Juliana entrou. Aí também fizeram uma proposta pra elas fazerem um desenho do bairro, assim do jeito que elas entendessem de desenho. Elas fizeram e foram aprovadas num projeto chamado Rita Solidária, aí elas ganharam presente no final de ano, ganhavam roupas e calçados, mas, teve uma falência, que elas ficaram ganhando uma mini cestinha. Mas, sempre que dava eles arrumavam um presente, improvisado, dava alguma coisa de final de ano, aí elas fazem dois desenhos, um no meio do ano e um no final, tipo assim, do jeito que elas vêem as coisas evoluindo. Têm esses recursos aí das pessoas ajudar, se você não se negar, o que não precisa você às vezes é beneficiado. Eu recebo o Renda Mínima da prefeitura, desde a época da Marta.

É, o que mudou no determinado tempo é que fizeram essa escola Céu Meninos, lá perto da escola que elas estudam. Elas estudam na estadual, teve o AMA (Assistência Médica Ambulatorial). Que era 24 horas agora é Pronto Socorro, apesar de que graças à Deus não preciso muito, mas, na hora que preciso vai lá e é atendido. Também tem o Pan Heliópolis que ela passa lá também. O atendimento no Ama é mais rápido. É, está bom, essa questão de você pegar senha, né? Espera e é atendido direitinho. Só que têm casos, que você prefere ir ao médico daqui (UBS), que é de rotina. Porque lá é emergência. Aí eu não tenho nada o que falar não.

Eu gosto de morar aqui, nasci em Pernambuco. Eu moro aqui há 14 anos, é o tempo que eu casei. Meu esposo trabalha montando móveis, não é não, a profissão dele era ajudante de caminhão. Neste instante a filha Jackeline (13) passa a participar da conversa dizendo:

Jackeline: Antigamente eu não gostava de morar aqui, quando eu nasci era muito violento aqui .

Quitéria pede para a filha tirar a mão do rosto e falar direito.

Jackeline: Antigamente, quando eu vim morar aqui eu não gostava por causa do tipo, quando eu morava na primeira casa, eu era pequenininha, mataram uma pessoa. Era muito violento. Minha mãe fala que tinha até cavalaria parada na rua, mas agora eu gosto. A cavalaria era para pegar os caras lá, que estavam roubando, fazendo massacre. Agora eu gosto. Antes nós morávamos na Rua Nataly.

Nesse instante a outra filha também pede para falar um pouco e sua mãe Quitéria apresenta a filha Juliane (11).

Juliane: Eu nunca gostei de morar aqui. Nunca gostei de morar aqui porque ninguém vê o meu lado, só vê o lado deles. Eu também não me lembro de muita coisa de quando eu era pequena.

Quitéria pede para que fale uma de cada vez.

*Juliane: Eu nunca gostei de morar aqui por causa do pessoal. Da convivência, que ninguém vê o meu lado, só vê o deles.*

*Quitéria nesse instante fala e mostra : Olha o que aconteceu aí, olha. Mostra isso aí (falando com a Jackeline, a respeito do acidente, o qual modificou do dia para a noite suas vidas)*

*Jaqueline: Que a única que eu tenho pra contar é que aconteceu o imprevisto na minha vida. Na feira de quarta-feira, que é ali perto da Rua Alencar...*

*Jackeline: É eu tive, eu fui à feira, eu comecei a viver com a minha mãe na feira de quarta. E eu pedi água pra mulher, na barraca de tempero, que eu sempre ficava na barraca dessa mulher e, ela me mandou pegar, só que o que eu peguei não era água, era soda. Aí eu peguei e bebi, eu não sabia. Estava com o nariz entupido, gripada, e bebi. Quando eu bebi, começou a queimar a minha garganta. Aí, eu perguntei para a mulher o que era, aí ela me deu leite, e me levaram para o Hospital Heliópolis e lá eu não fui bem atendida. Eu fui muito mal atendida, não queriam me atender direito. É eu tive febre de 40 graus e eles não estavam nem aí, aí meus pais chamaram a polícia (ela tosse). Aí depois disso, que a polícia veio, eles já me atenderam direitinho. Só que aí também não tinha recurso para criança. Aí então me levaram para o hospital Jabaquara e eu fiquei lá. E daí dá pra pensar que a minha vida é uma vitória, Graças a Deus. Não sou revoltada por causa disso, eu me acho uma menina feliz, mas por causa disso fiquei o ano afastada da escola. E aí eu não perdi o ano, porque o meu pai conversou com a diretora, pegava a lição, aí eu estou na 7ª série. No começo, eles não queriam aceitar bem. Porque eu não estava indo, meu pai levando atestado, aí o médico mandou uma carta para eles, aí eles entenderam rapidinho. Agora eu estou bem, no começo quando eu bebi, eu estava no hospital, nossa, eu chorava, minha boca ficou muito inchada. Aí, eu tive que colocar aparelho, graças a Deus eu já tirei um. Eu não sou revoltada porque eu bebi isso aqui no Bairro, mas também, eu não peço mais nada pra ninguém que eu não conheça, nem quero isso pra mim não. E essa mulher que me deu a soda, ela não ajuda a gente, nem fala mais com a gente. Ela não foi presa, mas minha madrinha queria mandar, só que aí meu pai falou pra deixar pra lá, porque eu estava muito no hospital, e minha mãe ia ter que correr atrás disso aí, eu ia ficar sozinha, e eu não queria. Aí a gente deixou, mas ela não fala com a gente, não ajuda em nada, e continua lá na feira. Meu primo falou que já viu ela com soda lá. Isso que eu acho errado, mas porque ela tem neto que vai pra lá também e aí pode acontecer o mesmo.*

*Aqui no tele centro da UNAS, eu também fiz um curso, já aprendi mais ou menos sobre computador. Na quadra da UNAS que antigamente era mais simplesinha, agora já tem até prefeito e o Lula que veio lá, um jogador de futebol. Aqui tá ficando famosa, né?*

*Olha eu estou na 7ª série, e ainda tenho esse problema, porque tem gente que na sétima série sem ter problema nenhum, ainda não passa de ano, eu tiro nota boa, passo, então não tenho problema nenhum, é claro! É legal por que todo mundo me ajudava quando eu precisava. A professora atendia o que eu pedia. No começo eu tirava nota ruim, porque eu perdi um pouco, mas depois recuperei. E como o médico mandou eu ir para a caixa, eles ficaram rapidinho prestando atenção em mim, porque senão, eles não*

estavam nem aí. Olha, eu fiz duas cirurgias e eu só tenho essa tosse quando eu falo, por causa desse aparelho, mas quando eu tirar melhora. Eu como tudo, mas antes era só por sonda.

Quitéria: Então, esse acidente que surgiu na saúde dela, eu não ia falar, mas ela falou, mas eu estou confirmando porque eu sou a mãe dela. (risos). Isso aconteceu na barraca dessa senhora, que eu trabalhava pra ela há dois anos, não na feira, na minha casa, fazendo bico. Elas tomavam água sempre lá, não foi a primeira vez. Aí, nas férias de 2004, nós fomos pra feira e elas saíram comigo, compraram um pastel e pediram pra voltar para a barraca dela. Aí eu deixei, porque era de costume, ela vendia temperos, jamais eu ia saber que tinha um produto químico desses. É tanto que eu nem conhecia aquilo, a primeira vez que eu vi e pretendo não ver mais ninguém com uma coisa séria daquela. Aí socorreram minha filha, ela não faltou com o socorro, ela não, inclusive não foi ela, foi um vizinho, que estava comprando na barraca dela, socorreu a menina e ela ficou preocupada comigo, porque eu sou hipertensa, mandou ir atrás de mim. No meu inconsciente ela estava desmaiada no chão, mas graças a Deus levaram antes, só que elas falaram que quando foram passar a sonda para fazer lavagem estomacal, ela não tinha passagem. Deus deu o merecimento de ela sobreviver sem lavagem estomacal, mas aí, quando foi um determinado tempo, nós removemos para outro hospital, ela ficou grave e a agonia foi tanta, porque surgiu uma interrupção de voz e aí passou de doze horas ela foi removida para o hospital Jabaquara, com doze horas depois. E quando chegou lá elas falaram: “Não tem mais jeito de fazer lavagem aí, então vamos por uma sonda pelo nariz, que eu vou dá a medicação”. E as conseqüências foram aumentando, minha cunhada chamou a polícia, tudo para dar o atendimento pra ela, porque ela não teve atendimento. Eles colocaram ela na UTI semi-intensivo. Na hora eu passei mal. Corria risco de infarto e eu não fiz boletim de ocorrência porque eu enrolei a voz. Minha cunhada não sabia de nada, a minha cunhada foi a terceira pessoa, a saber, porque quem comunicou foi uma amiga aqui da vila. Foram lá saber da história e cuidar dessa daqui (mostrando a Juliana) que estava lá também, nesse dia tava todo mundo na feira e eu fui para o pronto socorro, até eu voltar em si. O homem ainda falou: “Dá os dados direitinho”. O marido da dona mulher lá, da dona Terezinha, falou: “Dá os dados direitinho dos documentos da menina, que eu vou fazer boletim de ocorrência”. Mas não tinha o nome do médico, era troca de plantão uma e meia da tarde, aí não tive como fazer, é assim que funciona.

Jackeline: Mas olha, minha mãe e eu estávamos ali, minha mãe de um lado eu do outro, porque o meu pai num tinha chegado ainda. Quem estava lá era minha tia, aí chegou minha madrinha.

Quitéria: Não teve assistência suficiente. Teve essa observação aí entre eu e ela, uma médica ficava correspondendo de uma pra outra, dela saber de mim e eu saber dela, e ficou assim. Aí Deus fez o milagre. O meu esposo, com muito tempo depois, a menina já estava de alta e tudo. Ele foi lá conversar com a mulher da barraca, e ela se responsabilizou de ficar dando remédio e alguma coisa que a gente precisasse, assim de boca, não chegou a falar “dá a papelada aí que eu assumo para ajudar”, durante três meses ela deu a medicação que a gente nem sabia procurar a farmácia popular nem nada. Num dia eu fui lá e falei pra ela: “Oh dona Terezinha, a senhora vai ajudar na despesa?” Aí ela falou: - “Ah não, eu não quero ajudar por causa que eu queria que você viesse aqui mesmo, porque seu marido chega aqui

*sempre de cara fechada, parece que a menina morreu, sendo que a menina ta viva, e eu não vou ajudar porque eu não posso, eu não tenho condição de ajudar. A menina é bem grandinha, eu mandei pegar mas eu errei de não mandar ela esperar, mas ela também devia ter usado o raciocínio porque ela tem nove anos.” Você acha?*

*Agora ela fez a traqueotomia. Tem uma sonda gástrica na barriguinha, ficou um ano e pouco sem comer. Deus deu a permissão de que voltou a comer pela boca. Enfiou uma linhazinha no nariz chamada fio guia pra guiar o esôfago pra não fazer reconstrução de esôfago. Deus deu vida pra ela de novo essa menina foi uma vitoriosa. E ela graças a Deus, é muito inteligente. Eu a ajudei com o dom de Deus. Deus me deu força, minha pressão regulou com o remédio. Passei um ano indo e voltando pra escola levando comida para por pela barriga (sonda) dela. Ainda que eu fiquei meio pra baixo, aí os médicos do hospital me deram muito conselho pra eu não chegar ao ponto de gastar indo em psicólogo. Porque ela vai ter que fazer acompanhamento de fono (fonoaudiólogo) para voltar a comer e voltar a falar. Vai ter um treinamento igual um bebê, pois ela ficou sem falar quase 3 meses, quase pegou as cordas vocais.*

*Jackeline: E também no Hospital São Paulo foi negligente comigo, tive parada respiratória para eles poderem me atender, também para fazer essa cirurgia, mas graças a Deus eu estou aqui, já estou quase tirando esse aparelho.*

*Quitéria: Toda semana, uma vez por semana. Internava dois dias antes, tomava anestesia geral, duração de trinta e cinco a quarenta minutos, pra ela acordar, fazendo o procedimento. Deus deu o merecimento que agora já faz um ano que está a cada um mês e meio não chegou dois meses ainda, um mês e meio que ela faz ainda, mas toma anestesia geral. Ela faz na Santa Casa agora, da Santa Cecília, porque nós dependemos do SUS. E o aparelho do Hospital Menino Jesus quebrou em novembro e até agora ainda não foi arrumado, mas mesmo assim não faltou assistência para ela. Em termos disso daí, só o lugar que a gente já foi meio lento foi no Hospital Heliópolis e no Hospital São Paulo, mas mesmo assim também, eu não vou falar que não deu certo. Porque ela teve atendimento, lento, mas foi porque no Hospital São Paulo era onde nós autorizamos fazer a cirurgia, se caso ela tivesse a parada respiratória. Eles a deixaram ter de novo, pra poder fazer. Então ela teve as duas paradas, mas só na segunda que operou, sendo autorizado por nós. Então eu considero um pouquinho de negligência, mas também eu não quis reagir assim, levar pra frente, porque o médico falou assim que se fosse por na justiça ia demorar também de receber, ia mexer com o psicológico da menina, tinha que passar ela em perícia, ela tava em estado sério mesmo de não sair do oxigênio.*

*Jackeline: E agora eu estou bem. Agora eu perdi o auxílio doença, só que eu não quero também. Tipo, Por a minha mãe a gente fazia só que o benefício demora. Eu vou ter que faltar muito na escola, e eu não gosto, então...Você sabia que toda criança que bebe soda caustica tem direito a esse benefício pelo resto da vida? Mas eu não quero aceitar porque demora e eu vou ter que faltar na escola pra fazer esses negócios, que minha mãe fala que eu tenho que ir junto com ela pra conseguir fazer. Tem que procurar documento que a gente nem sabe se existe. Meu pai consegue pagar minhas coisas tudo, minha madrinha ajuda, a família ajuda, então...*

Quitéria: E eu não quis por processo, pois o médico disse que essas coisas são demoradas. Ela conheceu um menino que hoje tem dezessete anos, a mãe dele colocou na justiça uma cunhada que fez essa cilada também. Até hoje não saiu o processo. Já tem o que? O menino deu entrada com um ano e onze meses já estão com dezessete anos e não saiu até hoje os direitos do menino, o processo não foi pra frente. O médico disse que como a Jackeline é uma menina muito cabeça, e vocês são uma família unida, eu não aconselho você a pôr na justiça, só que seria bom, ter uma fiscalização nessa barraca da mulher. Ainda tiveram a ação de a gente, se quisessem, eles colocavam o fiscal da prefeitura da feira. Pra ver se ela ainda tem o produto embaixo da barraca, mas aí a gente não queria ver isso, colocamos nas mãos de Deus. A menina sobreviveu por milagre. Mas o sobrinho do meu esposo viu, depois disso, o negócio lá na barraca dela ainda, ela vende. Se a mulher já é aposentada, já trabalha com vendas de temperos, por que ela precisa tanto? Ficar fazendo essas coisas bobas. Ela tinha 70 anos, hoje ela deve ter uns 74 anos, por aí. Ela também não tem muita saúde, fica lá correndo atrás de ganância por dinheiro, e dinheiro não é tudo. A gente graças a Deus está com a menina com vida, é difícil, o médico deixou bem claro que: "Primeiro Deus, segundo o que eles falam". Assim, tem que ouvir primeiro Deus, depois, o que eles falam, você acompanha, mas nem tudo que falam também você vai decorar. Eles falam que ela tinha arrumado problema pro resto da vida. Mas que ela poderia ter um câncer de garganta, de uma gastrite profunda, por causa da queimadura. Mas, acompanho direitinho o que o médico manda, faço tudo, dou medicação.

Hoje ela não pode comer abacaxi, laranja, limão, até o morango se não for com leite condensado ela não se sente bem, o café preto nunca mais e, ela adorava um cafezinho, toma com leite e Sustagen até hoje. Sou eu quem compro, não é barato, mas, também se eu não tivesse condições nenhuma, a assistente social me autorizava a pegar no hospital, só que não é bem original as coisas com que eles ajudam. Meu marido trabalha e eu por causa disso daí, parei de fazer meus bicos, hoje eu estou voltando, tipo assim eu peguei uma criança pra olhar, porque a avó dela trabalha de diarista, aí o dia que eu ia com a menina para o médico, eu avisando, ela disse que faltava no serviço. Eu peguei só que não deu certo também, porque a mulher saiu do serviço, a mãe da criança, mas eu pretendo se Deus quiser voltar a fazer tudo, diminuir de ir ao médico, eu vou voltar a fazer os meus bicos, porque é bom a gente faz movimentos, alguma coisa, terapia. Elas estão fazendo a catequese, aí nos sábados eu vou com elas.

(perguntei se ela queria falar mais alguma coisa, já estávamos há duas horas e eu não queria atrapalhar.)

Quitéria: Então... Olha, eu agradeço por ter conseguido a minha casa aqui dentro. Porque têm pessoas que tem preconceito de morar no bairro Heliópolis. Eu agradeço muito a Deus, porque eu tenho minha casa já tem nove anos que eu comprei minha casinha. Porque morar de aluguel não é fácil, você tira de onde não existe tem que arrumar, para não ter o nome sujo. Não só em comprar a casa. Porque ele trabalhando sozinho também (se referindo ao marido e apontando a foto dele). Ele fala que primeiro Deus, segundo eu que dei a maior força porque ele também não era muito positivo? Ele achava que nunca conseguiria e mesmo sem eu trabalhar foi eu que dei a maior força, o pouquinho que dava ia juntando, conseguimos.? Paguei dez mil reais há nove anos, vai fazer dez anos em março que vem que

*eu comprei, por dez mil reais dois cômodos que tinha. Tinha um pedaço de terreno deu mais um cômodo, então ficou uma casa de três cômodos, através dessa casa que eu comecei lá.? Que eu peguei com dois cômodos. Hoje eu já tenho essa outra em cima, é uma vitória. Não está determinado, mas temos o espaço delas.*

*Jackeline: Deixa eu falar... Essa casa aqui a gente ia viajar com o dinheiro que a gente construiu ela, foi quando eu fiquei doente que a gente ia viajar. Ai então, meu pai viu que não dava para a gente viajar, ele construiu essa casa, eu pedia muito para ter o meu quarto. Ele nem ia acabar essa casa, aí eu fiquei enchendo o saco dele pra ver, porque eu queria meu quarto, aí ele acabou... E agora a gente vai, se Deus quiser e se o médico liberar, esse ano a gente vai viajar para o norte.*

*Quitéria: Graças a Deus ela está com saúde, e outra vitória ela não perder o ano. O meu esposo está sempre trabalhando. Porque ele não é homem de parar pra esperar pra vir tudo de lá de cima. Porque têm pessoas que espera a oportunidade, ele corre atrás e é esforçado.*

*Jackeline: De vez em quando tem um probleminha porque como eu uso esse aparelho, de vez em quando tem que trocar. Mas ele está sempre correndo atrás para conseguir.*

*Quitéria: É o da barriga, que é oitocentos reais, a sonda gástrica.*

*Jackeline: É caro, o médico falou que se tiver que comprar seria caro, quase mil reais só que aí no hospital a gente conseguiu um, meu pai correndo atrás, faltou no serviço para ir.*

*Quitéria: O médico fez um exame que chama ED, o mês passado agora, dia treze de agosto. Ele viu a parte do estomago aonde queimou. Ele disse que só onde está um pouco complicado é a traquéia. Que foi aonde estreitou muito. Mas o resto está tudo ok! De acordo ela for crescendo o organismo vai aumentando e vai se libertando disso daí. E eles falam que ela já não tirou (Já têm dois anos que está com esse aparelho) por causa que ela tem problema alérgico, e como o tempo está variado tanto que ela fica mal no frio, porque ela tem bronquite alérgica, dá bronco espasmo. Depois desse aparelho ela ficou com freqüência de bronco espasmo.*

*Jackeline: Pois na época que aconteceu isso, eu estava com esse problema, bronquite. Por isso eu não senti o cheiro.*

*Quitéria: Ela passa no pneumologista, e no otorrino. O otorrino faz acompanhamento da intoxicação e no otorrino do hospital monumento, por causa da alergia. Mas está bem agora, graças a deus.*

*Nesse momento a Jackeline pede a Juliana para ela falar e Juliana se recusa a falar.*

*Jackeline: Já que ela não quer falar, eu vou falar. No dia que aconteceu isso comigo, foi no dia do aniversário dela.*

*Quitéria: Não, mas no decorrer desse tempo aí, também aconteceu uma oportunidade ai, muito boa pra ela. Foi em dois mil e cinco. Que ela ganhou uma bolsa. Então a professora de educação física da escola é professora de balé particular. Lá na (como é o nome da Rua Jú?) é lá pro lado da Via Anchieta, aí, a mensalidade é sessenta reais, e a Juliane ganhou a bolsa para fazer balé. Ai devido ela ser boa na*



educação física a professora disse que ela tinha habilidade, eu levei ela, na primeira vez ela foi aprovada. Aí ela fez o balé quase um ano, fez três apresentações, só que nesse determinado tempo, ela tomou a bolada na perna na aula de educação física, e respondeu a professora. Aí a professora tirou a bolsa. Aí a gente ficou meio pra baixo, porque a menina estava tendo evolução. Ela estava evoluindo, ela já estava se sentindo um pouco feliz, que estava investindo nela. Eu dava um duro danado pra levar ela lá. Com essa daqui internada pra fazer tratamento e tudo, no dia que eu não podia ir, avisava a professora aceitava o meu lado. Mas aí a menina não cultivou. Hoje ela quer fazer, e o pai não quer deixar, porque nós não podemos pagar lá, e se não for lá, o que ela aprendeu lá... Vai começar tudo de zero, se ela entrar em outra aula de balé. Aí o pai falou com ela: “deixa você refletir sobre o erro, quem sabe no futuro o pai pode pagar e você volta a fazer, né?”

*Juliane: Mas também, vocês não deixam eu fazer balé e nem deixam eu fazer outra coisa.*

*Quitéria: Aí, ela tem vontade de praticar uma aula de jazz no CEU Meninos (Centro Educacional Unificado). O pai disse que o interessante que ele gostou foi o balé. Aí ele fala assim, que não quer falar sobre as coisas dela, mas não é por isso não, mas ela é uma menina também. Naquele decorrer de tempo que a outra ficou doente, ela ficou muito sozinha, a vizinha olhava e tal, mas é uma coisa que a gente nunca se separava, então ela se sentiu meio carente, às vezes talvez ela tenha algum remorso. De falar besteira assim, mas é uma coisa de criança.*

*Jackeline: Então, às vezes minha mãe fala que ela sempre gostou de morar aqui, eu também gosto, não tenho nada contra. Tipo na escola fala que a gente é favelada, e eu falo que eu sou favelada com muito orgulho, porque foi lá que o meu pai conseguiu uma casa pra gente morar. Têm meninas que eu convido pra vir aqui na minha casa, e elas não vêm porque é na favela. Mas olha, eu não estou nem. Tem muita gente que fala na escola.*

*Quitéria: Então na verdade não é que a gente... Que elas querem considerar como preconceito, mas como os amigos ficam “Onde vocês moram?” Aí tem que falar. Vai mentir? Você fala. Tipo quando eu faço amizade (que estou levando ela no médico), a pessoa pergunta onde eu moro e eu falo que é no Heliópolis. Aí a pessoa fala: “Aí, você não tem medo? Lá tem tanta coisa errada, a gente ver falar tudo na televisão, de matança, de traficante.”. Eu respondo: Fazer o que? É só não se misturar!*

*Juliane: Na verdade, matança, essas coisas, não é aqui no Heliópolis, é lá no Rio de Janeiro que têm mais essas coisas. Tiroteio, roubo, uso de drogas. Aqui é sossegado, a gente nunca vai ver esses negócios de tiroteio, nada. Também se visse eu não ia querer ficar aqui mais não, mas graças a Deus, não tem, e quem fala isso nem conhece o bairro e fica falando, eu ignoro. Porque na verdade na minha casa não vai, mas também não tem nada a falar.*

*Quitéria: Então, isso que ela falou de cavalaria de policial, ela falou no começo, foi assim: Quando ela era pequenininha, teve um assalto em São Caetano, e os ladrões vieram pra cá foragidos. Porque infelizmente quer se esconder na favela pra pôr a fama. Aí, o próprio policial matou um dos bandidos na casa da vizinha, na Rua Natali dois, e eu morava na Rua São Simão. O meu esposo vinha chegando do*

serviço e falou assim: “Não sai pra fora com as crianças, porque tem cavalaria de policial por aí atrás de um bandido, e nunca se sabe de onde vem uma bala perdida.” Aí a gente conta essa história pra elas, mas elas nem lembram, ela tinha acho que...”

*Jackeline: Eu era pequenininha.*

*Quitéria: menos de três anos. Mas depois disso, que eu mesma vi, durante o tempo que eu moro aqui, eu só vi o meu vizinho em baixo de um carro, baleado, mas por discussão em família. Não foi história de roubo, nem droga, e o uso deles de fumar aí, você passa finge que não vê também ninguém não mexe com ninguém. É tanto, que aqui era aberta, essa moradia nossa, com aquela discussão de vizinho falador, aí a gente se uniu, e fechou de novo, porque eles estavam negociando aí a farinha deles.*

*Quitéria: Mas infelizmente nós não podemos impedir porque eles acham. É tanto que dizem que quando fala com os grandões deles, quando graças a Deus tem a quem, dizem que eles falam pra ignorar que eles saem. Quando eles vêem que vocês não estão se sentindo bem eles saem, só o que não pode é ameaçar. Levo minhas meninas pra escola numa boa, às vezes passo do lado. É tanto que tiraram os barraquinhos aí, você passa toda hora eles estão, mas o problema é deles, cada um faz sua parte. Eu tenho vontade que se ponha a venda a minha casa, não por vergonha por morar no Heliópolis, por causa do incentivo do que as crianças vêem em cada saída que tem acesso para a rua. Mas infelizmente, até em porta de escola tem hoje em dia.*

*Juliane: Mas também porque a gente vive em casa, vêm da escola, vai no mercado, vai pra escola.*

*Quitéria: Nossa acho que o que eu falei já foi o suficiente.*

## **ANTONIO SEVERO DOS SANTOS**

*Antônio Severo dos Santos baiano de Taburnas, veio para São Paulo em 1979 e morou no bairro Moinho Velho, quando chegou, veio morar com os irmãos que já estavam aqui.*

*Arrumou emprego na beneficiadora de tecidos Nazaré, ficando três anos e depois trabalhou na empresa Flor de Maio.*

*Casou-se em 1938 e desse casamento tem um filho, hoje com 23 anos. Quando estava trabalhando na empresa Artes Gráficas Santa Inês, em uma festa de conhecidos, teve contato com o mundo das drogas pela primeira vez.*

*Ele diz – “Eu já estava bebendo whisky e quando me ofereceram uma pedra de crack para fumar, aceitei, e foi a partir daí que me tornei um viciado”. Nesta época morava na Rua Protocolo, 253 e na empresa que trabalhava era encarregado, tendo grande respeito do patrão. Acabou abandonado o emprego pra viver nas drogas, perdendo com isso, a família.*

*A esposa foi embora, os irmãos se afastaram, pois o desejo pela droga era maior que o amor da família. Mas mesmo assim o apoiaram por certo tempo, e ele fala-“è difícil a família apoiar um dependente*

químico”. –“Recebi uma carta da empresa a qual trabalhava por abandono de emprego”- lembra-se Antônio.

Usou crack por dez anos, dormia na Praça de São João Clímaco e algumas vezes no terreno da Sabesp. Foi dependente químico de 1987 até 1998. Chegou a roubar, traficar e quase foi morto, quando resolveu aceitar ajuda da igreja para se recuperar do vício.

Foi ele e mais um colega para se libertar das drogas em uma casa de recuperação. Seu colega ficava chamando-o para ir embora, “mais Graças a Deus eu consegui resistir”, relembra seu Antônio. E foi com a ajuda do irmão Airton que conseguiu não para este tratamento, onde ficou quase seis meses. Teve problemas com a justiça por causa da droga.

Quando ele saiu da casa de recuperação, recebeu apoio da igreja, ajudando-o a se reintegrar a sociedade, pagavam-lhe o aluguel e davam-lhe comida. Depois o irmão da igreja, junto com os outros irmãos, comprou um barraco e lhe deram, na época era em um local chamado Morro do Piolho, por R\$ 2.600,00, também no Heliópolis.

Depois ele conheceu sua atual esposa, ela trabalhava no farol e passaram a se conhecer melhor na evangelização. Ela também

teve muitas dificuldades, quando criança foi abandonada pela família.

Está morando com sua esposa Andréia à sete anos, com o qual tem quatro filhas, Abigail 6 anos, Andreza 4 anos, Yasmim com 2 anos e Ana Luisa com 5 meses. Mudou-se para onde mora hoje, quando foi morar com a esposa, chamada favela do Eucalipto, mais conhecido como Ilha.

Hoje ele é catador de papelão, não consegue arrumar emprego, devido ao seu passado e a sua idade, pois já tenho 48 anos. Está também com problemas de saúde, teve artrose no braço e no joelho e está ficando difícil trabalhar com a carroça.

Seu Antônio estudou só até a 4ª série. Suas duas filhas estão na escola, estuda no EMEI Joaquim Antônio da Rocha, a mais velha irá para 1ª série do ensino fundamental, no ano que vem.

Eles recebem o leite da escola e ajuda de outras pessoas na hora da necessidade.

## **ROSIMEIRE FATIMA DA SILVA**

Eu me chamo Rosimeire Fátima da Silva, tenho 25 anos. Moro com o meu pai, minha irmã e meus quatro filhos. Estou grávida de sete meses, do meu quinto filho, fiz exames no início da gestação, mas nenhum confirmou minha gravidez. Não tomo mais remédio pra prevenir por que não acredito que funcione, pois engravidei da minha última filha tomando anticoncepcional.

Tenho uma de 7 anos chamada Estela, a Eduarda de 5 anos, Henrique de 3 anos e a Ana Clara de 1 ano e 2 meses.

*Até hoje não comecei o meu pré-natal, por que eu sei que eles não vão quere me atender (fazer acompanhamento) por aqui, e vão me encaminhar para o Hospital Ipiranga, pois minha gravidez é de risco por que é minha quinta cesariana.*

*Tenho muito medo do meu parto, pois sofri muito no meu ultimo, quase morri. Eu queria fazer a laqueadura, mas pela minha idade os médicos não fizeram.*

*Não tenho condições de ficar pagando ônibus para ir ao Hospital Ipiranga. Cheguei a fazer o bilhete único da gestante, desde a minha ultima gestação, minha filha tem 1 ano e até hoje não chegou.*

*Minha infância foi triste (lágrimas), eu e meu irmão crescemos no colégio interno, fiquei lá até meus 13 anos. Você não sabe o que é ser deixado por sua mãe na porta do colégio interno e ela nem sequer olhar para trás pra saber como você ficou.*

*Passsei por dois colégios, um deles até que não era tão ruim, mas o outro a convivência era terrível, éramos castigados por tudo e apanhávamos muito, sofri de mais, até que consegui fugir de lá.*

*Consegui estudar até a 5ª série.e não tenho vontade continuar meus estudos.*

*Quando engravidei a primeira vez eu tinha 17 anos, o cara não assumiu, então continuei morando na casa do meu pai.*

*Mas conheci o meu atual marido, pai dos meus outros quatro filhos. Ainda moro com o meu pai e meu marido não mora conosco por que meu pai não aceita o nosso relacionamento. Meu marido mora com a avó, em uma casa muito pequena, não cabendo assim todos nós. Eu não trabalho, meu marido é ex-presidiário e apenas faz bico e meu pai é catador de rua, pega papelão, latinhas e ferro velho para revender.*

*Já cheguei a passar semanas sem cozinhar em casa, com o armário vazio, não tinha nem o básico para dar aos filhos. Dei graças a Deus quando consegui colocar eles na escola, pois eu sabia que lá eles teriam o que comer.*

*Eu levo meus filhos todos os dias para a escola e creche. Apenas a Ana Clara não está na creche, mas já fiz sua inscrição, estou aguardando que a chamem, e assim que meu filho nascer também farei sua inscrição. Gosto da onde eu moro e das pessoas também, não sairia daqui por nada.*

*Meu maior sonho é poder dar uma vida melhor para meus filhos.*

## **TEREZINHA DE JESUS**

*A minha trajetória de vida, é que eu gosto muito daqui. Eu sou moradora a 20 anos do Heliópolis. Eu cuido de crianças em casa. Já trabalhei fora.*

*Meu percurso era passar no parquinho, deixar meu filho, o mais velho, Edson, na escola e ia trabalhar. Aí eu pagava uma pessoa para olhar ele, quando era 02h30minh ou 03h00min (referindo às 14h ou 15h). Eu passava na casa da senhora, pegava ele, e vinha para casa. Mas aí, não dava para eu trabalhar e pagar*

*para as pessoas olhar ele. Aí eu parei de trabalhar e fui cuidar dele e, logo fiquei grávida de novo, aí é que não dava para pagar para olhar dois. Parei de trabalhar e fui cuidar deles.*

*Aqui antes tinha umas árvores, umas mamoneiras ali em baixo, as cocheiras dos cavalos. Um pé de abacate, então era interessante pra gente ver. Minha moradia, eu pagava aluguel e aí o Miguel, João Prefeito e o Geraldo, me falou que tinha, que estavam desocupando uns alojamentos lá de frente do hospital Heliópolis, aí eu fui para lá morei dois anos e, de lá eu vim pra cá e estou até hoje, Graças a Deus.*

*Eu nasci na Bahia, me criei, casei e meu marido já trabalhava aqui, nós casamos e viemos para cá em busca de algumas coisas melhores. Hoje temos filhos, tenho minha moradia aqui, quero dizer então que vamos ficar por aqui mesmo. Meus filhos trabalham, o Edson trabalha na biblioteca comunitária, ele estava desempregado, mas, graças a Deus a comunidade arrumou emprego para ele. Wesley trabalha na farmácia e faz faculdade para ser farmacêutico, o Vinícius e o Victor estudam na comunidade também e chegam meio dia, vão para o OZEM (hoje CCCA) que é da comunidade também, graças a Deus é um trabalho muito bom sabe, eu gosto muito por que eles não ficam na rua, aprendem mais certo, então é muito bom. Aquele tempo dos mais velhos eu não tinha isso. Ou eu não conhecia, mas hoje tem. Quer dizer, tinha sim, tinha sim, mas como eu só tinha dois, eu achei que não era necessário eu ir atrás. Não tinha conhecimento desse trabalho, tinha conhecimento das coisas como que era, mas desse trabalho ainda não tinha. Então eu coloquei os dois, e estão lá até hoje. Gosto muito, pelo menos não ficam na rua. Muito bom e eles fazem muitos trabalhos que ensinam as crianças, tira da rua. A comunidade hoje faz um trabalho muito bonito para as crianças, eles se ocupam com os projetos.*

*Perguntei se ela gostava de morar ali e quais as transformações que ocorreram na comunidade.*

*Eu Adoro, minha família adora. Não tem lugar melhor do que aqui, não tem. Sabe, hoje tem muito objetivo, naquele tempo que eu vim para cá, não tinha, mas hoje tem muito objetivo. É que a comunidade tem ajuda, tem tudo, no meu tempo não tinha. Mas hoje tem. Mas graças a Deus hoje é muito bom. Hoje eu incentivo meus filhos a fazerem faculdade, porque é a única coisa que tem é o estudo. Para você hoje ter um bom trabalho e tudo você tem que estudar. A oportunidade está aí. Então tem que fazer. Um deles vai se formar e o outro pretendem fazer.*

*Aqui mudou muito, muito, muitas coisas boas, só pra melhor Graças a Deus. Tudo que eu quero aqui perto eu encontro. Quando eu vim eu não tinha, sabe, eu penso assim, eu não tinha. O que me marcou mesmo foi ter lutado, e ter minha casa própria aqui na comunidade, você me entendeu? Assim de eu pagar aluguel. Já pensou, eu pagando aluguel com 4 filhos, não é verdade. Aí o que marcou foi isso, ter minha moradia, ter meus filhos estudando, nossa! Isso é uma riqueza. Eu quero contar que agora no meu aniversário meus filhos fizeram uma festa surpresa pra mim, disseram que minha irmã estava chamando na casa, fiquei preocupada, pois tinha que ser naquela hora. E eles tinham comprado um bolo. Quando voltei pra casa, cheguei aqui estava fechado. Eu abri a porta, quando eu abri a porta, o bolo na mesa e eles cantaram parabéns para mim. Aquilo pra mim foi uma riqueza viu (risos). Eu tava fazendo 41 anos, nossa menina. Até hoje eu lembro. Se todos eles fizessem assim estava tudo bom, muito bom. E aqui eu*

*só tenho que agradecer e se eu puder, o que eu puder de mim é ajudar a comunidade. Porque isso é muito bom que eles fazem com as crianças. Emprego, estudo para os que estão desempregados, tira essas crianças da rua. Porque no mundo que nós vivemos hoje tem muita violência, tá na rua, então isso é um objetivo muito bom. O que eu puder ajudar eles no meu alcance eu ajudo. E não é só porque eles ajudam os meus, é porque eles ajudam todos da comunidade.*

*Eu me acho pelo que eu já passei lá atrás, o que eu já passei lá atrás eu posso dizer: “Meu Deus, estou no céu”. Então eu me acho uma mulher vitoriosa, pelo tudo que já passei na minha vida e meu esposo também, pelo que ele já passou na vida dele pra hoje ele ser o que é, é muita vitória. Eu, graças a Deus, até hoje eu só tenho que agradecer a Deus por essas vitórias que eu venci, só vitória. Ser mãe de quatro filhos, todos me obedecem, estudam, trabalham, sabe... Eu agradeço muito a Deus por isso, e agradeço também a comunidade que sempre está dando uma força.*

*Hoje eu cuido de dois bebezinhos, as mães trabalham. A mãe de Pedro que está aqui agora é Cíntia. A mãe do outro Pedro que chega daqui a pouco, se chama Silvana. Os dois são Pedro Henrique.*

*Agora é assim, eu me sinto vitoriosa, porque já pensou você com quatro filhos, pagando aluguel, então é difícil. Pelo que a gente ganha é difícil. Meu marido trabalha por conta. Eu olho essas crianças pra ajudar um pouco também não é pagar água, pagar telefone, pagar luz. Então é um pouco difícil, mas a gente se sente vitoriosa sim.*

## **ANTONIA CLEIDE ALVES**

*Todo mundo sabe quem fez mutirão aqui. Todo mundo sabe. E assim eu procuro na minha casa saber se esta tudo arrumado, por exemplo, quando eu estou muito desarrumada minha casa está virada. Eu acho que é isso. A casa faz parte, se você não tiver um teto, imagina? Situações como, mulheres sem lar e gravidez indesejada, mulheres que vivem nos albergues sem os filhos. Fico imaginando que casa é tudo. Um teto é necessário. Imagina?*

*A questão de entrar na luta era por isso mesmo, pois é muito ruim. O movimento era de chegar à noite e ficar esperando. Fazíamos reuniões de segunda à sexta-feira até meia noite, de dia e de noite. Hoje é bico, diferente mesmo, pois o que passamos hoje tiramos de letra. Reuniões todo dia, era prefeitura querendo despejar para construir prédio, era muito forte, era isso que segurou a gente, pois mexeu com algo significativo, a moradia, algo pessoal.*

*Trabalhávamos das 7h às 5h (17h), cavávamos aquele buraco, carregávamos cimento, pedra, tijolo na mão e no carrinho. Isso quando os guardas deixavam. Muitas vezes o material chegava à noite e trabalhávamos de noite mesmo. Além do mais tínhamos que pagar caixinha para os guardas que cuidavam da área.*

*E em 1980 aqui era muito violento, era grileiro, era matador, era justiceiro. Hoje é bico quando vejo situações que são diferentes de quando eu cheguei aqui. Por exemplo a culpa do barulho, por exemplo eu lembro da Rua Almirante Nunes, onde começou a ocupação na Gleba A, de onde eu vim, e lá no*

CCCA Heliópolis , onde iniciou a ocupação, onde as primeiras famílias moraram e aonde teve a organização que o povo se juntou para fazer essa união. E a organização se deu aqui na Rua da Mina II, Almirante Nunes que é aqui (apontando no mapa). Quando o Caverinha, O Gov. Mario Covas que acabou com isso. Nós éramos muito permissivos, éramos coniventes, abríamos nossa porta e guardávamos arma e é como se achássemos bonito ser “respeitado” por essas pessoas. Nessa época estavam construindo um projeto habitacional e circulávamos muito por lá, acompanhávamos mais o núcleo Heliópolis. A grande maioria teve que se mudar , mães perderam seus filhos. E sendo conivente é como se déssemos autorização. Não andávamos nas ruas depois das 22h. Eu estou trazendo isso para dizer que isso é prejudicial , pois temos um olhar de que , como não está na minha casa e sim do outro eu não tenho que me preocupar. E isso é muito ruim, pois reforçamos algo que é prejudicial e isso atrapalha muito nas comunidades, nas pessoas e já sentimos muito isso na pele. E para terminar eu me pergunto muito. Dá trabalho se envolver nessas coisas e ai eu deixo a Solanje, a Fátima com os problemas dela? E o problema vai aumentando e isso uma hora vai acontecer comigo. Lembra quando começamos a discutir, para que a gente não perca isso na nossa organização. A nossa preocupação é entrar na essência da solidariedade. É a preocupação que temos que ter um com o outro. Não é obrigado a entrar na vida mais que particular do outro, mas é sim ter preocupação com o outro. Sabemos de muita mulher que apanha que sofre e fingimos que isso não é comigo. Até ouvimos assim: “ah , por que ela não sai dessas casa?”. Ou “ela é igual a ele”, “ela gosta de apanhar”, e ainda culpamos a mulher e acabamos condenando. Precisamos repensar, precisamos mudar nossa visão. A Leny trouxe para pensarmos sobre qual a dificuldade do jovem de hoje, que causa sofrimento. Para mim naquela época, sem casa, eu era torturada. E qual o sofrimento dessas meninas que com 13 ou 14 anos engravidam e apanham dos meninos?

A militância passa para gente como uma coisa que eu tenho que parar de fazer a rotina e fazer a militância agora. Vamos sistematizar. Agora cada um aqui deve estar olhando para sua prática. Foi o objetivo de hoje olhar o seu projeto e em volta dele. Estamos olhando a militância como um fardo e não é isso que estamos falando aqui,não é essa a idéia. Quando trouxe Paulo Freire e a educação.E estamos vendo compartilhado, e de novo a gente está fazendo compartilhado, e ainda justificamos pelo tempo. E ai não temos tempo, pois tenho que fazer o planejamento pedagógico e a formação não é isso, não pode estar descolado disso, mas a gente descola. Quando eu digo que tenho meia hora para fazer o planejamento pedagógico, parece uma coisa mecânica, mas a formação não é isso, saiu muita coisa, que teríamos se aprofundar. E temos uma outra agenda na USP, é uma pena pois muita gente quis falar. Nós da comissão vamos sentar e ver com o retomamos os encontros.A idéia é levar em consideração tudo que saiu, hoje foi uma avaliação, não tinha um tema próprio. Começamos pela história, pois não contamos nossa história, esquecemos de contar nossa história, vivemos a história e imagina que todo mundo sabe da história e ai pensamos que um planejamento que aprendemos na faculdade vai dar conta do que nós estamos construindo aqui. E ai só lembrando vocês, nós contamos no começo de hoje dessa construção dessas pessoas, desse espiral ,que passaram outras pessoas , que estão vindo outras pessoas que são vocês. Mas eu acho que muitas coisas vamos conversando no decorrer. Eu acho que o

CCA fez uma primeira proposta que é sentar com a equipe e fazer essas discussões, levar essa discussão para dentro do projeto e é um pouco do encaminhando, pois formação também é levar.

O que eu estou querendo dizer é que dá para acontecer algumas coisas, diante as nossas preocupações. Eu queria deixar claro que a formação, desse espiral que temos que olhar no todo. O planejamento pedagógico não pode estar descolado disso. Teve um período que falávamos era o Planejamento Político Pedagógico. Por que o pedagógico quando estamos trabalhando com as crianças e não estiver garantindo no trabalho com a criança autonomia, e a gente não estiver garantindo essas coisas, lá também é uma militância. A militância não é fechar a porta e dizer eu estou aqui e não estou militando, eu estou aqui e não sou um sujeito. A nossa dificuldade está no transpor isso, exemplo eu sou aqui, sou diretora e só. Eu senti essa dificuldade. Temos que ter essa outra visão do olhar da comunidade, do olhar das dificuldades que temos em cada local, vamos conversar muito sobre isso.

### **ANTONIO HOLANDA DE LEMOS**

Antes de 1958 com treze anos, do Pernambuco, eu vim morar em São Paulo, fui morar com a minha tia na Oliveira Melo. Naquele tempo eu era criança, moleque eu com quarenta vou fazer em Fevereiro eu to com cinqüenta anos de São Paulo sai com treze anos pra sessenta e quatro, cinqüenta anos de São Paulo. Já construí bastante coisa mais vendi sozinho estamos ai como deus quer, não sou aposentado ainda nem nada se for pra aposentar to lá em casa, daqui mais um ano e meio trabalhei em frigorífico eu paguei vinte e um anos ou foi vinte e quatro então não pode aposentar só pela idade né e tenho uma pensãozinha de nada quebra um galho.

Vim pra trabalhar, trabalhei até em obra naquele tempo era assim você trabalhava em obra fazia seu currículo e vinha, desafoga jacaré naquele tempo era assim, mas como eu tinha muita família, minha tia tinha um bar fui trabalhar com ela.

Tinha, tinha bastante família aqui minha tia tinha um bar na Oliveira Melo eu fui trabalhar com ela depois fui trabalhar com meu tio numa metalúrgica, em 65 eu trabalhava no bar fui servir o Exército em Brasília no Castelo Branco em 65 dei baixa em 66, pela minha família que eu tenho 05 irmão homem só servi eu o Exército, eu tava aqui fui pra Brasília tempo do Castelo Branco acho que vocês nem era nascida.

Eu já sofri um pouco mais eu to feliz, tenho minha família tive os meus netos, tenho minhas noras tenho os meus netinhos. Todos dizem que eu morei na primeira favela do Ipiranga, mas lá não, não era favela não, eu morava na Oliveira Melo a favela era um pouco pra cima, favela do Vergueiro, só que eu ia nela eu era rapazinho eu ia nela dançar forró, naquele tempo tinha muito forró, naquele tempo tinha matine sabe, a gente namorava com as meninas ia pros matine, tinha matine durante o dia sabe, a gente ia pro matine era gostoso.

Eu vim num pau de arara, pau de arara sabe como é que é caminhão, demorei 12 dias com 12 noites é muita coisa né, ai cheguei aqui com fé em Deus e nossa Senhora Aparecida no coração, e cheguei aqui ai to aqui. Aqui para o eu vim chegar aqui em 88, eu morava no Cambuci com a Zefinha sabe, morava no Cambuci era pior do que aqui, eu morava numa como é que chama aquilo tem bastante gente "Cortiço",



*cortiço pior do que aqui, lá tinha mais bicha do que bandido aqui na boca, sabe os cara que se envolve cada um se envolve com a sua vida, eu não me meto na vida de ninguém, se você é católico é você sua religião não me meto na vida de ninguém. Se você é crente é crente se eu sou católico só católico cada um tem sua religião se o outro ali é macumbeiro problema dele eu não me meto não, não me meto na vida de ninguém, nunca tive briga com ninguém, quando vivia aqui os meninos, eu nunca tive briga com eles, eles me amava muito eu gostava deles nunca fez mal pra minha família, se tem sua família os caras um povo desse não faz mal pra sua família o quê que tu vai desejar pra eles felicidade boa pra eles e acabou né isso só isso que eu tenho a dizer, tem mais alguma coisa.*

*Comprei aqui naquela época paguei CR\$ 80,00 era um barraco e construí aqui, eu queria que eles (PREFEITURA) me desse era uma força se eu não fosse sair daqui.*

*Aqui mesmo era um barraco.*

*Era, era de barro tudo as ruas, só barraco, barraco, barraco em 88 não tinha nada de casa em 88, começamos a construir em 96, 97 pra cá ai começou as construção já tem muitos anos. Esses prédios tem uns 10, 12 anos esses da frente.*

*Uns oito anos. Esse que sua mãe morou lá, sua mãe que Deus colocou em um bom lugar, ela morou ali pouco tempo, né. Pouco tempo.*

*Há vida pra mim melhora assim, sabe quanto é minha pensão se por pau, já foi pra três anos agora ta pra chegar, um acordo da coluna ta pra chegar uma carta do INSS pra mim fazer a perícia e eu faço tenho que fazer que eu soffro da coluna, pra ver se aumenta um pouco a pensão, sabe quanto eu recebo da pensão, diga ai quanto eu recebo, desde 83 que eu bati a coluna, não mais ou menos diga uma idéia, não é o salário mínimo não menos. Que nada filha R\$ 165,00. Então eu coloquei no pau que eles tão me roubando muito dinheiro desde 83 pra cá, quando o salário mínimo aumenta, o salário não vai pra R\$ 240,00 eles me dão R\$5,00 de aumento, isso é aumento, então eu pus no pau. Eu parei de trabalhar em 1996, foi o ultimo frigorífico que eu trabalhava você quê a carteira lá pra ver. Eu trabalhava no Frigorífico Vilândia ai na Rua Padre Finello, lá perto do Hospital Ipiranga, não tem a rua que desce os carros ali é a Rua Padre Finello trabalhei ali, trabalhei só 10 meses ali.*

*Não, não, não tenho vontade de voltar pra minha terra não, nunca tive vontade não eu fui pra minha terra visitar meu pai e minha mãe umas três vezes depois que eles faleceram não fui mais não, deve ter uns vinte anos que eu não vou mais lá, eu fui em 2008 eita tem vinte anos que eu fui lá, acho que eu fui, nem me lembro mais foi em 82 que eu fui lá a ultima vez minha mãe faleceu e o meu pai lá tem a irmã e o irmão casado que mora lá, minha família é aqui meus sobrinhos moram tudo aqui em São Paulo, eu tenho irmão que mora aqui na Paulista, cabeleleiro sabe eu não vou pra lá meus irmãos moram aqui na frente de Mogi das Cruzes, eles tem chácara l eles como tinha sitio lá no norte meus irmãos e minhas irmãs com uma irmã que tem ai eles aposentaram pelo rural, ai vieram pra São Paulo e compraram chácara ai. Pra eles era mais fácil.*

*Eles moram aqui, você vai pra Mogi das Cruzes duas estação você desce, lá é a chácara deles. Eu gosto de vê-los quando eu vou lá, mais de vê-los quando eu vou lá. Aqui adoro aqui se eu pudesse, se eu pudesse eu teria a minha casa aqui, não saía daqui dessa casinha, por que você acha eu com essa idade sessenta e quatro anos eu vou fazer me dão um apartamento se acha que eu vou pagar um apartamento como, eu pago porque se for sessenta conto ainda dá pra gente pagar na hora que a gente for sair em algum tempo, mas eu tando aqui não to pagando nada, to pagando essa luzinha ai e a água como é que vai ser eu e a minha mulher, ela ta ganhando R\$210,00 real fia na frente de trabalho ta entendendo é um dinheiro bom porque o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus não é nada então dá pra gente ir vivendo e aqui minha filha que me ajuda com uma cesta básica quando ela vem, trás um remédio que eu não ganho no postinho, entendeu quem me ajuda é os meus filhos, cada vez vem um aqui trás um remédio, trás uma cesta básica às vezes preciso de alguns trocos, um me dá R\$50,00 outro me dá R\$60,00 e é assim e vou vivendo como Deus quer.*

*Tenho muita amizade, eu tenho uns filhos de criação que mora ali do outro lado eu e a Zefinha, eles dão uma força pra gente também é assim, a mãe morreu a finada Emilia, a finada Emilia tinha o Charles. Já viu falar do Charles, o Charle a Charlene e Daiane, e a minha mulher a Zefinha trabalhava no Hospital Heliópolis ta com uns nove anos.*

*Uma morenona bonita ela tem uma menininha agora, então a finada Milia era comadre da minha mulher (Alo comadre quando morava ali num barraquinho quando chovia, e ali era tudo, você lembra como era a aquela prainha como é que era ai ninguém agüentava o cheiro, o esgoto aqui ia tudo pro rio, o rio era raso o cheiro que vinha a Milia foi, contudo pra ganhar um apartamento pra eles, e eles ganharam, e finada Emilia falou (Ó comadre Zefinha, se eu morrer, não deixa meus filhos jogado não) e foi naquele tempo que os povo ai, ela não deixou jogado não, não deixou a menina jogada não e hoje ela considera os meninos como filho de criação, porque ela não teve nenhum filho.*

*Ajuda o Charles me ajuda as meninas. {não dá para entender muito, ele fala que cuida da netinha}...*

*Ela paga R\$120,00 pra olhar a bichinha, que ela tem três aninhos, pego ela aqui levo ela pra lá, fico lá até a mãe chegar até 15h20min com ela lá, porque o que ela trabalha não dá pra pagar a moça, deixar a menina assim no berçário não dá pra deixar né.*

*Ajuda aqui é tudo um ajudando o outro a família dos nossos filhos foi tudo muito unida porque um precisa do outro, eu tenho um sobrinho meu que mora em Guarulhos, ontem mesmo ele ligou um sobrinho meu, dá minha irmã que morreu. ("E aí filho ta precisando de alguma coisa ai, não filho ta tudo bem graças a Deus to precisando que você venha aqui seu vigarista, você não vem ver o tio não, é só isso que eu falo").*

*O que eu acho que mais melhorou aqui foi quando tiraram os barracos tudinho, ai ficou bom, foi tudo bom, tudo bom melhorou 100%.*

*Se for pra mim ficar aqui, eu prefiro ficar aqui, apartamento de alguma forma tem que pagar, mas se eu for pro apartamento também eu acho bom vou pro lugarzinho bom pra mi m e minha mulher aminha*

*casinha vamos dá uma olhada. {Ele nos levou para conhecer toda a sua casa, nos mostrou fotos da sua família, nos deu o seu endereço Rua Almirante Nunes nº78 – Viela São Cosme*

### **CONCEIÇÃO BATISTA**

*“Dona Luiza, eu morava na casa dela, mas o filho dela resolveu casar. Ela gostava muito de muito de mim, ela mora hoje na Vila Arapuá, eu era inquilina dela e ela me tratava como uma filha dela. Ela encontrou com um tal de Mariano , ele se dizia todos das terras, um que se dizia grileiro, mas na verdade ele não era nada. E ela se encontrou com esse cara e disse que ela precisa de um pedaço de terra, e ele disse que eu tinha que pagar duzentos cruzeiros, e eu pagava duzentos cruzeiros de aluguel mesmo. Isso foi em 72, pois meu filho tem 35 anos e quando nós viemos pra cá ele tinha 3 meses [ela confirma com a neta a idade do pai.Eu sou uma das primeiras, quando eu vim morar aqui , só tinha barracos, era o meu, da comadre Nilza, Dona Maria, mãe do Thiaguinho e finada Dona Júlia. Aqui era um matagal que eu fiquei com medo, pois eu mudei a noite e quando eu vi no outro dia aquele matagal...meu Deus.Mas aí Dona Lourdes falou com o tal do Mariano e esse homem vendeu um pedaço de terra para mim. Dona Lourdes me disse que não era dele não,mas mesmo assim ela financiou todo o meu barraco, de prego a telha, tudo, ficou um barraco tão bonito, 3 cômodos, ela comprou no depósito e pagou tudo à vista.*

*Eu já morava aqui já desde 79 e casei em 86. Eu tinha ainda o comércio pra eu cuidar, vendia pão e leite. Eu também cuidava de umas crianças e as assistentes sociais apareciam aqui, acho que pra ver quantas crianças tinham aqui em casa. Eu, com a ajuda, consegui construir meu barraquinho de madeira. Algumas pessoas falam para mim: ‘Você quem começou a invasão aqui nesse canto. Com essa idéia de fazer sua casa lá em cima do morro.’ (risos). Mas eu não tô nem aí. Depois eu inventei de colocar um comércio. Pus um comércio e vendia pão, leite, feijão, arroz, era tipo uma merceariazinha, vendia por quinzena. As pessoas pegavam uma quinzena, vinha me pagava. Eu ia com aquele dinheiro comprava mercadoria. Me arrependi de ter parado meu comercinho. A gente às vezes faz as coisas porque está com raiva do marido e às vezes a gente perde os nossos trocadinhos (risos), então...”*

*Eu lavava roupa na mina, buscava água colocava o balde na minha cabeça e dos meninos tudo isso. Era assim, lá tinha uma tábua e onde saía à água o pessoa colocou um cano e só dava para três pessoas, quem fosse 5 horas da manhã lavava roupa e dava lugar para quem ia chegando.Mas tinha a mina cá em cima que é na Rua da Mina e lá quem deu o nome da rua foi eu, tenho as meninas de prova (referindo-se as assistentes sociais da prefeitura em 1978),o Seu Minenivo,eles estão tudo de prova, foi eu quem que coloquei. Ficaram falando: ‘Conceição temos que colocar um nome aqui pra essa rua.’ Eu disse: Tenho uma idéia, vamos por de Rua da Mina. A assistente social era a Lourdes que nunca mais eu vi, Rosana e Eliane que encontrei em Higienópolis. Tinha muita gente perto quando eu disse Rua da Mina, o Seu Minevino, Compadre Amaro, Comadre Neusa, todos estavam nessa hora. Encontrei com João Miranda na rua e ele disse para mim esses dias: ‘Conceição você que inaugurou isso aqui’ [referindo-se a Rua da Mina]. E eu disse: Foi eu mesma você não se lembra João?”*

*Chegou Genésia, João Miranda e foi chegando gente e mais gente e o matagal foi acabando. E a água vinham ver pois todos bebiam, faltava um grau para ser água mineral. Era uma água muito gostosa. Domênico ficava sempre lá vendo a água cair da bica. Mas nessa área só andávamos em grupo pois tinha um tarado lá no matagal. Nós estávamos na bica quando de repente saíamos correndo com o barulho do matagal. Ficávamos olhando de longe o tarado ir embora e a gente voltava a encher. Duas pessoas desciam para encher e as outras ficavam olhando lá em cima. A mina não ficava na área da creche pois lá ficava uma lagoa que nós pegávamos água para lavar o chão e a louça. Ficava perto da casa do Ademiro. A mina ficava na descida, na rua Natalina. Como havia uma mina na rua eu coloquei o nome da rua de da Mina. O início é na estrada da lágrima e depois sobe lá pra cima é o final dela. Lá no beco onde fica a Unas era lá o lugar certo da mina onde lavávamos roupa. Quando eu lavava roupa veio uma mulher perguntando se era bom morar aqui, aí respondi que a vida era essa que ela estava vendo. Ela achava legal e engraçado ver a gente lavando roupa. Ela foi perguntando meu nome e respondi Conceição. Como sou brincalhona perguntei se ela estava procurando barraco pra morar? Só que essa mulher era uma dona de casa que tinha casa própria. E todo dia ela vinha prosear comigo. Aí um dia ela chegou em mim dizendo que gostaria de me dar umas verduras e logo que aceitei pois eu vivia dependurada nas barbas de Jesus. Aceitei de bom coração.*

*Então ela disse que iria trazer umas bananas, verduras mas foi uma caixa de verdura com beterraba, cenoura, banana, alface, batata. Acabei dividindo com as minhas colegas pois tinha coisa de mais. Aí disse a ela que Deus te abençoe, Deus te pague mas você pode me dar tanta coisa assim? Pois fiquei sem graça. Aí ela respondeu que o pai vende verduras e o que sobra não vende. Aí vou te dar sempre. Foi quando dei um abraço para agradecer e fiz um convite para conhecer minha casa pois estava sem graça. A hora que quiser é só ir na minha casa. Acredita que ela foi em casa e falou que tal a gente formar um grupo de pessoas para gente conversar, cantar. O nome dela é Silva. Uma moça até hoje, uma beata, nunca casou, católica, um grupo de mulheres virgens que se reunia nas casas. Mas havia muita gente ignorante quando a gente chegava na casa batiam porta na cara. Se reuníamos para gente se reunir para pedir, água, pedir luz. Fazer o social. Foi quando Genésia chegou se uniu também e formamos um clube das mães. Continuávamos levando porta na cara quando a Silvia conseguiu um dinheiro com padres, o David, o Didi, o Miguel, colegas nosso, um moreno alto. E Padre Bento? Era um doce de pessoa. Agora Padre Pedro casou mas não deixávamos a mulher do padre chegar. Era o maior barato. Também tinha padre Celso.*

*Quando foi um dia as mulheres começaram a bater a porta na cara da gente, não queria ouvir, que isso não vai adiante nada, começaram a vender o barraco, se aborreceram, foi embora não viu a vitória que nós fizemos né. Eu to aqui até hoje é minha vitória e a minha luta e agradeço a Deus. Mas to com uma vontade de vender essa casa e ir embora. Não sei pra onde.*

*Eu quero aumentar a laje(...) tem gente que coloca uma coisa na cabeça ainda bem que vou na igreja eu não sou crente mas Deus é um só. Eu creio em Deus, vivo, eu vou pra igreja de Nossa Senhora Aparecida pois gosto da santa eu vou em toda igreja menos de crente. Não gosto de crente pois fui*

marcada uma vez. Meu marido queria vender meu barraco pra igreja de crente eu não quis pois meu marido bebia e vendia a troco de banana. Eu não ia vender meu barraco a preço de banana. Meu marido vivendo com uma rapariga, com uma mulher ruim, da vida . Só que ai no caso eu não queria vender ai ele falou para o pessoal da prefeitura que eu queria tomar todos os terrenos tudinho, mas eu tinha amizade com o pessoal da prefeitura não saia de lá. Ai perguntei vocês são crente pra isso? Cadê o Deus de você? Ai fui embora para Bahia. Vendi e fui consciente. Sabe aquela igrejinha da rua da Mina? Aquele terreno era tudo meu. Foi quando o cara me deu aquele terreno e coloquei meu nome. E o meu marido bebo deu o terreno pra eles construírem a igreja. Eles fizeram a igreja, acabou e saíram mentindo que deram o dinheiro para nós. Só se deu para o meu marido pois pra mim...Ai fizemos esse grupo com o dinheiro que o padre Josenito deu para comprar um barraco para o grupo se reunir. Ai foi chegando Genésia que comprou um barraco que a mulher vendeu. Ai fizemos o grupo de mãe. Todo dia a padaria do Sérgio dava pão pra gente dar as crianças. Naquela época o povo era mais unido. Eu quem ia buscar toda tarde, fazia chá.. Depois dona Fernanda uma italiana que tinha um marido que era padeiro nos dava um saco de pão todo dia. E participava com a gente do clube de mãe. A gente tinha umas máquinas, uma ia emendando, outra cortava redondinho, curtinho, passando na máquina. O clube de mãe fazíamos colcha de retalho para vender no bazar e ir na prefeitura para pedir água, luz.

Eu trabalhei de graça. Na época era o Zen. Era muito melhor que hoje que tem dinheiro. Hoje não trabalho mais de graça pra ninguém pois não dão valor. Nem pra Geraldo com suas patifarias que nem sabe quem começou aquele negócio. Tudo bem que ele foi buscar coisa lá fora mas ele pegou o prato pronto, ele da suas entrevistas dizendo que foi ele quem começou, quem fez, quem aconteceu mas ele tem que botar as pessoas que começaram no início. Ele nem sabe quem estava na frente.

O povo quer saber muita coisa mas fica chato eu falar. Quando eles chegaram já havia o grupo de mães, não era uma Unas mas já existia um grupo.

A Genésia foi receber um título de cidadã, mas fiquei triste com ela pois ela não disse que Conceição era a sua companheira. Disse apenas que um grupo de pessoas ajudou na caminhada. Eu com barrigão acompanhávamos a luta do clube de mães. E não fui lembrada. Nesse dia estava Jairo, minha filha, eles levantaram e me abraçaram. Pois quem gosta reconhece. Ela deveria levantar e pedir para saber se eu estava presente. Eu matei muita fome de criança, tudo pobrezinha, desempregada. Eu ia atras de pão com dona Fernanda. Mas as crianças comiam. Tudo isso eu tenho dentro de mim. Se eu fosse ao lugar dela, eu não deixar ai ela de fora de jeito nenhum. Se não fosse ela eu estaria debaixo do chão há 26 anos. Ela me ajudou, batalhou. Devo favor a ela demais. Mas por que ela se esqueceu de mim? Ela tem que se lembrar de mim como eu me lembro dela. Eu nunca esqueci. Nessas reuniões dele ai eu nunca existi. O Miranda quando eu to lá no evento. - Ai volta pra gente, pois sem você aqui não da certo. Você fundou isso aqui conceição, quando você morrer você vai levar isso, mas eu quero é em quanto eu to viva. Ele da risada ele se diverti com a minha vida.

E hoje eu cheguei aonde cheguei por causa de muita luta. E hoje tem gente do meu tempo que esta de alaguel até hoje. Eu não, eu batalhei e batalho eu queria batalhar e fazer uma casa melhor, pois dinheiro

*que consegui não deu para terminar o acabamento. Eu fiz dois cômodos lá em cima para parar de molhar lá em baixo.*

*Eu quero fazer o acabamento para alugar. To perdendo dinheirinho. Esses pisos vieram branco só do trabalho.*

*Entenda bem o que falei aqui, é história e vai da consciência de cada um.*

*Onde era a Unas era um barraquinho dali até aqui, desse tamanho. Foi o primeiro movimento que nós fizemos. Depois que formou o OSEM pequenininho também, depois que começou. Ai fui trabalhar na flor de maio e depois que fui mandada embora depois de muito tempo eu tava até na Bahia pedi uma vaga ai a Genésia mandou me chamar ai eu vim, mas estava de passeio na Bahia. Eu não tinha dinheiro pra vir mas meu pai estava empregado e disse que só iria receber dia 20. Ai ele disse você vai perder o emprego minha filha? Respondi não tem nada não, meu menino mais novo que tava trabalhando pegou o pagamentinho dele tirou e botou na conta do meu pai um dinheirinho para mim.*

*Eu to com 68 eu to velha, não.? Eu tenho uma foto antiga da construção antiga da casa. Era só dois cômodos. Comprei geladeira, pois a que tinha estava toda quebrada. Agora eu vou na casa da minha filha, mas você gostou da entrevista?*

## **GENESIA MIRANDA**

*Sou filha de seu Bill ( Severino José da Silva ) e de dona Maria Ferreira da Silva Miranda, nasci em Itabaiana, na Paraíba, numa família muito humilde. Tive uma infância simples, mas nunca faltou o carinho dos meus pais. Éramos em seis irmãos e quatro irmãs. Quando eu tinha 8 anos, a nossa família se mudou para Pernambuco. O pai trabalhava na roça, mas era muito longe de sua casa. Tinha de dormir no serviço e só nos via nos fins de semana. Graças a Deus nunca passei fome. Meu primeiro emprego, foi numa fábrica de fósforos, veio aos 14 anos. Tinha carteira assinada e podia ajudar meus pais. Conheci então um rapaz em um cidade próxima de Recife aos 16 anos, casei com ele, o João Miranda dois anos depois, com direito a igreja e vestido de noiva. Desde quando vim pra cá eu moro na mesma casa da rua da Mina que lutei com todas as minhas forças pelo direito de uma moradia para a minha família e para a comunidade. Até 1979, pagava aluguel. Já morei em cortiço. O salário do João era pouco, faltava até para a comida das crianças. Nessa época já tínhamos dois filhos pequenos quando um amigo do trabalho do João comentou que em Heliópolis tinha barracos para vender. Ah! Eu queria ter a minha casa, mas o João não queria, mas o meu grande sonho era não pagar mais aluguel. Isso estava vivo dentro de mim. Já pensava que, para sair do aluguel, só morando em favela. E ai foi difícil convencer o João a morar em Heliópolis, pois a grande preocupação dele era porque trabalhava de noite e não queria me deixar sozinha com as crianças. E além do João não querer ir , nós também não tínhamos dinheiro para comprar nem um pedacinho de terra. Então resolvi escrever uma carta para meus pais, pedindo o dinheiro emprestado. Eu me lembro que na época o barraco custava 120 cruzeiros. Foi em 1980. Eu fiquei feliz e encantada de comprar aquele barraco. Criei meus filhos que são Jailson, Joãozinho e Joel e a também minha neta Tháina, João Ygor e Erick. Eles cresceram na comunidade. Mas foi luta, teve*

violência, eles entraram em casa e bateram no João. Era cara a cara com o Geraldo Mariano (grileiro), se dizia todo de tudo, foi até no Azulão intimidar a gente, lá funcionava a creche de dia e a noite as reuniões. Estou aqui a mais de 30 anos na Rua da Mina, minha casa tem dois quartos, sala, cozinha e banheiro. A história das mulheres, Cláudia, chamou a atenção até da TV Cultura que fez um documentário comigo chamado "Os Retratos de Genésia", foi em 1993, que fale de mim, mas é a história da maioria das mulheres de Heliópolis. E nessa história de militância, já dei palestra na Alemanha, Bélgica e na França sempre denunciando a desigualdade social e a força da luta popular aqui no Brasil. Sou uma paraibana, que já recebeu o título de Cidadã Paulistana, na Câmara Municipal de São Paulo. Já enfrentei grileiros, violência e corrupção. Eu quero que todos os moradores de Heliópolis tenham o mínimo de dignidade para viver: luz, escola, água, esgoto, asfalto, coleta de lixo e educação de qualidade e aos poucos vamos transformando Heliópolis através da luta, pois hoje Heliópolis está quase toda urbanizada e o meu sonho é o fim da fome e da miséria, mas para que isso aconteça precisamos da participação de todos e todas.

Quando vem gente aqui das universidades, tem gente que acha que nós não deveríamos conversar, pois nunca sabemos o que aconteceu com as informações que nós passamos, mas mesmo assim, eu não acho justo vermos como objeto e sim as nossas contradições. Eu não vejo a nossa história como objeto e sim como uma valorização de quem está fora e uma desvalorização de quem está dentro. Isso é característica de como eu vejo. Não há interesse dessa valorização pelas pessoas que estão aqui. Eu falo num sentido de que todos os funcionários que são contratados, às vezes acham que quem trabalha na UNAS são um bando de irresponsáveis. Na verdade é isso que parece. O trabalho de resgate da história da comunidade de Heliópolis é feito com o grupo de novos educadores/ funcionários que é contrato, já fizemos várias vezes. Isso não é real. É resgatado sim! Agora o trabalho de continuidade da formação de formação em cada local é o que não estamos conseguindo trabalhar para que esse grupo esteja se apropriando dessa caminhada. São coisas diferentes. Se ele não se sentir parte ele não vai atuar, ele não vai fazer caminhada. (Solanje) . A história quando nasce lá atrás, ela só se torna viva, se os que estão chegando se apropriar dela e construir junto senão não existe história. A história não é de uma pessoa ou de duas, a história é algo que começa , que vamos construir , vamos dar as mãos e vão se apropriando e melhorando tudo isso. É algo muito sólido que todos precisam se apropriar. Então eu fiz questão de falar e eu não vejo que quando vem alguns alunos fazer o seu mestrado, aqui vêm muitos, se eu continuar atendo aqui não tem nenhum problema, pois eu vejo que é de responsabilidade da minha parte de apropriar essas pessoas da história de Heliópolis, na minha cabeça , na minha visão e trabalhar com o preconceito que a sociedade tem de Heliópolis. Quando a pessoa faz seu doutorado, sobre toda a história de Heliópolis e eu faço parte dessa contribuição, dessa escrita dele para que ele resuma o trabalho .E ele leva lá pra mídia, lá pra cima, que o Heliópolis não é um bairro de bandidos, nem de vagabundos, As pessoas de lá são cidadão que estão preocupadas com o desenvolvimento de todos e é nesse sentido, por isso que o trabalho da UNAS é até reconhecido internacionalmente. Então eu não vejo o estudo como coisa fechada.

*Dificuldade de planejar o tempo para que se reproduza isso em cada local. Temos que pensar. E isso é positivo. Se não tivermos o desejo, se não sonharmos. Planejamento estratégico. É preocupante tirar a crianças da creche uma hora antes. Isso serve para nós todos. Nossos parceiros não permitem para um mês. Isso não saiu. É preocupante. Como vamos priorizar esse momento. E a proposta de sair daqui e pensar esse momento isso é uma coisa positiva. Se nós não tivermos o desejo ou o sonho de algo, vamos viver de que? Temos que querer e entender que é importante, pois estamos falando aqui de um planejamento estratégico. Mas me surgiu uma preocupação... será que vamos tirar a água desse barco para não afundar. Pelo que estamos vendo aqui existe mais coisas negativas do que positiva. A questão negativa de priorizar o tempo e para isso eu tenho que tirar o direito do outro, que contradição é essa? Que tipo de formação é essa. São coisas que precisamos avaliar. Quando eu chamo os pais para dizer eu vou que o filho dele vai precisar sair uma hora mais cedo, para que os educadores tenham uma hora de formação. Se vamos ter formação se esse pai ceder uma hora? E se ele não ceder não vai acontecer nada? Isso é preocupante. Temos que refletir. Só temos um dia de formação uma vez por mês, temos direito a uma parada. Nossos parceiros não permitem. Os nossos gestores estão aqui e o que foi tirado não contempla. Quando se coloca que na verdade eu não escutei ninguém falar que a parada de uma vez por mês é voltada para o dia inteiro de planejamento pedagógico local. Estamos gastando o dia todo só com planej. Pedag. Quando passamos por uma formação de 03 anos com o Avisa -lá eu tenho claro (vou propor). Onde tantas coisas, mudanças maravilhosas de uma grandeza rica. Você entra em uma creche da Unas eu tenho o maior orgulho, temos maior orgulho, mas parece que a formação do Avisa -lá só está só lá dentro, muita fechada dentro das quatro paredes. Parece que está emperrando, tem que ser de dentro para fora. Ta emperrando os projetos como um todo. Porque com o planejamento pedagógico as atividades nas salas, gente, não são difíceis, está muito fácil para nós fazermos esse planejamento e o coordenador pedagógico trabalhar o planejamento com os educadores no dia-a-dia é fechado, ta ali. Hoje quando a Cleide e a Cláudia apresentou aqui, elas estão falando do cumprimento desse planejamento, que é de dentro pra fora então não ter tempo de planejar esse De dentro pra fora é preocupante. Nós ficamos esses 4 meses e vamos ficar mais 02 anos e não vamos conseguir trabalhar esse planejamento estratégico. Então é só fazer com o educador em uma hora. E eu não tenho tempo de fazer o trabalho do planejamento estratégico? Trabalhar o planejamento estratégico e políticas públicas com a equipe de cada projeto , onde essa trabalho vai humanizar todos os funcionários, quem não entender leia ele e reflita, trabalhar a relação humana da equipe, com uma visão aberta do universo maior, gente , ai eu não entendo mais nada. Cláudia e Cleide , temos que repensar. Eu acho que os CCAAs é um projeto pequeno em número dos projetos que temos hoje. Isso é perigoso.*

### **IDELCI FERNANDES SIQUEIRA SILVA**

*Meu nome é Idelci Fernandes Siqueira Silva, tenho 59 anos, vim para São Paulo da cidade de Ilhéus-Bahia, dia 8 de Janeiro 73. Morei em Guarulhos, trabalhei em uma fábrica de sapato que fica lá na Dutra, depois fui trabalhar em casa de família. Quando eu tava trabalhando eu tive um relacionamento que não deu certo. Quando daí um pouquinho, veio os filhos, e a minha irmã, que morava comigo que eu criei a*



*Vilma, ela nasceu com problema cardíaco, foi uma batalha, foi operada aos três anos, do coração, e está com 30 anos de operada, hoje ela já está casada, fez o ensino médio, tem um filho de nove anos, a Vilma e está esperando bebê agora para janeiro (risos).*

*Em 87 eu conheci meu atual marido, o Renato, estou casada com ele, com esse eu casei mesmo, moramos juntos a sete anos, depois dos sete anos resolvemos casar. Nossa, mas eu fiquei muito feliz essa época. Meu casamento também tem uma parte que eu não falei (risos). No dia do meu casamento, você acredita que eu sofri um acidente? Fui casar com a cara toda roxinha, (risos). O carro bateu na ida para o cartório, que eu não sou casada no religioso não. Ai o carro bateu ali onde está o terminal Sacomã, mas com a fé em Deus acabou bem. Foi bem ali na subida da Bom Pastor. Ai eu fui para o hospital, porque estava me dando ânsia de vômito, o médico disse que eu podia ficar com traumatismo. Mas graças a Deus não ficou não, tudo que é capaz de eu ter, (risos). Fui pro casamento toda remendada. Até o papagaio está rindo. Pois é, você acredita? Então, foi uma comédia meu casamento, olha, eu não sei como eu não morri viu. No carro estavam o padrinho de minha filha, minha sobrinha que estava comigo. Mas mesmo assim o juiz fez o casamento. Ah! foi engraçado, chegamos um pouco atrasados, parecia que não era para casar, viu (risos). Ai, como eu sou teimosa. Na minha vida é tudo na base da teimosia, eu só consigo as coisas assim persistindo, então, quando eu vou chegando no cartório pra contar o que havia acontecido o juiz chegou e falou assim: “Nem precisa, você tem que se benzer viu, porque eu também bati meu carro. “ (risos).*

*É menina, parecia que não era para casar (risos) eu não sei se era ou não era. É nós casamos, casamos, é engraçado menina que eu não sei ainda (...) às vezes eu fico pensando de onde é que saiu aquela Brasília (risos), não, eu comentando assim com o meu compadre eu falei assim: “Olha, você sabe que o Renato, ele estava correndo com o carro dele?” Eu falei assim: “Não sei pra que correr, se já estamos morando sete anos juntos ? Ai do nada apareceu a Brasília.*

*O carro foi pro ferro velho, o carro dos padrinhos da minha menina, meus compadres. Não prestou não, e graças a Deus saiu todo mundo vivo, (risos). Mas só que o meu marido esqueceu o sapato (risos), esqueceu os sapatos. “Vai casar descalço? Se fosse pra vir buscar, já era hora de casar de novo”. O sapato era de aluguel. Então menina, é uma coisa que me marcou sabe aqui no Heliópolis também. Casei em 86. E é assim, fora disso que me marcou foi a cirurgia da minha filha, já viu a mãe entregar a filha no centro cirúrgico, o médico dizer assim: “Há poucas chances de sobreviver, a senhora acredita em Deus?” Ai eu disse: “Vou entregar nas mãos de Deus, Nossa Senhora e Santa Paulina. “*

*Eu fiquei tão machucada, meu rosto, é que os médicos fizeram uns pontinhos. Tem umas marquinhos ainda, mas se você olhar bem de pertinho. Eu já morava aqui já em 86, já morava aqui já tinha sete anos. Eu sei que nessa época eu tomava conta da Renata, que é filha de uma cunhada minha. E ela me chamava de mãe porque ela ficava comigo. Além de cuidar dos meus, eu cuidava dos filhos dos outros e ainda tinha o comércio pra eu cuidar. Quando ela me viu menina, ficou no desespero. “Não minha mãe não, minha mãe não, é um bicho...” Porque eu estava com a cara toda machucada. Na hora que eu*

*cheguei lá pra casar, todo mundo falou: "Devia até tirar foto". Aí por causa dessas coisas, a moça que ia tirar foto não foi. Aí eu achei graça ainda. Tirei de besta ainda de dar risada. Tava viva, né?*

*É quem mais se machucou fui eu, porque na hora que bateu, eu fui com o corpo pra frente, naquela pontinha do cinto de segurança, né? E o meu compadre não estava correndo não, sabe. Sei que aconteceu. Fora disso o que me marcou mais foi o que aconteceu com o meu filho. Que ele é teimoso é muito... Sabe, muitas vezes, ah, meu amiguinho, meu amiguinho, amiguinho nada. E eu acho que se às vezes Deus dá aquela chance, a gente levanta de manhã, faz aquelas orações. E a vizinha deu uma aviso pra gente nesse dia que aconteceu, o tiro que pegou no meu filho, parece que tinha uma coisa assim dizendo: "Lave a escada." Porque eu sabia que se chegasse alguém aí pra pedir pra ele guardar alguma coisa, comigo, jamais eu ia permitir, porque eu não permito essas coisas. Aqui dentro de jeito nenhum. E como eu estava com visita em casa, menina, carros... Fica chato você lavar. Lavar a escada logo cedo, Aí nesse dia ele estava com o retorno da cirurgia que ele tinha tido um acidente de moto e tinha quebrado o fêmur e era retorno da cirurgia. Aí o menino de "Amigo" entre aspas, chegou e disse assim: "Oh Beto, guarda isso aí que estou fazendo essas entregas dessas lingerie, e já, já eu venho pegar." E nessa menina, era coisa errada que ele tinha feito, e nessa ele foi metido. Sei que isso fica marcado. A gente mora aqui atrapalha, porque tem tanta gente boa. A maioria das pessoas que eu conheço são todas pessoas decentes sabe?E acabou meu filho ficando marcado. Mas, quanto o resto a gente vai levando estamos na luta.*

*Agora vou falar das invasões. Então eu construí meu barraco de madeira. Eu saía assim conversando com o pessoal para não fazer barracos de madeira porque era na frente da avenida e eles construíam nas ruas, ficava muitas coisas que eu não consegui, foi porque eles (ali onde tem umas vielas, Viela das flores, Vielas dos Jardins, que eles entraram em acordo pra abrir a rua larga. Se tivessem feito isso em todo o Heliópolis estaria tudo mais organizado. Porque ali naquela, nessa parte das vielas, ali já tinha os barracos antes da invasão e que aqui era tudo campo de futebol. Água a gente subia até a Estrada das Lágrimas, eu levava, balde e garrafões.*

*Pronto aí começou a invasão, e como minha casa já estava... Já tinha começado a construção da minha casa, antes era lixão. Tem gente que diz que eu que comecei. Algumas pessoas falam: "Você quem começou a invasão aqui nesse canto. Com essa idéia de fazer sua casa lá em cima do morro (risos)." Mas eu não to nem aí. Depois eu inventei de colocar um comércio. Pus um comércio e vendia pão, leite; feijão; arroz, era tipo uma merceariázinha, vendia por quinzena.As pessoas pegavam uma quinzena, vinha me pagava. Eu ia com aquele dinheiro comprava mercadoria. Me arrependi de ter parado meu comercinho. A gente às vezes faz as coisas porque está com raiva do marido e às vezes a gente perde os nossos trocadinhos (risos), então. Os meninos vão apresentar essa maquete lá no parque, lá do Carandiru.Não fez um parque lá? Então, o Jonatas vai também lá no sábado fazer a apresentação. Aí, eu to torcendo que eles ganhem a televisão.*

*É uma maquete que eles vão fazer, toda.Sobre aqui o bairro aqui, a história do bairro... Aqui é uma, eu fico é com raiva quando o povo fala de favela não é? Só ta faltando o Prefeito vir resolver dar a*

*documentação. Pra legalizar. A gente que é pobre, assim, eu falo no sentido pobre, não existe pobre, a pessoa tendo coragem de trabalhar e conseguir um emprego pra se manter. Mas aqui quase não tem pessoa muito carente não mais, em Heliópolis não. Eu acho né? Eu mesma quando vim pra cá, o meu marido já era motorista. Tinha salário dele e tudo. Esse homem, namorado.*

*Ainda é minha filha (risos), fazer o que, né? Gosto dele!*

*Ah! Ta bom, eu estou aqui a sua disposição. Tá bom, se precisar então eu agradeço, A quem eu mais dou apoio é a quem estuda viu.*

## **MANOEL OTAVIANO**

*“Hoje aqui em Heliópolis temos muitos prédios, mas não são suficientes, pois muitas pessoas ainda pagam aluguel. A fase que mais mudou aqui foi à fase do Jânio Quadros(1986-1988), pois ele colocou um escritório aqui dentro e hoje temos aqui a rua das casinhas do Jânio. Outra fase que eu vejo de mudança foi quando o Maluf (1993-1996)resolveu construir o anel viário, ele tirou 600 famílias, construiu o Cingapura na divisa com São Caetano e colocou essas famílias lá. Depois veio a Marta Suplicy(2001-2004) que deu sequência nos Cingapuras, mas não fez muito, sua gestão não marcou como obra, mas o que marcou na sua administração eram as reuniões permanentes para discutir o projeto habitacional de Heliópolis. E quando ela saiu, esse círculos de discutir os projetos, de discutir as coisas tomam outro rumo, que eu acho que é a desgraça para São Paulo, pois essa gestão consegue ser pior que a do Maluf. Essa gestão que está ai não tem lado e quando senta para negociar não cumpre o que foi acordado. Por exemplo o Janio Quadros deixava claro que queria o desfavelamento.”*

*“Se você pegar o projeto de moradia de Heliópolis ou na cidade como um todo, os projetos tinham que ter mais participação do povo e por que não dá certo? Porque quando é construída uma casa para a Cláudinha, não tem a cara da Cláudinha e sim a cara do arquiteto, do urbanista que fez. E eu estava conversando um dia com uma amiga minha arquiteta e ela concorda comigo. Quem vai morar na casa sou eu, eu que vou passar a maior parte da minha vida lá, eu que vou pagar, eu tenho que me sentir bem lá. O arquiteto não pode fazer várias casas que não tem nada haver com quem vai morar ali. Tem que mudar a cabeça dos arquitetos. O arquiteto faz igual aos deputados federais, que pensam uma lei para o país inteiro e não levam em conta as dificuldades e diferenças que cada estado, cada município, cada região tem. Porque o programa do governo federal não dá certo? Porque ele tem, por exemplo, R\$35.000 para financiar uma casa e R\$35.000 no meu estado eu construo uma mansão, ou duas, agora aqui não dá pra comprar nem o terreno e isso tem que ser levado em conta. A pessoa tem que ter visão de cidade, de estado.”*

*“O arquiteto pode até fazer o projeto dele, pois ele ganha para isso. O que deveria acontecer é o poder público na hora de contratar o arquiteto, eles deveriam ouvir primeira a população, pois são eles que vão morar nesse projeto urbano. Porque na classe média o arquiteto faz o projeto bonito, vai lá e se precisar mudar ele muda. Já aqui ele faz o projeto e dizem: olha Cláudinha e Manoel nós temos esse projeto. E ai n[os ficamos sem opção, pois eles nos negaram o direito e fazem como se fosse um favor. Por isso eu*

*acho que os arquitetos deveriam ser mais flexíveis. Aqui em Heliópolis tivemos um pouco disso no novo Cingapura, onde os apartamentos têm 51m<sup>2</sup> e três quartos e os de 46m<sup>2</sup> de dois quartos. Ta vendo é isso que deve ser levado em conta tem que levar em conta as diferenças. E com o dinheiro pode ser feito apartamentos de vários jeitos.”*

*Uma coisa que eu acho que os apartamentos deixam a desejar são as áreas de lazer. Não prevê área de lazer e quando faz para a classe média prevê. Eu não estou nem falando de piscina, to falando de um canto onde as crianças possam jogar bola, brincar, ter um acolhimento no prédio onde possa ser feito atividades. Eu moro nos prédios há 11 anos. Se você mora nos prédios é igual cabrito, pois sai do apartamento e vai direto pra rua. Além do mais eu ouvi que um ser humano precisa de 22 m de espaço para ele em uma casa e numa casa como a minha quem tem 6 pessoas em 46m<sup>2</sup>, não dá 8 metros para cada um e como não tem os 22 metros poderia ter pelo menos os espaços livres, quadras de uso coletivo.”*

*Sobre o Bairro educador eu acho que tem que existir, tem que da certo. Agora eu vejo muita conversa, isso é uma critica, pois eu vejo muito mais conversa e muito pouca ação. Tem companheiro e companheira nosso que fala como se o bairro educador estivesse a mil por hora e pelo que eu vejo, quais são as conquistas que se teve? Qual é a primeira conquista, por exemplo é que existe um grupo pensando e trabalhando sobre isso. Quais são os entraves que eu vejo, posso até ser pessimista, por exemplo eu não confio nessa prefeitura nem um minuto. Veja por exemplo a prefeitura disse que indicaria uma pessoa nossa, quem nos garante que o ano que vem estaremos juntos tocando aquele pólo por exemplo. Aquilo que eu to falando, se não tiver um grupo que fez a criança, vão ter outros cuidando, entendeu? Por isso eu acho que esse grupo tem que ter mais cuidado. Esse é o meu pensamento, pois eu já vi a gente aqui criar os projetos e de repente acaba nas mãos de outro. Tem entrave político na gestão do pólo, que tem como objetivo ter uma gestão comunitária e até agora não foi ninguém. Por exemplo eu acredito que o bairro educador são todas as pessoas se educando, por exemplo eu vejo gente falando de bairro educador que não é educador, e é aquela pessoa que joga as coisas por ai. Educar é quando todos tiverem consciente, tem que ser fala e pratica juntos. Eu também vejo muito como uma fogueira das vaidades, tempos que pensar no bairro educador, com mais pé no chão, com mais objetivo, com mais prudência. Por exemplo excluir idéias, ou pessoas que não concordam comigo isso já é deseducador. Excluir só porque a idéia não é igual a sua, isso não é educar, a gente tem que entender. E quem fala tem que por em prática, as falas são muitas bonitas. E se isso não for entendido, talvez essa idéia não possa avançar para as 130 mil pessoas, de certo, tem que entender como cada um pode contribuir com o bairro educador. Temos que somar com todos, por exemplo as pessoas falam “esse é meu projeto”. Isso é um perigo, pois não temos projeto único. Desse jeito não dá certo, tem que ser “esse é o nosso projeto”. Eu estou no movimento de moradia e na saúde, mas acredito em quem está na educação, não necessariamente eu estou fazendo, mas eu acredito no conjunto, pra mim o que divide é só as tarefas e as habilidades de cada um, mas eu quero fazer parte do corpo como um todo, tem que haver as dificuldades, mas temos que nos respeitar, vamos com fé.”*

## **MARIA DANTAS DE LIMA**

*Eu sou uma pessoa que fui criada no sertão, comecei trabalhar desde os meus cinco anos, trabalhando na roça, estudando, uma hora e meia da roça para a escola. Que é em Monte Santo, um lugar que é no sertão, Monte Santo da Bahia, né? Sertão.*

*Vivi ali por quinze anos, nunca gostei dali, porque era muito sofrido. Trabalhei num motor de sisal também...*

*O sisal é um... É onde faz as cordas. Entendeu? Muitas pessoas trabalham com artesanato, né? O sisal você... É um mato de espinho, uma folha bem comprida de espinho, você vai lá, corta a folha, retira o espinho e aí leva para um motor. Você carrega na cabeça aquele fecho de mais ou menos vinte quilos (buzinas de carro na rua) aí leva para o motor, e aí, o desafiador vai desfiar aquelas... Que sai aquelas fitas que faz as cordas, faz cordas para amarrar caminhão, entendeu? Aí, bem, né? Era um serviço muito sofrido. Carregava água na... Na cabeça, ia pegar lenha, era um serviço muito pesado, muito mesmo... E sempre sonhei ficar longe. E o meu sonho sempre foi fazer um curso de enfermagem, sempre foi trabalhar com o público, e sempre com as pessoas que mais precisam. Eu gosto muito é de conversar. Aí tudo bem, né? Eu saí de lá tinha meus quinze anos. Fui pra Salvador, trabalhei numa casa de família, uns dois anos, não tinha folga e nem tinha férias. Conseguia uns... Se fosse hoje, no valor de Hoje era um valor de uns cem reais se fosse hoje, mais ou menos...*

*Maria: Trabalhava das 06h00 às 14h00. Muitas vezes, eu era muito gordinha, muitas vezes chegava de noite não podia nem andar, de tanto caminhar, eu trabalhava no 3º... Era um sobrado né? Tinha até o 3º andar, e aí eu tinha que dar conta, tudo bem né? Mas, como sempre minha vontade, minha vontade era voltar para minha terra, mas como eu tinha vontade sempre de vencer na vida, aí agüentei. Um ano ou dois anos vim aqui para São Paulo, trabalhei em casa de família ali em Interlagos, foi muito bom, ganhava um salário mínimo, com seis meses já fui trabalhar em firma, aí entrei ali na VASP, numa firma chamada Fran, ganhando um salário mínimo, não podia pagar um aluguel, fui morar com uma amiga da minha, mas, não deu certo. Aí com três meses fiquei desempregada de novo, fui para casa de família, saí da firma, voltei. Aí neste instante já comecei a melhorar, comecei a ganhar três salários mínimos. Aí nessa altura foi quando eu conheci o pai da minha filha, da mais velha que hoje se encontra com dezesseis anos. Aí eu comecei namorar com ele, logo, logo me juntei com ele, assim que eu me juntei, dentro de nove meses, já ganhei ela, e fui lutar né? Fui mudar. Daí, saí da zona sul né? Que eu morava ali na Paulista, Jardim das Oliveiras.*

*Maria: Sim. Na favela, Fogo tijuco preto. Morei lá por uns nove anos, também lá era um lugar que eu não gostava um verdadeiro inferno. O maior inferno é você morar de vizinho ruim, é o inferno pior da sua vida. Dentro de um ano ali no Tijuco Preto, fui assaltada cinco vezes, até o Fo... Até o botijão... Até o botijão que eu cozinhava para a minha filha, os caras levaram. Até a panela de pressão, a única que eu tinha, de eu cozinhar, eles chegava e levava com comida e tudo. Mas sempre tive muita fé em Deus. Eu falava para ele: -"Deus me ajuda vencer". Botei minha filha ficou... Na creche de três meses, botei-a na creche. Também com um ano e oito meses, a minha filha estava dentro de um ano e três meses, o pai dela*

*separou, eu não tinha parente nenhum, foi da vez que eu tive todos os assaltos, cinco vezes. Aí tudo bem né? Aí eu já tinha saído daquele emprego porque assim que eu a ganhei, a mulher dispensou que não dava pra eu ficar, que eu estava com criança pequena, não tinha como continuar. Aí eu fiquei uns tempos parada, também fiquei uns três... Fiquei mais ou menos uns nove meses parada. Daí foi quando veio a separação, coloquei ela na creche. Tive uma tentativa de estupro, quase morro. Só não fui estuprada mesmo porque Deus foi muito bom.*

*Nesse mesmo bairro. Aí quando eu coloquei minha filha na creche, e sair pra trabalhar. Quando eu cheguei ao ponto, um carro parou e um cara saiu e falou pra eu entrar, com um canivete na minha garganta, se eu o gritasse furava a veia do meu coração (dizia ele). Eu sei que ele me levou, pra chácara do Carlinhos, um lugar que só tinha mato. Mas como realmente eu conhecia muito o evangelho, que tinha participado... Entendeu, estava afastada, assim, mas sempre... Particpei uns seis anos no evangélico também, aí naquela hora, eu sabia que ia me levar num lugar que tinha uma figura muito grande. Ele falava pra mim, que eu ia fazer companhia às outras vítimas dele. Nessa altura já estava dentro do matagal, né? A minha calcinha já estava no meio das pernas, aí nessa hora, assim, eu sabia que eu ia ser estuprada, sabia que eu ia morrer ali. Eu sei que me bateu um vento nas minhas costas, quando bateu esse vento eu perdi o medo de morrer. Aí... Aí eu comecei pregar pra esse cara, sei que o cara... Ele estava numa atraçã e, pois não é que ele perdeu a reação dele.*

*É, aí quando bateu esse vento nas minhas costas, eu perdi o medo de morrer e comecei pregar pra ele. Mas era uma pregação com tanta autoridade, que sei que se fosse pra eu falar hoje, eu não tenho como falar (...) aí aquele estuprador perdeu a reação e as lágrimas começaram a pingar.*

*Pode subi a sua calcinha que eu não vou fazer nada com você.*

*Eu sei que (...) tava no meio do mato, se ele me deixasse ali, eu acho que ia me aprofundando pro meio do mato, se ele me deixasse naquele atalho (...) aí ele falou assim pra mim:*

*-Eu vou deixar você no ponto.*

*Aí nessa hora eu perdi o medo, aí até eu chegar ao ponto ele falou assim pra mim:*

*- Maria, eu já fui pra igreja universal para ser liberto disso, mas é uma coisa que me toma que eu sou obrigado a fazer isso. Eu já estuprei minha própria filha.*

*Eu sei que esse cara me deixou no ponto e dessa vez eu tava até menstruada. Menina quando eu cheguei em casa, eu estava com uma dor de cabeça tão grande, que não estava deixando eu ficar em pé (risos). Aí é (...) menina era uma dor de cabeça tão forte, mas tão forte. Minha menstruação tinha subido, e descia aí eu fui à farmácia e eu não podia falar com ninguém, assim, eu não podia falar não eu fiquei assim em cômodo será que as pessoas vão aceitar? Aí eu fiquei comigo assim, aí eu fui à farmácia comprei um remédio que eu estava com muita dor de cabeça, o farmacêutico era muito amigo meu, eu falei que tava descendo pra mim e que tinha parado de descer, né? Aí tudo bem, né? Passou, eu melhorei (fiquei um tempo traumatizada com isso), mas depois tudo voltou ao normal graças a Deus. Muita conta, aí lutei, fui trabalhar no hospital Heliópolis (há vinte e seis anos), sempre meu sonho era*

*mudar de lá, casa aqui era muito cara, mas Deus me ajudou. Conheci uma pessoa chamada Antônio, ele trabalhava na caldeira nós dois nos juntamos, ele tinha uma casa aqui e outra... Nessas alturas eu tinha duas casinhas lá no Itaim, né? Mas tudo na favela, né? Ai, consto eu e Antônio, ele já tinha casa aqui na... Como é? Na rua, Zé da Ma murra, Vim embora com ele. Ai depois, com um ano compramos esse sobrado aqui, entendeu? Meu sobrado tem nove anos. Não deu certo entre nós dois, por causa da minha filha mais velha, porque ele falou que eu tinha que escolher a minha filha ou ele. Nessas alturas, minha filha tinha onze anos e ele queria que eu deixasse minha filha para o pai, né?*

*É. Mas, o pai dela abandonou a gente, ela tinha um ano e três meses, quando veio procurar... Quando... ele não veio procurar a gente, ela foi procurar ele. Ela tinha nove anos, e ela falou pra mim:*

*- Mãe, ele pra mim é um estranho.*

*Aí nessas alturas, tudo... Ele... Ai ele falou que eu tinha que escolher ele ou ela. Minha filha... O pai dela é um estranho. Homem é como biscoito, perde um, vem até oito, de resto. Na minha mente sempre foi isso, né? Em minha mente, né? E filho, você perder, você não acha outro. Daí eu falei, não, eu fico com minha filha. Não adianta nem pensar pra dizer que gosto, porque nessa manhã minha resposta eu já tenho. Ai nós dois chegamos num ponto, que ele foi viver a vida dele eu fui viver a minha, separamos. Nesse tempo eu trabalhava em dois empregos, trabalhava no hospital (trabalhei seis anos e três meses no hospital) e trabalhava... (Onde eu trabalhava já há três anos, numa casa de família, que eu trabalhava dia sim dia não), dia sim dia não em um, e dia sim dia não em outro. Em um eu tinha seis anos e três meses, no outro tinha de três a quatro anos. E acabou que eu juntei o dinheiro pra dar... Juntei o dinheiro dele, paguei a parte dele e fiquei com o sobrado, né? A minha filha hoje tem treze anos, ta estudando; pretende fazer curso. Eu já estou com meu barzinho, entendeu? Trabalhando pra mim, pretendo fazer agora... Agora em Janeiro, com fé em Deus, fazer meu curso de enfermagem que é o meu sonho que vem realizar. Sim, vim terminar de estudar já depois que passei pra cá, quando eu morei aqui em São Paulo, com trinta e quatro anos que eu comecei a estudar, vim terminar com trinta e seis anos.*

*Segundo. Como é? Ensino médio, né? E graças a Deus. Ai depois com um ano e nove meses... Com um ano e quatro meses que eu separei do Antônio eu conheci uma pessoa que eu me casei com ele, e estamos bem graças a Deus. Ele se chama Edvaldo, montamos nosso bar, já fiz mais dois cômodos em cima, estou com minhas duas casinhas de aluguel pra eu sobreviver.*

*Tem alguma... Algum fato que ocorreu na sua vida, que marcou a história da sua vida, e que você gostaria de colocar, algo assim, que te deixou feliz ou que marcou fundo?*

*Ah, o que marcou pra mim, todas as histórias que eu falei, todas elas pra mim marcou fundo. Principalmente essa do estupro me marcou pra caramba. Principalmente hoje que estou dentro de dezenove anos que estou dentro de São Paulo. Dezenove anos agora dia vinte e oito de Deze... Vou fazer dezenove anos, dia vinte e oito de Dezembro. Aqui no Heliópolis, gostei muito, foi o melhor lugar que eu achei de morar. O povo fala que aqui é um inferno, pra mim aqui é um paraíso. E realmente as pessoas são muito legais como meus vizinhos, são pessoas muito boas, pra mim aqui foi como um prê...*

*Pra mim, aqui no Heliópolis pra mim, me achei. Tem seis anos que eu estou morando no Heliópolis, dia dezoito de maio e para mim não tem lugar melhor do que aqui.*

*Assim, você perguntou essa história de ter marcado. Uma coisa que eu não tenho vergonha de falar e não escondi pra ninguém, o Givaldo ele o meu quarto casamento. Porque eu sou uma mulher que não agüento desaforo, não agüento muita coisa. Homem para mim tem que me dar: carinho, respeito, porque o que vale num casamento é: o amor, a confiança e a compreensão. A hora que falta essas três coisas, o casamento pra mim, não vale mais nada. E realmente, por isso que eu não tenho vergonha de falar tudo que eu fiz, de hoje eu ter meu quarto não me importará até no quinto ou até no sétimo. Mas homem que não dá valor na mulher, homem que bate em mulher homem que prefere os amigos a mulher; o homem que quer ter a mulher só como empregada entendeu? Mas valor, e amor não dá, entendeu? Esses homens para mim... Pra mim é igualmente a um copo descartável, usou jogou fora. Porque pra mim, tem o homem de cristal, que é o homem que: respeita a mulher, é o homem que dá valor à mulher; é o homem que entende a mulher nos momentos. Porque a vida em dois, é difícil, mas difícil é quando ele não entende, mas quando entende é muito gostoso. Quero falar que eu estou muito feliz com o meu quarto. Já tenho quatro anos que sou casa... Assim, é o meu quarto casamento, os outros foi morando junto, casada mesmo é só com ele, estou dentro de quatro anos de casada e sou feliz, graças a Deus. Saio pra passear nós dança, nós bebe, brinca. Nós temos mais carinho do que briga, briga é quase nada. De mais. Pronto (risos).*

## **MARIA DO SOCORRO DA SILVA**

*Eu cheguei aqui em 79, eu vim para cá porque causa das dificuldades do Pernambuco era muito difícil para trabalhar e procurar emprego.*

*Na época eu tinha 17 anos, mas aumentaram minha idade pra eu votar pro prefeito da minha cidade e poder vim para cá. Aumentaram mais 3 anos então cheguei aqui com 20 anos e estou aqui até hoje. A dificuldade maior foi entrar aqui na favela né? Porque não existia esta favela, não existia este Heliópolis que nem hoje. Neste lugar onde hoje eu moro só era cantiqueira, só mato. Pra nós lutarmos por isso daqui, a gente que foi pra delegacia e chegou até ser preso e enfrentamos até bala. A única Delegacia que existia era a 26, juntaram todo mundo e levaram pra lá, depois quando voltamos lutamos e construímos. Pegamos várias brigas, pois ele não queria que a gente invadisse este terreno. A invasão era geral, por todo lugar. Tinha gente que se sentiam os bonzões do pedaço e queria matar todo mundo. Eram muitas pessoas e ele só queria um pedacinho de chão para construir um barraco, então todo mundo foi a luta, ninguém desistiu de nada, teve morte e muitas desavenças, os povos colocavam fogo em nossos barracos e a gente construía de novo. A prefeitura chegou a ajudar algumas pessoas dando madeira para construção, minha cunhada chegou a ser ajudada e assim conseguiu construir seu barraco. Esta casa que eu tenho hoje era o banheiro da minha irmã, onde eu morava com meus três filhos e meu marido, media mais ou menos 1 metro. Consegui construir esta casinha aqui, que hoje tem três dormitórios, meu marido foi fazendo, fazendo aí hoje esta casa.*



*A luta foi muito grande, pré conseguir esta terra aqui, teve muito sangue, muito choro, muita briga, antes não tínhamos água nem luz, não tínhamos nada.*

*Lembro-me que quando vim do norte trouxe 3 candeeiros, aquilo que aqui vocês chamam de lamparina, usávamos também muitas velas.*

*Hoje está ótimo tem asfalto, água, luz. Antes era tudo barro, tínhamos que subir as ladeiras e íamos mais pra trás que pra frente de tanta lama que tinha. Bebíamos água da mina que tinha aqui, lavávamos roupas e tomávamos banho. Antigamente só tinha o mercado Mitsuka e o São Jorge, que hoje é o Compre Bem. As coisas eram bem mais baratas sendo bem melhor pra comprar, hoje você vai com o dinheirinho e não trás nada. Agora aqui já cresceu muito, tem muita coisa a favor. Tem padaria, mercado, orelhão e salão de festas coisas que antes não tinha. Aqui só tinha muito tiro de 12 e varias desavenças. A parte da violência aqui em Heliópolis, esta melhorando muito. Antigamente era um morto em cada esquina e todo mundo ia lá pra ver se não nem um parente, em seguida já tinha outro na outra esquina e assim ia, matavam aqui, no Copa Rio, era morto por todo lado a gente não conseguia nem dormir com tanto tiroteio, tinha horário pra ficar na rua a partir das 22:00 tínhamos que entra para nossas casas, ninguém podia estar na rua. Passava uma perua cheia de homens e ia derrubando tudo que encontravam pela frente, os moleques que estavam fumando ele atiravam em todos, agora as coisas mudaram existe mais respeito. Estes dias eu vim do Hospital Heliópolis eram 2:00 da manha coisa que antes ninguém fazia, e hoje só andamos por dentro cortando caminho e consideramos mais seguro. Eu tenho 5 filhos, 4 mulheres e 1 homem. Todos meus filhos foram criados no Ozen, e até hoje os mais novos continuam (hoje CCA). A comunidade sempre ajudou tudo que é projeto meus filhos estão o que é de graça tem que ser aproveitado né? Durante o dia eu faço tudo, lavo, passo, arrumo a casa, faço almoço, levo filho na escola, vou buscar, olho os 2 filhos da vizinha, coloco um na perua e levo o outro no parquinho, cuido do meu netinho quando minha filha sai pra trabalhar, vou em reuniões da escola, do parquinho, nas da UNAS e da Rexona porque minha filha faz vôlei lá. Mantemos-nos com a renda do meu marido e da minha filha que muito me ajuda. Eu gosto do Heliópolis e não tenho nenhuma vontade de sair daqui. Se eu tivesse dinheiro mesmo assim não sairia, compraria uma casa pra cada um dos meus filhos. Aqui está o meu suor e minha luta, eu quero ficar aqui até o fim da minha vida.*

### **MARIAL LUCIA S. DOS SANTOS**

*Eu me chamo Maria Lucia, moro aqui na comunidade há uns dez anos. Já sou aposentada, trabalhei de cozinheira durante muito tempo no Super Mercado Sendas.*

*Nasci na Bahia(Ilhéus), já casei por duas vezes tive dois filhos no primeiro casamento e uma menina no segundo.*

*Vim morar aqui na comunidade depois que meu filho morreu. Hoje eu moro com o meu neto.*

*Viro-me como dá, para ajudar um pouquinho aqui em casa vendo lanche em uma firma, que tem aqui pertinho.*

*O que mais me chama atenção enquanto faço o trajeto quando vou vender meus lanches, é minha força de vontade e minha coragem eu tenho muita vontade de viver.*

*Eu lutei muito aqui na comunidade para estar onde estou hoje. Quando eu cheguei, aqui era um grande campo e hoje é uma rua. O correio ainda não passa por aqui, pois a minha rua ainda não tem CEP, então para eles é como se não existisse, mas isso já outra luta da comunidade.*

*Meu neto tem quatorze anos, ele estuda no Centro Olímpico, ele também frequenta o projeto Rexona daqui da comunidade, ele já está lá há um ano.*

*Todas sextas-feiras eu vou para o bingo, e quando chega o carnaval eu saio em um bloco na escola de samba que fica lá em Mongaguá.*

*“Meus maiores sonhos são formar meu neto, terminar a reforma da minha casa e conseguir sua escritura”.*

### **REGINA MALHA MENDES CALVO**

*Minha História de vida está muito ligada a educação que meus pais me deram. A minha educação veio dos meus pais não biológicos, mas sim, aqueles que me acolheram, me criaram me deram carinho, amor e uma educação que não troco pela de ninguém, é claro cada um com seus valores, mas os meus, o qual recebi, guardo e carrego comigo até hoje, que são os princípios básicos, para que uma pessoa tenha estrutura, e construa bagagem positiva para uma boa educação futura, onde o dinheiro, a riqueza, não é tudo e não valoriza capacidade, dignidade, o respeito que um indivíduo possa alcançar.*

*Esse foi meu caso, quando ainda no ventre, fui abandonada pela mãe, no sentido de rejeição e pelo pai, homem rico culto e instruído de conhecimentos, mas que não praticou um dos princípios básicos de educação, o caráter, a dignidade, o respeito pela vida. O seu dinheiro, riqueza, o cegou para certos valores tão importantes para um ser humano. Mas nada disso impediu para que fosse educada, com valores tão diferentes. Minha mãe, senhora simples que nunca foi a uma escola, meu pai cego enxergando só o vulto, mas tinha uma visão privilegiada de vida para entender o mundo. E assim os dois foram construindo a minha história de vida e de educação.*

*Minha mãe pela nossa dificuldade de vida trabalhava na roça, eu já aos sete anos, quando não acompanhava, para limpar troncos de pé de café ficava em casa fazendo comida num saudoso fogão de lenha, lavando roupa, buscando água com balde num vizinho distante, limpando, ou melhor, varrendo com vassoura de mato, uma pequena casa de chão, e cuidando do meu saudoso pai querido que mesmo sem enxergar se preocupava com o horário da escola no período da tarde.*

*Já ingressei aos sete anos no primeiro ano sem passar pela pré-escola. Mas foi marcante pra mim, o ensino de 1ª à 4ª série, pois onde tudo começou ao ponto de ter gravado em minha memória, minha primeira professora “a Sueli” de tai linda, parecia uma boneca. Seu jeito carinhoso sempre atencioso, aquela com certeza tinham o “dom”. E quando passei pra 2ª série me lembro como se fosse hoje ela chorando me abraçou forte dizendo: Como uma menina tão pequena já vai para 2ª série? Vou morrer de*

saudades de você, e não e pra esquecer-se da professora, pois vou lembrar sempre de você. Esse amor e acolhimento me incentivaram a seguir sempre em frente. Nesses quatro anos que passei iniciando a minha história de uma educação formal foi numa escola perto de casa, a Escola Municipal “Rocha Pombo”, com meus professores, Sueli, Shirley, Marici Lucia e Nelson Esmeldel. Sem repetir, nenhum ano, e com dez anos foi pro ensino fundamental que ainda recordo de alguns professores: Professora Tereza, Ivete, Idercio, José Carlos, Genésio, Humbelina, Benoil, Jaime, Norma, Cidinha, Solange, Jandira, Adriano, Sérgio e outros. No Colégio Estadual Benoil F. Marques Boska. Depois sem repetir nenhum ano fui por Ensino Médio com os cursos de “Magistério” e o curso Básico em Comércio; a maioria dos professores do Ensino Fundamental me acompanhou no Ensino Médio, com exceção alguns professores vindos de fora. Mas todos foram de suma importância para minha formação, tanto de vida, como superação de desafios, pois é válido lembrar e com orgulho que com amor aos estudos e muita força de vontade é possível vencer. E pela dificuldade às pequenas coisas e simples tem muito mais valor.

Pois foi estudando e trabalhando na roça, juntamente com minha mãe, desde os sete anos até 21 anos, no qual a tristeza que mesmo depois de tanta luta não consegui realizar o sonho de lecionar, pois havia vagas guardadas, ou seja, para os filhos dos Prefeitos, Vereadores, Bancários ou melhor, quem muitas vezes não precisava, ou fez o curso, por falta de opção na época essas mesmas que muitas vezes iam na minha casa me buscar para ensiná-las sobre as matérias, não por falta de tempo, mas sim falta de interesse e vontade de aproveitar esse tempo precioso que pode muitas vezes fazer a diferença e que não o fizeram.

Desde minha infância fiz vários amigos, brinquei mesmo na simplicidade das brincadeiras que foram ricas pra mim, mas que hoje foi abandonada pela tecnologia, aproveitei brincando de casinha, futebol na rua, chuta-lata, passar o anel, boca de forno, boneca de milho, subia em pé de frutas no quintal, salada de frutas, pique, e outros.

E nessas simples e gostosas brincadeiras que construí uma infância saudável e consolidei vários amigos, quais laços permanecem inesquecíveis até os dias de hoje. Como minha grande amiga Marlene, Iraci que hoje é madrinha do meu filho mais velho (13 anos), Cida, Betsy, Verônica, Nenê, Bula, Adão, Lorival, Shirley e outros, todos amizades de infância, feitas na minha cidade de Ourizona, Estado do Paraná, onde nasci e me cresci, deixei a cidade aos 21 anos, para vim para São Paulo, mas nunca deixei os amigos que a vida me presenteou, sem pedir nada em troca, apenas o prazer de usufruir o carinho, o amor, e lembranças de bons tempos e ótimas amizades.

Depois que cheguei a São Paulo, após dois anos conheci meu marido, namorávamos a um ano e meio, quando engravidei do meu primeiro filho, e fomos morar juntos; hoje com muito orgulho constitui minha família com dois filhos maravilhosos o Deivid com 13 anos que está fazendo a 7ª série e o Douglas com 5 anos e fazendo a pré-escola.

Meu marido começou seus estudos em Vitória da Conquista – BA e terminou aqui em São Paulo, o ensino médio que tem uma história de vida muito parecida com a minha.

*E com essa dupla experiência de vida e Educação e como os mesmos princípios e valores educaram nossos filhos.*

*Hoje aos 38 anos de idade quando achava que aquele sonho antigo não faria mais parte da minha história, Deus me mostrou que o mundo me fez pensar que seria impossível, mas, Ele me mostrou que é possível e que jamais me esqueceu e tinha algo especial guardado para mim.*

*O ano passado em 2007 comecei a trabalhar com educação infantil, graças ao bairro que me acolheu e pessoas que lutam para dar para nossa comunidade a possibilidade e direito à dignidade: a "UNAS". Ocupo o cargo de Educadora em uma CEI, "Margarida Maria Alves", no Bairro Educador Heliópolis, os quais me sentem realizada, pois quero fazer a diferença na vida das minhas crianças, pois amo o que faço.*

*E pra completar minha felicidade, no início desse ano comecei a fazer faculdade em Pedagogia n Universidade São Marcos.*

*Meu Deus, obrigado sei que está sempre comigo e obrigado por confiar na minha capacidade, ou melhor, me guiar para que eu buscasse capacidade através do esforço, coragem, luta e principalmente dos seus ensinamentos.*

*Sei que onde meu pai (Manoel) estiver como sempre teve, teria muito orgulho de mim, pois fez sua parte como ninguém. E pra encher a boca como minha mãe (Ana) para dizer aos quatros cantos: Minha filha é Professora. Esse orgulho que meu marido e meus filhos sentem de mim.*

*Peço a Deus que me dê sabedoria e força para que eu possa vencer mais essa luta.*

*Pois vou me dedicar e empenhar o máximo, sei que não é fácil, principalmente por não estar desenvolvendo a prática educativa a mais de vinte anos; mas com Fé em Deus, as minhas forças de vontade vão conseguir. Já estou no segundo semestre; tento alimentar-me de explicações de amplos conhecimentos e bagagens de meus professores, sem contar a experiência de vida e educação; e com eles poder aprender.*

*Dosar o medo e a ansiedade, pensar somente que sou capaz. Fazer novos amigos. Aprender sempre mais sobre o universo da vida e da criação.*

*E porque estou aqui? O que posso contribuir e fazer a diferença na vida das crianças, que eu eis de ganhar, fazer parte da sua história de vida e educação, ajudar pra que elas possam ter um boa estrutura, em que eu possa ser o seu alicerces de possibilidade, com segurança, cuidado, carinho e amor, passando conhecimento ao mesmo tempo em que há a troca dos mesmo. Sem ser o centro das atenções, mas dando atenção a quem precisa e procura em ti, um caminho de sonhos, com várias possibilidades de alcançar. É claro respeitando sempre. "A História de Vida de cada um que é um tesouro precioso na memória de cada um, r que o tempo jamais consegue arrancar.*

## **SOLANJE AGDA DA CRUZ**

*Nasci no ano de 1965, na cidade de Nossa Senhora da Paz, interior de Belo Horizonte, Minas Gerais, onde vivi até meus seis anos de idade.*

*Vim para São Paulo em 1972, com toda minha família, meus pais e minhas 5 irmãs. Minha mãe me arrumava como uma bonequinha. Eu tinha 6 anos e meu pai fazia tudo por nós. Meu pai era do movimento militante de esquerda, comunista, e meu tio era militar e informante da ditadura. Só que meu tio não podia saber que meu pai era do movimento. Eu me lembro das músicas do Chico Buarque. Meu pai não acreditava que meu tio pudesse fazer algo. Mas minha família acha que o acidente do meu pai, foi criminoso. E quando minha Vó leu a carta que o filho dela havia morrido, ela morreu também. E aí meu tio tomou conta das coisas da minha mãe e de nós.*

*No primeiro ano entrei na escola por ter apenas 6 anos, sendo desta forma apenas duas de minhas irmãs a entrar na escola. Meu pai trabalhava muito, somente nos finais de semana sentava-se com minhas irmãs para verificar os cadernos e tarefas realizadas, o que me despertava grande ansiedade, pois não via a hora de chegar a minha vez.*

*Quando meu pai me matriculou em setembro de 1972, eu começaria a estudar em janeiro de 1973, o que me gerou grande expectativa, pois meus pais já haviam comprado os materiais e o uniforme, meu sonho então estaria se realizando, não apenas minhas irmãs, mas eu também teria a atenção do meu pai. Faltando 3 semanas para começar as aulas meu pai saiu para entregar ferramentas para um amigo dele e não voltou mais, ficou desaparecido. As aulas começaram e meu pai não chegava, quando um dia estava no portão e vi um homem de com uma roupa parecida com a do meu pai, um terno azul claro, um lenço branco na lapela, sai correndo na intenção de avisar minha mãe que chorava muito ao me aproximar, mas antes de eu chegar perto dela uma pessoa me impediu me dizendo que meu pai havia morrido, com estas palavras.*

*Este ocorrido me deixou sem fala durante 3 dias, não fui ao velório e levei uns 3 anos para me alfabetizar, passei por várias professoras, mas a que me deu atenção foi uma professoras Maria Odília e minha tão dedicada mãe Dona Adelina, que começou a ir para sala comigo, o que me ajudou, pois não repeti de ano. Minha escola era de tábua e tivemos que mudar porque ela iria ser demolida e uma música que ensaiamos para cantar na despedida, se chamava Canção para Ana, que era mais ou menos assim:*

*“Nosso amor é um Sol, maior queimando o verão sobre a Terra é fogo ardente de uma paixão, uma luz que nem mesmo o tempo vai apagar, é um sonho maior que um homem pode sonhar, quando tudo for cinzas e o vento levar a fumaça nos olhos nos obriga a chorar, quando tudo pra nós for simples recordação haverá sobre a Terra uma chama de amor em mais um coração...”*

*A primeira coisa que meu tio fez, foi cortar nossos cabelos, vivíamos presas em nossa própria casa. Descobrimos na casa, dois porões onde meu pai se encontrava com seus amigos... Meu tio cortou a relação com a família da minha mãe e do meu pai. Os dois eram os filhos mais novos das duas famílias. Começamos a trabalhar para ganhar dinheiro. Meu tio viaja muito, morávamos perto do Clube Náutico na*

Guarapiranga. Eu e minha irmã montamos um plano, trabalhamos nos bares dos clubes, da burguesada. Íamos da represa até em casa a pé. Para economizar dinheiro e passou um tempo e compramos a casa dos meus sonhos. Quando eu sonho, sonho em Minas Gerais ou nessa casa da Guarapiranga. Lá era tudo grande, a casa do meu tio era colonial, com um quadro gigante dele na sala. E ele não sabia que estávamos estudando a noite. Fomos para a nossa casa, ele conseguiu receber a indenização do meu pai depois de 10 anos. E em uma viagem dele, eu e a minha irmã a Bleme, sempre quisemos estudar. A Lúcia trabalhou até de ajudante de pedreiro. E aí essa coisa de movimento olha como é...Eu era entre a Bleme e a Lúcia. Minha irmã mais velha era sargento, muito brava, ela tinha vara de marmelo. Compramos a casa, fizemos mais dois cômodos e a Lucia foi trabalhar no banco e eu fui fazer concurso público, mas eu fui trabalhar numa firma porque dava mais dinheiro. Todas nós éramos militantes, a Lucia se vestia de homem e participava das reuniões para saber o que estava acontecendo. Mas elas se desiludiram de partido. E minha irmã era tão boa que ela ia cuidar do meu tio, quando estava na cadeira de rodas. E quando ele morreu, não conseguiram avisar a gente. Também ele foi muito ruim. A Lúcia foi atrás de nossa história, a casa da minha avó virou patrimônio histórico em Minas Gerais. A Lucia é super bem de vida, ela veio aqui em Heliópolis, ela adora aqui e ela falou assim: "eu venho aqui em Heliópolis, você conhece todo mundo. Eu vejo a vida que você leva aqui, lá onde eu moro eu sou sozinha, lá nem converso com nenhum vizinho." Ela é uma pessoa esclarecida politicamente. Eu morria de medo das ocupações. Minha mãe dizia que íamos acabar morrendo. E essa noite eu sonhei com todas as minhas irmãs.

Hoje eu trabalho com jovens e eles contam as histórias deles.

É interessante a história de vida e da casa. Hoje eu vou fazer essa dinâmica do mapa de Heliópolis com eles Cláudia, pois quando eles contam a história da vida deles, ouvimos coisas que temos como preconceito e isso vai mudando. Quando eles contam por exemplo como vieram parar aqui. Um deles relatou que ele era da favela da favela da Vila Prudente e tinha uma creche pequena lá, de umas francesas e a mãe deles tinha muitos filhos e eles ficavam lá. Depois elas conseguiram com outras mães a aumentar a creche. Duas lésbicas faziam a gestão do espaço, mas essa creche maior teve um roubo e briga lá. E os ladrões mataram algumas mulheres e ele viu a primeira pessoa a morrer. Eles não tinham casa e vieram para Heliópolis e eu e a Mércia fomos atrás de uma casa para eles pelos franceses com o objetivo de vender a casa. E hoje ele não se sente dono da casa, ele paga aluguel com a irmã dele. E como eles vêem isso?

Aqui atuo como militante, sou casada com o Geraldo que conheci no Movimento de Moradia, temos um filho lindo, construímos nossa casa aqui na Rua da Mina, mas eu já criei várias crianças que hoje estão nas suas casas, mães de família. Você conhece a Priscila, a Gisele. Aqui em Heliópolis o movimento ainda é forte, mas antes as pessoas se envolviam bem mais, parece que como está tudo pronto, tudo bem, não precisa de mais envolvimento.

Eu acho que precisamos pensar mais sobre os projetos e suas metodologias. A aplicação da metodologia nos projetos fica difícil, pois não fazemos um link da formação com os projetos, pois achamos que não faz

*parte. Dizer que a história da educação não faz parte é não entender o que dá para relacionar com o meu cotidiano, como eu faço essa ligação, somos futuros pedagogos. Foi contado histórias em Santa Isabel, cada um de nós tem uma história. A pessoa começou a fazer história só quando entrou na UNAS, só quando chegou a Heliópolis? O que dá para relacionar com o meu cotidiano, como eu faço essa ligação, precisamos começar a questionar?*

*As pessoas se colocaram como cada um chegou até aqui? A história de vida é importante, precisamos pensar na formação com uma linguagem que conseguimos relacionar com o meu cotidiano, como a professora de psicologia, como colocamos assunto no meu cotidiano.*

*A importância de entendermos as nossas próprias experiências. Sobre autonomia, discutimos em grupo e cada um foi falando e isso é super importante e interessante.*

*Por exemplo quando eu trabalhei no MOVA aqui, ensinamos as pessoas que elas tem direito de falar acertar e errar. Cada um expôs sobre o seu projeto de vida. Quando cheguei à equipe assustei com quando que vi, pois é uma forma diferente de trabalhar, mas percebi que através das minhas ações tentei mostrar que todos tem direitos de expor, criticar e crescer. Relações humanas são super importantes, olhar no olhar do outro. A autonomia varia de pessoa para a pessoa.*

*Acho que os moradores aqui de Heliópolis às vezes não expõe os acontecimentos e ai não sabemos o que acontece. Acho que as pessoas têm medo de se expressar. Expor aquilo que não sabemos. Estou falando da linguagem, tem que ser palpável. O que está acontecendo no meu mundo.*

*Nós Cláudia, não lemos nossa história. Quem escreve nossa história são os outros. Quem aqui já leu o livro feito pela secretaria municipal de educação? Eu vi na escola particular. Eles estavam contando a história de Heliópolis, com a foto da Genésia. Os outros estudam nossa história, era o Arquidiocesano. E a gente não estuda. Contando a história de Heliópolis. Precisamos aprender a escrever a nossa história, precisamos escrever a história de vida de cada um aqui. Onde nós estamos, por isso é um bairro educador.*

*O objeto de estudo é o Heliópolis e essas pessoas usam uma lente. Buscamos gente de fora para falar sobre a Educação. O cara vem de lá e conta a nossa história. As pessoas que contam a nossa história, às vezes conta nossa história real sim. O que acontece é que nós não nos apropriamos disso. Tudo tem um valor e tem muito material para a gente trabalhar. Quando a gente está falando de servir de estudo. Não é que a gente passa isso. Há histórias muito bem escritas, mas as pessoas que estão chegando não valorizam isso que a gente está fazendo. E quando no começo pensamos em chamar as pessoas para a luta para poder brigar. Não podemos ser emprego. Temos que ter consciência de ser do movimento, de militância, pois a creche tem a rotina dela, como o CCA e outros equipamentos também tem. Então em que espaço que eu posso militar e dar continuidade a luta. Eu não posso fazer a minha reunião e falar das pedras lá se eu tenho as crianças e eu tenho que desenvolver um planejamento. Em que momento eu posso estar como militante, que as pessoas da minha equipe querem fazer isso. Militância é amor, é tesão é compreender onde a gente está. Falamos tanto em bairro educador...*

*Não consegui fotos da minha infância, pois faz 16 anos que não moro com a minha família, sendo que há 4 anos perdi minha mãe. A pesquisa para conseguir fotos e registros e falar da minha história de vida gerou em mim muitas tristezas e saudades, mas mostrou pra mim que sou uma pessoa resistente e que meu pai sentiria orgulho de mim, assim como sentiu das minhas irmãs.*

## **NICE E ZÉ BADU**

*Quando foi que você chegou aqui?*

*Cheguei aqui em 1978, eu vim lá do São João Clímaco. Eu sou do Ceará eu vim em 1972 para o São João Clímaco. Eu não comprei nada aqui não, eu construí, eu mesmo, moro faz 30 anos. Quando eu cheguei, já tinha o começo lá [apontando para o hospital]. Tinha casa, mas tinha muito barraco e até aqui tinha barracos, daqui de onde eu peguei não tinha ai eu peguei esse pedaço aqui e fiz o meu barraco aqui em cima desse lado não tinha nada e pra frente não tinha e o pessoal continuou na outra semana tipo assim a Dona Ana.*

*Eu trabalhava na Bachet Metalúrgica, quem também me trouxe pra cá foi o compadre Severino que depois virou meu compadre, um amigo meu lá da firma, morava aqui e falou que morava na favela e eu pensei assim deixa ir, ele me convidou para ir a casa dele, eu fui na casa dele visitar o barraco dele e vim aqui num dia de domingo e gostei achei bonito era igual no nordeste aí eu digo eu vou prá lá também, tem jeito eu falei, ele disse tem olha onde está eu ti ajudo e me ajudou a construir.*

*Achei bonito, e achei que aqui poderia ser como no Ceará, é assim como que se diz bem aconchegante entendeu. Lá onde a gente morava (SJC) morava quase num cortiço ninguém falava com ninguém era todo mundo entendeu...*

*Eu e o Lúcio éramos como irmãos e nós resolvemos colocar um botequinho. Eu não sabia o que era trabalhar em comércio, nem nada. Ali onde era uma janela eu fiz um balcão, e começamos a vender as coisas aqui eu e o Lúcio. E nesse tempo não tinha quase nada de vendas aqui, o pessoal caía em cima e queria um tudo e eu mais o Lucio só comprando. Eu me lembro que a primeira coisa que nós começamos a vender foi cachaça e margarina eu ia lá no Mercado São Jorge com uma bolsa e uma sacolinha pegava duas margarinas e uma garrafa de cachaça (risadas ao fundo) acredita que era assim.*

*Comprava, chegava aqui vendia de dose, acabava eu pegava de novo. Foi indo, foi indo, até que um dia, o pessoal queria pão e não tinha nem quem quisesse trazer pão pra cá porque quando trouxeram vendia pão demais entendeu.*

*Só eu vendia. Não, não tinha mais o esquema de caderneta e aquelas pessoas foram fazendo amizade eu achava bonito aquela amizade, de dias depois a pessoa paga. E é o que está até hoje. Mas ainda funciona a caderneta.*

*Eu nunca quis sair daqui porque na verdade eu gosto daqui, entendeu? Eu gosto daqui. Eu nasci em uma cidade, fui criado em outra onde passei uns 10 anos e aonde fui terminar de ser criado passei mais uns 5 anos, mas, a minha vida mesmo foi aqui. Tanto é, eu e o Lúcio o resto da minha família tudo gosta lá do*



*Ceará aquela paixão, que eu e o Lúcio nós não temos. Temos é paixão pela favela que foi aqui onde nós escapamos e conseguimos fazer alguma coisa. Não e eu vou pesquisar eu e ele, tanto é que ele foi e não deu certo ficou lá 2 (dois) anos e voltou pra cá.*

*Agora pra melhorar aqui, aqui ta bom demais não precisa melhorar nada.*

*Ta bom. Perfeitamente quando eu cheguei aqui era na escurão, não tinha luz não tinha nada. Ainda me lembro eu fui uma das primeiras pessoas que foi na Assembléia Legislativa dos deputados falar com eles e um deputado veio falar comigo, já até faleceu, mandou o motorista me trazer aqui e olhar se dava pra descer o fio até aqui lá da rua de cima, da Rua Coronel Silva Castro. O motorista veio falou comigo, me deram os fios, pediu pra Eletropaulo descer o fio até aqui, daqui eu distribui luz pra muitos vizinhos. Mas quando era oito horas da noite, todo mundo ligava a televisão e ficava fraca tinha que ter o transformador e a luz vinha pra uma pessoa, teve uma época eu tinha 8 (oito) pessoas comigo porque eu sempre fui assim, me pede uma coisa se eu tiver eu divido contigo não tem como.*

*(Chega a sua esposa Nice e já vai descrevendo como era)*

*Era tudo de barro (faz uma brincadeira). Não precisa mais de nada aqui, tem asfalto, tem energia, tem tudo não falta nada. Agora entrega, pode fazer compra em qualquer lugar, justamente que quando eu comecei não faziam entrega, não entravam na favela, hoje em dia tem as ruas tudo abertas. É bom foi aqui que eu escapei e me adaptei. Pois aqui, a policia entrava de cavalo, foi na época do Paulo Maluf, foi em 80 Zé. Foi quando eu cheguei aqui era uma confusão danada, acho que também era a época que a Elza veio pra cá. E nossa... derrubavam os barracos. Não queriam deixar ninguém aqui, era uma confusão danada, e era realmente a policia, era direto de cavalo, aí a cavalaria isso ai não era feito com quem devia era qualquer um.*

*É porque eles não aceitavam e não dava opção. Com certeza se você for atrás procurar a história deles [UNAS], tem outras pessoas como seu Edvaldo, ele também corria atrás NE, mais as meninas eu ti digo são muito firmes.*

*Houve uma coisa também, quando a gente já estava morando aqui veio o trator da Prefeitura, derrubou uns 20 barracos desse lado, ai derrubou até pegado com a Dona Ana eu vendo a hora pra derrubar os da gente aqui, e a turma ai estava construindo, aqueles que não tinham ninguém eles derrubavam, derrubavam tudo, barraco novinho, maderite nova, derrubaram a noite, o trator foi embora pra voltar no outro dia, mas no outro dia houve umas manifestações e eles não vieram, graças a Deus.*

*Eu acho que aqui embaixo (Núcleo Imperador), teria que ter mais centros educacionais, aqui embaixo, mais área de lazer para as crianças. Lógico, não é fazer uma pracinha e larga lá. Tem que ter alguém pra ajudar, um professor uma pessoa, pra educar uma pessoa pra tomar conta daquelas crianças, aqui embaixo precisa disso a única coisa que tem é aquela Sede (CCCA Heliópolis), não dá pra todas as crianças. Tem o quê a Rexona, a Rexona não dá conta teria que ter mais coisas, lá encima (núcleo mina) tem tanto Projeto, e eu fico sabendo através do Jornal, quando eu recebo esse jornalzinho aqui*

*(mostrando o jornal da UNAS). Uma que a Unas é lá então eles se preocupam mais lá do que com aqui. Você vê na televisão “Em Heliópolis esse projeto”, a gente nem sabe.*

*Eu acho que aqui embaixo, precisa sim de mais alguma coisa, não pra nós, para as crianças.*

*Eu não conhecia favela e para pobre é bom. Achei bom, eu vim de uma área carente de Pernambuco, a gente não tinha acesso pra nada, como eu fui pro Rio e vim para cá só em você ter acesso de estudo para o seu filho, um hospital, uma coisa mais assim, já era bom demais não é verdade? E agora é muito bom, aqui a nossa região, precisa melhorar precisa nesse sentido, em apoio às crianças e está muito bom. Se eles derem mais atenção a isso tá bom demais, a favela tá cheia de gente de outro lugar, a Elza veio de Diadema, e em Diadema ela morava em um barraquinho de aluguel na beira do córrego, bem pior do que o barraquinho que ela veio morar aqui, que era bonitinho arrumadinho, e os barracos daqui sempre foram arrumadinhos.*

*Não tinha enchente, estava bom demais, então é isso aí muito bom. Mais eu acredito que vai melhorando, tá bom pra antigamente. Já melhorou bastante, mas daqui pra frente dá pra fazer mais coisas? Sim se correrem atrás, tem dinheiro tem, então vamos investir. Só tem que organizar, porque olha, eles fazem os prédios e largam aí, jogam lixo em qualquer lugar, tem que ter uma ordem uma organização, esses barracos aí que estão fazendo na passarela, a gente não anda e cada um mais feio que o outro, a mulher senta aqui no meio e a gente tem que passar na avenida, poderia deixar todo mundo tem que trabalhar, mas sempre tem um limite. Precisa de urbanização, que não tem, eles estão deixando fazer agora nas calçadas, não era pra deixar.*

### **MARCIA APARECIDA MARINHO**

*Meu nome é David (adolescente do CCCA Mina), eu gostaria de... Assim, você apresentar seu nome, se der para você dá completo o seu nome.*

*Meu nome é Márcia Aparecida Marinho Rodrigues.*

*Nasci em 1984.*

*David: Há quantos anos você mora aqui no Heliópolis?*

*Márcia: Há três anos.*

*David: Você gosta de morar aqui?*

*Márcia: gosto.*

*David: por quê?*

*Márcia: Por quê? Ah, porque eu acho melhor do que lá na minha cidade, onde eu nasci.*

*David: O que você acha que poderia mudar aqui dentro do Heliópolis?*

*Márcia: Várias coisas.*

*David: Quais as coisas você diz que pode mudar?*

*Márcia: Ah, é igual, a gente tava falando sobre as rampas no início, né? Pra deficiente físico, é difícil pra gente ir em qualquer lugar, né? Não tem muita possibilidade pra gente.*

*David: Márcia, a gente gostaria de saber se você tem uma cadeira de rodas que você se mobiliza aqui dentro, ou você se mobiliza aqui só (...)*

*Márcia: Aqui eu não uso a cadeira, é só para sair.*

*Davi: Se fosse pra você criar uma cadeira assim, você criaria para fazer o que? Para ir pra pia, erguer; subir escada; essas coisas?*

*Márcia: Ah, eu só queria a cadeira... Pra mim... Eu só... Pra mim, a cadeira é mesmo só pra poder sair mesmo. Usar a cadeira motorizada que eu pudesse locomover para os cantos sozinha, sem precisar de ajuda sabe, é isso.*

*Mércia: Oh Márcia, você... Você se importaria se eu pedisse para você, você mostrar pra gente, até para eu filmar, a forma que você lava louça (...).*

*Márcia: Ah não. Não vou não, isso não quero não.*

*Mércia: Você vai no fogão, cozinha, você vai lava louça (...)*

*Márcia: Eu faço tudo, mas, sou bem eu mesma.*

*Dinalva: Eu tenho uma colega que ela é deficiente também, ela mora sozinha, ela tem um filho acho que é de nove anos, e ela faz tudo também. Ela põe uma cadeira na pia, assim próximo da pia, ela senta e ela lava roupa, lava louça.*

*Márcia: Ah bom, então, eu faço assim. Eu lavo, passo; cozinho. Mas lá atrás eu to engatinhando, sempre engatinhando.*

*Dinalva: Ela também.*

*Mércia: Tem gente que fala de preguiça, a gente sabe, não existe preguiça. Ah por falar nisso, em preguiça... Vem aqui, eu estou falando com esse menino desde ontem. Você viu que ele machucou o pé? (refere-se a um dos sobrinhos que Márcia cuida).*

*Márcia: É ruim em, jogando bola.*

*Mércia: Então, mas ele não vai o pé?*

*Mércia: A minha irmã disse que hoje é pra levar ele de qualquer jeito, porque ele não quer espermeia, porque não quer ir.*

*Mércia: Então querido, amanhã... Você vai pra escola amanhã? Márcia tem que ver se perde, porque senão, depois ele perde, não pode.*

*Mércia: É eu vou ter que levar ele, porque senão... Não vai precisar... Acho que hoje à noite mesmo eu vou com ele no posto.*

*Mercia: Ah tá bom! Porque eu fiquei muito... Tentei falar com você, acho que foi ontem, ou antes, de ontem. Eu falei não pode ficar assim esse pé dele, mas ele corre pra cá devagarzinho.*

*Márcia: Não fica com a gente.*

*Mercia: Então, aí vocês vão mostrar pra ela o que estão tentando inventar.*

*David: Antes... É assim, a gente gostaria de saber quantas pessoas convivem com você aqui dentro da sua casa?*

*Márcia: Seis pessoas.*

*David: Contando com você?*

*Márcia: Contando comigo.*

*David: Assim, nós montamos assim um modelo de uma cadeira motorizada, que ela roda, ela vai pra frente e pra trás sem uma pessoa precisar está empurrando as rodas. Apenas é pelo um controle que dá pra pessoa ta manuseando ela. Assim, a gente trouxe para você ver, e pra você... Se você acha interessante, se você acha que está bom esse modelo de ir e vir pra frente sem você precisar empurrar, se você gostaria que colocasse algo mais nela.*

*Márcia: Eu acho engraçado (risos) parece que a maioria das pessoas...*

*Mercia: Aqui na sua casa como que ela poderia mexer? Dá na mão pra ela pegar pra ela ver.*

*Márcia: É essa daqui é bem diferente assim, né? Das outras que eu já vi. (comentários de todos que estavam presentes)*

*Isabel: As rodas dela parecem daqueles tanques de guerra. (risos)*

*David: Ainda a gente tem que arrumar, dar um jeito nela.*

*Isabel: Ela... Ela vai ter um programa gravado no computador*

*David: Sim, nós vamos baixar um programa nela. Um programa no computador, que a pessoa não precisa está mexendo... Que dê pra pessoa mexer tanto de longe, pra puxar ela, né? Sem precisar está indo buscar, pra você só dá um clique e ela vir a até a pessoa. Aí, nós vamos baixar o programa no computador que instale isso nela.*

*Dinalva: (...) já tinha três anos, antes de você chegar aqui, onde você morava Márcia.*

*Márcia: Antes de morar aqui em São Paulo?*

*Dinalva: E quando você... Do início, você morava onde antes?*

*Márcia: Sou da cidade de Teófilo Otoni.*

*Dinalva: Da cidade de Teófilo Otoni?*

*Márcia: É... Já tem dez anos que eu sair de Minas...*

*Dinalva: Ah, tá, De Teófilo Otoni Já tem dez anos?*

*Márcia: Não, têm três anos que eu vim de pra morar mesmo. Eu vinha todo ano, que as minhas irmãs moram aqui. Dez anos que eu venho.*

*Dinalva: Ah tá, você sempre veio pra cá, pra passear, passear, né?*

*Márcia: para morar mesmo têm três anos, porque eu ficava seis meses, cinco meses e voltava pra minas, voltava de novo porque a minha irmã morava aqui, eu ficava com ela, depois voltava de novo, mas pra morar mesmo têm três anos.*

*Dinalva: Se fosse pra você ficar aqui você se acostumava ou não?*

*Márcia: Lá eu nem saia de casa, porque é muito morro, sabe, e aqui não, aqui eu posso sair, mesmo que as ruas em algumas partes são péssimas para andar... Para as pessoas que andam de cadeira de rodas, mas dar mais possibilidade de sair, não fica só dentro de casa, aí como as minhas duas irmãs já tinham vindo pra cá, e já estavam morando aqui há anos, eu resolvi vim também. Depois, veio meu irmão, depois fui lá de novo, eu ia lá por causa dos dois e agora veio meu pai. Agora acho que eu fico de vez aqui.*

*Dinalva: Então. Seus pais são vivos os dois, não?*

*Márcia: Não, só o meu pai.*

*Dinalva: Como chama o seu pai?*

*Márcia: João Francisco Marinho.*

*Dinalva: São seis irmãos mais você sete, é isso?*

*Márcia: É*

*Dinalva: Lá ficou algum?*

*Márcia: ficou! (risos)*

*Dinalva: A família é grande.*

*Márcia: Oito...*

*Dinalva: Lá ficaram quantos?*

*Márcia: Oito...*

*Dinalva: Então são quatorze filhos. Bastante não?*

*Isabel: E as crianças? (risos)*

*Uma criança diz:*

*- Esse daqui é o Edson*

*Márcia: É o meu sobrinho. (risos)*

*Isabel: Ele veio e falou que você criou ele.*

*Dinalva: Ela estava pensando, que ele é filho seu.*

*Isabel: Foi você quem criou ele?*

*Edson: Ela criou eu, e a minha prima.*

*Isabel: Quantas pessoas que têm aí tudo perfeito e não consegue fazer (...), né Fátima.*

*Dinalva: É, e fica se maldizendo da vida, reclamando e a gente também às vezes reclama, né?*

*Isabel: reclamando de barriga cheia, né?*

*Dinalva: Essa amiga minha que ela é deficiente, ela também anda numa cadeira motorizada, só que na rua que ela mora é mais plana. Assim, e ela vende lingerie e ela sobrevive, além da pensão que ela recebe, com os lingeries dela, criou o filho dessa forma. Quer dizer, é uma pessoa que luta batalha, nossa, todo mundo... Ela está aqui em São Paulo já tem muito tempo, mas todo ano ela vai pra lá, né?*

*Isabel: Para Bahia?*

*Dinalva: E quando ela chega lá todo mundo faz a festa. Porque é assim, reconhece que ela é uma pessoa vitoriosa, e poucos são.*

*Mércia: Os meninos já foram?*

*Dinalva: Você falou que participa de um grupo?*

*Marcia: O grupo lá é: Grupo esperança viva, e tem várias pessoas com... Não só deficiência física, mas tem outros tipos de deficiências. A gente faz lá todo... Uma vez por mês a gente se encontra, encontra mais vezes, duas vezes por semana. Só que, como eu não posso ir por causa das crianças, aí eu participo uma vez por mês, o último sábado do mês. Sábado agora mesmo têm aí encontro. A gente se encontra lá pra fazer várias coisas. Brincadeiras, a gente faz brincadeiras, pintura de panos de prato, tapetes, faz várias coisas, coisa que eu posso fazer com as minhas mãos, que eu tenho as minhas mãos normais. Às vezes têm outros que tem... Como eles têm com os pés, aí já fazem brincadeiras de várias coisas para nenhum ficar, sabe, se sentindo assim... Pior que o outro, a gente faz de tudo um pouquinho lá nesse grupo. É ali na... Você sabe a Igreja Santa Paulina?*

*Mércia: Ah, é na Santa Paulina?*

*Marcia: É, aí na Santa Paulina, eles tem lá um terreno, é pra construir a nova igreja. Lá embaixo tem um salão, é no salão da Igreja, na parte de baixo. Não é aqui na igreja. Era aqui na igreja, só que, tem muita escada para subir, aí todo mundo doou para baixou, que é no salão aonde vai ser construída a nova igreja, a nova igreja...*

*Mércia: Aí é ali onde era o Paiva, né? Na divisa de São Paulo com São Caetano.*

*Marcia: Eu não sei, teria que ir pro PAN. É eu acho que é ali mesmo. Então, a gente se encontra lá.*

*Mércia: É com a irmã Tereza?*

*Marcia: É, acho que a Irmã Tereza que organiza.*

*Mércia: Que tem a pastadora da criança, né?*

*Jane: É aqui no Heliópolis mesmo?*

*Márcia: É aqui mesmo.*

*Mércia: Sábado tem que horário?*

*Márcia: É das duas às quatro, é numa sexta e no último sábado do mês que a gente se encontra lá, sábado mesmo eu tenho que estar lá.*

*Marta: Aí você vai sozinha ou tem alguém que vai com você?*

*Márcia: Não, meu marido me leva.*

*Edson: E nós também (risos).*

*Mércia: Ah Edson, você nunca contou para nós...*

*Márcia: Ah, todo mundo quer ir prá lá se divertir. Aí, o dia que vocês quiserem ir lá, eu falo co as meninas, a gente marca um dia.*

*Mércia: Então, Márcia, esses jovens que estavam determinando esta questão aí, podiam montar um grupo de apresentação do projeto deles, a gente faz a apresentação e aí nós mesmos fazemos... Quem é o responsável por esse grupo aí?*

*Márcia: É a Inês, a Marlene, e tem o grupo da VAP que faz parte também. A VAP faz é... Uma vez por semana, toda semana uma vez, né? Acho que é na terça-feira, eles vêm falar sobre os direitos dos deficientes... (Neste instante chega o Pai da Márcia)*

*João Francisco: Boa tarde Senhoras!*

*Todos: Boa tarde.*

*Márcia: Aí eles vêm falar pra gente como... Como a gente deve procurar os direitos da gente, sabe? Explica pra gente onde que a gente deve ir, quem que a gente deve procurar.*

*Márcia: Não, em certas horas, eu achava que não tinha responsabilidade, (risos).*

*Márcia: Eu acho que eu não queria (risos). Aí quando eu casei... aí quando eu resolvi casar, que eu casei, nossa.. eu não imaginava que casar, que iria ter responsabilidade de casar não. Aí quando casei, falei: Ah, não é um bicho de sete cabeças não.*

*E ver as dos colegas também. Vai ser bastante interessante. A gente vai entrar em contato com vocês e vai falar o dia certinho, está bom?*

## **I - Entrevista semi-estruturada**

Heliópolis um lugar de transformação

### **Entrevista 1**

**Luciane Rodrigues dos Santos**

Endereço Rua Boa Vista

Sexo : F( X ) M( ) Idade: 28 anos Data de nascimento : 16/05/79

Local de Nascimento: Borborema Estado: BH Nacionalidade: Brasileira

#### **Nome completo dos pais**

Mãe: Marilene Rodrigues S. Santos - Borborema/BH

Pai : José Domingos dos Santos Neto – Borborema/BH

#### **1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Em Heliópolis eu costumo freqüentar a Igreja Mundial onde congrego e o Mac- Favela, onde se faz o melhor X Calabreza que eu já provei. Eu freqüento muito as lojinhas de bijuterias e a quadra da UNAS onde quase sempre alguns amigos aluga para festas e casamentos e é claro quando sou convidada.

#### **2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim eu faço parte do movimento de Sem-Teto na coordenação que é um projeto da UNAS atuando em Heliópolis. A intenção é trazer informações dos direitos de moradia digna. Procuramos um método de incluir essas pessoas nos projetos de moradia do estado de São Paulo.

#### **3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Muito pouco até onde eu sei, não conheço muito o Heliópolis, mas sei que tem uma área verde no campo, ou como dizem fundos do Hospital de Heliópolis, na EMEF Luiz Gonzaga, há algumas árvores uma pequena área verde.

#### **4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Descrever Heliópolis não é tão fácil porque existe de tudo, gente boa, trabalhadores, pais de família, adolescentes super do bem. Mas também há uma quantidade de pessoas ruins. De tudo existe em Heliópolis do bom e do melhor, do ruim e do pior infelizmente. Heliópolis é um lugar que existe uma mistura de ruas altas e baixas. Não considero como uma paisagem bonita, por isso decidi escrever o que há em Heliópolis. (Desculpe)

#### **5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Eu me vejo como uma mulher guerreira, de luta, amiga, luto pelos meus objetivos. Tenho marido e filhos, sou lutadora e não desisto fácil. E minha maior atuação em Heliópolis é na luta pela moradia, lutando junto com as figuras femininas de Heliópolis.

### **Entrevista 2**

**Patrícia Pereira de Souza**

Sexo : F( X ) M( ) Idade: 25 anos Data de nascimento : 27/01/82

Local de Nascimento: São Paulo Estado: SP Nacionalidade: Brasileira

#### **Nome completo dos pais**

Mãe: Antonia Rosa de Souza Araujo – Valença /PI



Pai : Jacob Pereira de Araujo – Picos /PI

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Eu frequento só a igreja de Santa Edwirges, sou uma pessoa meio caseira. Trabalho na semana e no sábado e domingo fico em casa curtindo minha filhinha e meu marido e vou um pouco na casa da minha mãe e dos meus irmãos.

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Não.

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Não existem.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Tem muitas casas, uma em cima da outra.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Sou uma moradora normal e ajudo meus vizinhos.

**Entrevista 3**

**Flávia Gomes de Assis**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 27 anos Data de nascimento : 13/04/80

Local de Nascimento: São Paulo Estado: SP Nacionalidade: Brasileira

**Nome completo dos pais**

Mãe: Iza Maria Gomes Vieira- Recife/PE

Pai : Inaldo da Silva Assis- Recife/PE

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Eu frequento escolas, bares, praças e quadras poliesportivas

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim, sou da UNAS e trabalho em projetos de adolescentes a oito anos.

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Existem mas são pouca. Acho que deveria ter mais.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Casas uma muito perto da outra. Ruas sem calçada e um pouco sujas. Algumas com caixas d'água, mas em sua maioria abertas. Muitos carros na rua e com som alto. Não tem muito verde e os poucos que tem estão acabando.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Acho que minha atuação aqui na comunidade é forte, pois acredito que consigo mobilizar as pessoas para qualquer ação. Sou muito popular apesar de não gostar muito disso. Acredito que tenho um dom muito legal que é o de saber me expressar bem e dizer no que de fato acredito, isso me torna alguém clara e objetiva.

**Entrevistada 4**

**Cleonice Juliana de Lima**

Sexo : F( X ) M( ) Idade: 43 anos Data de nascimento : 14/03/64

Local de Nascimento: Catolé do Rocha Estado: PB Nacionalidade: Brasileira

**Nome completo dos pais**

Mãe: Juliana Ricarta do Carmo - Catolé do Rocha/PB

Pai: Joaquim José de Lima - Pombal /PB

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Frequento a UNAS, a creche da Mina, a creche Margarida Maria Alves, a Girassol , creche Paulo Freire e Igreja Santa Edwirges.

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim, sou representa da creche da Mina, na área de moradia. Movimento da UNAS

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Conheço pouco o Heliópolis, pois moro aqui a menos de 02 anos. Acho pouco arborizada. O local que eu conheço onde há mais verdes são os arredores do Hospital Heliópolis, com uma plantação de Eucaliptos.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Das áreas e ruas que conheço, vejo como uma área muito populosa. Um amarrutado de casas, barracos, vielas muito estreitas. Sem saneamento básico adequado. Vejo muitos prédios em volta de Heliópolis como que sufocando as pequenas casas e barracos.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Não atuo muito como gostaria. Fui muito atuante no nordeste onde vivi até 20 anos atrás. Desde minha adolescência fui muito atuante em grupos de jovens, pastorais da igreja e catequese. Depois me engajei em grupos populares, as vezes ligada ao trabalho, outros não, como sindicato dos trabalhadores rurais, sindicatos dos professores, conselhos sociais como criança e adolescente, conselho tutelar de pais, de segurança e comissão contra o desvio de merenda escolar, contra a extinção dos animais silvestres, defesa dos recursos naturais da Chapada do Araripe (Patrimônio Histórico), além dos movimentos culturais.

**Entrevistada 5**

**Dulce da Silva Araujo**

Sexo : F(X) M( ) Idade: 32 anos Data de nascimento : 01/01/1972

Local de Nascimento: São Caetano do Sul/SP Nacionalidade: Brasileira

**Nome completo dos pais**

Mãe: Josefa Barbosa da Silva Araujo - Piauí

Pai : Estevam Barbosa da Silva Araujo - Piauí

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Igreja

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim, faço um trabalho com crianças e jovens na igreja.

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Não.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Casas e mais casas.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

A minha atuação é com as crianças da igreja.

### **Entrevistada 6**

#### **Cibele Santos Silva**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 28 anos Data de nascimento : 17/07/1982

Local de Nascimento: São Paulo/SP Nacionalidade: Brasileira

#### **Nome completo dos pais**

Mãe: Maria Inês Santos - Piauí

Pai : Mauro Miguel da Silva - Piauí

#### **1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

UNAS, Mercado da Praça

#### **2) Você faz parte de algum movimento social?**

Não

#### **3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Não.

#### **4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Muitas casas, bares, comércio em geral.

#### **5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

(não respondeu)

### **Entrevistada 7**

#### **Gercina Maria da Silva**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 52 anos Data de nascimento : 14/07/1955

Local de Nascimento: Primeira Cruz/ Maranhão .Nacionalidade: Brasileira

#### **Nome completo dos pais**

Mãe: Zeferina Santos Silva - Maranhão

Pai : Gerson Pereira da Silva - Maranhão

#### **1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Tudo que tem aqui em Heliópolis, comércio, a UNAS, mercados.

#### **2) Você faz parte de algum movimento social?**

Não. Já fiz parte mas hoje já não tenho mais vontade e nem tempo. Fiz parte do movimento de saúde por muito tempo, fiquei um pouco no movimento de moradia, mas hoje tenho que dedicar minha vida ao neto, pois meu filho está em outro mundo.

#### **3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Só os eucaliptos que ficam dentro do Hospital Heliópolis.

#### **4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Muitas casas, bares, comércio, muita gente indo e vindo.

#### **6) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Procuo atuar na comunidade ajudando quem precisa.

### **Entrevistada**

#### **Isabel Batista dos Santos**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 28 anos Data de nascimento : 17/07/1982

Local de Nascimento: Birigui /SP Nacionalidade: Brasileira

#### **Nome completo dos pais.**

Mãe: Maria Gerusa de Jesus - Birigui/SP

Pai : Antonio Batista dos Santos - Birigui/SP

#### **1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Igreja, Escolas, CEIS, Posto de Saúde, Hospital, etc.

#### **2) Você faz parte de algum movimento social?**

Não

#### **3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Muito pouco, alguns lugares, pois quando se tem áreas verdes são derrubados e no local só se constrói barracos.

#### **4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Hoje Heliópolis é considerada um bairro como outro qualquer. Existem muitas casas de alvenaria, pontos de comércio, como lojas farmácia, etc. É um lugar visto pelos moradores para se viver, apesar da violência e o tráfico de drogas. Um local que fica próximo a São Caetano do Sul. É um lugar onde se acolheu milhões de brasileiros, a maioria nordestina. É chamada de cidade Nova Heliópolis e a população é de famílias carentes.

#### **5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Eu atuo na região a muito tempo quase 16 anos. Uma pessoa que precisa trabalhar para ajudar o orçamento doméstico. Minha vida social é do trabalho para casa, de casa para a igreja e da igreja a escola. Acostumei com o lugar onde moro, não tenho medo. Foi difícil no começo, não conhecia nada. Tinha medo de tudo e de todos. Tudo isso foi se perdendo ao longo do tempo. Hoje me sinto mais feliz e a minha atuação é ser educadora na CEI Paulo Freire.

### **Entrevistada 9**

#### **Michele Pessoa Paiva**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 22 anos Data de nascimento : 31/07/85

Local de Nascimento: São Paulo/SP Nacionalidade: Brasileira

#### **Nome completo dos pais**

Mãe: Julia Ferreira Pessoa Paiva - Urupes /SP

Pai : Mario Machado Paiva - Assis / SP

#### **1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Frequento quase todos os projetos da UNAS, bar da Roseli, Mc Favela, o funk das casinhas, o Açaí do Bob e a Rua Paraíba.

#### **2) Você faz parte de algum Movimento Social?**

Faço parte da UNAS que tem um monte de Movimento Social que eu faço parte. A UNAS mesmo já é um Movimento Social enorme que aumenta . São vários projetos sociais, mas o que eu mais participo é da creche.

#### **3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Existe uma área que é dentro do Hospital Heliópolis, que tem até um campo para a criançada brincar.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Muitas casas, carros, motos, crianças brincando, mas quase sem medo, vários vizinhos sentados na porta de casa e aquela poluição sonora.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

(não respondeu)

**Entrevistada 10**

**Marizete da Silva Souza**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 29 anos Data de nascimento : 25/07/1978

Local de Nascimento: Paulistana /PI - Nacionalidade: Brasileira

**Nome completo dos pais**

Mãe: Darci Andreina da Silva - Piauí

Pai : Amando de Souza - Piauí

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

A única praça que eu frequento às vezes é a da Santa Edwírges. Frequento a Igreja Universal. Algumas vezes dentro do bairro, frequento as CEIS da UNAS para o encontro de formação.

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim sou representante da ginástica Nova Forma da Rexona e faço parte do grupo e do conselho de pais. Acredito que forma cidadãos conscientes e de senso crítico, faz parte de um movimento social e contínuo.

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Áreas verdes aqui fica muito a desejar, no momento só lembro algumas árvores dentro do hospital Heliópolis.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

O Heliópolis é um lugar enorme que poderia ser mais bonito. O que eu vejo é que nossa paisagem está um pouco apagada. O que consigo ver é muito lixo jogado nas ruas que poderia ser reciclado. Existe ainda bastante barracos de madeiras que poderia ser transformado em apartamentos. Algumas ruas tem esgoto muito sujo e é um lugar que tem muitos indivíduos com capacidade de transformar.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Eu tenho pouco tempo aqui, mas nesse período que eu estou aqui. Tenho sido uma pessoa que gosto de fazer amizades, que gosto do trabalho, que faço e que sinto muito privilegiada em ter conseguido driblar e também muitas experiências. Gosto muito de dividir o pouco que eu sei. O meu trabalho aqui dentro juntamente com o grupo crescer bastante no meu jeito de pensar e procuro me aperfeiçoar para melhorar o meu trabalho.

**Entrevistada 11**

**Antonia Cleide Alves**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 44 anos Data de nascimento :13/06/1963

Local de Nascimento: Ibicuã /Ceará Nacionalidade: Brasileira

**Nome completo dos pais**

Mãe: Maria Alves de Freitas - Ibicuã / Ceará

Pai : José Alves - Ibicuã/ Ceará

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Frequento os espaços da UNAS e a Escola Gonzaguinha

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim na moradia em Heliópolis e sou Diretora da UNAS.

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Somente espaços dos prédios, nas glebas G e A, no pátio de Heliópolis.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Casas muito coladas, umas nas outras, sendo a maioria com um pavimento, muitas vielas, pouco espaço viário.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Vejo que minha atuação tendo sido na inclusão social e a garantia da moradia.

**Entrevistada 12**

**Raimunda Pereira de Jesus Silva**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 47 anos Data de nascimento : 14/08/60

Local de Nascimento: Francinópolis /Piauí . Nacionalidade: Brasileira

**Nome completo dos pais**

Mãe: Antonia Maria de Jesus - Valença - PI

Pai : Vicente Pereira da Rocha - Valença - PI

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Igreja Santa Isabel e São José Operário, EMEF Campos Salles, E.E. Manuela Lacerda Vergueiro, UBS Sacomã, quadra poliesportiva da Mina.

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim, movimento popular de saúde do Conselho Escolar.

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Não, só existem alguns pés de eucaliptos próximo ao hospital Heliópolis.

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Muito concreto, casas desordenadas, muita fiação da rede elétrica encostada nas casas.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

Muito bem, como educadora e como mãe.

**Entrevistada 13**

**Karin de Castro**

Sexo : F(X ) M( ) Idade: 33 anos Data de nascimento :09/08/74

Local de Nascimento: São Paulo/ SP. Nacionalidade: Brasileira

**Nome completo dos pais**

Mãe: Nilza Abdala de Castro – São Paulo/SP

Pai : Carlos de Castro - São Paulo/SP

**1) Quais os espaços dentro do Heliópolis que você frequenta?**

Lojas, as casas e a UNAS

**2) Você faz parte de algum movimento social?**

Sim da Igreja Comunidade da Graça em São Bernardo do Campo.

**3) Existem áreas verdes aqui em Heliópolis?**

Não

**4) Descreva a paisagem de Heliópolis?**

Casas e mais casas.

**5) Como você vê sua atuação aqui no Heliópolis?**

(não respondeu)

## **Entrevista semi – estrutura II - coordenadores dos CCCAs**

Entrevistado : Geronimo Barbosa ( Gero)

Militante, morador, hoje está como gestor do CCCA Parceiros da Criança, mas já foi dentro da entidade diretor de comunicação. Lutou durante anos junto a comunidade pela legalização da Rádio Heliópolis. Data da entrevista 11 de julho de 2008.

**1)Onde você atua hoje ? Localização**

Eu atuo hoje no CCCA (Centro para crianças e Centro para adolescentes) Parceiros da Criança. Que fica na Estrada das Lagrimas nº1712 – Bairro Nova Heliópolis / São Paulo

**2) Você conhece a História do projeto e da Entidade ?**

O projeto Parceiros da Criança nasceu em 1998 e foi desenvolvido pela UNAS (Unidade de Núcleos, Associações e Sociedades) em parceria com a General Motors GM (contrato de dez anos) ajudando financeiramente na alimentação, nos passeios, nos materiais pedagógicos, na contratação de bons profissionais e oficinairos. A UNAS e a GM contrataram a universidade São Marcos para o acompanhamento pedagógico das crianças e dos adolescentes. O projeto durou dez e teve o término com o fim do contrato da GM em 2008, assim deu-se início ao CCCA Parceiros da Criança com o auxílio da Secretaria de Assistência Social (SAS).

Começaram com a GM atendendo 240 crianças e com fim do contrato com a GM as verbas foram reduzidas e passaram a atender somente 120 crianças, pois tinham agora somente a ajuda da SAS.

O que motivou o surgimento da instituição foi ver que as crianças e os adolescentes ficam nas ruas expostos a marginalidade, as drogas, etc., quando não estavam em horário escolar, na maioria das vezes até sem sua alimentação diária. Perceberam assim que as crianças e os adolescentes precisavam de um olhar diferente, resolvendo ser essa ajuda que precisavam, atendendo as necessidades de cada uma delas.

**4) Qual o objetivo da entidade?**

Atender a criança e ao adolescente na questão da cidadania e conscientizar a família na questão de orientação sobre os direitos e os deveres. Fazer com que eles percebam que não só tem deveres e também direitos: a moradia, educação saneamento básico, etc. Tirar a criança da vulnerabilidade das ruas drogas e violência, se a criança estuda pela manhã na escola formal a tarde ela fica no projeto, trabalhando a cidadania e o crescimento pessoal, sendo complemento escolar.

**5) Qual a metodologia adotada na instituição? Quais são as atividades que a entidade realiza? Quais os períodos de atendimento?**

Ajudando na formação da cidadania, trabalhando e formando a cultura política de uma geração, construindo a identidade coletiva no desenvolvimento do alto estima conhecimento familiar, na formação da criança e do

adolescente para a vida e suas adversidades, trabalhando em parceria com a escola formal, interagindo as dificuldades as dificuldades nas disciplinas.

Atividades: Leitura e escrita pratica de esportes, informática, artes, educação sexual, hip hop, oficinas e MC grafite.

Período de atendimento: manhã das 07h30min h às 11h30min h e a tarde das 12h30min h as 16h30min

**6) A comunidade usa a instituição, na semana ou nos finais de semana? Como.**

Aqui é pequena, a comunidade não utiliza a instituição devido à falta de espaço.

**7) Qual é o público atendido?**

O público atendido tem a faixa etária de 6 a 14 anos e 11 meses.

**8) A entidade tem colaboradores? São voluntários ou funcionários? Quantos nomes e função? Alguns deles participam desde o inicio? Quem?**

Somente os pais colaboram trazendo produtos de higiene como sabonete, pasta de dente, papel higiênico e etc.

**9) A entidade se relaciona com outra instituições como escolas, igrejas, empresas, etc? Quem e como?**

A entidade se relaciona com outros projetos da UNAS para conhecimento do espaço, lazer e interação com outras crianças e com as escolas da região para um maior acompanhamento das crianças e do adolescentes.

**10) A entidade recebe algum recurso financeiro? De quem?**

Sim. Secretaria de Assistência Social (SAS).

### **Genésia Miranda, liderança comunitária – CCCA mina**

mãe de 03 filhos, casada com João Miranda–liderança comunitária, diretora da UNAS, gestora do CCCA Mina. É Moradora de Heliópolis desde 1975.

**1-Nome da entidade em que atua?**

Unões e núcleos e associações, sociedade de moradores de Heliópolis e São João Clímaco –UNAS

**2- Localização**

Rua da Mina, 38 – Sacomã tel. 2062.1341

**3- Histórico da entidade (o que motivou o surgimento da instituição, data, quem são as pessoas que contribuíram com a entidade, fotos antigas)**

Anos 80, uma comissão de moradores lutava pela moradia, pelo direito de morar nessa área. O núcleo iniciou sua luta através da moradia, muitos moradores contribuíram para a nossa luta e consequentemente para a criação da UNAS. Hoje temos várias parcerias tais com Estado, Prefeitura, com iniciativa privada, com trabalho na área de educação com a criança e adolescentes, voltados ao aprendizado das crianças na escola. Muitas crianças tinham muitos problemas e percebemos que a inserção deles nos projetos faz com que isso diminua e hoje nossa bandeira é a educação.

**4- Qual o objetivo da entidade?**

Melhorar a qualidade de vida do povo da nossa comunidade como um todo, acreditamos que só através da educação, nos podemos melhorar essa qualidade.

**5- Quais é a metodologia adotada na instituição? Quais são as atividades que a entidade realiza. Quais os períodos de atendimento?**

Períodos de atendimento de segunda a sexta, crianças que estudam a tarde, atendemos no período da manhã, Temos um planejamento pedagógico desenvolvido com eles em sala através das necessidades que é apontada a todo momento, trabalho através da arte, projeto de leitura e escrita, várias atividades voltado mesmo de estimular a criatividade da criança para que ele melhore esse aprendizado deles na escola.



**6- A comunidade usa a instituição, na semana ou nos finais de semana? Como?**

No final de semana a comunidade pede o espaço para reuniões, para atividades com os evangélicos que usam com grupos de adolescentes, sempre ocupado de final de semana, no período da semana a noite tem alfabetização de adultos.

**7- Qual é o público atendido? Faixa-etária.**

No projeto 6 crianças e adolescentes até 15 anos

**8- A entidade tem colaboradores? São voluntários ou funcionários? Tem formação ?**

Sim, funcionários e voluntários mais a maioria são funcionários, na entidade não se sabe quantas pessoas são, temos três projetos com o SESI, São Marcos e a FIESP.

Funcionários somos oito nomes: Maria Helena – Cozinheira, Ana Cristina-Limpeza, Ana Cleide – Educadora, Adriana – Educadora, Eliane – Educadora, Genésia – gestora e Mércia – Coordenadora Pedagógica. Alguns não estão aqui desde o início, alguns já são aposentados como a Dona Conceição que você já entrevistou.

Sim, a função do pedagogo é esse acompanhamento no desenvolvimento da criança e dos próprios educadores que trabalham em sala com a criança. Aqui temos uma educadora Ana que já se formou em letras, e outros educadores estão fazendo pedagogia

**9- A entidade se relaciona com outras instituições, como escolas, igrejas, empresas, etc? Quem e como?**

Sim, atendemos essas crianças tanto escola do estado, quanto do município, sempre temos esses contatos, porque atendemos as crianças que estão nessas escolas, então procuramos estar trabalhando, muitas vezes a parceria não é muito boa, dependendo da escola, principalmente a escola do estado que é muito fechada, a EE Manoela, ainda é uma luta que a comunidade tem que lutar para abrir grades dessas escolas, mas temos umas parcerias muito boas com as escolas do municípios como a EMEF Campos Salles

**10- A entidade recebe algum recurso financeiro? De quem?**

Recebem da parceria com a prefeitura, que é esses recursos que vem, e a gente investe nesse trabalho com as crianças.

**Patricia Felismino – CCCA 120**

**1)Onde você atua hoje ? Localização**

Eu atuo hoje no CCCA 120. Que fica na Rua João Pedro de Carvalho

**2) Você conhece a História do projeto e da Entidade ?**

O CCCA 120 surgiu a partir de luta de mulheres da comunidade local, a dona Antonia Cleide, Sonia Maria, Sebastiana, Gorete e outras que por conta da falta de espaço e laser para suas crianças e apoio para que as mães fossem trabalhar sem ter que deixar as crianças na rua ou pagar alguém para cuidar. Resolveram ocupar o espaço, na ocasião era utilizado pelos moradores do prédio para guardar sucatas, tipo materiais de construção, móveis velhos, etc. Havia na época um senhor chamado Pedro que mostrava resistência em colaborar, tomando o espaço como seu, mas na verdade o espaço faz parte do Condomínio 120, pela qual trouxe inspiração para o nome do CCCA 120. A UNAS, na ocasião, representada pela executiva da UNAS a Cleide, veio para apoiar as voluntárias. E as mesmas trouxeram as crianças para dentro do espaço e aqui faziam arrecadações de comida para servir as crianças na época que não tinha até então convênio com a prefeitura num determinado tempo. Desta luta, ainda

hoje permanece na equipe a Sônia, que trabalha na preparação dos alimentos das crianças. Então, é um espaço pertencente ao condomínio 120. Até hoje. Mas esse condomínio é uma luta da UNAS por moradia.

**3) Qual o objetivo da entidade?**

O CCCA 120 atende a comunidade nas reuniões de moradia e principalmente atender as crianças e adolescentes de Heliópolis.

**4) Quais são as atividades que a entidade realiza? Quais os períodos de atendimento?**

Temos hoje, uma Coordenadora pedagógica que foi contratada pela UNAS, para subsidiar o educador e as crianças no trabalho socioeducativo e também político. São realizados os grupos de estudos com educador, monitoramento das atividades e das crianças, diagnósticos, acompanhamento da família/ criança/ escola / comunidade. Priorizando usuários em situação de vulnerabilidade, segurando espaços para o estabelecimento de relações socioafetivas e ampliação do universo cultural. Entre outras atividades... A chegada do CP possibilitou a garantia e fortalecimento das ações educativas a longo prazo. Período de atendimento: manhã das 07h30min h às 11h30min h e a tarde das 12h30min h as 16h30min

**5) Qual a relação do equipamento com a comunidade? Ela usa a instituição, na semana ou nos finais de semana? Como?**

Notamos uma certa dificuldade em estabelecer parceria com as famílias e CCCA, há um déficit de participação nas reuniões e demais atividades propostas, uns trabalham e não priorizam o acompanhamento da criança no CCCA, visto como um local assistencialista e outros não compreendem a proposta político-pedagógica do CCCA.

O CCCA possui membros de famílias das crianças usuárias de drogas, porém quando do nosso conhecimento, conversamos em especial e atenção particular e a essa criança que indiretamente notamos através de comportamentos pela qual se sentem a maioria a vontade e confiante para contar pra nós. Criamos esse clima, provocando a comunicação e a reflexão sobre o assunto.

**6) Qual é o público atendido?**

Para atendimento de 60 crianças na faixa etária de 06 as 14 anos, o projeto é mantido com recurso financeiro público que atualmente corresponde,

**7) A entidade tem colaboradores? São voluntários ou funcionários? Quantos nomes e função? Alguns deles participam desde o início? Quem?**

Os pais nas festas do projeto, participando das reuniões.

**8) A entidade se relaciona com outras instituições como escolas, igrejas, empresas, etc? Quem e como?**

Não existe. Apenas trabalhos manuais sucateados. Porém a partir de um diagnóstico feito, sentimos a necessidade de estarmos organizando uma sensibilização e conscientização sobre a importância de cuidar e preservar o Meio em que vivemos.

**9) Como que o CCCA contribui com o bairro educador?**

Na formação sócio-educativa com as crianças.

**10) A entidade recebe algum recurso financeiro? De quem?**

Hoje o valor que o projeto recebe da SMADS é R\$12.110,18 (doze mil, cento e dez reais e dezoito centavos).

**Kátia Regina de Lima Manoel – CCA PAM**

**1) Onde você atua hoje? Localização**

Eu atuo hoje no CCCA PAM. Situado na Rua São Gregório 58. Vila Nova Heliópolis / São Paulo

**2) Você conhece a História do projeto e da Entidade ?**

A história do CCCA PAM , funde-se com a própria história de Heliópolis, tendo como frente a batalha a posse da terra e contando somente com o apoio da comunidade ele era o antigo OZEM que surgiu na década de 80 com uma organização de mães do núcleo que havia necessidade de ter um lugar onde seus filhos poderiam ficar enquanto elas trabalhavam , durante muito tempo o projeto foi mantido por doações dos próprios moradores da comunidade.O espaço era um terreno deserto , onde foi construído juntamente com o apoio da associação de moradores.

**3) Qual o objetivo da entidade?**

O CCCA PAM é destinado ao atendimento de crianças e adolescentes,oferecendo um convívio onde cada um se sinta acolhido, não possuímos crianças com problemas de drogas.

**4) Quais são as atividades que a entidade realiza? Quais os períodos de atendimento?**

As atividades são diversas. Hoje temos: leitura e escrita, prática de esportes, informática, artes, educação sexual, hip hop, oficinas e MC grafite.

Período de atendimento: manhã das 07h30min h às 11h30min h e a tarde das 12h30min h as 16h30min

**5) A comunidade usa a instituição, na semana ou nos finais de semana? Como.**

A Comunidade faz parte do projeto sendo ele é envolvido com a comunidade através de reuniões de pais, ou reuniões comunitárias para que possam entender quais os objetivos desse centro para criança e adolescente, onde os pais participam sempre que necessário do nosso movimento.

**6) Qual é o publico atendido?**

O público são 120 crianças de 06 a 12 anos e adolescentes de 13 a 14 anos e 11 meses.

**7) A entidade tem colaboradores? São voluntários ou funcionários? Quantos nomes e função? Alguns deles participam desde o inicio? Quem?**

Os pais colaboram trazendo produtos de higiene como sabonete, pasta de dente, papel higiênico e etc.

**8) A entidade se relaciona com outra instituições como escolas, igrejas, empresas, etc? Quem e como?**

A entidade se relaciona com outros projetos da UNAS para conhecimento do espaço, lazer e interação com outras crianças e com as escolas da região para um maior acompanhamento das crianças e do adolescentes.

**9) Como que o CCCA contribui com o bairro educador?**

Contribuímos para um bairro educador , onde possamos ter autonomia para discutir o direito da criança e do adolescente, em nosso projeto não temos um foco direcionado para Educação Ambiental , mas estamos elaborando para 2010, um projeto de informações e ações para transformarmos Heliópolis em um bairro educador principalmente na área ambiental.

**10) A entidade recebe algum recurso financeiro? De quem?**

Hoje o CCCA PAM , tem parcerias com a SAS –Serviço de Assistência Social, com a Actionaid e outros.



# • BIBLIOGRAFIA

---

ABRAMO, P. **O Mercado do solo informal em favelas e a mobilidade residencial dos pobres nas grandes cidades:** notas para delimitar um objeto de estudo para a América Latina. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2005.

ADORNO, R. C. F. **Capacitação Solidária:** um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social. São Paulo: Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

ANGILELI, C. M. M. M. **Paisagens Reveladas no Cotidiano da Periferia:** Distrito de Brasilândia Zona Norte do Município de São Paulo. Dissertação Mestrado, FAU-USP, São Paulo, 2007

BARROS, S. A. L. **O que são bairros:** limites político - administrativos ou lugares urbanos da cidade? Recife: Livro Rápido/FAPESP/UFRPED, 2004.

BARBERO, J. M. **A Comunicação no projeto de uma nova cultura política.** In: José Marques de Mello (org.) Comunicação na América Latina – Desenvolvimento e Crise. Campinas: Papyrus, 1989.

BENEVIDES, M. V. **Cidadã Ativa:** referendo, plebiscito e iniciativa popular. São Paulo: Ática, 2003.

BERNET, J. **Idéia desenvolvida em Cidades Educadoras:** Bases Conceptuais. Portugal: Editora UFPR, 1997.

BONDUKI, N. **Origens da habitação social no Brasil:** arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade, 2004

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O que é o método Paulo Freire?** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- \_\_\_\_\_. Streck, D.R; BRANDÃO, C.R. **Pesquisa Participante e o Saber da Partilha.** 1. ed. São Paulo: Editora Idéias e Letras, 2006.
- CALSAVARA, T. S. **Práticas da educação libertária no Brasil:** a experiência da escola moderna em São Paulo. Dissertação de Mestrado, FEUSP, São Paulo, 2004.
- Cândido, P.F. C. et all. **Crescimento e Pobreza.** São Paulo: Loyola, 1975.
- CASTELLO, L. A. **Percepção em análises ambientais:** o projeto MAB/ UNESCO em Porto Alegre. In: Vicente Del Rio; Livia de Oliveira. (Org.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Nobel, 1999.
- COSTA, L; MARTINHO, C; FECURI, J. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização.** Edição Rebeca Kritsch. Brasília: WWF – Brasil, 2003.
- CRUZ, C. H. B. **Uma nova mentalidade em formação.**Revista Pesquisa. 85. FAPESP, 2006
- DEL RIO, V. **Cidade da mente, cidade real:** percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. In: Vicente Del Rio; Livia de Oliveira. (Org.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Nobel, 1999.
- DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. (Orgs) **Percepção ambiental:** a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- DURHMAM, E. **A caminho da cidade:** a vida rural e a migração para São Paulo. 3ªed. São Paulo: Perspectiva, 1984
- FARIAS, L. K. R. **A utopia da comunidade:** Rio das Pedras, uma favela carioca. (Org.) Marcelo Burgos. PUC. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.
- FELTRAN, G. S. **Desvelar a política na periferia:** histórias de movimentos sociais em São Paulo. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, FAPESP, 2005.
- FELTRAN, R. C. S.; FILHO, A. F. **Estudo do Meio.** In: VEIGA, Ilma de Passos de Alencastro (Org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas/SP: Papyrus, 1991.
- FORONI, Y. M. D.. **Exclusão e programas sócio – educativos.** Congresso Internacional de Pedagogia Social, mar. 2006
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 21. ed. São Paulo, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Política e educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GADOTTI, J. M. R. **Cidade Educadora**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Escola Cidadã**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A escola na cidade que educa**. Cadernos CENPEC – educação e Cidade. n 1. São Paulo: primeiro semestre de 2006.
- \_\_\_\_\_. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.
- GOHN, M. G. **A Força da Periferia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Movimentos sociais e lutas pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. n 2. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e Sociedade. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, maio/ago. 2004.
- \_\_\_\_\_. **Os conselhos municipais e a gestão urbana**. In: SANTOS JUNIOR, O. A.; RIBEIRO, L. C. Q.; AZEVEDO, S. (orgs). Governança democrática e poder local: a experiência dos conselhos municipais no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, Fase, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Educação não-formal e cultura política**. n 3. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987
- \_\_\_\_\_. **A interação simbólica**. In: Metodologias qualitativas na sociologia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- INSTITUTO ECOAR PARA A CIDADANIA. **Agenda 21 do Pedaco**. São Paulo/SP, 2001.

- ITIKAWA, L. **Geometria da clandestinidade**: o trabalho informal no centro de São Paulo. In: Álvaro Comim. (Org.). Caminhos para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região central. São Paulo: CEBRAP/EMURB/CEM, 2004.
- JACOMINO, Sérgio. **Cadastro, registro e algumas confusões históricas**. II Seminário de Direito Notarial e Registral de São Paulo. Lins: Instituto de Registro Imobiliário do Brasil, 2006.
- JORNADA, M. I. H. **Apolítica salarial**: uma visão panorâmica da legislação. Indicadores Econômicos FEE: análise conjuntural. Porto Alegre: FEE, 1989.
- KOWARICK, L. **Escritos urbanos**. São Paulo: 34, 2000.
- LIMONAD, E. **Os lugares da urbanização**. Tese de Doutorado, FAU/USP. São Paulo, 1996.
- LOIOLA, E.; MOURA, S. **Análise de redes**: uma contribuição aos estudos Organizacionais. In: FISCHER, T. (Org.). **Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- LUCHIARI, M. T. D. P. **Turismo, natureza e cultura caiçara**: um novo colonialismo? IN: SERRANO, C. M. T. & BRUHNS, H. T. **Viagens à natureza (turismo, cultura e ambiente)** Campinas: Papirus, 1997.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MILITÃO, J. **Como fazer trabalho comunitário?** São Paulo: Paulus, 2003
- MINAYO, M.C.S. et al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- MACHADO, L. M. C. P. **A Serra do Mar paulista**: um estudo de paisagem valorizada. Rio Claro: Tese de Doutorado, Instituto de Geociências da UNESP, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A Praça da Liberdade na percepção do usuário**. *Revista Geografia e Ensino*. n 1, v 5. Belo Horizonte, 1993.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- MAY, T. **Pesquisa Social - Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MENESES, U. T. B. **A paisagem como fato cultural**. In: Turismo: espaço, paisagem e cultura. Eduardo Yázigj, Ana Fani Alessandri Carlos, Rita de Cássia Ariza da Cruz (Org.). 3. ed São Paulo: Hucitec, 2002.
- MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.



MOREIRA, A. C. M. L.; LEME, M. C. S.; PASTERNAK, S. **Favelas e cortiços**: análise de uma experiência didática. São Paulo: FAU/USP, 2000.

MORNACHA, C. **Educação da infância brasileira 1975-1983**. Autores associados. Campinas, 2001.

NASCIMENTO, L. M. J. **Estudo da realidade e tema gerador**. In: Cadernos de EJA, nº. 2 Educação de Jovens e Adultos - uma perspectiva freiriana. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 1999.

NOLETO, M. J. **Abrindo espaços**: educação e cultura para a paz. 3º ed. Brasília: UNESCO 2004.

\_\_\_\_\_. **Construindo saberes**: referências conceituais e metodologia do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz.(Org.) Série saber e fazer, n 1. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008.

PONTUSCHKA, N. N. **Ousadia no diálogo**: interdisciplinaridade na escola pública, São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. **A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares**. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. Estudo do Meio, Interdisciplinaridade, Ação Pedagógica. 2003. Artigo. Disponível em: [http://estudodomeio.wordpress.com/2009/03/10/acao\\_pedagogica](http://estudodomeio.wordpress.com/2009/03/10/acao_pedagogica).

\_\_\_\_\_. OLIVEIRA, A. U. **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes**. In: VESENTINI, J. W. O ensino de geografia no século XXI. Campinas: Papirus, 2004.

\_\_\_\_\_. KRASILCHIK, M. **Pesquisa Ambiental Construção de um Processo Participativo de Educação e Mudança**. São Paulo: Edusp, 2007.

PADILHA, P. R. **Município que educa**: nova arquitetura da gestão pública. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

ROLNIK, R. **São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2002.

RUBANO, L. **Habitação social: temas da produção contemporânea**. Arquitextos 095 – Texto especial 469 – abr. de 2008.

SAMPAIO, M. R. A. **Heliópolis**: o percurso de uma invasão. Tese para título de livre-docente. FAU/USP, 1991.

SANTOS, B. S. **Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós- modernidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, C. N.; VOGEL, A. (orgs.). **Quando a rua vira casa**. A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em Um Centro de bairro. Rio de Janeiro: IBAM / FINEP, Projeto, 1985.

SANTOS, O. O. J. **A liturgia no contexto urbano: apontamentos para a práxis pastoral na comunidade de Heliópolis**. Tese de mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SATO, M. **Debatendo os desafios da educação ambiental**. In: Congresso De Educação Ambiental Na Área do Pró Mar. De Dentro, v.1, 2001, Rio Grande, RS. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/gpea/pub/DesafiosEA.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2007.

SANDEVILLE JR, E. **As Sombras da Floresta. Vegetação, Paisagem e Cultura no Brasil**. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Paisagens são experiências partilhadas**. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Paisagens e métodos: algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana** in Paisagens em Debate, FAU/USP, v. 2, 2004.

\_\_\_\_\_. **Paisagem in São Paulo: Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 20, 2005.

\_\_\_\_\_. **Paisagens Enquanto Paisagem**. São Paulo, 2006.

STURZA, J. A. I. **Lugar e não-lugar em Rondonópolis – MT: um estudo de cognição ambiental**. Tese de Doutorado. UNESP, 2005

TASSARA, E. **Dicionário Socioambiental: idéias, definições e conceitos**. São Paulo, 2008.

TORO, J.B. **A construção do público: cidadania, democracia e participação**. Rio de Janeiro: ed. SENAC Rio, 2005.

TUAN, Y. F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. Y.F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VALADARES, L. P. **Habitação em questão**. IN SANTOS (org.), Carlos Nelson F. *Velhas novidades nos modos de Urbanização Brasileiros*: Rio de Janeiro: Zahar,1981.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1993.

ZALUAR, ALBA. **A máquina e a revolta** - as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WORCMAN, K; PEREIRA, J.V. (Coord.) **História falada: memória, rede e mudança social**. SESC/SP : Museu da Pessoa. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)